

MESTRADO EM RELAÇÕES INTERCULTURAIS



**IMIGRAÇÃO E IDENTIDADE
PROCESSOS QUE SE CRUZAM**

Apresentado por: Paula Cristina Teixeira Pimentel

Orientado por: Professora Doutora Luísa Ferreira da Silva

Porto, 2006.

O homem imigrante não é apenas uma força de trabalho, pois transporta desejos, afeições, necessidade de relações humanas, projectos de vida e uma vontade de acção sociocultural.

Maria Engrácia Leandro (1992) *Au-Dela des Apparences.*

Índice

	Pág.
Agradecimentos	1
Apresentação	2
Introdução	5
I – Delimitação Conceptual e Teórica	10
I.1 – Teorias sobre Migrações Internacionais	10
I.2 – A Imigração no Porto nos Finais do Séc. XX e Início do Séc. XXI	19
I.2.1 – Contextualização do Fenómeno da Imigração em Portugal	19
I.2.2 – A Imigração no Concelho do Porto	29
I.2.2.1 – Os Imigrantes no Porto Segundo a Percepção dos Técnicos dos Serviços Sociais	34
I.3 – Adaptação e Identidade	41
I.3.1 – A relação do Individuo com o Mundo Social	41
I.3.2 – O Contacto Intercultural	50
I.3.2.1 – Modelo de Integração Pluralista	58
I.3.3 – A Problemática da(s) Identidade(s)	61
II – Objectivos	70
III – Abordagem Empírica	77
III.1 – Opções Metodológicas	77
III.1.1 – A Pesquisa de Terreno	85
III.1.2 – Tratamento e Análise das Informações	91
III.2 – Apresentação dos Resultados	96
Conclusões	171
Bibliografia	186

Índice de anexos

	Pág.
Anexo 1 – Plano de Estudo: Problemática da Imigração no Concelho do Porto	196
Anexo 2 – Guião de Entrevista	197
Anexo 3 – Ficha Sociográfica	198
Anexo 4 – Observações Pós-Entrevista	199
Anexo 5 – Grelha de Análise Temática	200

Dissertação de Mestrado em Relações Interculturais

Apresentada por: Paula Cristina Teixeira Pimentel

Sob a Orientação de: Professora Doutora Luísa Ferreira da Silva

Universidade Aberta Porto

Agradecimentos

À Professora Doutora Luísa Ferreira da Silva o apoio e a orientação que me foi prestada no decurso da elaboração do trabalho.

A todas as pessoas que participaram no estudo, ou seja, aos entrevistados e muito especialmente à Natália, presidente da Associação Amizade, pois sem estas pessoas não era possível completar esta Tese.

À minha estimada amiga Olga Magano por todo o apoio e incentivo.

Ao meu marido (Fernando), pela paciência, compreensão e cooperação em todo este processo muitas vezes solitário e feito de inevitáveis ausências.

Aos meus pais (Manuel e Teresa), irmãos (Rui, Miguel e Tiago), sobrinhos (Bruna, Diogo e Beatriz) e cunhadas (Susana e Carla), por todo o afecto e amizade.

A todas estas pessoas o meu muito obrigado!

Apresentação

Este trabalho consiste numa dissertação de Mestrado em Relações Interculturais e tem como tema: Imigração e Identidade – Processos que se Cruzam, com o objectivo de compreender a acção de Imigrantes Ucranianos no desenho e condução do seu projecto migratório à saída do país de origem e à chegada ao país de acolhimento, com base na visão interpretativa da realidade do ponto de vista dos próprios.

Antes da explicitação do conteúdo das partes que integram este trabalho, interessa referir que a Introdução apresenta de uma forma geral em que consiste este estudo. Justifica-se o tema; apresenta-se o objectivo; o objecto; o método; a conclusão última que resultou da análise dos resultados e uma sinopse acerca da revisão bibliográfica no âmbito do tema da imigração e da identidade.

Relativamente à sua estrutura, este trabalho de investigação integra três partes, que se apresentam:

A primeira parte apresenta a delimitação conceptual e teórica, integrando a mesma três sub-pontos. No primeiro sub-ponto, e porque nos cingimos à problemática da imigração internacional, é apresentada uma elaboração acerca das teorias das migrações internacionais. O segundo sub-ponto, dimensiona quantitativa e qualitativamente a imigração em Portugal e no Porto e apresenta os factores associados às características dos fluxos, pois o campo da nossa abordagem é a imigração internacional em Portugal especificamente no contexto do Porto.

Procurando articular conceptualmente os processos inerentes ao tema do estudo, no terceiro sub-ponto, sob o tema da adaptação e identidade, aborda-se num primeiro momento, a relação do indivíduo com o mundo social explorando para tal, o conceito de cultura e a importância do seu papel, bem como, o processo de produção e reprodução das culturas, abordagem esta, que constitui uma base

explicativa de como o indivíduo constrói e reconstrói reflexivamente a sua acção enquanto ser social e cultural num determinado contexto.

Num segundo momento, e no seguimento das considerações teóricas precedentes, são abordadas as problemáticas da interculturalidade e da identidade, articulando as dimensões que lhe estão subjacentes.

Assim, o terceiro sub-ponto integra a definição e articulação de conceitos que gravitam em torno do tema que se pretende analisar, e que se consideraram essenciais:

- A cultura surge como conceito a abordar enquanto algo inerente ao ser humano, construída e reconstruída pelo indivíduo num determinado contexto.
- A interculturalidade emergindo na sequência do contacto entre indivíduos ou grupos de culturas diferentes, constitui-se enquanto processo gerado pelas interacções entre culturas e remete para outras questões como a aculturação e a identidade.
- A aculturação enquanto processo cultural complexo e multifacetado, subjacente ao contacto intercultural, produz mudanças na identidade dos indivíduos, identidade, que por sua vez, está reciprocamente ligada com a questão da alteridade, pois a atitude perante o outro depende em larga medida de uma sobreposição por vezes contraditória de identidades, onde entram em jogo as noções do “outro” e do “eu”, das diferenças e das semelhanças.

Na segunda parte deste estudo, procede-se à explanação da problemática teórica que integra a articulação de considerações teóricas acerca do papel do indivíduo na sociedade enquanto produto e produtor da mesma, numa relação dinâmica e dialéctica, apresentando-se abordagens acerca da auto-identidade enquanto projecto reflexivo e prático, assumindo um papel central na era da modernidade, e acerca da função do *habitus*, enquanto instrumento orientador das práticas. Por último, apresenta-se a pergunta de partida que constitui o objectivo geral do estudo.

A terceira parte do estudo integra todas as considerações metodológicas inerentes ao processo de abordagem empírica, explicitando os métodos e as técnicas utilizados na recolha de informação; os procedimentos no tratamento e análise das informações; a apresentação dos resultados e as conclusões.

Nas conclusões apresenta-se o balanço final do trabalho, realçando os aspectos principais da pesquisa realizada e lançam-se algumas sugestões para trabalhos futuros.

Introdução

A pertinência do tema que se coloca prende-se com a necessidade de compreensão de uma dimensão do fenómeno da imigração de Leste no Porto, sobre o qual se verificam lacunas de informação e conhecimento, dimensão esta relacionada com a forma como os próprios imigrantes vivem e compreendem o seu processo migratório, num contexto cultural diverso do habitualmente vivenciado e a forma como no seu projecto reflexivo vão encarando dificuldades e oportunidades.

Justifica-se a abordagem do tema circunscrito à imigração do Leste Europeu pela sua importância nos fluxos de imigração em Portugal e no Porto nos inícios do sec.XXI.

No termo do sec. XX, início do sec. XXI, a imigração em Portugal altera os seus padrões. Segundo Pires (2003) a imigração em Portugal no início do séc. XXI caracteriza-se pela emergência de novos fluxos (da Europa de Leste) e pela intensificação dos tradicionais (PALOP's e Brasil), sendo que, de uma concentração geográfica da imigração na área metropolitana de Lisboa passa a haver uma maior dispersão por outras áreas, nomeadamente na área metropolitana do Porto, resultado da nova imigração principalmente, devido à distribuição dos imigrantes do Leste Europeu.

“Em finais dos anos 90, começaram a aparecer na imprensa portuguesa referências cada vez mais insistentes à emergência e rápido crescimento de novos fluxos de imigração provenientes do Leste Europeu, nomeadamente da Ucrânia, Roménia e Moldávia. O mesmo diagnóstico transparece em documentos do Serviço de estrangeiros e Fronteiras, bem como em intervenções de organizações não-governamentais actuando no campo da imigração” (Pires, 2003. p.173).

Apesar do crescimento acentuado do peso da imigração do Leste Europeu em Portugal e no Porto, a sua dimensão estatística não se revela com grande expressão no conjunto dos residentes em Portugal que é possível quantificar através dos censos e dos pedidos de estatuto de residente.

A não visibilidade da verdadeira dimensão dos imigrantes com origem no Leste Europeu pode deve-se a situações de irregularidade que impedem ou atrasam a formulação e concessão de pedidos de autorização de residência e influencia também negativamente o seu registo nos censos 2001.

Segundo Ramos (2003), na legalização extraordinária iniciada em Janeiro de 2001, com o objectivo de facilitar a regularização dos clandestinos estabelecidos no País, os imigrantes de Leste atingiram metade do total de autorizações concedidas, sendo que, os Ucranianos representaram 36%.

A Ucrânia, uma das 15 repúblicas que integravam a antiga União Soviética (1922-1991), tornou-se independente (pela terceira vez na sua longa história). A independência da Ucrânia foi declarada a 24 de Agosto de 1991, depois da primeira tentativa de golpe, em 19 de Agosto, contra Gorbachov, presidente da URSS. Após a independência, as indústrias mineira, pesada e militar ucranianas entraram em crise e o desemprego atingiu níveis muito elevados. Nas regiões ocidentais, a crise foi mais profunda e longa, obrigando milhões de Ucranianos a emigrar para a Europa e Estados Unidos¹.

No Concelho do Porto, entre 2000 – 2001, só na Associação Migalha de Amor (que fornece gratuitamente 1 refeição por dia a pessoas em situação de Sem Abrigo e precariedade económica), dos inscritos (cerca de 500) metade eram imigrantes - na sua maioria da Europa de Leste².

¹ in www.jornaldeleiria.pt/index.php?article=7401&visual=-1&id=0&...

² Dados recolhidos em 2003 pela CMP, analisados e explicitados na Parte I, deste estudo, sob o Tema: A Imigração no Porto nos finais do Sec. XX e início do Sec. XXI – Sub-ponto 1.2.2: A Imigração no Concelho do Porto.

Em termos de métodos foram utilizados os considerados adequados aos objectivos do estudo, sendo que, para compreender o processo migratório a partir do que ele significa para o protagonista foi adoptada uma abordagem qualitativa, de carácter exploratório, uma vez que se desejava compreender as experiências vividas e a forma reflexiva como foram encaradas. Foi utilizado o tipo específico de estudo de caso, no qual a recolha de dados foi efectuada através de diálogos com os produtores, a partir da técnica da entrevista. As entrevistas (semi-estruturadas) foram conduzidas a partir de um guião contendo questões abertas.

As entrevistas foram gravadas, transcritas e posteriormente analisadas, por meio da técnica de análise de conteúdo, procurando-se significados de acordo com as perspectivas e percepções evidenciadas pelos entrevistados.

A análise dos resultados resultou na compreensão da complexidade que envolve a acção do indivíduo na orientação das suas trajectórias individuais e sociais, na medida em que integra várias dimensões objectivas e subjectivas, em torno de si e do outro, e em torno das condições sociais com que se depara.

Embora este estudo seja de natureza qualitativa, de modalidade exploratória, define-se à priori um esquema teórico, opção que surge ancorada nas considerações de Marshall e Rossman (1989); Milles e Huberman (1984) in Alves (1991), que entendem que mesmo no caso de estudos qualitativos, “a adopção de um esquema conceptual é de grande utilidade para a identificação de aspectos e relações significativas entre os eventos observados. Esse esquema conceptual tanto pode ser uma teoria mais elaborada, como um mais constructos, ou mesmo uma metáfora, dependendo do problema abordado” (Alves, 1991, p.58).

A maioria dos estudos sobre imigração em Portugal tem vindo a eleger como objecto a imigração com origem nos PALOP`s.

Constatou-se através do material encontrado que são várias as abordagens sobre o tema da imigração. Uns focalizando a análise em aspectos de carácter mais económico e político e outros mais social e cultural. Surgem então, em torno do fenómeno da imigração análises acerca das políticas de imigração; do impacto da imigração na economia; das questões da cidadania; das atitudes e valores perante

a imigração; da integração no meio escolar; do fenómeno associativo e do seu papel nos processos migratórios e dos processos de integração na sociedade de acolhimento (uns focalizados especificamente na inserção laboral e outros reflectindo sobre as questões da integração social e/ou cultural, de uma forma mais geral).

Ao centrar a pesquisa na questão da imigração e da identidade foram encontrados alguns estudos que embora não focalizados nesse tema específico, abordam vários aspectos da adaptação dos imigrantes na sociedade de acolhimento, entre os quais o da adaptação cultural acabando por tocar na questão da identidade directa ou indirectamente.

Nessa abordagem à identidade, a etnia, a memória do passado, a relação com outros grupos sociais, têm vindo a ser as dimensões mais valorizadas na reflexão desses estudos, e em torno dos quais, gravitam quase sempre, mais ou menos explorados, entre outros, conceitos como aculturação, alteridade, multiculturalismo e interculturalismo.

Especificamente sob o tema imigração e identidade, os estudos encontrados (Albuquerque, 1996)³; (Saint-Maurice, 1997)⁴, focalizam a sua análise nas seguintes questões:

O primeiro aborda a questão da reconstrução da identidade analisando como os imigrantes se sentem na sociedade Portuguesa, face à sua cultura, abordando aprofundadamente a questão da multiculturalidade. É um estudo que se debruça sobre as problemáticas da identidade cultural e da participação cívica dos jovens Luso-Africanos, descendentes de imigrantes.

O segundo estudo, centrado na questão da identidade colectiva, analisa o processo de reconstituição da identidade étnica dos Cabo-Verdianos num novo contexto cultural e o processo de identificação com os grupos, não só étnico, mas também a classe social.

³ Albuquerque, Rosana de Lemos de Sousa (1996), *A identidade pessoal de jovens Luso-Africanos*, Porto, U.A.

⁴ Saint-Maurice, Ana (1997), *Identidades reconstruídas. Cabo-Verdianos em Portugal*, Oeiras, Celta

No estudo que se apresenta, conforme já referido, pretende-se abordar um fluxo migratório relativamente recente em Portugal e talvez por isso ainda pouco estudado: a imigração da Europa de Leste. A dimensão a explorar é a identidade do imigrante em contexto de modernidade tardia, encarada como um processo reflexivo e de reorganização contínua, onde no confronto com a realidade, impera a autonomia do indivíduo enquanto agente de mudança pessoal e social.

Tendo em conta os estudos encontrados que abordam de forma mais central, ou mais periférica, a questão da identidade subjacente a situações de imigração, pensamos que a originalidade deste estudo não está no método de pesquisa adoptado, pois na mesma linha, será utilizado o método qualitativo, nem propriamente na abordagem conceptual e teórica, pois integra questões já exploradas de alguma forma, mas essencialmente nos objectivos definidos (explicitados na Parte II), que pretendem colocar a identidade do agente no centro da sua trajectória enquanto imigrante num mundo contemporâneo.

A identidade assume, então, uma posição transversal a todo o processo de imigração, rotineiramente criada e sustentada através das actividades reflexivas do agente.

Assim, as palavras – chave deste estudo são: imigração; cultura; identidade.

No que diz respeito à validade do Estudo tratando-se de um estudo de carácter qualitativo, a sua validade interna foi assegurada, garantindo que os resultados correspondem à realidade estudada. Esta garantia foi obtida por meio da verificação rigorosa dos dados recolhidos que têm que condizer com o que foi dito pelos participantes e da interpretação que foi feita, que procurou sempre traduzir a realidade transmitida (Ferreira, 1998).

A fim de garantir a fiabilidade do estudo, foi efectuada uma descrição rigorosa e pormenorizada acerca da forma de realização do mesmo, explicitando as teorias e os pressupostos subjacentes ao mesmo, bem como se descreveu o processo de recolha de dados e a forma como se obtiveram os resultados (idem).

I – Delimitação Conceptual e Teórica

I.1 – Teorias sobre Migrações Internacionais

O estudo das migrações desenvolveu-se em torno de distintas perspectivas, sendo, por isso, possível encontrar uma vasta gama de teorias, conceitos, tipologias e formas de operacionalização da problemática.

A expressão migrações internacionais é utilizada “para designar o movimento de trabalhadores, ou de seus familiares, de um país para outro por períodos mais ou menos longos” (Baganha & Peixoto, s.d. p. 234).

Sendo este o tipo de migração que pretendemos abordar neste estudo interessamos explorar as teorias sobre migrações internacionais.

Segundo Ramos (1995) os variados entendimentos deste fenómeno têm vindo a conduzir os investigadores para o meio de uma “crise paradigmática”.

“ A dinâmica das migrações internacionais de mão-de-obra e as suas múltiplas facetas põem em evidência a complexidade e multiplicidade deste fenómeno social e levantam questões metodológicas.” (Ramos, 1995a, p. 761).

Segundo Salt (1987) as migrações surgem como uma resposta à diversidade espacial em termos de desigualdade do desenvolvimento económico.

A questão que se coloca é o que faz nascer esta resposta, ou seja, o que provoca a decisão.

São várias as teorias explicativas das migrações internacionais e que ensaiam respostas a esta questão. O primeiro modelo foi definido por Ravenstein em finais do sec XIX, denominado modelo de atracção-repulsão. Em 1885, o autor publica

“As leis da migração”, apresentando a sua explicação para as causas dos movimentos migratórios.⁵

Segundo Pires (2003) o modelo de atracção-repulsão na sua forma mais clássica assenta na ideia de que as pessoas decidem emigrar para melhorar as suas condições de vida deslocando-se de zonas mais desfavorecidas para zonas mais prósperas, ou seja, a decisão de imigrar está subjacente às condições que o imigrante espera encontrar no país de acolhimento.

De acordo com esta teoria “o potencial migrante *escolhe* imigrar sempre que a comparação lhe revela que a permanência representa um custo e a migração um ganho” (Pires, 2003, p.66).

Enquanto *homo economicus* o potencial migrante racionalmente avalia e compara as vantagens de partir para uma sociedade com melhores condições materiais de vida e as desvantagens de ficar na sociedade onde vive.

Assim a decisão de emigrar é o resultado de um cálculo de custos e benefícios, sendo a área de destino encarada como área de atracção e a área de origem de repulsão.

Segundo Jackson (1991), os factores de atracção – repulsão, são factores que afastam as pessoas do local de origem e que as atraem para outros locais.

A respeito de fluxos migratórios, Trindade (1998, p.313), afirma que “o estabelecimento e manutenção de um fluxo migratório é o resultado conjunto da coexistência de uma pressão endógena no sentido de *sair* (emigrar) com uma força atractiva gerada no exterior e que estimula a *recepção* (imigrar)”.

⁵ Segundo Pires (2003), são vários os autores que partem deste modelo da autoria de E. G. Ravenstein “The laws of migration”, Journal of the Royal Statistical Society, nº 48 (1885) e 52 (1889), para explicar as teorias das migrações: no âmbito da economia – Julius Isaac (1947), Economics of Migration; Michael P. Todaro (1969); Todaro e Maruszko (1987); Massey e outros (1983); no âmbito da Psicologia Social – Peter H. Rossi (1955), Why families move; Habercorn (1981); no âmbito da Sociologia – Everett S. Lee (1969), A Theory of migration.

No seguimento das formulações de Ravenstein surge um conjunto de teorias baseadas nas vantagens esperadas pelo imigrante.

Para Harris & Todaro (1970), a intenção de emigrar seria função do diferencial de salários, da possibilidade de encontrar trabalho no país de acolhimento e dos custos de deslocação, ou seja, a decisão de emigrar seria determinada por uma análise custo-benefício por parte dos indivíduos. Este modelo neoclássico define o sucesso do migrante pela sua educação, experiência de trabalho, domínio da língua da sociedade de acolhimento, tempo de permanência no destino e outros elementos do capital humano.

São vários os autores que se debruçam sobre as limitações do modelo neoclássico, nomeadamente à ênfase dada à acção racional do indivíduo e que segundo Pires (2003) têm contribuído para perceber problemas analíticos no estudo das migrações.

A respeito da racionalidade limitada, Hindess (1988) coloca a questão dos constrangimentos que resultam das limitações do actor, que são incapazes de dominar toda a informação disponível, organizá-la e determinar todas as alternativas da acção e cada um dos resultados possíveis.

Portes (1999) acrescenta que as teorias da escolha racional não têm em consideração o facto da acção racional ser socialmente orientada (influenciada pela reacção dos outros), ou seja, não têm em consideração as estruturas sociais mais amplas que afectam a forma e os resultados da acção.

O autor, com base no conceito de acção social de Weber, entende que os indivíduos ao optarem por uma acção racional levam em consideração não apenas princípios económicos mas também procuram atender a expectativas relacionadas ao grupo ao qual pertencem.

Assim, a introspecção de valores, as implicações no Status do actor e na afirmação do self, as expectativas são aspectos que influenciam a sua acção.

O impacto dessa forma de entender a acção racional nos estudos sobre migração – a decisão de migrar e o próprio processo de inserção na sociedade de acolhimento – passa a ser analisado considerando a influencia das relações sociais e não apenas a decisão individual.

Esta perspectiva sugere que os migrantes não devem ser vistos apenas como indivíduos, mas como integrantes de estruturas sociais que afectam os múltiplos caminhos da sua mobilidade espacial e socioeconómica.

Portes (1999), considerando os migrantes como inseridos em redes sociais, grupos étnicos, e utilizando-se do capital social para o seu empreendimento migratório fornece categorias analíticas que permitem compreender a complexidade dos novos movimentos migratórios.

Dumont (1995) afirma que “...a decisão de migrar depende dos conhecimentos da pessoa, e ela é em ultima instancia subjectiva, porque o individuo não tem forçosamente conhecimento de todas as possibilidades existentes e da dimensão relativa das suas possibilidades que lhe permitiriam tomar uma decisão puramente racional” (p.81).

Na ausência de um conhecimento perfeito de todas as oportunidades e constrangimentos que a mudança integra – legislação laboral; níveis salariais; alojamento; nível de vida, políticas e normas que regulam os direitos e deveres dos imigrantes, o indivíduo “vai concluir em função de informações que pensa fiáveis, (...) o país de destino é escolhido muitas vezes aquele do qual o migrante tem um conhecimento a partir do que lhe dizem parentes ou amigos que aí residem ou residiram. Noutros casos, podemos constatar uma espécie de fenómeno de mimetismo: o migrante vai para onde os outros vão; se os outros fizeram uma determinada escolha, devem ter uma razão para isso, e eles não parecem estar arrependidos, portanto vamos imitá-los” (Dumont, 1995, p. 83).

Para além da racionalidade ser limitada “os actores decidem com informação, capacidade de processamento e aspirações limitadas, accionando os quadros de referência que são capazes de manipular com competências e recursos desiguais em função da sua posição social” (Pires, 2003, p.67), coloca-se também a questão

das motivações e nesta matéria “os actores tendem a seleccionar opções que minimizem os factores de insegurança ontológica, factores esses também variáveis em função das diferentes territorializações dos quadros de interacção e das desiguais capacidades de controlo das consequências da decisão” (idem).

Giddens (1984) chama a atenção para os efeitos dos momentos decisivos sobre os mecanismos de segurança ontológica. O autor define estes momentos decisivos ou situações críticas como “circunstâncias da disjunção de um tipo imprevisível que afectam um número substancial de indivíduos, situações que ameaçam ou destroem as certezas inscritas nas rotinas institucionalizadas”(p. 61).

Apesar das várias críticas de que tem sido alvo o modelo de atracção-repulsão, é “um instrumento analítico útil para compreender a dimensão macro dos fenómenos migratórios” (Machado, 1997, p. 20).

Para além do modelo de atracção-repulsão do qual resultou a abordagem da escolha racional do indivíduo, enquanto actor isolado, surgiu uma nova abordagem, apelidada por Baganha & Peixoto (s.d) como “a nova economia das migrações”, que se distingue da abordagem neoclássica por privilegiar como unidade de análise o agregado familiar e não o indivíduo, sendo que, “...os vários elementos componentes do agregado agem colectivamente, não apenas para maximizar o rendimento esperado, mas também para minimizar os riscos e contornar as ineficiências dos mercados” (p.235).

Segundo esta abordagem (Stark & Bloom, 1985), quem decide quem deve emigrar dentre os seus elementos e dentre um conjunto de alternativas possíveis é o agregado.

Para além das abordagens centradas nas decisões de migrar de que demos conta até ao momento, existem as abordagens que pretendem analisar as condições externas que levam à constituição dos fluxos migratórios.

Integrada nestas abordagens surge a teoria do mercado de trabalho e a teoria do sistema-mundo que fazem parte das abordagens de nível macroeconómico da economia neoclássica⁶.

A teoria do mercado de trabalho integra duas perspectivas distintas sobre a inserção e o desempenho dos imigrantes. A primeira abordagem seria a dos teóricos da segmentação (Piore & Doeringer, 1971) e (Gordon, 1982) e a segunda seria a dos teóricos do capital humano (Borjas, 1990).

Os teóricos da segmentação defendem a existência de uma complementaridade entre o imigrante e o nacional, quanto à posição no mercado de trabalho, sendo que, estes dois grupos de trabalhadores constituem uma resposta a diferentes oportunidades de emprego de um mercado de trabalho que é segmentado em dois níveis: o primário e o secundário. Ao contrário do secundário (ocupado por trabalhadores migrantes), o primário requer alta qualificação, bom nível salarial e possibilidades de ascensão hierárquica.

Os teóricos do capital humano argumentam que os imigrantes concorrem com os nacionais pelo emprego e contribuem para baixar os salários nas regiões onde se concentram sendo de privilegiar a entrada de imigrantes com melhores qualificações a fim de atingir um sistema económico mais produtivo.

Para a análise da constituição das migrações no mundo moderno enquanto contexto da acção do comportamento migratório Massey et al. (1993) salientam os contributos da teoria do sistema-mundo.

⁶ Segundo Baganha & Peixoto (s.d) no seu resumo das teorias disponíveis sobre migrações internacionais, existem dois grupos de teorias sobre migrações internacionais “as que procuram explicar todo o processo migratório desde o seu arranque até à sua supressão; e as que procuram explicar sobretudo a sua manutenção e perpetuação no tempo”p.234.

No primeiro grupo integram-se as abordagens neoclássicas que englobam dois níveis de análise, um macroeconómico, em que, entendendo que a principal determinante das migrações internacionais são os desequilíbrios salariais, a unidade de análise são os mercados de trabalho e outro microeconómico, em que a unidade de análise é o indivíduo que age racionalmente, resultando a imigração numa decisão individual de acordo com a sua avaliação.

No segundo grupo integram-se a teoria das redes migratórias; a teoria institucional; a teoria da causalidade cumulativa e a teoria dos sistemas migratórios.

Com base nesta teoria elaborada por Wallerstein (1974) e utilizada por Portes e Walton (1981) e por Petras (1981) no âmbito da análise da constituição das migrações, entende-se que os movimentos migratórios são o resultado dos desequilíbrios subjacentes à desigualdade sócio-espacial, que é responsável quer pelo início do fluxo quer pela forma como se estrutura.

O subdesenvolvimento é explicado como o resultado do desenvolvimento desigual do capitalismo à escala mundial, que leva ao estabelecimento de um sistema social global (economia-mundo) estruturado em dois subsistemas diferenciados (centro e periferia) e caracterizado por assimetrias ao nível da divisão internacional do trabalho e ao nível hierárquico (relações de dominação/dependência).

O subdesenvolvimento é entendido nesta lógica como uma condição para a reprodução do sistema capitalista e não como consequência de atraso, sendo as sociedades periféricas que garantem a acumulação nas sociedades centrais através dos seus recursos materiais e humanos.

Nesta linha, as migrações dão-se no contexto de uma economia globalizada em que os países periféricos fornecem a mão-de-obra aos países centrais e, nesta teoria, Portugal situa-se num contexto intermédio (país semi-periférico). “os mesmos processos económicos capitalistas que criam emigrantes nas regiões periféricas atraem-nos, simultaneamente, para os países desenvolvidos” (Massey et al.,1993,p. 446).

Segundo este modelo, as migrações internacionais de trabalho são analisadas tendo em conta o funcionamento de “um sistema hierárquico de produção unificado por uma divisão internacional de trabalho” (Petras, 1981, p. 41), com um mercado global de trabalho “altamente regulado, com cada membro do sistema internacional influenciando quem deve entrar e sair da sua jurisdição” (p. 48).

Algumas vicissitudes deste modelo são encontradas em Pires (2003), que defende que a realidade em matéria de migrações internacionais de trabalho tem vindo a demonstrar “a incapacidade dos governos europeus em fazerem regressar a maioria dos imigrantes definidos como temporários”(p.82), sendo que, “a

proclamada capacidade de controlo funcional dos fluxos e do volume da imigração pelos estados centrais é, na realidade mais reduzida do que o proclamado” (p.83) e que existem factores não económicos na estruturação dos movimentos migratórios que não são suficientemente valorizados pelo modelo.

“As sociedades centrais não são apenas sociedades capitalistas, são também sociedades democráticas com uma ordem político - jurídica constitucionalizada” (p.84)

Em termos das teorias que explicam a manutenção dos processos migratórios (teoria das redes migratórias; teoria institucional, teoria da causalidade cumulativa e teoria dos sistemas migratórios), Baganha & Peixoto (s.d) apresentam um resumo que se explicita, complementado com considerações de alguns autores:

Segundo a teoria das redes migratórias a manutenção dos fluxos resulta do facto de que uma comunidade migrante, depois de atingir um determinado patamar numérico, tende a auto-sustentar-se, pela redução dos custos e dos riscos, bem como pela fuga ao controlo legal.

Esta teoria aponta para a importância da análise das redes sociais no processo migratório, enfatizando a solidariedade no interior dos grupos migrantes como uma das características que configuram e sustentam as redes e evidencia que nos processos migratórios contemporâneos os migrantes mantêm múltiplas relações tanto na sociedade de acolhimento como na sociedade de origem

Segundo Massey (1990), as redes migratórias compõem um conjunto de laços sociais que ligam comunidades de origem a específicos pontos de destino nas sociedades receptoras.

Tais laços ligam migrantes e não migrantes numa complexa teia de papéis sociais complementares e relacionamentos interpessoais que são mantidos através de um quadro informal de expectativas mutuas e comportamentos predeterminados.

De acordo com a teoria institucional, o Estado quando cria limites à imigração inferiores às necessidades do mercado de trabalho, promove o aparecimento de

instituições e organizações privadas que vão satisfazer essa procura através da criação de um “mercado negro das migrações”.

A teoria da causalidade cumulativa defende que cada acto de emigrar altera o contexto social em que se processam as decisões subsequentes, tornando os futuros movimentos mais prováveis pelo impacto cultural na sociedade de origem, bem como pelas mudanças na distribuição dos rendimentos e de propriedade que provoca.

A teoria dos sistemas migratórios defende que com o tempo as migrações internacionais adquirem uma estabilidade e uma estrutura tal que permitem identificar sistemas internacionais de migrações.

Relativamente à teoria dos sistemas migratórios, Boutang e Papadimitriou (1994), reflectem acerca da mesma associada aos factores institucionais: factores de regulação de mão-de-obra estrangeira, falando da dependência existente entre as políticas e os sistemas migratórios. Defendem que as transformações dos fenómenos migratórios, quantitativas e qualitativas, que se inscrevem no quadro das modificações macro-económicas das mudanças internacionais, concorrem para a crise das políticas migratórias. Segundo os autores são várias as categorias de migrantes: migrantes económicos/refugiados políticos; migrações de instalação/migrações de trabalho; migrações de trabalhadores qualificados/migrações de trabalhadores não qualificados; migrantes em situação regular/migrantes em situação não regular, que fazendo parte do mesmo fenómeno, constituem realidades específicas, que conduzem à insuficiência das respostas institucionais, seja qual for o tipo de política.

Definem como sistema migratório “a combinação particular de tipos de fluxos de população entre país de origem e país de acolhimento” (Boutang e Papadimitriou,1994,p.22).

Defendem que os sistemas migratórios, que são de 3 tipos: migrações de povoamento; migrações de instalação e migrações de trabalho, condicionam as políticas, que se devem adequar ao caso de cada país.

Depois desta explanação acerca do conjunto diverso de teorias explicativas das migrações, parece-nos poder concluir que o fenómeno das migrações designadamente, das migrações internacionais de trabalho é o resultado de uma conjugação de factores reclamando uma abordagem interdisciplinar com recurso a várias abordagens.

“...como a maior parte destas teorias não é mutuamente exclusiva, não existe, como salientaram vários autores, uma sólida razão para a sua não integração” (Baganha & Peixoto, s.d., p. 236).

I.2 – A Imigração no Porto nos Finais do Séc. XX e Início do Séc. XXI

I.2.1 – Contextualização do Fenómeno da Imigração em Portugal

Sendo a imigração no contexto do Concelho do Porto uma das faces do tema desta dissertação, considerou-se importante, para efeitos de contextualização teórica, por um lado, conhecer alguns contornos deste fenómeno em Portugal Continental e no Concelho do Porto tendo em conta dados disponíveis, e por outro, definir alguns conceitos que lhe estão subjacentes.

Impõe-se então no âmbito deste ponto definir à partida o conceito de imigração, sendo que, Jackson (1991,p.8) define imigração como “o processo de entrada num país ou numa região administrativa diferente”.

O conceito de imigração está subjacente a um conceito mais amplo, o conceito de migração, que integra o conceito de migração interna e migração internacional.

Por uma questão de especificações terminológicas ao falarmos de imigração ou emigração estamos a falar de migração internacional pois implica a travessia de uma fronteira entre estados nacionais.

Segundo Baganha (2001) as migrações internacionais, porque implicam a transposição de limites nacionais colocam os migrantes na situação de

estrangeiro, situação esta que tende a corresponder a um estatuto de redução de direitos.

Portugal, não tendo deixado de ser um país de emigrantes⁷, “fornecendo mão de obra a economias europeias desenvolvidas” (Ramos, 1995 b, p.129), dadas as desigualdades de remuneração e de protecção social em relação aos outros Países da U.E, com uma vastíssima diáspora⁸ espalhada pelo mundo, constitui-se também como um país de imigração .

Os fluxos migratórios que elegeram e elegem o nosso país como país de destino, fazem-no quer pela nossa qualidade de ex-metrópole colonial, quer como país industrializado e membro da União Europeia.

Os movimentos migratórios não são fenómenos novos no nosso país. São processos sociais estruturais, resultado de uma complexa combinação de factores, das dinâmicas de desenvolvimento económico internas e externas e dos processos de globalização em geral

Os anos 60 constituem a década da mudança em matéria de imigração em Portugal. “No que respeita ao poder de atracção migratória exercido por Portugal, pode dizer-se que em meados dos anos 60, há um primeiro momento de viragem. Até aí o nº de residentes estrangeiros em Portugal era reduzido” (Machado, 1997, p. 21).

⁷ Definição de emigração segundo Jackson (1991,p.8): “o termo engloba movimentos para fora do local normal de residência, quer o destino seja nacional ou internacional”.

⁸ Segundo Michel Bruneau (1994), a noção de diáspora começa a ser utilizada a partir dos anos 80. Toda a diáspora resulta de uma migração – definida, como “o movimento de uma população, temporário ou permanente de um local físico para outro” (Jackson,1991,p.7).

A diáspora tem características que lhe são próprias e que estão subjacentes à sua definição: “a consciência e o acto de reivindicar uma identidade étnica ou nacional; a existência de uma organização política, religiosa ou cultural do grupo disperso; a existência de contactos sobre diversas formas, reais ou imaginários com o território do país de origem” (Sheffer,1993 in Bruneau,1994,p.7).

M. Bouix (1994), define diáspora como “ uma construção social que visa estabelecer e manter laços entre populações migrantes , que acreditam resultar de uma mesma origem, real ou mítica, e que se apresentam com características próprias que as separam das sociedades de acolhimento” (in Bruneau,1994,p.8).

Segundo Machado (1997) foram vários os factores que em meados dos nos 60 concorreram para o aumento do nº de estrangeiros em Portugal, são eles:

- * O começo de uma maior abertura ao investimento estrangeiro, na sequência da industrialização progressiva e da adesão de Portugal à EFTA, traz para o país profissionais da Europa desenvolvida.
- * A emigração portuguesa em massa, para a Europa, cria espaços em alguns sectores do mercado de trabalho, para a entrada de um primeiro contingente de imigrantes Africanos.

A década de 80 é igualmente importante no crescimento dos fluxos de imigração em Portugal. "...é só a partir de meados dos anos 80 que a imigração de natureza laboral assume expressão mais notória, quer em termos qualitativos, quer em termos quantitativos. Esta imigração consolida-se no caso Caboverdiano e alarga-se aos restantes P.A.L.O.P., especialmente a Angola e à Guiné Bissau. É também nesta fase que a imigração Brasileira, até então muito reduzida ganha impulso" (Machado, 1997, p. 21).

Segundo o autor, o investimento público na construção de infraestruturas; a ausência de mecanismos de control e a formação de redes migratórias constituem os três factores de carácter económico político e social, respectivamente, que influenciaram o rápido crescimento da imigração durante a década de 80.

A partir desta época a imigração tem vindo a evoluir, sendo que, com base em dados do SEF, entre 1986 e 1996 o nº de estrangeiros praticamente duplicou. Três categorias cresceram acima da média: Africanos (fundamentalmente dos P.A.L.O.P.) Sul-Americanos e Asiáticos (Chineses, Indianos e Paquistaneses) – quadro1 – p.23.

No entanto, a escala, os destinos e os impactos dos fenómenos migratórios no nosso país estão hoje profundamente modificados. Estas modificações estão associadas à mundialização da economia.

Com a mundialização crescente, as diásporas têm-se vindo a estruturar em espaços cada vez mais alargados e em mais países.

“ A emergência e consolidação recente da imigração em Portugal devem ser vistas no âmbito das dinâmicas migratórias mais amplas em curso no espaço europeu” (Machado, 1997, p.13).

Segundo Pires (2003), nos últimos anos da década de 90 verificou-se um crescimento acelerado da imigração em Portugal, “integrando nacionalidades não representadas na história recente da imigração em Portugal: começava a imigração da Europa de Leste” (p.172), sendo que, o início do novo século foi marcado pela ampliação do fenómeno, com a emergência de novos padrões.

Assim, são vários os aspectos que caracterizam actualmente este fenómeno em Portugal, havendo dois a destacar:

O primeiro é a considerável evolução da dimensão estatística da imigração em Portugal, a que se deverá juntar um número certamente elevado de ilegais, e “as estatísticas demonstram uma tendência de crescimento, quer relativamente à imigração legal, quer relativamente à imigração ilegal” (Ramos, 2003, p.269).

“Houve um crescimento abrupto da população estrangeira em Portugal no final da década de 90. Em 31 de Dezembro de 2001, viveriam numa situação regular em Portugal 335.000 estrangeiros, destes cerca de 216.000 teriam autorização de residência, beneficiando os restantes (119.000) do novo estatuto de autorização de permanência” (Pires, 2003, p. 174).

Apesar das dificuldades de quantificação dos imigrantes em Portugal, devido a problemas de registo, quer no Instituto Nacional de Estatística (INE), quer no Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF)⁹, estas constituem as fontes que nos

⁹ Segundo Machado (1997) existem problemas de quantificação dos fluxos imigratórios em Portugal, que derivam na subestimação do volume real da imigração, pois as duas fontes existentes: Instituto Nacional de Estatística (Recenseamentos gerais da população) e dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), encontram algumas dificuldades na recolha dessa informação. “No caso do SEF, o registo depende do acto voluntário de cada imigrante no sentido de solicitar a autorização de residência, que pelo menos teoricamente, pode ou não ser concedida. Com receio de denunciarem a sua situação ilegal muitos imigrantes não o fazem, a não ser em períodos extraordinários. Nas operações Censitárias é o agente recenseador que faz o registo directo no alojamento, independentemente dos recenseados terem ou não estatuto legal de residentes. Isso não impedirá alguma retracção ou ocultação” (p.27).

poderão indicar ainda que de forma relativa, qual a situação da imigração em termos quantitativos.

O nº de imigrantes em 1986 era de 86.982 e em 1996 era de 170.962 – quadro 1, o que significa que neste período correspondente a 10 anos a população estrangeira em Portugal sofreu um aumento de 83.980 pessoas.

Quadro 1 – Origem da população estrangeira em Portugal em 1986 e 1996

Nacionalidade	1986		1996*		Var. 86/96
	Nº	%	Nº	%	
Total de estrangeiros	86.982	100,0	170.962	100,0	+ 97 %
<i>Africanos</i>	37.829	43,5	80.509	47,1	+ 113 %
<i>Asiáticos</i>	2.958	3,4	6.990	4,1	+ 136 %
<i>Europeus</i>	24.040	27,6	46.033	26,9	+ 92 %
<i>Norte – Americanos</i>	9047	10,4	10.839	6,3	+ 20 %
<i>Sul Americanos</i>	12.629	14,5	25.824	15,1	+ 105 %
<i>Outros</i>	479	0,6	767	0,5	+ 6 %

Fonte: Serviço de Estrangeiros e Fronteiras in Machado (1997)

*os dados de 96 são relativos ao fim do mês de Junho

Segundo os dados dos Censos 2001 – quadro 2, no total da população residente¹⁰ em Portugal (9.869.343), 339.668 são imigrantes, com uma representação de 3,4% no universo dos residentes, sendo de ressaltar que os imigrantes ilegais podem não se encontrar inscritos como residentes nos Censos. Comparando o total da população estrangeira em Portugal em 1986 e 2001, verificamos nestes 15 anos um aumento de 252.686 pessoas.

¹⁰ *População residente*: indivíduos que, independentemente de no momento censitário estarem presentes ou ausentes numa determinada unidade de alojamento, aí habitavam a maior parte do ano com a família ou detinham a totalidade ou a maior parte dos seus haveres – conceito do INE

Quadro 2 – Distribuição da população residente em Portugal continental, segundo a sua nacionalidade

Nacionalidade	Nº	% (em relação ao total geral)	% em relação ao total de estrangeiros
Total de população de nacionalidade Portuguesa	9.529.675	96,6	----- -
Total de população estrangeira	339.668	3,4	100,00
<i>União Europeia</i>	47.954	0,5	14,1
<i>Europa de Leste</i>	2.571	0,03	0,8
<i>Outros da Europa</i>	19.998	0,2	5,9
Total - Europa	70.523	0,7	20,8
<i>PALOP'S</i>	98.609	1,0	29,0
<i>Outros de África</i>	3.770	0,04	1,1
Total - África	102.379	1,0	30,1
<i>América do Norte</i>	4.308	0,04	1,3
<i>Brasil</i>	31.292	0,3	9,2
<i>Outros da América Central e do Sul</i>	5.695	0,06	1,7
Total - América	41.295	0,4	12,1
<i>China</i>	2.147	0,02	0,6
<i>Outros de Ásia</i>	4.081	0,04	1,2
Total - Ásia	6.228	0,06	1,8
Total - Oceânia	415	0,00	0,1
Total de mais de uma nacionalidade	117.773	1,2	34,7
Total de Apátridas	1055	0,01	0,3
Total Geral	9.869.343	-----	-----

Fonte: INE (Censos 2001)

Embora seja sempre relativa a apreciação dos movimentos migratórios apenas baseados nas autorizações de residência, vejamos qual a evolução deste tipo de pedidos entre 1999 e 2003:

Relativamente à população estrangeira que solicitou estatuto de residente no Continente Português¹¹, entre 1999 e 2003, o ano em que se registou maior nº de pedidos foi o ano de 2000 (18.111) e 2003 foi o ano em que o nº de pedidos foi menor (12.477) – quadro 3.

Verificou-se um aumento de 3.685 pedidos entre 1999 e 2000 e uma diminuição de 3.196 pedidos entre 2002 e 2003.

¹¹ Para solicitar estatuto de residente é necessário preencher um conjunto de requisitos (estar há 5 anos em Portugal com contrato de trabalho e com regularizações anuais do estatuto de permanência).

Quadro 3 - Evolução da População estrangeira que solicitou estatuto de residente no Continente Português (1999 - 2003)

Nacionalidade	1999		2000		2002		2003	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
<i>Europa de Leste</i>	362	2,5	632	3,5	385	2,5	727	5,8
<i>Outros da Europa</i>	4.349	30,1	4523	25,0	4528	28,9	3871	31,0
Total - Europa	4.711	32,7	5.155	28,5	4913	31,3	4598	36,9
<i>PALOP'S</i>	6.892	47,8	9.040	49,9	6958	44,4	4371	35,0
<i>Outros de África</i>	439	3,0	681	3,8	428	2,7	366	2,9
Total - África	7.331	50,8	9.721	53,7	7386	47,1	4737	38,0
<i>América do Norte</i>	175	1,2	216	1,2	136	0,9	97	0,8
<i>Brasil</i>	1328	9,2	1.762	9,7	1676	10,7	1931	15,5
<i>Outros da América Central e do Sul</i>	288	2,0	397	2,2	425	2,7	449	3,6
Total- América	1.791	12,4	2.375	13,1	2237	14,3	2477	19,9
<i>China</i>	273	1,9	524	2,9	521	3,3	278	2,2
<i>Outros de Ásia</i>	295	2,0	310	1,7	602	3,8	367	2,9
Total- Ásia	568	3,9	834	4,6	1123	7,1	645	5,2
Total - Oceânia	23	0,2	19	0,1	13	0,08	17	0,1
Total- Apátridas	1	0,0	0	0,0
Total- Desconhecida	1	0,0	7	0,0	1	0,006	3	0,02
Total Geral	14.426	18.111	15.673	12.477

Fonte: Dados de 1999 processados pelo SEF em 24-09-2001 disponibilizados em listagens à CMP – DDS) Dados de 2000 processados pelo SEF em 18-06-2002 disponibilizados em listagens à C.M.P. – DDS).

Notas:

- Todos estes dados foram agregados a partir da consulta a listagens do SEF disponibilizadas à C.M.P. – Fundação para o Desenvolvimento Social do Porto.
- Percentagens calculadas em relação ao total geral

Um Segundo aspecto, mas não menos importante, é que ocorreram profundas mudanças na estrutura da população imigrante, no início do novo século.

“Em finais dos anos 90, começaram a aparecer na imprensa portuguesa referencias cada vez mais insistentes à emergência e rápido crescimento de novos fluxos de imigração provenientes do Leste Europeu, nomeadamente da Ucrânia, Roménia e Moldávia. O mesmo diagnóstico transparece em documentos do Serviço de estrangeiros e Fronteiras, bem como em intervenções de organizações não-governamentais actuando no campo da imigração” (Pires, 2003. p.173).

Apesar do crescimento acentuado do peso da imigração do Leste Europeu, a sua dimensão estatística não se revela com grande expressão no conjunto dos residentes em Portugal que é possível quantificar através dos Censos e dos pedidos de estatuto de residente:

Segundo os dados dos Censos 2001, as nacionalidades mais representativas relativamente à população estrangeira residente no Continente Português são: PALOP'S (98.609); União Europeia (47.954) e Brasil (31.292) – quadro 2 – p.24, sendo que, aparece com elevada expressão o nº de pessoas com mais de uma nacionalidade (117.773).

Relativamente a pedidos de estatuto de residente (dados do SEF), de 1999 para 2000 é de salientar o aumento significativo de pedidos de estrangeiros da África (em 2000 houve um aumento de 2.390 pedidos), especialmente dos PALOP'S (com mais 2.148 pedidos em 2000); e da América (mais 584 pedidos em 2000), especialmente do Brasil (com mais 434 pedidos em 2000) – quadro 3 – p.25.

No Ranking dos pedidos de estatuto de residente, entre 1999 e 2003 a África aparece em primeiro lugar, em todos os anos, destacando-se os pedidos dos PALOP'S, posicionando-se a Europa em segundo lugar (com um peso pouco significativo da Europa de leste – quadro 3 – p.25.

A não visibilidade da verdadeira dimensão dos imigrantes com origem no Leste Europeu deve-se a situações de irregularidade que impedem a formulação e concessão de pedidos de autorização de residência e influencia também negativamente o seu registo nos censos 2001.

Segundo Ramos (2003), na legalização extraordinária iniciada em Janeiro de 2001, com o objectivo de facilitar a regularização dos clandestinos estabelecidos no País, os imigrantes de Leste atingiram metade do total de autorizações concedidas, sendo que, os Ucrrianos representaram 36%.

Da análise efectuada à abordagem de Pires (2003) relativa às dinâmicas da imigração em Portugal, destacamos os seguintes pontos que assinalam os principais aspectos que caracterizam a estrutura da população imigrante no início do Sec. XXI:

- * Com a entrada em vigor do novo regime das autorizações de permanência (Dec. Lei nº 2/2001) tornou-se visível a real dimensão da imigração do Leste Europeu, o que constitui uma novidade na composição da população imigrante (quadro 4);
- * Há fluxos tradicionais de imigração ilegal que se mantêm (PALOP's; Ásia e Brasil)¹².
- * Menor concentração geográfica da imigração na área metropolitana de Lisboa associada a uma maior dispersão geográfica da nova imigração devida principalmente à distribuição dos imigrantes do Leste Europeu.

Quadro 4 – população estrangeira com autorização de permanência por país de nacionalidade, 2001

Principais países de nacionalidade	Nº	%
Total	119.181	100,00
Europa de leste		
<i>Ucrânia</i>	42.252	35,4
<i>Moldávia</i>	8.404	7,1
<i>Roménia</i>	6.926	5,8
<i>Rússia</i>	4.777	4,0
P.A.L.O.P		
<i>Cabo verde</i>	5.174	4,3
<i>Angola</i>	4.723	4,0
<i>Guiné Bissau</i>	3.082	2,6
Outros		
<i>Brasil</i>	22.426	18,8
<i>China</i>	3.203	2,7
<i>Paquistão</i>	2.784	2,3
<i>Índia</i>	2.670	2,2

Fonte: Serviço de Estrangeiros de Fronteiras – estatísticas de estrangeiros (30/11/2001) in Pires (2003)

¹² Conclusão que deriva da comparação entre a regularização extraordinária de 1996 e as autorizações de permanência concedidas em 2001 – quadro 5

Quadro 5 – Regularização extraordinária de 1996 e autorizações de permanência, em 2001

Nacionalidade	Reg. Extraordinária de 1996	Autorizações de permanência concedidas em 2001
Angola	9.255	4.723
Cabo Verde	6.872	5.174
Guiné Bissau	5.308	3.082
Brasil	2.330	22.426
China	1.608	3.203
Índia	915	2.670
Paquistão	1.754	2.784

Fonte: Serviço de Estrangeiros de Fronteiras, estatísticas de estrangeiros, in Pires (2003)

Em síntese, a imigração em Portugal no início do séc. XXI caracteriza-se pela emergência de novos fluxos (da Europa de Leste) e pela intensificação dos tradicionais (PALOP's e Brasil).

Quanto aos factores que justificam o crescimento e diversificação da imigração a partir dos anos 90, ancorados no mesmo autor, assinalam-se muito sinteticamente os seguintes:

A nível externo:

- * Pressão emigratória nos países de origem dos migrantes (PALOP; Brasil, Europa de Leste);
- * Dinâmicas induzidas pela integração Europeia;
- * Processos de desorganização social inerentes à transição político-económica em que os países de Leste estão envolvidos.

A nível interno:

- * Progressivo esgotamento das reservas internas de mão de obra ao longo dos anos 90, por motivos associados a mudanças sociodemográficas (recrudescimento da emigração, sobretudo de activos jovens desqualificados; decréscimo da taxa de fecundidade...);
- * Precarização da relação salarial em diferentes sectores.

I.2.2 – A Imigração no Concelho do Porto

Relativamente à Imigração no Concelho do Porto, local seleccionado como palco da investigação que se apresenta, importa analisar antes de mais, aspectos em relação à sua dimensão.

Trata-se de um fenómeno emergente na região e na cidade, por efeito da expansão das actividades produtivas que geraram necessidades de mão-de-obra, designadamente ao nível das obras públicas e da construção civil (como é o caso do Metro do Porto (2001), da Casa da Musica (2003), do estádio das Antas (2001).

A visibilidade desta população no Concelho do Porto manifesta-se de muitas maneiras, designadamente pela ocupação do espaço público (Rua de Santa Catarina; Rua de Sto Ildefonso, Avenida dos Aliados), pela sua presença em postos de trabalho como hotelaria e restauração, e pelo recurso às respostas de acção social existentes na cidade.

Sabendo que grande parte do contingente de imigrantes se encontra numa situação ilegal, as estatísticas oficiais não representam a real dimensão do fenómeno, no entanto, servem de indicadores para uma abordagem do fenómeno da imigração no Porto.

No Distrito do Porto, e recorrendo a informação disponibilizada pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) – (dados disponibilizados não publicados), no ano de 2002 até 7 de Junho, foram emitidas 14.513 autorizações de permanência e na situação de residentes encontravam-se 14.848 indivíduos. Comparando os dados da população estrangeira residente em 2001 até 31 de Dezembro (13.125 indivíduos), com os dados de 2002 até 7 de Junho (14.513 indivíduos), verificámos um acréscimo de 1.388 indivíduos imigrantes no Distrito, num período inferior a seis meses.

Relativamente às autorizações de permanência, as nacionalidades mais representadas são a Ucrânia (6.162 indivíduos), o Brasil (2.365 indivíduos), a China (964 indivíduos), a Rússia (856 indivíduos), Marrocos (519 indivíduos), a Moldávia (493 indivíduos) e Angola (432 indivíduos).

Relativamente ao Concelho do Porto só existem dados referentes à dimensão da população estrangeira residente (Censos 2001 – INE), da população estrangeira residente nos bairros sociais municipais (C.M.P.,2000) e da população estrangeira que solicitou estatuto de residente (SEF – dados disponibilizados não publicados).

Assim, no total da população estrangeira residente no Concelho do Porto (6.895), que representa 2,6% do total dos residentes, destacam-se os originários da União Europeia, dos PALOP e do Brasil, respectivamente com 1.362; 1.108 e 1.016 pessoas – quadro 6.

Quadro 6 – População residente no Concelho do Porto, segundo a nacionalidade, em 2001

Nacionalidade	Nº	% (em relação ao total geral)
<i>Total de população de nacionalidade Portuguesa</i>	256.236	97.4
<i>Total de população estrangeira</i>	6.895	2.6
<i>da União Europeia</i>	1.362	0.5
<i>da Europa de Leste</i>	36	0.01
<i>Outros da Europa</i>	169	0.06
Total - Europa	1.567	0.6
<i>dos PALOP'S</i>	1.108	0.4
<i>Outros de África</i>	74	0.03
Total - África	1.182	0.4
<i>da América do Norte</i>	85	0.03
<i>do Brasil</i>	1.016	0.4
<i>Outros da América Central e do sul</i>	111	0.04
Total - América	1.212	0.5
<i>da China</i>	140	0.05
<i>Outros da Ásia</i>	94	0.04
Total - Ásia	234	0.09
Total - Oceânia	5	0.00
Total de mais de uma nacionalidade	2.679	1.0
Total de Apátridas	16	0.00
Total Geral	263.131	-----

Fonte: INE (Censos 2001).

Efectuando uma comparação desta análise com o Continente – quadro 2 – p.24, e com o Distrito do Porto – quadro 7, verificamos que a população estrangeira residente no Continente representa 3,4% e no Distrito do Porto, 2,1% do total dos residentes - valores equiparados com o Concelho do Porto.

Quadro 7– População residente no Distrito do Porto, segundo a nacionalidade, em 2001

Nacionalidade	Nº	% (em relação ao total geral)
Total de população de nacionalidade Portuguesa	1.233.967	97.9
Total de população estrangeira	26.713	2.1
<i>União Europeia</i>	3931	0.3
<i>Europa de Leste</i>	189	0.01
<i>Outros da Europa</i>	702	0.05
Total - Europa	4822	0.4
<i>PALOP'S</i>	3210	0.3
<i>Outros de África</i>	445	0.04
Total - África	3655	0.3
<i>América do Norte</i>	272	0.02
<i>Brasil</i>	3381	0.3
<i>Outros da América Central e do sul</i>	966	0.08
Total - América	4619	0.4
<i>China</i>	293	0.02
<i>Outros da Ásia</i>	204	0.02
Total - Ásia	497	0.04
Total - Oceânia	26	0.00
Total de mais de uma nacionalidade	13.065	1.0
Total de Apátridas	29	0.0
Total Geral	1.260.680	-----

Fonte: INE (Censos 2001)

Também verificamos semelhanças em relação às origens dos residentes estrangeiros, que mais se destacam, contudo, estas assumem uma representatividade diferente, a saber: no Continente aparecem em primeiro lugar os residentes dos PALOP (98.609); em segundo os da União Europeia (47.954) e em terceiro os do Brasil (31.292). No Distrito do Porto há uma maior representatividade de indivíduos residentes originários da União Europeia (3.931), seguidos dos Brasileiros (3.381) e dos Africanos dos PALOP (3.210).

No que diz respeito à presença de arrendatários estrangeiros nos bairros sociais municipais do Concelho do Porto, ao contrário do que acontece em Lisboa, ela não é significativa, aparecendo no entanto como mais representativo o n.º dos arrendatários com nacionalidade Africana dos P.A.L.O.P. – quadro 8.

Quadro 8 – nacionalidade do arrendatário

<i>nacionalidade</i>	<i>Nº</i>	<i>%</i>
Portuguesa	10791	98,1
African. PALOP	44	,4
Outra Africana	1	,0
País da U.E.	6	,1
Brasileira	8	,1
Outra nacionalidade	3	,0
não sabe/não responde	151	1,4
Total	11004	100,0

Fonte: Estudo socioeconómico da habitação municipal – CMP (2000)

Relativamente à população estrangeira que solicitou estatuto de residente no Concelho do Porto, é preciso ter em conta para a interpretação dos valores referentes a este tipo de pedidos as condições (já explicitadas anteriormente) que os indivíduos têm que reunir para o poderem fazer e que estando em situação de irregularidade não possuem.

Assim, no Concelho do Porto, entre 1999 e 2003, o ano em que se registou maior nº de pedidos estatuto de residente foi o ano de 2000 (527) e 1999 foi o ano em que o nº de pedidos foi menor (351) – quadro 9.

Constata-se um aumento de 176 pedidos entre 1999 e 2000 e uma certa estabilidade entre 2002 e 2003, com 403 e 411 pedidos respectivamente.

Quadro 9 - Evolução da População estrangeira que solicitou estatuto de residente no Concelho do Porto (1999 - 2003)

Nacionalidade	1999		2000		2002		2003	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
<i>Europa de Leste</i>	11	3,1	5	0,9	16	4,0	22	5,4
<i>Outros da Europa</i>	154	43,9	197	37,4	134	33,3	107	26,0
Total - Europa	165	47,0	202	38,3	150	37,2	129	31,4
<i>PALOP'S</i>	55	15,7	102	19,4	61	15,1	54	13,1
<i>Outros de África</i>	13	3,7	14	2,7	13	3,2	18	4,4
Total - África	68	19,4	116	22,0	74	18,3	72	17,5
<i>América do Norte</i>	10	2,8	5	0,9	3	0,7	3	0,7
<i>Brasil</i>	71	20,2	104	19,7	60	14,9	119	28,9
<i>Outros da América Central e do Sul</i>	13	3,7	18	3,4	11	2,7	19	4,6
Total- América	94	26,8	127	24,1	74	18,4	141	34,3
<i>China</i>	10	2,8	71	13,5	70	17,4	33	8,0
<i>Outros de Ásia</i>	14	4,0	10	1,9	34	8,4	34	8,3
Total- Ásia	24	6,8	81	15,4	104	25,8	67	16,3
Total - Oceânia	0	0,0	1	0,2	1	0,2	2	0,5
Total Geral	351	-----	527	-----	403	-----	411	-----

Fonte: Dados de 1999 processados pelo SEF em 24-09-2001; Dados de 2000 processados pelo SEF em 18-06-2002; Dados de 2002 processados pelo SEF em 12-05-2003; Dados de 2003 processados pelo SEF em 24-03-2004.

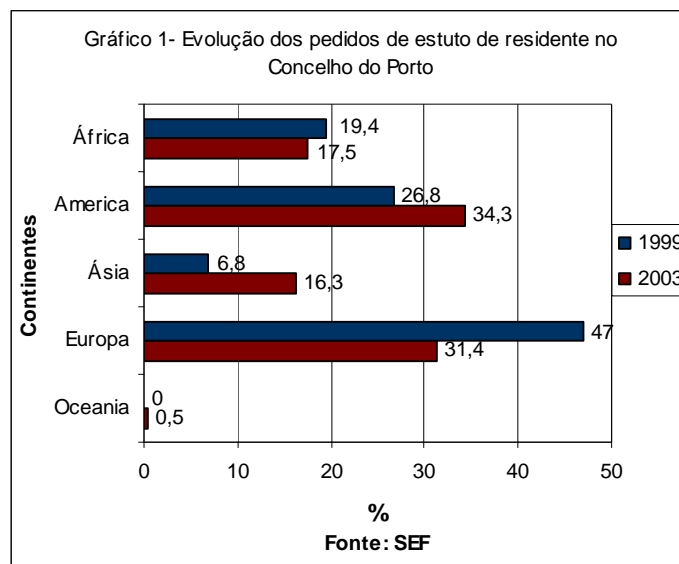
Notas:

- Todos estes dados foram agregados a partir da consulta a listagens do SEF disponibilizadas à C.M.P. – Fundação para o Desenvolvimento Social do Porto.
- Percentagens calculadas em relação ao total geral.

De 1999 a 2003, não parece haver alterações significativas no Ranking dos pedidos de estatuto de residente segundo a origem, destacando-se neste período os pedidos de estrangeiros oriundos da Europa e da América (especialmente Brasil). De salientar em 2002 uma subida significativa nos pedidos de estrangeiros da Ásia (especialmente da China)

É de salientar o ínfimo peso dos pedidos em relação a estrangeiros da Europa de Leste, muito embora com uma maior representatividade em 2003 com 5,4% – o que leva a reflectir sobre a precariedade da situação dos indivíduos oriundos dessa parte do globo, sendo visível na cidade a sua presença e sendo conhecida a representatividade da sua recorrência às instituições da cidade em busca de respostas para os seus problemas (dados apresentados no ponto seguinte).

Em relação à evolução (entre 1999 e 2003) dos pedidos de estatuto de residente no Concelho do Porto - Gráfico1 – as diferenças mais significativas referem-se a pedidos de estrangeiros da Ásia com um aumento em 2003 de 9,5% e da Europa com um decréscimo de 15,6% em 2003.



I.2.2.1 – Os Imigrantes no Porto Segundo a Percepção dos Técnicos dos Serviços Sociais

Ainda para efeitos de contextualização do fenómeno da imigração no Concelho do Porto consideramos útil sistematizar e analisar um conjunto de dados recolhidos no âmbito de um estudo promovido pela Câmara Municipal do Porto no ano de 2003, pela realização do qual estive responsável em termos do seu planeamento e operacionalização (e que não chegou a ser concluído, por motivos de alteração da macro estrutura da edilidade e de mudanças políticas) – (anexo 1 – Plano de Estudo).

Os dados que chegaram a ser recolhidos foram analisados no âmbito do mestrado em Relações Interculturais, tendo sido solicitada autorização para a sua utilização à Direcção de Desenvolvimento Social. Essa análise, que efectuamos e explicitamos no estudo que se apresenta, indica-nos que as instituições de solidariedade social da cidade e outras instituições locais vocacionadas para o

trabalho social com imigrantes e minorias étnicas, confrontavam-se com uma acentuada procura de serviços de apoio social - alimentação, vestuário, alojamento temporário, lavandaria e balneários - por parte da população imigrante, bem como de serviços de apoio jurídico à sua legalização e de apoio à empregabilidade e às relações laborais.

Através da análise das informações relativas às instituições “especializadas” na área da imigração¹³ que foram objecto de inquirição¹⁴, concluímos que, o trabalho, o apoio jurídico, a tradução de documentos e o reagrupamento familiar são as respostas mais solicitadas. Destaca-se a formulação de pedidos de apoio social (alimentação, roupas, alojamento), de indivíduos da Europa de Leste, que não têm possibilidade de se integrar porque não reúnem condições para se legalizar e arranjar trabalho).

As instituições designadas de especializadas não fornecem respostas ao nível do apoio social, sendo que, a maioria dos encaminhamentos para a prestação desse apoio é efectuado para a Associação Migalha de Amor, a Santa Casa da Misericórdia, o Albergue nocturno, Igreja Baptista e para as Ordens da Trindade e de S. Francisco – que fornecem respostas ao nível das necessidades básicas.

Na análise da origem dos imigrantes que recorreram a essas instituições aparecem os imigrantes da Europa de Leste em 1º lugar; em 2º lugar os Brasileiros e em 3º lugar os Africanos dos PALOP. Só na Comissão Nacional de Legalização de Imigrantes, durante o mês de Fevereiro de 2003, recorreram à instituição cerca de 600 imigrantes, sendo 462 da Europa de Leste; 132 do Brasil e 66 dos PALOP. E no Secretariado Diocesano das Migrações durante o mesmo mês recorreram à instituição cerca de 400 imigrantes todos da Europa de Leste.

¹³ No âmbito desse estudo foram designadas de Instituições “especializadas” – tipo A, aquelas que desenvolvem actividades específicas na área da imigração.

¹⁴ Alto Comissariado para a Imigração e Minoria Étnicas; Secretariado Diocesano das Migrações; CNLI - Comissão Nacional para a Legalização de Imigrantes.

Segundo a percepção dos técnicos especializados, o imigrante de outras origens para além da Europa de Leste, tem alguma retaguarda, quer de familiares, quer de compatriotas (colegas, amigos, conhecidos) que já estão instalados em Portugal. A maioria dos indivíduos da Europa de Leste não tem tido esse tipo de suporte, daí a representatividade da sua recorrência aos serviços da cidade.

Segundo a percepção dos técnicos, em relação ao fluxo dos anos: 2001 e 2002, há mais pessoas imigrantes a trabalhar e com alojamento do que pessoas sem trabalho e sem alojamento. Relativamente à questão da legalização, as opiniões dividem-se - há quem considere que há mais pessoas imigrantes com situações de legalização por resolver do que pessoas em situação regular e há quem tenha a percepção contrária.

O tipo de respostas procuradas não variou segundo a origem. É referida uma particularidade em relação aos Africanos, que é a de que costumam pedir apoio monetário.

Em relação aos problemas/potencialidades diagnosticados pelos técnicos, que lidam com imigrantes de várias origens destacam-se os seguintes:

- * Para os imigrantes da Europa de Leste a língua é uma enorme barreira, mas têm muita facilidade de integração profissional, ou seja, adaptam-se facilmente às regras e às tarefas a realizar. Estão a exercer profissões muito abaixo das suas habilitações e competências técnicas.
- * Os Africanos: têm dificuldades de integração profissional muito associadas às baixas habilitações literárias e profissionais.
- * Os Chineses são muito trabalhadores, entreadjudam-se, mas não se integram socialmente. É uma comunidade muito fechada. Têm um mediador que os representa e que intercede na resolução dos seus problemas. Têm uma elevada auto-organização comunitária. Um Chinês não recorre a este tipo de serviços.

Em termos de soluções para os problemas identificados foram apresentadas as seguintes:

- * A informação é uma questão estratégica: “Há pessoas que vêm enganadas”. Essa informação deveria desde logo começar nos países de origem: “informar qual é a situação de Portugal ao nível da habitação, do emprego, quanto custa uma casa, qual é o ordenado mínimo...”
- * É necessário actuar nas situações marginais (situações sem alojamento, sem emprego sem alimentação e sem nenhuma retaguarda).
- * Apostar em acções anti-racismo “É preciso que os Portugueses aprendam a confiar nestas pessoas”.
- * Promover o trabalho em Rede – otimizando e evitando a duplicação de respostas “deveria haver mais conhecimento entre as instituições acerca do que cada uma faz”.
- * Garantir o acesso aos serviços de saúde sem restrições: “é uma questão de saúde pública”; “os imigrantes que vivem na clandestinidade, em situação precária ficam debilitados, porque se alimentam mal, dormem mal, e têm muitos problemas de saúde”.

Em relação ao perfil dos imigrantes que têm recorrido às instituições especializadas, segundo a sua origem é o seguinte:

- ✓ Os da Europa de Leste, situam-se na faixa etária dos 25-45 anos; a maioria possui o 12º ano e outros possuem cursos profissionais e formação superior; na generalidade são casados e têm filhos- que deixaram no país de origem.
- ✓ Os Brasileiros, situam-se na faixa etária dos 25-45 anos; a maioria possui a 4ª classe e os restantes não têm grau de ensino; são fundamentalmente do Nordeste Brasileiro; a maioria são casados com filhos e os restantes são solteiros.

- ✓ Os originários dos P.A.L.O.P., situam-se na faixa etária dos 25-45 anos, a grande maioria sem grau de ensino e analfabetos; a maioria são casados com filhos mas também aparecem muitos solteiros.

Relativamente a outras características apontadas destaca-se a questão da mobilidade dos imigrantes de Leste “estão 6 meses no Porto, e depois podemos encontrá-los na Madeira” e a importante questão do reagrupamento familiar “há pessoas que decidiram ficar, querem integrar-se, trazer a família, inserir os filhos nas escolas, nas creches, nos infantários...).

As conclusões da análise das informações relativas às instituições “não especializadas”¹⁵ na área da imigração (instituições designadas de tipo B), que chegaram a ser inquiridas¹⁶ são muito sinteticamente as seguintes:

- I. Destaca-se a recorrência a estas instituições de indivíduos da Europa de Leste, seguidos dos Africanos dos P.A.L.O.P. e dos Brasileiros.
- II. A resposta mais procurada é a alimentação seguida da distribuição de roupas e cuidados de enfermagem. Só na Associação Migalha de Amor, de acordo com as estimativas, recorriam na altura da recolha de dados diariamente, para alimentação, aproximadamente 125 imigrantes (105 da Europa de Leste; 15 dos P.A.L.O.P e 3 do Brasil) num universo de cerca de 500 utentes, ou seja, a sua representatividade era de cerca de 25%.
- III. De salientar que entre 2000 – 2001, a procura destes serviços era maior em relação a 2003 (altura da recolha de informação), sendo que, na Associação Migalha de Amor (que fornece gratuitamente 1 refeição por dia), dos inscritos (cerca de 500) metade eram imigrantes - na sua maioria

¹⁵ Instituições “não especializadas” na problemática da imigração: as respostas que fornecem não se dirigem especificamente a esta população, contudo, por lidarem com a mesma possuem informações necessárias ao conhecimento da problemática. São instituições que fornecem respostas essencialmente ao nível das necessidades básicas da população em situação ou em processo de exclusão.

¹⁶ Unidade de inserção na vida activa (UNIVA) - instalada na junta de freguesia de Cedofeita; Venerável irmandade da Nossa senhora do Terço; Associação de apoio à vítima; EMAÚS – Caminho e Vida; Venerável ordem terceira de S. Francisco; Instituto Companheiros de EMAUS; Associação Migalha de Amor: Coração da Cidade; Santa Casa da Misericórdia do Porto: Casa da Rua; Cruz Vermelha Portuguesa.

da Europa de Leste - em 2 anos decresceu para metade, sendo ainda um n.º muito significativo.

- IV. O perfil dos imigrantes que recorrem a este tipo de respostas é semelhante ao perfil dos que recorrem às instituições especializadas.
- V. No conjunto dos técnicos destas instituições assistenciais, a sua percepção em relação à situação dos imigrantes do fluxo referente aos anos: 2001-2002, é a de que há mais pessoas sem trabalho e sem alojamento do que pessoas com trabalho e com alojamento e há mais pessoas com situações de legalização por resolver do que pessoas em situação regular.

Reflectindo sobre a análise que elaborámos, cujas conclusões acabamos de apresentar salientamos a representatividade dos cidadãos da Europa de Leste na recorrência a respostas do tipo: necessidades básicas.

Se considerarmos que no ano 2000, 5 indivíduos da Europa de Leste pediram estatuto de residente no Concelho do Porto (quadro 9 - p.33) e que no mesmo ano cerca de 250 imigrantes, na sua maioria da Europa de Leste, recorriam a uma instituição vocacionada a dar resposta aos Sem Abrigo da cidade do Porto (p.38-39, ponto III), concluímos que nesse ano a dimensão da população imigrante da Europa de Leste em processo ou em situação de exclusão na cidade do Porto era significativa: poucos pediram estatuto de residente, mas muitos viviam na clandestinidade.

Machado, referindo-se a Portugal, afirma que ...“torna-se evidente que o problema da imigração clandestina tem adquirido cada vez mais carácter estrutural” (1997,p.28).

A este respeito, Ramos afirma que “os obstáculos jurídicos não são suficientes para impedir os fluxos migratórios”, uma vez que na dinâmica migratória, “as forças de mercado sobrepõem-se aos factores institucionais” (1995,p.136).

Segundo Ramos (2003), se os governos não derem mais atenção à inclusão social, pode-se prever que os custos sociais da imigração ofusquem os benefícios económicos da mão-de-obra imigrante.

Quando existe retaguarda familiar ou de amigos que no país de acolhimento já conseguiram residência fixa e trabalho estável, os imigrantes, nomeadamente os clandestinos, encontram condições de sobrevivência mais dignas, que constituem um suporte essencial à sua integração, acabando por funcionar como um pequeno cosmos identitário essencial para que o indivíduo não seja empurrado para a marginalidade.

Os imigrantes da Europa de Leste são uma diáspora em formação¹⁷ e constituem um fluxo migratório, que evidencia sinais de exclusão social na cidade do Porto.

Para além dos imigrantes da Europa de Leste existem imigrantes de outras origens instalados na cidade do Porto, cujas dificuldades de integração se desconhecem: comunidade Africana dos P.A.L.O.P.; comunidade Cabo-Verdiana; comunidade Chinesa; comunidade Hindu.

Muitos já se organizaram em Associações, evidenciando já as suas “marcas territoriais”¹⁸.

¹⁷ Não se pode confundir migração com diáspora – no sentido mais amplo - muito embora toda a diáspora resulte de uma migração ela é uma construção simbólica ligada aos processos da identidade cultural. Segundo Bruneau (1994), os trabalhadores migrantes que se instalam num país de acolhimento, não constituem nos primeiros decénios uma diáspora, pois só começam a manifestar uma consciência identitária depois de passarem as dificuldades da primeira instalação, após dois ou três decénios.

¹⁸ “Os edifícios religiosos e as sedes de associações, na sua arquitectura, ou somente com a sua decoração interior são as principais marcas territoriais de identidade. São os lugares onde melhor se exprime a memória colectiva da diáspora, pelas imagens expostas ou pelas cerimónias ou festas que se desenrolam nas datas comemorativas” (Bruneau,1994,p.10).

I.3 – Adaptação e Identidade

I. 3.1 – A Relação do Indivíduo com o Mundo Social

Os migrantes de todas as épocas evocam diversas imagens. A partida, a viagem, a chegada a uma nova terra são fases de uma trajectória com consequências na vida de quem parte.

O sucesso ou o insucesso destes processos prendem-se com um conjunto de factores de diversa ordem, difíceis de calcular à partida. No conjunto destes factores encontram-se as condições que na sociedade receptora favorecem ou constroem a adaptação do indivíduo à estrutura social, onde o mesmo irá dar continuidade à sua experiência enquanto ser social e cultural, numa relação dialéctica.

No processo de adaptação do indivíduo imigrante, na sociedade de acolhimento, a troca de símbolos culturais e o impacto de situações vividas de adversidade, desafiam a sua identidade, sendo que, para além das condições objectivas de vida, o indivíduo confronta-se com um contexto culturalmente diverso onde terá que interagir, interpretando comportamentos e práticas e revelando-se com os seus, próprios da sua cultura.

Segundo Cucho (1999), os comportamentos humanos são induzidos em boa parte pela cultura, sendo correcto pensar a diversidade humana com base na noção de cultura.

São vários os autores que se pronunciam acerca desta questão e numa perspectiva de síntese, procuramos elencar algumas das suas principais propriedades:

A cultura traduz-se numa determinada forma de pensar e agir, podendo ser designada como “um sistema de valores, de representações e de comportamentos que permitem a cada grupo identificar-se, orientar-se e agir no espaço social ambiente” (Cucho,1999,p.80).

A cultura é própria do ser humano e não sendo algo homogêneo explica a diversidade das suas formas de pensar e agir.

Geertz (1989), considera que o processo do “tornar-se humano” só é possível via cultura (cultura entendida como um conjunto de mecanismos simbólicos extra-somáticos para controle do comportamento). As suas considerações acerca do papel da cultura sugerem que sem os homens certamente não haveria cultura mas, de forma semelhante e muito significativamente, sem cultura não haveria homens.

“A noção de cultura aplica-se apenas ao que é humano. E oferece a possibilidade de concebermos a unidade do homem na diversidade dos seus modos de vida e de crenças” (Cuche,1999,p.23).

A cultura é algo que se transmite e tem um carácter evolutivo e simbólico. “A cultura é transmissível e é modificável” (Ouellet,1991,p.33). “O indivíduo é perpetuamente instalado num conjunto simbólico, num universo de significações que se formam e evoluem ao longo da sua existência” (Ouellet,1991,p.36).

“...o uso da noção de cultura leva directamente à ordem simbólica, ao que se refere ao sentido, quer dizer àquilo a cujo propósito o entendimento se torna mais difícil” (Cuche,1999,p.22).

“O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural” (Laraia, 1986,p.70).

A cultura não é algo que é assumido pelo indivíduo de forma consciente, sendo que, “...relewa em grande parte de processos inconscientes” (Cuche, 1999, p. 124).

A cultura não só molda o pensamento e a acção do indivíduo como também vai sendo construída e reconstruída por ele na relação que vai estabelecendo com os demais.

“A cultura é acção, interacção, comunicação. O indivíduo não é somente produto da sua cultura, mas também a constrói, a reconstrói, a recria, em função das problemáticas e das estratégias diversificadas e num contexto marcado pela diversidade e pela pluralidade” (Ramos,2001,p.165).

A cultura não é estática, e “o que constitui a cultura no seu aspecto dinâmico são as actualizações das inter-relações entre os indivíduos e os conjuntos de significados da comunidade ambiente” (Clanet,1990,p.16).

Segundo Cuche (1999), para os interaccionistas, a cultura só existe através da interacção entre os indivíduos. Segundo Sapir, “uma cultura é um conjunto de significações que os indivíduos de um dado grupo comunicam através das interacções” (Sapir,in Cuche,1999,p,79). Cuche explicita que Sapir “considera a cultura como um sistema de comunicação interindividual” (idem).

As considerações anteriormente explanadas resultam na compreensão do que é e para que serve a cultura, no entanto, outra questão se levanta e que se prende com a forma como funciona o processo de produção e reprodução das culturas que constituem o social, à qual nos parece inerente a forma como o homem se constrói enquanto ser social e cultural no contexto em que vive.

Segundo Berger & Luckman (1999), o homem é produto e produtor da sociedade na medida em que a sua acção produz uma ordem institucionalizada, uma certa forma de agir e de estar que por sua vez é interiorizada no processo de socialização.

No processo de socialização há uma série de imagens, que se apreendem, se interiorizam e se preservam e que passam a fazer parte das nossas culturas.

“... o ser humano em desenvolvimento não só se relaciona com um ambiente natural próprio como também se relaciona com uma ordem cultural e social específica”(p.60), sendo no decurso da socialização que “o mundo social objectivado é reintroduzido na consciência através do processo de interiorização” (p.72).

Os autores explicam que a realidade social é objectiva e subjectiva, pois é constituída por fenómenos independentes da nossa vontade que reconhecemos como reais sendo apreendida por meio do processo de “exteriorização”, objectivada no processo de “objectivação” e provida de sentido no processo de interiorização¹⁹

Assim, a realidade da vida quotidiana é por um lado, um mundo com origem em pensamentos e acções e por outro, uma realidade objectiva, interpretada “e, de modo subjectivo dotada de sentido” (p. 31)

Em termos da forma como a realidade é subjectivamente apreendida, o autor defende que a realidade objectiva e objectivada pela consciência é incorporada subjectivamente pelo indivíduo e dotada de significado por meio de processos simbólicos (processos de significação) que derivam na constituição progressiva do universo simbólico.

“O universo simbólico proporciona a ordem para a apreensão subjectiva da experiência biográfica” (p.106), sendo concebido “como a matriz de todos os significados com objectivação social” (p.105).

Este fenómeno de construção do homem enquanto ser social é engendrado através da interacção e comunicação com os *outros*, sendo através destes que existimos na vida quotidiana. *Outros*, que avaliamos e categorizamos em função de tipificações que cristalizadas constituem instituições²⁰, que compõem a estrutura social.

¹⁹ Segundo Berger & Luckman (1999) o processo dialéctico contínuo entre o mundo social e o homem é composto de três momentos, a saber, de Exteriorização “as instituições existem como uma realidade exterior pelo que o indivíduo tem que sair de si para as apreender” – p.71; de Objectivação “ processo pelo qual os produtos exteriorizados da actividade humana adquirem carácter de objectividade” – p. 72; e de Interiorização “a apreensão ou interpretação imediata de um acontecimento objectivo como exprimindo sentido, isto é, como manifestação de processos subjectivos de outrem que assim se torna, em termos subjectivos, significativo para mim” (p. 137).

²⁰ Para Berger & Luckman (1999) “a institucionalização ocorre sempre que há uma tipificação recíproca, por tipos de actores, de acções tornadas hábito”, sendo que, “qualquer uma dessas tipificações é uma instituição” (p. 66).

“A realidade da vida quotidiana contém esquemas tipificadores em termos dos quais apreendemos os outros e lidamos com eles nos encontros frente-a-frente” (p. 42). “A estrutura social é o resultado dessas tipificações e dos recorrentes padrões de interacção estabelecidos pelo seu intermédio. Enquanto tal a estrutura social é um elemento essencial da realidade da vida quotidiana” (p. 45).

De todas estas considerações resulta a conclusão de que o homem é em última análise formado por um conjunto de determinações socioculturais que vão sendo incorporadas no processo de socialização, iniciado na infância (socialização primária) e que continua ao longo da vida do indivíduo (socialização secundária)²¹.

Nesse processo, o indivíduo vai então construindo a sua identidade, no contexto de uma estrutura sociocultural específica.

“A identidade é um elemento-chave evidente da realidade subjectiva e, tal como toda a realidade subjectiva, encontra-se em relação dialéctica com a sociedade. A identidade é formada por processos sociais. Uma vez cristalizada, é mantida, modificada ou mesmo remodelada pelas relações sociais. Os processos implicados na formação e conservação da identidade são determinados pela estrutura social” (p. 179).

A estrutura social é assim um mundo povoado de identidades que lhe dão corpo e sentido, as quais por sua vez dependem dessa estrutura para se constituírem, manterem ou modificarem.

“Pela própria natureza da socialização, a identidade subjectiva é uma entidade precária. Está dependente das relações individuais com os outros significativos, que podem mudar ou desaparecer” (p. 109), o que significa que “o indivíduo pode viver em sociedade com certa segurança de que é, de facto, o que considera ser enquanto desempenha os seus papéis sociais rotineiros em plena luz do dia e sob o olhar dos outros indivíduos significativos” (idem).

²¹ “A socialização primária é a primeira socialização que o indivíduo experimenta na infância e em virtude da qual se torna membro da sociedade. A socialização secundária é qualquer processo subsequente que introduz um indivíduo, já socializado, em novos sectores do mundo objectivo da sua sociedade” – Berger & Luckman, 1999, p. 138)

Da análise das exposições dos autores considerados resulta claro que a estrutura é entendida simultaneamente como condição e resultado da acção, como possibilitadora e constrangedora da intervenção do actor.

Assim, a realidade social não é estática, é construída e reconstruída pelas e nas relações que os indivíduos estabelecem entre si.

Também Bourdieu na sua obra²² analisa a forma como os indivíduos incorporam a estrutura social, ao mesmo tempo que a produzem, legitimam e reproduzem.

O autor chama a atenção para a importância das práticas sociais na produção da realidade social.

“o *Habitus* é ao mesmo tempo princípio gerador de práticas objectivamente classificáveis e sistema de classificação dessas práticas. É na relação entre as duas capacidades que definem o *Habitus*, capacidade produzir práticas e de as classificar, capacidade de diferenciar e de apreciar estas práticas e os seus produtos, que se constitui o mundo social representado, ou seja, o espaço dos estilos de vida” (Bourdieu, 1979, p. 190).

O autor defende que o conjunto das práticas sociais que constituem os diferentes modos de vida é mediado pelo *Habitus*, produto da socialização, constituído em condições sociais específicas, por diferentes sistemas de disposições produzidos em condicionamentos e trajetórias diferentes, em espaços distintos como a família, a escola, o trabalho, os grupos de amigos e/ou a cultura de massa.

O princípio que funda o conceito é o da relação dialéctica entre uma conjuntura e sistemas de disposições individuais em processo de interacção constante com as estruturas. Assim, a perspectiva histórica, a interpenetração entre passado, presente (trajetória) e futuro (o devir) são dimensões constitutivas do *Habitus*.

²² Não foi analisada toda a obra de Bourdieu mas a bibliografia seleccionada permitiu-nos compreender o essencial acerca da noção de *habitus* que se apresenta de forma resumida.

“...os agentes sociais determinam activamente, por intermédio de categorias de percepção e de apreciação social e historicamente constituídas, a situação que os determina. Podemos dizer até que os agentes sociais são determinados somente e na medida em que eles se determinam; mas as categorias de percepção e de apreciação, que são o princípio desta (auto)determinação, são elas mesmas, em grande parte, determinadas pelas condições económicas e sociais de sua constituição” (Bourdieu, 1992, p. 111).

Apesar do carácter dinâmico do social isso não anula a existência de uma estrutura social, presente no processo de socialização a que os indivíduos são continuamente submetidos nas interações entre si. Essas interações configuram-se de acordo com o *Habitus* de vida dos indivíduos que interagem, entendendo-se por *Habitus*, um sistema de disposições duráveis, interiorizadas pelos indivíduos, a partir das suas experiências no mundo social.

As práticas sociais resultam da relação dialéctica entre o *Habitus* e uma situação determinada da vida do indivíduo, ideia esta proposta por Bourdieu, que nos permite articular a dimensão objectiva (condicionantes estruturais) e a dimensão subjectiva (objecto interiorizado) pelo indivíduo, de acordo com as suas condições de vida, isto é, permite-nos articular a estrutura social com as práticas sociais e entender a realidade social na sua totalidade e multidimensionalidade.

As práticas sociais e culturais dos indivíduos resultam, deste modo, da articulação com os sistemas de disposições interiorizados (*Habitus*) pelos indivíduos, ao longo das respectivas trajectórias de vida.

O *Habitus* é portanto o modo como a sociedade é incorporada pelos indivíduos sob a forma de disposições duráveis, ou capacidades treinadas e propensões estruturadas para pensar, sentir e agir de modos determinados, orientando-as face aos constrangimentos e solicitações do seu meio social existente.

Estrutura social tornada estrutura mental, o *Habitus* “torna possível o estabelecimento de uma relação compreensível e necessária entre as práticas e uma situação que produz o sentido de acordo com categorias de percepção e de

apreciação elas mesmas produzidas por uma condição objectivamente observável” (Bourdieu,1979, p. 112).

Segundo o autor (1979), a prática é o resultado da combinação de 3 elementos: *Habitus*; capital e campo.

O exercício das práticas sociais é explicado como fruto de diferentes estratégias, produzidas a partir da influência do *Habitus*, e de acordo com a inserção dos indivíduos em determinados campos sociais.

O conceito de campo social, é compreendido como o espaço onde se adquire e se utiliza o capital específico, que corresponde não só a recursos de ordem económica, mas também recursos culturais, sociais e simbólicos em condições de serem “investidos” e “multiplicados”.

Articulando estas suas duas noções fundamentais, Bourdieu (1994) considera que “toda a sociedade repousa sobre a relação entre dois princípios dinâmicos (...) de um lado, as estruturas objectivas e, mais precisamente, a estrutura de distribuição de capital e dos mecanismos que tendem a assegurar a reprodução; de outro lado, as disposições à reprodução. É nessa relação entre esses dois princípios que se definem os diferentes modos de reprodução, e em particular as estratégias de reprodução que a caracterizam” (p. 3).

Assim, as estratégias são resultantes de *Habitus* determinados, construídos de acordo com as condições específicas de cada indivíduo. As estratégias de reprodução têm como objectivo garantir a manutenção ou melhoria da posição dos agentes nos campos onde são accionadas, sendo que, por meio da razão *prática*, o indivíduo tem a capacidade de adoptar estratégias conforme a lógica do campo.

O *Habitus* resume uma aptidão social que é, por esta mesma razão, variável através do tempo, do lugar e, sobretudo, através das distribuições de poder; é transferível para vários domínios de prática, o que explica a coerência que se verifica, por exemplo, entre vários domínios de consumo – na música, desporto, alimentação e mobília, mas também nas escolhas políticas e matrimoniais – no

interior e entre indivíduos da mesma classe e que fundamenta os distintos estilos de vida; é durável mas não estático ou eterno: as disposições são socialmente montadas e podem ser corroídas, contrariadas, ou mesmo desmanteladas pela exposição a novas forças externas, como por exemplo, em situações de migração.

O *Habitus* opera como o “princípio não escolhido de todas as escolhas” guiando acções que assumem o carácter sistemático de estratégias mesmo que não sejam o resultado de intenção estratégica e sejam objectivamente “orquestradas sem serem o produto da actividade organizadora de um maestro” (Bourdieu,1990, p. 256).

Nesta perspectiva de acção disposicional, o actor económico não é o indivíduo isolado da teoria neoclássica, que procura deliberadamente maximizar a utilidade na perseguição de objectivos claros; é antes e segundo Bourdieu (1997) um ser carnal habitado pela necessidade histórica que se relaciona com o mundo através de uma relação opaca de “cumplicidade ontológica” e que está necessariamente ligado aos outros através de uma “conivência implícita” sustentado por categorias partilhadas de percepção e de apreciação.

O *Habitus* entendido como matriz cultural que predispõe os indivíduos a fazerem as suas escolhas, constitui-se como um instrumento para compreender o processo de constituição e reconstituição das identidades no mundo contemporâneo.

Também Giddens (1996) se pronuncia em relação aos processos de interacção entre o indivíduo e a sociedade. Na sua teoria da estruturação o indivíduo é encarado como um agente em relação dialéctica com a sociedade (o individuo é um agente de mudança que influencia e é influenciado pelo sistema, ou seja, o individuo está em acção evidenciando capacidades, cognoscibilidade e continuidade espaço-temporal).

A teoria da estruturação para além de conciliar as teorias da acção e as da estrutura, supera o dualismo da estrutura por uma dualidade em que as estruturas e as acções se constituem mutuamente” (Lopes, s.d.p.70).

“O objecto da teoria da estruturação é, então, a produção e reprodução das práticas sociais no espaço-tempo, práticas que, sendo recorrentes e reflexivas, permitem, paralelamente, a continua reprodução dos sistemas sociais” (idem).

No processo de interacção indivíduo – sociedade está inerente a relação entre o *eu* e o *outro*, o que nos remete na análise de situações de imigração, para a abordagem dos contornos do fenómeno intercultural.

1.3.2 – O Contacto Intercultural

Segundo Clanet (1990) fala-se de comunicações ou relações interculturais ou de interculturalidade para designar as relações entre culturas.

Dada a complexidade e a dinâmica dos processos originados pelas interacções culturais e as interpenetrações de culturas a definição do intercultural não se afigura fácil.

Relativamente à questão intercultural, os termos multiculturalismo e interculturalismo são muitas vezes usados como sinónimos. No entanto, a palavra multiculturalismo também é utilizada para significar uma realidade social caracterizada pela presença de diferentes grupos culturais numa dada sociedade.

A tomada de consciência desta realidade, em geral, é motivada por factos concretos que explicitam diferentes interesses, discriminações e preconceitos presentes no tecido social.

O interculturalismo supõe uma deliberada inter-relação entre diferentes culturas. O prefixo *inter*, indica uma relação entre vários elementos presentes: marca uma reciprocidade (interacção, intercâmbio). “É o olhar sobre as relações entre culturas, que nos conduz às noções de relações interculturais e de interculturalidade”(Clanet,1990, p.18).

Segundo Clanet (1990), a concepção intercultural é o modo particular de interacções e inter-relações produzidas aquando do contacto entre culturas diferentes e o conjunto de mudanças e de transformações que daí resultam. O autor define interculturalidade como “o conjunto dos processos psíquicos,

relacionais, grupais, institucionais, gerados pelas interações das culturas, numa existência de mudanças recíprocas e numa perspectiva de salvaguarda duma relativa identidade cultural das partes em relação”(Clanet, 1990, p.21).

Esta noção remete-nos, entre outras, para as questões da aculturação e da identidade.

O fenómeno da aculturação está inerente ao contacto intercultural. “a aculturação interpela directamente todas as reflexões ligadas às sociedades pluriculturais” (Abdallah-Pretceille,1996,p.45). O conceito de aculturação surge por volta dos anos 30 nos Estados Unidos, no âmbito da Antropologia Cultural. Segundo Abdallah-Pretceille (1996), Bastide é o autor que melhor sintetizou e desenvolveu estudos relativos à aculturação.

De acordo com a definição clássica, a aculturação designa o “conjunto dos fenómenos que resultam do contacto entre indivíduos de culturas diferentes, contínuo e directo, com as mudanças que sobrevivem nos padrões culturais originais de cada um dos grupos” (Redfield,1936,p.38, in Abdallah-Pretceille,1996, p.45).

O termo aculturação designa um fenómeno dinâmico na sua realidade temporal, segundo Bastide (in Abdallah-Pretceille,1996,).

Segundo Abdallah-Pretceille (1996) são vários os níveis de análise em torno do conceito de aculturação: aculturação individual ou de grupo, aculturação culinária, linguística, aculturação positiva ou negativa, passiva ou activa, parcial ou total, material ou formal, sendo que Bastide distingue aculturação material e formal. A primeira é entendida como “ a difusão dum traço cultural, a mudança de um ritual, a propagação de um mito” (Bastide1970,p,137 in Abdallah-Pretceille,1996,p.46), a segunda, designa “uma aculturação da psique ao nível perceptivo, mnemónico, lógico e afectivo”(idem).

Para melhor compreender e delimitar o conceito de aculturação há uma série de outros conceitos que importa distinguir teoricamente e que Abdallah-Pretceille (1996) aborda. São eles o conceito de endoculturação; de desculturação, de aculturação e de integração. Segundo a autora, enquanto que a endoculturação se

realiza no decurso da aprendizagem através da transmissão duma geração a outra de traços culturais, a aculturação, realiza-se em indivíduos já endoculturados. “A endoculturação é o processo que liga o desenvolvimento das pessoas aos seus contextos culturais, ao passo que a aculturação é um processo porque passam as pessoas, frequentemente já na idade adulta, em reacção a uma mudança de contexto cultural. A aculturação é uma forma de mudança cultural suscitada pelo contacto com outras culturas” (Neto,1993,p.41).

A desculturação não é a desconstrução do processo de aculturação, esta indica “um processo de aquisição... sem necessariamente a ideia de ganho ou de perda” (Unesco,1980, in Abdallah-Preteille,1996,p.47). O termo desculturação encerra uma conotação negativa em relação à identidade cultural original do indivíduo ou do grupo e não em relação ao processo de aculturação. O termo é utilizado como sinónimo de marginalização cultural

A noção de a-culturação tem um sentido negativo que exprime a ideia de privação de cultura, o que é sociologicamente impossível, pois “todos os indivíduos são endoculturados e aculturados em diversos níveis, visto que todos são inseridos em situações de contacto”(Abdallah-Preteille,1996,p.47).

Em relação à distinção entre aculturação e integração a autora refere que a integração é um processo sociológico enquanto que a aculturação é um processo cultural, podendo existir integração sem aculturação.

Ainda no domínio do fenómeno da aculturação, não poderíamos deixar de abordar as questões ligadas às situações e aos processos de aculturação.

No estudo das situações de aculturação é preciso ter em conta o contexto caracterizado pelo grupo em presença e pelo *outro* e condicionado por uma conjuntura política, histórica e económica. Segundo Abou (1981), a aculturação, varia em função das populações em contacto conforme o seu nível de proximidade, o seu grau de prestígio e a homogeneidade ou heterogeneidade existente.

Estas ideias remetem para a questão dos processos de aculturação e a este propósito Bastide (1971) aborda a questão da aceitação do outro, considerando que a aceitação da cultura estrangeira (*a aceitação do outro*) por parte da cultura receptora (*por parte do eu*) será mais difícil quanto maior o afastamento existente entre as formas dos traços culturais de ambas.

Essa relação entre afastamento e aceitação é justificada pelas implicações que esse afastamento tem no processo de reinterpretação dos traços culturais do *outro*, sendo que, na base dessa reinterpretação estão categorias lógicas e afectivas de uma determinada mentalidade, "...um traço cultural...será melhor recebido e integrado quanto maior for a harmonia do seu valor semântico com o campo das significações da cultura receptora"(Bastide,1971,p.52).

O autor aborda outra questão extremamente importante e a ter em conta em todos os processos e níveis de intervenção, que é a questão das funções de uma cultura, que são menos transferíveis que as suas formas ou configurações. A função social de determinadas práticas culturais deve ser estudada e compreendida, por parte de quem tem a pretensão de melhorar a vida de determinados grupos ou comunidades.

Segundo Abou (1981), existem diferentes processos de aculturação, dependendo dos quadros sociais em que se inscrevem: aqueles em que são dominantes os processos de reinterpretação e aqueles em que são dominantes os processos de síntese. Aos primeiros está subjacente uma aculturação material, ou seja, "uma aculturação que afecta os conteúdos da cultura do grupo receptor e que deixa intacta a sua maneira de viver, de pensar e de sentir"(Abou,1981,p.57); aos segundos está subjacente uma aculturação formal, ou seja, os processos de síntese são dominantes "quando afectam as estruturas do pensamento e da sensibilidade do grupo receptor" (Abou,1981,p.58). É referido um terceiro processo: processo de sincretismo em que há uma combinação dos elementos materiais e formais das duas culturas em contacto conduzindo à construção de um novo produto cultural.

Estas considerações remetem para a abordagem de Neto (2002), a propósito da distinção entre aculturação (processo a nível colectivo) e aculturação psicológica (processo a nível individual), sendo que, esta última respeita “a mudanças que um indivíduo experiêcia em resultado de estar em contacto com outras culturas e de participar no processo de aculturação porque passa o seu grupo cultural ou étnico” (Neto, 2002, p.246)

Assim, com base nas considerações explicitadas, pode-se afirmar que a aculturação para além de um processo cultural subjacente ao contacto intercultural é também um fenómeno social e psicológico dinâmico, sendo por isso um processo complexo e multifacetado envolvendo uma série de variáveis, que Neto (2002) coloca a dois níveis: o individual que engloba variáveis comportamentais e o populacional, que engloba variáveis ecológicas, sociais, culturais e institucionais.

À complexidade do fenómeno de aculturação estão subjacentes uma série de dificuldades, despoletadas pelo contacto intercultural, sendo algumas enumeradas por Neto (2002), a saber: a desvinculação; o stress de aculturação; os estereótipos; o viés nas atribuições; a ansiedade intergrupar; o etnocentrismo; a discriminação percebida.

Focalizando a nossa atenção na questão do etnocentrismo, se nos detivermos a analisar o significado etimológico do termo ficamos logo à partida com a noção daquilo que o mesmo designa. ETNO significa cultura e CENTRISMO ter como centro, a partir destes significados podemos considerar que o etnocentrismo é a atitude de considerar a nossa cultura como a medida de todas as outras, ou seja, o etnocentrismo está presente quando avaliamos a cultura do outro a partir da nossa que consideramos superior.

A grande questão do etnocentrismo refere-se ao posicionamento, à atitude, à forma como o *eu* olha a cultura do *outro*, sendo que, o *eu* não consegue interpretar e aceitar a cultura do *outro*, traduzindo-se numa resistência ao outro diferente de mim.

A propósito do estabelecimento de comunicação intercultural entre sujeitos e culturas diferentes, refere-nos Todorov (in Abdallah-Pretceille, 1996,p. 75) que "no melhor dos casos, os autores espanhóis dizem bem dos índios, mas salvo excepção, nunca lhes falavam. Ora é falando ao outro (...) que eu lhe reconheço uma qualidade de sujeito comparável àquele que sou eu mesmo".

O contacto entre identidades levou em todas as épocas a que os povos classificassem a diferença humana ora como não humana, ora como de "selvajarie" ou de "barbárie". Lévi-Strauss coloca bem a questão em Raça e História (1996).

Varela & Lucas (1982), alargam o conceito, ao considerar que o etnocentrismo não está apenas subjacente à tendência para a exclusão do outro, mas também à tendência para a curiosidade do outro. "Esta relação etnocentrista do homem com os seus semelhantes oscilou sempre entre duas atitudes: rejeitar o estrangeiro para fora do campo do próprio humano (não ver nele mais do que um bárbaro ou selvagem), ou, pelo contrário, fazer dele objecto duma curiosidade a partir da qual se poderia alargar o conhecimento e a definição do homem"(Varela, 1982,p.19).

Segundo Ladmiral (1989) o etnocentrismo acaba por ser um elemento básico do processo de identificação de uma cultura. "O etnocentrismo é inerente a todo o grupo sociocultural, étnico ou nacional. É correlativo do mecanismo da distinção que separa o teu do meu, o próximo dos estrangeiros, as pessoas daqui das pessoas de fora (...). Assim, o etnocentrismo é ao mesmo tempo um traço cultural universalmente expandido e um fenómeno psicológico de natureza projectiva e discriminativa que faz com que toda a percepção se faça através duma grelha de leitura elaborada inconscientemente a partir do que nos é familiar e dos nossos próprios valores". (Ladmiral, 1989, pp. 137-138).

Apesar da sua presença no contacto intercultural ser apresentada por Ladmiral quase como inevitável, o etnocentrismo assume diferentes graus. "A força do etnocentrismo pode variar segundo as culturas, o tempo, a situação e as pessoas no seio de uma mesma cultura" (Neto, 2002,p.256).

A abordagem do etnocentrismo como uma das dificuldades no contacto intercultural, faz-nos reflectir acerca das diferentes formas de relacionamento com o outro pautadas por diferentes perspectivas.

O fenómeno intercultural, ou seja, o contacto e as relações que se estabelecem entre indivíduos e grupos de diferentes culturas não é novo, o que pode variar é a compreensão desses fenómenos. “As relações entre culturas e as *minorias culturais* sempre existiram – a novidade reside na maneira de perceber, de analisar e ter em conta estes fenómenos” (Clanet,1990,p.18).

É de salientar que todos os contactos entre culturas transformam as culturas em presença, mas de diferentes formas.

No momento actual, a questão multicultural preocupa muitas sociedades nomeadamente, a sociedade europeia.

De um ponto de vista pragmático, consideramos que, a questão que se coloca face à realidade multicultural é: como lidar da forma mais adequada com esse facto de maneira a conjugar integração social, respeito pelas diferenças e promoção da igualdade.

Mas antes de entrar numa abordagem mais focalizada na forma de aculturação que melhor poderá garantir o respeito pelas preocupações mencionadas acima, passemos uma revista às diferentes hipóteses.

Aquilo a que designámos de formas de aculturação é apelidado por Clanet de “modelos de relações entre culturas” (Clanet,1990, p.59), e que Neto (2002) aborda, como “atitudes em relação à aculturação” relacionadas com “o modo como um indivíduo ou um grupo em aculturação deseja relacionar-se com a sociedade receptora” (Neto,2002,p.262).

Assim, com base na abordagem de diferentes autores, combinando várias considerações, a respeito, iremos explicitar algumas formas ou hipóteses de aculturação, a saber: a assimilação, a separação, a marginalização, a mestiçagem e a integração.

Em relação à assimilação, Abou (1981) considera que esta é uma das formas de aculturação que traduz o próprio fracasso da aculturação "... pois implica que os membros do grupo receptor eliminem radicalmente a sua identidade etno-cultural para endossar uma outra identidade, cessando de ser eles mesmos para serem outros" (Abou, 1981,p.59).

Não há portanto apenas uma perda de alguns elementos culturais, mas há uma perda da própria identidade cultural, "a assimilação comporta um papel passivo dum cultura face a outra" em que "certas culturas são consideradas superiores a outras" (Perotti in Clanet,1990,p.60).

A separação designa a forma de aculturação em que os indivíduos ou os grupos "não procuram estabelecer relações com a comunidade dominante" (Neto,2002,p.262). Este tipo de atitude é denominado por Clanet (1990) de segregação cultural ou apartheid cultural e traduz a situação em que os diferentes grupos culturais coexistem através de um mínimo de contacto. Aqueles que defendem esta atitude preconizam a ideia ou representação de que "os diferentes grupos culturais devem-se desenvolver separadamente e paralelamente segundo as suas características próprias" (Clanet, 1990, p. 61).

Na marginalização, há uma perda da identidade cultural por parte do grupo minoritário ou não-dominante por acção da política do grupo dominante, sendo que o primeiro "não tem o direito de participar no funcionamento das instituições e na vida do grupo dominante por causa de práticas discriminatórias" (Neto,2002,p.263).

Na mestiçagem cultural, as culturas em contacto misturam-se surgindo uma nova síntese, com traços culturais inéditos. Segundo Clanet (1990), se considerarmos as culturas minoritárias percebemos os perigos da mestiçagem: correm o risco de desaparecer, assimiladas pela cultura dominante.

A integração é um termo que está associado às ideias de interdependência entre duas culturas e de recriação. "A coexistência de grupos culturais minoritários no seio de um grupo cultural dominante não se pode conceber sem um modelo sociocultural que combine de maneira paradoxal a assimilação, a diferenciação e

a síntese, modelo designado de integração pluralista ou modelo intercultural” (Clanet,1990,p.63).

É uma forma de aculturação complexa pelo que implica em termos de inovação e renovação. Aposta no combate à segregação sendo facilitadora de inclusão e de exercício de cidadania. “A integração implica a manutenção parcial da identidade cultural do grupo étnico juntamente com uma participação cada vez mais acentuada no seio da nova sociedade” (Neto,2002,p.262).

I.3.2.1 – Modelo de Integração Pluralista

Em relação ao modelo de integração pluralista ou modelo intercultural, António Perotti, a propósito dos imigrantes propõe a seguinte concepção de integração: “o conceito de integração opõe-se à noção de assimilação e indica a capacidade de confrontar e de mudar numa posição de igualdade e de participação – valores, normas, modelos de comportamento, da parte dos imigrantes e da sociedade de acolhimento” (in Clanet,1990.p.64). O autor fala de integração como “um processo sociocultural” (idem).

Para Clanet o que caracteriza o modelo de integração sociocultural são a “interdependência, a confrontação, a mudança, a posição de igualdade” (Clanet,1990,p.65) e para evitar ambiguidades, utiliza o termo “integração pluralista”, quando se quer referir à integração sociocultural, pois no seu entender, é necessária pluralidade na diferenciação das culturas no contexto sociocultural. Este autor associa a integração pluralista ou sociocultural ao interculturalismo ou modelo intercultural, que segundo o autor é “o modo particular de interações e inter-relações que se produzem quando culturas diferentes entram em contacto e o conjunto de mudanças e de transformações que daí resultam”. (Clanet,1990,p.22)

Esta questão remete para a noção de democracia cultural, definida por António Perotti, que reconhece as diferentes tradições culturais presentes numa determinada sociedade e é capaz de valorizá-las e fazer com que estas diferentes tradições tenham espaços de manifestação e representação na sociedade.

O projecto de democracia cultural ou de sociedade intercultural “visa reunir as condições fundamentais para a sua realização lutando contra a discriminação e toda a desvalorização social e introduz o conceito de cidadania cultural em contraponto com o conceito de cidadania política”(Perotti in Clanet, 1990, p. 66).

Segundo António Perotti, isto supõe a passagem de uma ideia elitista de cultura para uma concepção que favorece a diversidade cultural.

Adoptar este tipo de democracia é assumir na sua plenitude a ideologia da interculturalidade, que defende as relações entre grupos sociais e culturais; pretende estabelecer pontes e não fechar as identidades culturais na afirmação das suas especificidades; promove a inter-relação entre pessoas e grupos pertencentes a diferentes universos culturais.

A democracia cultural enquanto prática da interculturalidade reconhece as diferentes tradições culturais presentes numa determinada sociedade, é capaz de valorizá-las a fazer com que estas diferentes tradições tenham espaços de manifestação e representação na sociedade.

A perspectiva intercultural contrapõe-se à guetização, que deriva quer de concepções universalistas, que não têm em conta a diversidade, quer de concepções relativistas que conduzem a processos de separação entre grupos culturais diferentes.

Esta perspectiva defende as relações entre grupos sociais e culturais, pretende estabelecer pontes, não fechar as identidades culturais na afirmação das suas especificidades, promove a inter-relação entre pessoas e grupos pertencentes a diferentes universos culturais.

Esta é uma forma de coexistir face à diversidade, ou seja, de viver numa sociedade multicultural e assumir o princípio de que “todo o grupo social suficientemente estável tende a constituir uma cultura particular” (Ladmiral,1989, p.150) e admitir o Direito à diferença.

"No terreno estritamente antropológico, assiste-se, designadamente, ao reconhecimento do tão propagado direito à diferença, isto é, do direito que têm as pessoas como pessoas de seguirem e de se construírem - sobre as suas afinidades específicas sócio-bio-psicológicas - caminhos divergentes de acordo com os ideais que perfilham" (Carvalho, 1988, p.151).

Mas uma sociedade intercultural não é uma sociedade sem conflitos ou tensões, a concepção intercultural é consciente de que nas relações entre indivíduos ou grupos com culturas diferentes não existem só diferenças mas também desigualdades; conflitos; assimetrias de poder. No entanto, parte do pressuposto de que, para se constituir uma sociedade pluralista e democrática, o diálogo com o outro, os confrontos entre os diferentes grupos sociais e culturais fazem parte do processo e são fundamentais para o enriquecimento quer pessoal, quer colectivo das nossas identidades, das nossas maneiras de ver o mundo, enfim, da nossa humanidade contribuindo para o enriquecimento da sociedade.

A interculturalidade aposta na relação entre grupos sociais e étnicos, não ilude os conflitos, enfrenta a conflituosidade inerente a estas relações, favorece os processos de negociação cultural, a construção de identidades de fronteira, plurais e dinâmicas, nas diferentes dimensões da vida social.

Não há dúvida de que o universalismo fracassou, como forma de lidar com a diferença – que não era assumida, nem respeitada. Segundo Tourraine (1997) hoje vivemos por acção do universalismo, “as consequências de tudo aquilo que foi explorado, dominado ou marginalizado” (p.317).

Defender uma realidade assente nos princípios da concepção intercultural é de alguma forma “defender a diversidade das culturas como espécies naturais” (Tourraine,1997,p.318), mas sem cair nos extremismos do relativismo.

Diante de várias lógicas subjacentes às atitudes e comportamentos perante a diversidade cultural – a interculturalidade é aquela que é capaz de permitir a diversidade na unidade. A adopção desta atitude depende de uma preparação de todos os indivíduos para responder aos desafios da sociedade multicultural em que vivemos. É preciso abertura e coesão.

A atitude perante o “outro” depende em larga medida de uma sobreposição, por vezes contraditória de identidades.

I.3.3 – A Problemática da(s) Identidade(s)

Segundo Bastide (1971), são os indivíduos que estão em contacto e não as culturas, ao que se acrescenta: são os indivíduos imbuídos da(s) sua(s) identidade(s).

O termo identidade congrega uma diversidade conceptual considerável, pois está associado a uma multiplicidade de sentidos e terminologias, expressas pela diversidade de áreas de conhecimento que se dedicam ao estudo do tema em questão, como a Antropologia, a Filosofia, a Sociologia e a Psicologia.

Antes de entrar nas delimitações conceptuais dos três modos de identidade (individual, cultural e social) é importante ter em mente que os limites entre o individual e o colectivo são difíceis de traçar, “para a Psicologia Social a identidade é uma ferramenta que permite pensar a articulação do psicológico e do social num indivíduo”(Cuche,1999, p.124) e resulta sempre de uma negociação entre o individual e o colectivo. “A identidade é sempre um compromisso, ou poderíamos dizer uma negociação, entre uma auto-identidade definida pelo si-próprio e uma hetero-identidade ou exo-identidade definida pelos outros (Simon,1979, in Cuche,1999,p.128)

Historicamente, o termo empregado para significar o que hoje se entende por identidade pessoal ou individual foi personalidade, privilegiando a perspectiva individualista e uma visão sustentada pela ciência médica, que priorizava o ser biológico e individual.

Esta perspectiva instituiu uma separação entre o indivíduo e o grupo, entre o Homem e a sociedade. Os Psicólogos Sociais, preocupados em considerar o Homem enquanto sujeito social, inserido num contexto sócio-histórico, adoptaram o termo identidade. Na visão psicológica, a identidade é entendida como produto da socialização e garantida pela individualização. As dificuldades apontadas nesta

área assentam na ênfase excessiva, ora do individual, ora do social, ou seja, na delimitação do social e do individual.

Instala-se, então, uma dicotomia em que “a identidade passa a ser qualificada como identidade pessoal (atributos específicos do indivíduo) e identidade social (atributos que assinalam a pertença a grupos ou categorias)” (Jacques,1998, p. 161).

Mas a dificuldade em delimitar a origem individual ou colectiva da identidade não é exclusiva da Psicologia. Vários autores de outras áreas abordam essa questão.

Segundo Cuche (1999), a identidade social diz respeito aos indivíduos e aos grupos. “A identidade social de um indivíduo caracteriza-se pelo conjunto das suas pertenças no sistema social: pertença a uma classe social, a uma classe etária, a uma classe social, a uma nação, etc” (idem) e “qualquer grupo é dotado de uma identidade que corresponde à sua definição social, definição que permite situá-lo no conjunto social” (idem).

O autor refere que a identidade cultural é uma das componentes da identidade social.

Na definição de identidade cultural, apresenta concepções diversas, em que para uns, “a identidade repousa num sentimento de pertença de certo modo inato” (Cuche,1999, p.125) e para outros “o legado biológico não é considerado determinante, mas sim o legado cultural ligado à socialização do indivíduo” (idem).

Estas são as concepções denominadas de objectivistas pelo autor, que embora distintas têm em comum o facto de considerarem que a identidade é apresentada como algo pré-existente ao indivíduo, ao contrário das concepções subjectivistas que falam de uma identidade etno-cultural, em que é destacado o papel das representações que formam a realidade social.

Estas concepções divergem da concepção relacional, defendida pelo autor e definida por Toskiaki, que afirma que a concepção relacional “considera que a identidade é um fenómeno que se produz na relação entre dois termos: objecto e

sujeito”, (Toskiaki,2000,p.87) sendo que, este sujeito, “não é um espírito isolado do objecto, nem um indivíduo independente da relação com o outro” (idem).

Bordalan e Claude (1998) abordando a identidade individual, associam-na ao processo de socialização e falam da sua importância na imagem de si. “O indivíduo socializa-se e constrói a sua identidade por etapas, no decurso de um longo processo que se exprime fortemente do nascimento à adolescência, e que se estende à idade adulta” (Bordalan e Claude,1998.p.3).

Abordando a questão da relação entre identidade individual e identidade social, os autores utilizam a expressão “construção social da identidade” e referem o papel das interações sociais na construção da identidade. “O grupo funciona como um catalisador privilegiado de identificação pessoal”, sendo que “a consciência de si não é uma pura produção individual” (Bordalan e Claude,1998.p.7).

Reportando-se à análise de Lipianski, Bordalan e Claude, afirmam que “Lipianski na sua contribuição relativa à formação da identidade dos grupos, defende que para o indivíduo, a identidade não aparece como uma justaposição simples de papéis e pertenças sociais, a identidade é concebida como uma totalidade dinâmica onde diferentes elementos interagem dentro da complementaridade ou do conflito (Bordalan e Claude, 1998, p.7).

Abordando a questão da identidade cultural, os autores, destacam a importância dos rituais de memória, da cultura e das crenças como constituindo formas privilegiadas de socialização e de identificação dos indivíduos.

E explorando um pouco mais a questão da memória, Catroga (2001) considera que a memória é um elemento fulcral para a identidade do sujeito.

O papel da memória na construção da identidade também é considerado por Preston (1997). Este autor aborda a questão da identidade político-cultural segundo o ponto de vista da teoria social, onde mais uma vez estão presentes os dois elementos que já foram referidos: o individual e o colectivo.

O autor, apoiado na teoria social, defende que a identidade político – cultural se evidencia a três níveis: “centrada na pessoa (como o indivíduo constrói a sua relação com a comunidade); centrada no grupo (como as pessoas se integram nos grupos e como estes constroem relações com outros grupos da comunidade); centrada na comunidade (como os grupos constroem relações com outros grupos exteriores)” (Preston, 1997, p.54).

A partir das abordagens apresentadas não podemos dizer que exista uma dicotomia entre identidade individual e identidade colectiva, pois os limites entre o colectivo e o individual confundem-se. Para existir um são necessários os dois, na medida em que o homem só se vê como homem se os outros assim o reconhecerem.

O contexto social fornece as condições para os mais variados modos e alternativas de identidade, logo, a identidade pode ser entendida como uma forma sócio-histórica de individualidade.

Segundo Morin (1987) a identidade não é una e indivisível, pois o indivíduo é o somatório de várias identidades que formam a totalidade do seu ser. Também Maalouf (1989), defende esta perspectiva, afirmando que a identidade de um indivíduo é constituída por um conjunto de pertenças não compartimentadas, ou seja, que formam uma totalidade.

Relativamente à ideia de identidade como um processo, de algo que vai sendo construído, ela está bem patente na afirmação de que “se a identidade é tão difícil de definir, é precisamente devido ao seu carácter dinâmico” (Cucho, 1999, p.133).

Assim, na abordagem da questão da identidade não podemos esquecer as seguintes questões importantíssimas: a identidade constitui-se de uma multiplicidade de papeis, que formam uma totalidade e não é um produto acabado, mas vai sendo construída na relação com o outro.

“Não há identidade em si, nem sequer unicamente para si. A identidade é sempre uma relação com o outro. Por outras palavras, identidade e alteridade articulam-se uma na outra e mantêm uma relação dialéctica” (Cucho, 1999, p. 128)

Identidade e Alteridade

Na relação entre identidade e alteridade entram em jogo dois elementos fundamentais: o “outro” e o “eu”.

Identidade e alteridade são conceitos que apresentam uma estreita ligação existindo entre ambos uma relação de reciprocidade. Do mesmo modo que a noção de alteridade se constitui a partir da existência do “eu”, a presença do “outro” diferente de mim dá que pensar sobre as condições da minha identidade” daí surge a questão da perspectiva: quem é (o sujeito) que percebe quem (como objecto) e de que maneira?”

Segundo Todorov (1993), ao abordarmos a questão das noções do outro, podemos dizer que a percepção do “outro” como ser diferente do “eu”, ocorre de duas formas: se considerarmos o “outro” como conceito abstracto, ele funciona como um conjunto de dados construídos a partir da separação do “eu”; se entendermos o “outro” como pessoa ou grupo concreto, físico, este pode ser concebido de duas maneiras:

- * Visão do “outro” como objecto (outro Exterior) – que consiste na noção de um ser humano não pertencente a um determinado grupo de “nós”.
- * Visão do “outro” como sujeito (outro interior) – que corresponde à descoberta da própria alteridade (“eu” é um “outro”) e, portanto, apresenta o caso de maior ligação dos conceitos de identidade e alteridade.

Esta última definição do “outro interior” conduz à questão da configuração da própria identidade. O conceito de uma alteridade interior já quebra com a visão de grupo homogéneo de “nós” e levanta a questão da construção da identidade. O sujeito negocia o seu posicionamento individual nos contextos em que se insere, o que implica uma diferenciação do sujeito dentro do colectivo.

Em relação ao “outro exterior”, os temas da diferença, da identidade, da alteridade, da multiculturalidade, não podiam estar mais em voga.

São vários os autores que abordam estas temáticas, e isto ocorre na Filosofia, na Sociologia, na Psicologia, na Política, na Economia e na Educação.

Alguns argumentam a favor das convergências, das semelhanças, das narrativas; outros defendem as diferenças, os localismos, as identidades. Todos reconhecem a diferença como um traço da cultura contemporânea.

A compreensão da alteridade como parte constituinte da identidade gera, para além da crise (pois o homem tem de romper com a ideia de já não ser o que sempre pensou ter sido: o apenas idêntico consigo mesmo), uma nova concepção de homem e de mundo.

Com a emergência da diferença, surge então um novo estado e o ser humano precisa aprender a promover o seu desenvolvimento individual, social e histórico, na cultura da diferença.

A intensificação das relações sociais à escala mundial, resultado do processo de globalização, leva a que a unidade da humanidade só possa ser concebida/pensada com base na diversidade cultural.

Na dialéctica entre identidade e alteridade, para além da diferença, a semelhança, também entra em jogo nessa relação entre o “eu” e o “outro”, pois a identidade é um fenómeno complexo: diferencia-se do “outro”, mas também qualifica o que é idêntico, o que sugere que a identidade oscila entre a semelhança e a diferença.

Este processo está presente nas várias variantes da identidade subjacentes aos vários grupos de pertença (etnia, nação, família, grupo profissional, sexo, classe social...) que compõem o *unitas multiplex* que caracteriza a identidade, designado por Morin (1987).

Os autores Ladmiral & Lipiansky (1989), na análise que efectuam sobre identidade e alteridade, defendem que no fenómeno identitário existe uma tensão e um equilíbrio entre “semelhança e alteridade; unidade e diversidade; continuidade e diferenciação” (Ladmiral & Lipiansky, 1989, p.129) e porque a dialéctica entre identidade e alteridade está presente no encontro intercultural, preconizam uma abertura à alteridade cultural e um combate ao etnocentrismo. “O nosso olhar sobre o outro é sempre de natureza projectiva e não pode ter como referência a nossa própria cultura” (Ladmiral & Lipiansky, 1989, p.135).

Estes autores consideram que ao olhar o “outro” é necessário estar atento à natureza projectiva da observação, pois este olhar está ancorado nas referências ideológicas e culturais do “eu”, e assumir uma atitude permanente de neutralização do etnocentrismo – o que se traduziria numa verdadeira abertura à alteridade – centrada na descentração e reconhecimento do “outro”.

Esta atitude remete para a concepção de “olhar o outro a partir do seu ponto de vista” Perotti (1997,p.73). Esta atitude não significa neutralizar o “eu”, segundo Todorov (1993), se nos ignorarmos a nós mesmos nunca poderemos conhecer os outros, pois no conhecimento do outro está sempre implícito o conhecimento de si.

Olhar o outro a partir do seu ponto de vista, leva-nos a pôr em causa o fenómeno das classificações inerente à questão da atribuição das diferenças, referido por Cuche (1999), em que o “outro” é identificado a partir das características culturais exteriores, o que tem levado à minorização dos grupos classificados. “A atribuição de diferenças significa menos o reconhecimento de especificidades culturais que a afirmação da única identidade legítima, a do grupo dominante” (Cuche, 1999, p.130).

Adoptar esta perspectiva de observação, implicaria o reconhecimento das especificidades culturais do outro, anulando a afirmação da única identidade legítima: a do grupo dominante, pondo em prática o pleno significado da interculturalidade.

Identidade partilhada

Para além da perspectiva cultural da identidade, associada ao confronto com semelhanças e diferenças que derivam da relação entre o “eu” e o “outro”, uma outra perspectiva de identidade ressalta com particular acuidade na era moderna, que abre ao indivíduo as portas de um mundo de escolhas e possibilidades colocando-o em cena enquanto um agente de mudança.²³

Nesta segunda perspectiva, a identidade é entendida como um processo dinâmico do *Self*, que anima a prática dos agentes em função das suas vontades e interesses em interacção com o contexto social, acção esta, norteada por uma constante actividade auto-reflexiva.

Assim, o indivíduo não está só em confronto com o “outro” diferente de si, como também se encontra quotidianamente em diálogo consigo próprio e com a realidade que o rodeia, tendo que optar, decidir, escolher, tendo em conta a forma como o próprio se sente identificado com os diversos elementos/possibilidades à sua disposição, o que implica uma constante partilha.

Giddens (1997) desperta-nos para esta abordagem da identidade como uma identidade partilhada.

O autor, na abordagem que faz à questão da auto-identidade na era da modernidade realça uma questão que lhe está inerente e que é o projecto reflexivo do *Self*, integrando este uma consciência reflexiva e uma consciência prática, embora esta última seja não-consciente, elas estão interligadas.

“Não há barreiras cognitivas que separem as consciências discursiva e prática do modo como há divisões entre o inconsciente e a consciência no seu sentido genérico” (Giddens, 1997, p.34).

²³ “Giddens faz a apologia do conceito de agente, enquanto dotado de competências que o diferenciam do mero sujeito” (Lopes, s.d.,p.71)

Segundo o autor, a consciência prática tem uma função nos processos internos de segurança ontológica enquanto organizadora da acção da vida quotidiana e responsável por dar sentido à realidade que nos rodeia, que por sua vez tem que ser partilhada para que a acção do homem faça sentido, que o autor traduz como “o sentido de uma realidade partilhada das pessoas e das coisas” (idem)

II – Objectivos

As sociedades modernas colocam o indivíduo perante novos desafios impelindo-o quotidianamente a accionar as suas capacidades reflexivas e práticas na gestão dos problemas e oportunidades com que se vai deparando. Giddens (1995) coloca em jogo um conjunto de categorias como segurança, perigo, confiança e risco, para definir os complexos mecanismos que separam o moderno do pré-moderno. O indivíduo na actual era pós-tradicional, da modernidade tardia, assume-se cada vez mais como um agente de mudança pessoal com repercussões sociais. Giddens (1997) argumenta que a modernidade tardia é uma ordem pós-tradicional caracterizada por um aprofundamento da reflexividade, tanto no plano institucional como no da actuação dos agentes humanos. Neste contexto, a identidade pessoal passa a ser um projecto reflexivo, uma autoconstrução, uma forma de controlo paralelo à procura, pelas instituições modernas, de um domínio dos futuros possíveis.

Assim, a abordagem da questão da identidade designadamente, da identidade pessoal ou auto-identidade apresenta no séc. XXI significativa acuidade.

Também designada por Lipovetsky e Charles (2004), de era Hiper-moderna (anos 60/70), na era da modernidade tardia, o indivíduo surge enquanto sujeito sociológico autónomo e auto-suficiente em ruptura com o mundo da tradição e suas estruturas de normalização e com influência nos processos de estruturação e reestruturação da sociedade.

Segundo os autores, a sociedade Hiper-Moderna, por um lado, tem como nenhuma outra favorecido a autonomia e liberdade individuais e por outro lado, o seu destino nunca se encontrou tão estreitamente ligado aos comportamentos daqueles que a compõem.

Decisão e escolha são duas constantes na vida do sujeito contemporâneo. A própria identidade é consequência de uma escolha do indivíduo ou do grupo ou seja, “é construída, é imaginada, e resulta muitas vezes de uma opção” (Waters,

1990, p. 6 in Mancelos, 2003)²⁴.

Todas as opções são possíveis no actual quadro da modernidade tardia, dado que à herança étnica ou familiar se contrapõe o destino e a vontade do indivíduo – dois pólos em tensão que Werner Sollors define pelos termos *descent* and *consent* (Sollors, 1986, p. 9 in Mancelos 2003)²⁵.

De todos estes dados, é legítimo concluir que toda a identidade é uma *construção* dinâmica, em que cada indivíduo ou grupo oferece e recebe, adquire e rejeita certas características, no contacto com os outros.

A nossa sociedade actual coloca novos reptos à auto-identidade, a partir dos quais a mesma se vai organizando e reorganizando, tanto mais em situações de mudança drástica como são as situações de imigração.

Segundo Giddens (1997), a modernidade apresenta novos perigos e novas oportunidades constituindo desafios para a auto-identidade num “processo de intervenção activa e de transformação”(p.11).

Todas estas questões se revestem de particular sentido quando reflectimos sobre a sua aplicação a processos de imigração.

“Estar total ou parcialmente deslocado em toda a parte, não estar totalmente em lugar nenhum (ou seja, sem restrições e embargos, sem que alguns aspectos da pessoa se sobressaiam e sejam vistos por outras pessoas como estranhos), pode ser uma experiência desconfortável, por vezes perturbadora” (Bauman, 2005,p.19).

²⁴ Mancelos (2003) refere o estudo de Mary Waters (1990) - *Ethnic Options: Choosing Identities in America*, Berkeley, University of California Press, que basicamente consistiu numa série de entrevistas conduzidas nas áreas suburbanas de San Jose, na Califórnia, e em Philadelphia, na Pennsylvania, zonas onde existe uma grande diversidade de comunidades étnicas. Deste estudo, a investigadora concluiu que a identidade é escolhida de uma forma pouco precisa e baseada mais em aspectos subjectivos do que em factos.

²⁵ SOLLORS, Werner (1986). *Beyond Ethnicity: Consent and Descent in American Culture*. New York, Oxford, Oxford University Press.

A decisão de emigrar pode resultar de uma vontade de emancipação de situações que privam o indivíduo de optar por determinado estilo de vida.

“É claro que, para todos os indivíduos e grupos, as hipóteses de vida condicionam as escolhas de estilos de vida” (Giddens, 1997, p. 80).

Os indivíduos que emigram por razões essencialmente de natureza económica encaram a sua jornada como uma possibilidade de melhorar de vida desse ponto de vista e projectando-se no futuro desenham o plano que pretendem concretizar e que culmina na pretensão de adopção de um determinado estilo de vida.

“Porém até os mais desprivilegiados vivem hoje em situações permeadas por componentes institucionais da modernidade. As possibilidades negadas pela privação económica, são diferentes, e vividas de modo diferente – isto é, como possibilidades” (Giddens, 1997, p. 80).

Neste plano, o agente em vias de emigrar dialoga com tempo, sendo que, “a ideia de retorno é a referência mais importante da decisão de sair do país” (Silva, 1984,p. 65)²⁶.

Também a noção de espaço para o imigrante readquire uma dimensão específica com influência em formas de estar e de sentir.

“A distância geográfica entre os dois países devolveu a possibilidade de manter os laços culturais e sociais intensivos” (Silva, 1984,p. 65).

Por acção da modernidade e conseqüente globalização²⁷ tem-se vindo a observar uma aceleração progressiva do movimento migratório internacional.

²⁶ Estudo de Luísa Ferreira da Silva cujo objecto de análise são as mulheres Portuguesas emigradas em França.

²⁷ Para Giddens (1995) a globalização é uma continuação de tendências postas em movimento pelo processo de modernização que teve início na Europa do século XVIII.

“A globalização tem provocado um rápido aumento da mobilidade populacional a nível internacional, tendo tido vários efeitos nas migrações: multiplicação e aceleração dos movimentos migratórios; diferenciação do background económico, social e cultural dos migrantes; desterritorialização das comunidades culturais; multiplicidade de diásporas, o que implica uma nova concepção de cultura – cultura desterritorializada, que assenta na ideia de que não é necessário partilhar o mesmo espaço (território) para pertencer a uma determinada cultura, podendo existir uma criação de laços fortes de pertença que transcendem o poder soberano do Estado-Nação, sendo que, o partir não é necessariamente deixar de pertencer”.²⁸ (Horta, 2004).

Os dados estatísticos revelam em Portugal o recente crescimento da imigração, com a emergência de novos fluxos (Leste) e a intensificação dos tradicionais (PALOP e, sobretudo, Brasil). No entanto, segundo Pires (2002) Portugal é hoje, no contexto europeu, um dos países com menor proporção de estrangeiros na população residente e, simultaneamente, com um maior esgotamento das reservas do seu mercado de trabalho interno.

Actualmente, na era da modernidade tardia, os processos de imigração levantam questões inerentes ao projecto reflexivo do self, designadamente no que concerne à definição e concretização do projecto de vida do imigrante enquanto sujeito autónomo inserido num determinado espaço geo-social, que neste estudo se pretendem considerar e contribuir para a sua resposta.

As considerações de Giddens acerca da forma como por meio do seu pensamento e acção o indivíduo vai moldando a sua identidade num processo de adaptação constante à realidade, remete-nos para as considerações de Bourdieu (1979) sobre a noção de *habitus*, qual matriz de percepções que o indivíduo vai acumulando ao longo da sua trajectória de vida resultando num meio importante na sua adaptação ao mundo.

²⁸ Desterritorialização da cultura: este conceito refere-se à forma como indivíduos percebem a sua pertença a várias comunidades, apesar do facto de não partilharem um mesmo território com todos os seus membros. Integra a possibilidade de aceder a muitos mundos e escolher símbolos culturais, de viver num mundo em simultâneo (Horta, Ana Paula Beja, (2004) in seminário de Cidadania e Participação Política, U.A. Porto).

O *habitus* surge-nos assim como um instrumento conceptual importante para compreender o comportamento e as práticas dos imigrantes.

A análise das apreciações de Bourdieu em algumas das suas obras resulta na conclusão de que o *habitus* é concebido com um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência), constantemente orientado para funções e acções do agir quotidiano.

Assim, olhar o indivíduo com base na noção de *habitus* é encará-lo como um conjunto de esquemas de percepção, apropriação e acção que é experimentado e posto em prática, é em nosso entender e em última análise pensá-lo enquanto actor social e a propósito do nosso objecto de estudo é pensar como o imigrante Ucrainiano imbuído da sua cultura, da sua forma de pensar e agir, enfim da sua identidade, se relaciona com a sociedade de acolhimento e qual os resultados dessa relação na reconstrução da sua identidade, qual projecto reflexivo.

Os pressupostos de que partimos, assentam na aceção de auto-identidade proposta por Giddens (1997), que afirma que a auto-identidade “não é algo que é apenas dado como resultado das continuidades do sistema de acção do indivíduo, mas algo que tem de ser rotineiramente criado e sustentado nas suas actividades reflexivas” (p.49) e numa das afirmações de Cuche (1999) e que explicita cabalmente o carácter dinâmico da identidade: “Se se admitir que a identidade é uma construção social, a única questão pertinente passa a ser: como, porquê e por quem, em dado momento e em dado contexto, se produziu, manteve ou foi posta em causa certa identidade particular?” (Cuche, 1999, p.139)

Com base nas considerações teóricas apresentadas e que nos orientam na compreensão de como se configura a identidade e da sua relação com as práticas sociais; sabendo das dificuldades de adaptação dos imigrantes da Europa de Leste nomeadamente, no Porto e tendo em conta a expressividade do número de Ucrainianos em Portugal, segundo os dados estatísticos, coloca-se a seguinte questão no âmbito deste estudo que define o seu objectivo geral:

Como se vai configurando a identidade de indivíduos Ucrânicos em processo de imigração e com alguma ligação ao Concelho do Porto, no confronto com que desafios subjacentes à sua adaptação na sociedade de acolhimento?

Ancorados no objectivo traçado é nossa pretensão compreender como é que os indivíduos pensam e agem face a situações vividas subjacentes a um processo de imigração, a saber, o contacto intercultural e o processo de integração, para muitos marcado por situações de adversidade, dito de outra forma, como é que os indivíduos se definem e redefinem de forma reflexiva e prática no confronto com a sociedade de acolhimento.

Assim, no âmbito dos processos de imigração que se pretendem analisar, tentar-se-á focalizar a análise nessas duas questões específicas inerentes ao processo de imigração – a questão do contacto intercultural (que tendo em conta a diversidade das culturas em contacto, podemos designar o fenómeno de confronto cultural) e a questão da integração (centrando a abordagem na forma como reflexivamente o sujeito lida com experiências problemáticas de integração).

Neste estudo não se pretende abordar o “eu” na sua dimensão psicológica, mas abordar a questão da trajectória reflexiva e prática do actor social inserido num processo de imigração, no confronto com a realidade com que se vai deparando.

Para Giddens (1997), os mecanismos de auto-identidade que são constituídos pelas instituições da modernidade, influenciam também a sua constituição. Por não serem entidades passivas, determinadas por influências externas, ao forjar as suas auto - identidades, independente de quão locais sejam os contextos específicos da sua acção, “os indivíduos contribuem para, e promovem directamente, influências sociais com consequências e implicações globais” (p.2).

Pretendemos que o nosso estudo contribua para a compreensão da questão da reflexividade do *self*, de imigrantes Ucrânicos, que tenham algum vínculo ao Concelho do Porto enquanto local de residência, de ocupação, ou de ligação a serviços diversos, e que esboçamos desde já:

Na sua trajectória enquanto imigrantes como vão os actores gerindo o confronto cultural? Como são redefinidos os traços da sua identidade e dos seus modos de vida²⁹ para participarem na sociedade de acolhimento? De que formas específicas desejariam integrar-se nessa sociedade? Qual é a sua margem de autonomia na concretização do seu projecto de vida? Na sua trajectória, por um lado, porque riscos se sentem cercados constringendo-os a que modos de vida e por outro, que oportunidades vão descobrindo? Como contornam os constringimentos com que se deparam na sociedade de acolhimento?

²⁹ Segundo Guerra (1993), a proposta das análises dos "modos de vida" ao trazer à superfície as velhas questões da teoria sociológica pretende reconciliar, pelo menos, três níveis analíticos ainda pouco articulados: o sistema e os actores, a História e o quotidiano, e o objectivo e o subjectivo na percepção do real. Mas, a utilização deste quadro de referências exige, ainda, a exploração de novas dimensões de análise outrora secundarizadas pela sociologia. À identificação da triologia tradicional da sociologia: "práticas", "estruturas" e "representações" acrescentam-se novas dimensões como o "imaginário social", dimensão prospectiva e de ruptura com o real. Este novo percurso vai exigir a elaboração (ou re-elaboração) de novos conceitos, a maioria "transversais", que se situam na encruzilhada de diversas ciências - o conceito de identidade e de projecto, por exemplo.

III – Abordagem Empírica

III.1 – Opções Metodológicas

Em torno do objectivo formulado, colocam-se as seguintes questões de investigação que se pretenderam explorar, constituindo os objectivos específicos do nosso estudo:

1. Quais as causas da imigração (dificuldades, expectativas, informação sobre o País de acolhimento)?
2. Quais as oportunidades e os constrangimentos com que os imigrantes Ucrrianos se depararam na saída do país de origem e na chegada à sociedade de acolhimento e como lidaram com eles?
3. Quais as suas expectativas e projecto de vida e que estratégias têm utilizado para o concretizar?
4. Como tem decorrido a sua adaptação à sociedade de acolhimento?
5. Como entendem que se tem desenrolado o contacto intercultural?
6. Qual a percepção do indivíduo acerca da forma como a sua auto-identidade foi, ou não, afectada pela sua experiência migratória?

Dada a amplitude do objectivo da investigação bem como das questões formuladas em seu torno, este estudo assume-se como um estudo exploratório, na realização do qual foram seleccionados os métodos e técnicas adequados ao que se pretende investigar: conhecer e compreender a forma como reflexivamente imigrantes oriundos da Ucrânia vão gerindo os seus percursos/projectos migratórios no confronto com o contexto social.

Assim, foram seleccionados métodos qualitativos para a realização desta investigação, partindo do princípio de que as metodologias não são boas nem más mas sim, adequadas ou inadequadas para tratar um determinado problema (Alves, 1991).

Antes de passarmos à explicitação dos métodos e técnicas utilizados importa perceber a essência da abordagem qualitativa na Investigação Social, na qual a nossa abordagem empírica está ancorada.

Na caracterização da metodologia qualitativa, Alves (1991) aponta desde logo a dificuldade de tal tarefa devido “à enorme variedade de denominações que compõem essa vertente: naturalista; pós-positivista; antropológica; etnográfica; estudo de caso; humanista; fenomenológica; hermenêutica; ideográfica; ecológica; construtivista; entre outras” (p.54).

Interessa para nos situarmos, saber que a metodologia qualitativa assenta em pressupostos diferentes do paradigma positivista, sendo que, “se para o positivismo existe uma realidade exterior ao sujeito que pode ser conhecida objectivamente, e cujos fenómenos podem ser fragmentados e explicados através de relações de causa e efeito amplamente generalizáveis, para os *qualitativos* a realidade é uma construção social da qual o investigador participa e, portanto, os fenómenos só podem ser compreendidos dentro de uma perspectiva holística, que leve em consideração os componentes de uma dada situação em suas interacções e influências recíprocas” (Alves, 1991, p. 54).

Também Fernandes (s.d.), se pronuncia a esse respeito explanando que, os paradigmas quantitativos e qualitativos têm as suas origens nos fundamentos da filosofia de Augusto Comte e de Kant, respectivamente.

“O positivismo de Augusto Comte fundamenta o paradigma quantitativo, em linhas gerais considera-se que existe uma realidade objectiva que o investigador tem de ser capaz de interpretar objectivamente; cada fenómeno deverá ter uma e só uma interpretação objectiva (científica) - (p.65).

“O idealismo de Kant e seus sucessores está na base do paradigma qualitativo. Aqui não se considera a existência de uma só interpretação (objectiva) da realidade, pelo contrário, admite-se que há tantas interpretações da realidade quantos os indivíduos (investigadores) que a procuram interpretar” (p.65).

Relativamente aos princípios que regulam ambos os métodos de pesquisa: quantitativo e qualitativo, Burawoy (1998) explana que os métodos quantitativos, têm como princípios, não afectar o mundo em estudo; assegurar a fidelidade e replicabilidade dos dados e averiguar que são representativos da população em estudo, por seu turno, os métodos qualitativos, integram como princípios a intersubjectividade entre investigador e sujeitos do estudo, a incursão no mundo vivido das pessoas que se pretendem estudar, a relação entre os processos locais e as forças externas.

Para Bogdan e Biklen (1994) na pesquisa qualitativa importa reflectir a perspectiva dos participantes, está em causa mais o processo do que o produto, envolve a obtenção de dados descritivos e a sua análise tende a ser indutiva.

Dependendo das intenções e finalidades do estudo, a metodologia qualitativa e os métodos que lhe estão associados constituem uma resposta “às limitações reveladas pelos métodos quantitativos” (Fernandes, s.d., p. 64), sendo que, ambos os paradigmas têm os seus limites e vantagens.

Não nos vamos deter na explanação acerca das vantagens e desvantagens de um e de outro paradigma, apenas referir que no nosso estudo a vantagem que constituiu o móbil principal para a utilização de métodos qualitativos foi a possibilidade de aquisição de uma compreensão mais profunda da problemática inerente à questão dos processos migratórios, no caso particular, de pessoas oriundas da Ucrânia.

Conhecendo as desvantagens dos métodos qualitativos, umas foram assumidas, tal como o tempo que é necessário despendido, para a realização de um estudo desta natureza especialmente, na pesquisa de terreno pelo empenho que implicou na sensibilização e mobilização de pessoas para a aplicação de entrevistas prolongadas, e no tratamento e análise das informações, pelo esforço e minúcia que exigiu ao investigador. Outras, tentaram ser ultrapassadas tal como a questão da objectividade, procurando sempre um rigor total no registo e transcrição fiel das entrevistas, mantendo na sua realização por um lado, uma atitude neutra face ao entrevistado no sentido de não induzir ou influenciar as suas respostas e por outro, uma atitude empática promovendo um ambiente de confiança no sentido de facilitar o diálogo.

Tendo este estudo uma finalidade holística, pois visa compreender em profundidade a acção de indivíduos Ucrânicos em processo migratório, optou-se na planificação da pesquisa pelo método de estudo de caso.

Segundo Ferreira (1998) “Yin (1998), põe em evidência que o estudo de caso constitui a estratégia preferida quando se quer responder a questões de «como» ou «porquê»” (p.218) referindo “a existência de estudos de casos exploratórios” (idem).

Este método é definido como uma abordagem “...que envolve o estudo intensivo e detalhado de uma entidade bem definida: o caso” (Coutinho e Chaves, 2002, p.223).

No estudo de caso “examina-se o caso em detalhe, em profundidade, no seu contexto natural, reconhecendo-se a sua complexidade e recorrendo-se para isso a todos os métodos que se revelam apropriados” (Yin, 1994; Punch, 1998; Gomez, Flores & Jimenez, 1996 in Coutinho e Chaves, 2002, p. 223).

Tendo em conta o que se pretende estudar, ou seja, tendo em conta que o nosso caso é o projecto migratório de indivíduos Ucrânicos tal como ele é reflectido, organizado e reorganizado pelos próprios, no confronto com os constrangimentos e oportunidades do contexto, nas suas várias fases³⁰, a nossa única fonte de informação é o agente³¹ que viveu a experiência dando-nos conta de como a foi encarando.

Assim, a técnica da entrevista, revelou-se-nos como a única apropriada à recolha de informação, que depois de tratada e analisada deu corpo à parte empírica deste estudo.

Segundo Kleinman et al (1994), a selecção de métodos e técnicas de pesquisa, tem na sua base opções epistemológicas e ideológicas e a entrevista possibilita a captação da localização social dos indivíduos, constituindo-se como uma técnica excelente para compreender como os indivíduos de uma determinada categoria social, mantêm, transformam e desafiam uma ou várias identidades e permitem verificar como as pessoas atribuem sentido às suas vidas.

As considerações de Coutinho e Chaves (2002) levaram-nos a concluir que nem sempre o estudo de caso se baseia em fontes de dados múltiplos, pois na sua essência, o intuito é utilizar técnicas de recolha que façam sentido no estudo porque “proporcionam uma melhor compreensão do caso específico” (p.225).

³⁰ Os pressupostos teórico-metodológicos que orientam a pesquisa estão ancorados nas teorias que Lopes (s.d) apelida de teorias de síntese que conciliam abordagens Durkheimianas e Weberianas no estudo da relação entre os fenómenos culturais e a estrutura social. Essas abordagens integram as concepções teóricas de autores como Anthony Giddens; Pierre Bourdieu; Peter Berger & Thomas Luckman, abordadas na parte do Enquadramento Teórico e dos Objectivos, deste estudo. Na sua essência estas concepções segundo Lopes, integram visões de conjunto sobre a génese e o papel do social, “negam os processos lineares de pensamento (especialmente Giddens e Bourdieu), assentes na busca de um factor determinante da realidade social (...) existe a preocupação de analisar o saber prático dos actores sociais, responsável pelas suas acções, condutas, posturas e linguagens quotidianas” (Lopes, s.d.,p.74).

³¹ O indivíduo neste estudo é encarado como um agente, tal como é entendido por Giddens (1984). Para este autor (defensor da teoria da estruturação), o agente tem a capacidade intervir no mundo, ou abster-se de tal intervenção, com o efeito de influenciar um processo ou estado específico de coisas. Tem a capacidade de fazer a diferença.

O autor evidencia que os agentes ao nascerem, surgem num contexto em que as estruturas já estão dadas. Entretanto, eles modificam tais estruturas num processo transformador permanente, ao passo que a própria estrutura também os modifica em contrapartida.

Num estudo de caso os investigadores interessam-se mais pelos processos do que com os resultados obtidos e nesse sentido, a técnica da entrevista pode assumir um papel fundamental é a entrevista aos participantes. Segundo Tukman (2002), as respostas obtidas por parte de cada um dos entrevistados reflectem os seus interesses e percepções e tendo pessoas diferentes perspectivas diferentes, pode aparecer um quadro razoavelmente representativo da ocorrência ou ausência do fenómeno e, desse modo, propiciar-nos uma base para a sua interpretação.

Em relação ao tipo de entrevista e de instrumento, segundo Poirrier (1999) o inquiridor tem três fórmulas à sua escolha: a entrevista directiva; a entrevista livre e a entrevista semi-directiva (estruturada), esta última parece ser a técnica mais adequada para os fins deste estudo, dado que o “entrevistador conhece todos os temas sobre os quais tem de obter reacções por parte do inquirido, mas a ordem e a forma como os irá introduzir são deixadas ao seu critério” (Ghiglione e Matalon, 1993, p.70).

A entrevista semi-directiva permite “um controlo mínimo do processo de memorização e uma liberdade de expressão máxima, deixada ao narrador”(Poirrier,1999,p.26).

A recolha de informação foi efectuada por observação indirecta, pois a informação procurada foi obtida através do contacto com o sujeito. Esta é menos objectiva que a informação directa, pois na realidade há (pelo menos) dois intermediários entre a informação procurada e a informação obtida: o sujeito a quem o investigador pede que responda e o instrumento constituído pelas perguntas a colocar. Por isso, é preciso controlar possíveis erros ou deformações para que a informação obtida não seja falseada (Quivy e Campenhoudt, 1992).

Foi elaborado um guião de entrevista como instrumento a utilizar na recolha de informação, onde se encontram descritos os assuntos a abordar no sentido da operacionalização das questões de investigação (anexo 2 – Guião de Entrevista). Segundo Poirrier (1999) o guia de inquérito é um instrumento de análise indispensável, funcionando como uma “recordatória”, tem como função enunciar

um certo número de temas e colocar questões. “os narradores possuem todas as respostas mas são incapazes de formular as perguntas”(p.21).

As entrevistas foram registadas por meio de um gravador (com a autorização do(s) narrador(es) e foram tomadas notas relativas à comunicação não verbal, que escapam à gravação, mas são captadas na inter relação narrador-entrevistador. “A entrevista não se resume a uma gravação. Ninguém se conta a um gravador, mas a alguém. O entrevistador é esse *alguém* que se faz eco de uma gargalhada ou de um soluço, alguém que reage”. Há, portanto, “uma relação interpessoal onde ressaltam expressões não verbais, silêncios, palavras que se dizem com mais intensidade ou, pelo contrário, se sussurram quase a medo”. (Lalanda, 1998, p.881).

Assim, à entrevista está subjacente um contrato entre o investigador e o entrevistado. Contrato este que é *narrativo, autobiográfico e interpessoal*. “...É narrativo na medida em que o entrevistador solicita que o entrevistado lhe conte como foi... utilizando para tal uma baliza temporal. É autobiográfico uma vez que essa narrativa se centra numa vida concreta, a do entrevistado, que fala na primeira pessoa e se torna o sujeito da história que é contada. É interpessoal porque o entrevistador tem como finalidade investigar um determinado objecto, devendo procurar fazer convergir o discurso do narrador para os seus objectivos” (Chanfrault-Duchet, 1998 in Lalanda, 1998, p. 879).

Com a adopção dos métodos e técnicas seleccionados para a realização deste estudo pretende-se concretizar aquilo que consiste no intuito de um estudo qualitativo revelado por Fernandes (s.d), que considera que a compreensão mais profunda dos problemas constitui a base da investigação qualitativa através da qual se pretende investigar o que determinados comportamentos, atitudes ou convicções escondem, sendo que, nem a dimensão das amostras nem a generalização de resultados são uma preocupação neste tipo de investigação.

Também Bogdan e Biklen (1994) defendem que a preocupação fundamental na investigação qualitativa não é saber se os resultados são passíveis de

generalização, mas compreender que outros contextos e sujeitos a eles podem ser generalizados.

“Nos estudos qualitativos interroga-se um número limitado de pessoas, pelo que a questão da representatividade não se coloca, no sentido estatístico do termo”. (Albarello et al., 1997, p.103).

“Os métodos qualitativos têm por função compreender mais do que descrever sistematicamente ou de medir” (Kaufmann, 1996, p.30).

Parte-se do pressuposto inerente ao idealismo de Kant e seus sucessores de que não há apenas uma interpretação (objectiva) da realidade, “há tantas interpretações da realidade quantos os indivíduos (investigadores) que a procuram interpretar” (Fernandes, s.d, p. 65).

Assim, e partindo das considerações explicitadas pelos vários autores acerca dos estudos qualitativos e tendo sempre presente o objectivo da investigação e as questões formuladas, partiu-se para a pesquisa de terreno com base no projecto definido de quem se iria entrevistar e de como fazer.

III.1.1 – A Pesquisa de Terreno

A selecção dos entrevistados

Os entrevistados foram seleccionados tendo em conta o objectivo do estudo, constituindo um conjunto de casos escolhidos aleatoriamente dentro do universo relativo ao objecto de estudo (imigrantes Ucranianos que tenham algum vínculo ao Concelho do Porto, enquanto local de residência, de ocupação, ou de ligação a serviços diversos), e tendo em conta que o fenómeno migratório em causa neste estudo é o fenómeno da imigração internacional de trabalho.

A escolha das unidades de análise ou casos foi efectuada com recurso a técnicas de selecção não probabilística.

Segundo Kaufmann (1996) no âmbito de uma investigação qualitativa tem superior interesse a história do indivíduo relativamente à constituição da amostra, embora esta não deva acontecer de qualquer forma. É importante escolher bem os informadores que devem ser diversificados.

Assim, no sentido de garantir a diversidade das unidades de análise, partimos para a pesquisa de terreno com o objectivo de encontrar um grupo de imigrantes o mais heterogéneo possível quer em termos demográficos e socioeconómicos quer em termos das experiências migratórias vividas no país de acolhimento, ou seja, com características distintas relativas ao seu processo de imigração.

Para a concretização deste objectivo recorreremos a um conjunto de procedimentos que explanamos a seguir.

A selecção não probabilística das unidades de análise consistiu na procura de entrevistados em locais diversos.

Assim, num primeiro momento foram contactadas as instituições mais importantes do ponto de vista da recorrência de imigrantes aos seus serviços, segundo os dados recolhidos em 2003 no âmbito do estudo exploratório, promovido pela C.M.P., (mencionado na Parte I) e a Associação de imigrantes de Leste de que tínhamos conhecimento através do A.C.I.M.E.

Estes contactos foram considerados essenciais para o estabelecimento de uma primeira ligação com uma população com a qual não tínhamos qualquer tipo de proximidade, tornando-se imprescindível numa fase inicial, para inserção no terreno, a articulação com alguém possuidor de contactos privilegiados com imigrantes Ucrrianos.

Esta fase de ligação com as instituições afigurou-se-nos muito difícil, dadas as não respostas obtidas, ou as respostas que inviabilizaram a cooptação de entrevistados.

O panorama relativo aos contactos institucionais foi o seguinte:

- ACIME – remeteu para a Associação de Imigrantes de Leste;
- Associação Migalha de Amor – não respostas;
- Fundação A.M.I – resposta negativa;
- Secretariado Diocesano das Migrações – não permitem nem fornecem contactos para efeitos de entrevistas com os utentes.

A única instituição que acabou por aceder ao pedido de colaboração foi a Associação de Imigrantes de Leste tendo a pessoa contactada assumido um papel muito importante neste processo enquanto interlocutor, constituindo-se como elemento facilitador no estabelecimento da primeira ligação com esta população.

Mas até chegar a esta fase de colaboração plena, houve todo um trabalho preparatório de estabelecimento de confiança com o designado interlocutor, tendo acontecido vários telefonemas, encontros e explicações.

Na última reunião com o interlocutor, foi definida como estratégia para cooptação de entrevistados, ir ao encontro de pessoas Ucrrianas que todos os sábados se encontram em local onde decorrem aulas de Ucrriano e Russo dirigidas aos seus filhos, iniciativa esta promovida pela Associação de Imigrantes de Leste.

Assim, encontrámo-nos na sessão de abertura que deu início ao ano lectivo 2006/2007, das aulas referidas, realizada no início de Setembro, tendo a designada interlocutora como é habitual todos os anos, efectuado o acolhimento

dos presentes, procedendo por fim à minha apresentação passando-me a palavra no sentido de serem explicados os objectivos desta investigação e a necessidade de realização de entrevistas. Após o enquadramento, houve lugar para a colocação de questões e dúvidas, que foram esclarecidas.

Dos presentes (cerca de 30), foi possível desde logo, a marcação de três entrevistas a três mulheres que se mostraram disponíveis, para os três sábados seguintes de manhã.

Antes destas entrevistas foram realizadas duas, a pessoas indicadas pela interlocutora, que embora não se inscrevendo nos objectivos do estudo, foram úteis para testar o guião e prever a duração média da entrevista.

Ultrapassados os constrangimentos de inserção no terreno, percebemos desde logo, na sessão de enquadramento para cooptação de entrevistados, que a questão do tempo seria um obstáculo neste processo, constatando que no início, quase todos os presentes demonstraram disponibilidade até ser explicado que a entrevista teria a duração de cerca de 2 horas. Esse dado afigurou-se como um factor dissuasor para a maioria dos presentes, que revelaram falta de disponibilidade para tal.

A realização das entrevistas às pessoas que se mostraram disponíveis apenas poderiam ocorrer aos sábados de manhã segundo imposição das mesmas, pois a sua vida não lhes permitia disponibilizar tempo noutras alturas da semana, até porque a entrevista era longa, também por este motivo apenas poderia ser realizada uma por semana das 10:00 às 12:00.

Verificámos por meio da observação, nas conversas na sessão de acolhimento referida e em conversas posteriores que o grupo de pessoas em questão era heterogéneo, contudo, foi necessário procurar outras formas de cooptação, pois tendo em conta o tempo de que dispúnhamos para a realização das entrevistas associado à data limite para entrega da tese, não seria possível apenas com a realização de uma por sábado conseguir testemunhos suficientes para a concretização deste estudo.

Assim, e tendo obtido conhecimento da existência de uma loja de produtos alimentares da Europa de Leste no Porto, foi efectuado esse contacto por meio do qual foi possível realizar mais algumas entrevistas a pessoas Ucrânicas frequentadoras da loja e à própria empregada.

Primeiro foi sensibilizada a empregada, tendo sido apresentados os objectivos e finalidade do estudo, depois de constatarmos que o seu perfil era adequado ao objecto do mesmo. Na abordagem, informamos desde logo, que já havíamos estabelecido contacto com a Associação de Imigrantes de Leste e que já nos encontrávamos a realizar entrevistas, dado que se mostrou importante facilitando a adesão, tendo a entrevista sido realizada nesse mesmo dia. Esta entrevistada constituiu o segundo elemento facilitador na cooptação de outros entrevistados, o que não se revelou fácil, mais uma vez, pelas razões já apontadas.

A realização das entrevistas

Nos cerca de 3 meses em que decorreu a pesquisa de terreno (a primeira entrevista foi realizada em 31 de Agosto e a última em 10 de Novembro de 2006), foi possível realizar 10 entrevistas, tendo em conta o tempo de que dispúnhamos e os constrangimentos com que nos confrontámos (já explicitados). Das 10 entrevistas realizadas foram consideradas para efeito de análise, 8, uma vez que dois dos casos, não cabem no objecto de estudo definido: Imigrantes Ucrânicos enquadrados no fenómeno de imigração internacional de trabalho.

Os dois casos não utilizados referem-se a duas entrevistadas que vieram para Portugal por motivos de casamento com pessoas Portuguesas, que conheceram nos seus países, e de outra forma, segundo explicitaram, não viriam. Só depois da marcação e no momento de realização é que foi possível dar conta da desadequação do tipo de caso.

O ocorrido certifica que nem sempre é bem explicitado ou bem compreendido pelos interlocutores o perfil pretendido relativamente ao tipo de casos a analisar, devendo o investigador ser o mais metuculoso possível na forma como transmite a mensagem, na fase de cooptação dos entrevistados.

As entrevistas já haviam sido marcadas e optou-se pela sua realização, apesar das razões teórico-metodológicas para a sua não integração neste estudo, porque constituíram uma forma de testar o guião de entrevista, a partir das quais foi possível afinar abordagens e procedimentos.

A maioria das entrevistas foi registada em gravador, o que facilitou a sua realização, permitindo um maior contacto visual com o entrevistado criando uma maior empatia e permitindo uma melhor qualidade na condução da entrevista.

Os entrevistados foram previamente contactados presencialmente ou através de mediador, tendo-lhes sido explicados os objectivos da entrevista e obtida a sua receptividade, procedemos à sua marcação de acordo com as disponibilidades.

Nas entrevistas em que não foi possível a utilização do gravador, o contacto visual no início da entrevista foi mantido com regularidade, devido ao retraimento dos entrevistados, típico desta fase, em que as questões de aquecimento e de focagem assumem uma função essencial, mas no decorrer da entrevista e devido à preocupação com o registo, o contacto visual era apenas mantido nas situações em que se impunha o controle do fluxo excessivo de informação, e a colocação de novas questões.

A privacidade dos entrevistados foi respeitada, encontrando-se garantido o seu anonimato. Para tal e para efeitos de organização da informação a cada entrevistado pertence um elemento alfanumérico que corresponde ao código atribuído a cada entrevista (entrevista 1= E.1; entrevista 2= E.2 ...).

No momento da entrevista e depois de todas as explicações relativas ao seu objectivo foi aplicada uma ficha para a obtenção de alguns dados sociográficos que considerámos básicos (anexo 3 – Ficha Sociográfica), estas primeiras questões serviam também para o *aquecimento* do ambiente relacional, após as

quais se dava início à entrevista propriamente dita, durante a qual se geriram silêncios, manifestações emotivas tentando sempre respeitar o ritmo do entrevistado.

No que diz respeito ao fluxo de informação, apesar do entrevistado ter total liberdade de expressão foi necessário por vezes recorrer a perguntas de focagem para evitar o desvio às questões.

No que diz respeito à atitude dos entrevistados face à entrevista, na generalidade todos os entrevistados falaram de forma aberta, sem desconfianças, o que pensamos ter sido o resultado do planeamento e abordagem já explicitados. As narrativas foram surgindo à medida que se iam colocando as questões ou tópicos, sem embaraços. Os temas não foram tratados pelos entrevistados da mesma forma, havendo os que surgiram mais desenvolvidos por uns e menos por outros, dependendo do interesse e da reflexão do entrevistado pelo tema em questão.

As entrevistas decorreram de forma serena e a postura dos entrevistados traduziu o seu à vontade e entre entrevistador-entrevistado estabeleceu-se uma relação de empatia que facilitou a colocação das questões mais sensíveis e a gestão de algumas emoções que foram surgindo (ver anexo 4: Observações pós-entrevista).

O final das entrevistas, aconteceu de forma agradável, até porque algumas desconfianças iniciais haviam sido desvanecidas e em algumas situações a conversa manteve-se, desta vez mais informal.

III.1.2 – Tratamento e Análise das Informações

O tratamento e a análise das informações recolhidas foi efectuado com base na técnica de análise de conteúdo, que foi utilizada com um enfoque totalmente qualitativo e em profundidade, pois o que importa não é descrever mas interpretar, no sentido de podermos compreender as características, os modelos que estão por trás das unidades de texto seleccionadas a partir das narrativas do agente entrevistado.

Godoy (1995), afirma que na sua origem a análise de conteúdo tem privilegiado as formas de comunicação oral e escrita, o que não deve excluir outros meios de comunicação. Qualquer comunicação que vincule um conjunto de significações de um emissor para um receptor pode, em princípio, ser traduzida pelas técnicas de análise de conteúdo. Parte do pressuposto que por trás do discurso aparente, esconde-se um outro sentido que convém descobrir.

Segundo (Bardin, 1977), a análise de conteúdo é um método que pode ser aplicado tanto na pesquisa quantitativa como na investigação qualitativa, mas com aplicações diferentes, sendo que, na primeira, o que serve de informação é a frequência com que surgem certas características do conteúdo, enquanto na segunda é a presença ou a ausência de uma dada característica de conteúdo ou de um conjunto de características num determinado fragmento de mensagem que é levado em consideração.

Vala (1986) afirma que “A análise de conteúdo é hoje uma das técnicas mais comuns na investigação empírica realizada pelas diferentes ciências humanas e sociais” (p.100).

Segundo o autor, ancorado em Berelson (1952), Cartwright (1953) e Krippendorff (1980), a análise de conteúdo tem um carácter objectivo, sistemático e permite fazer inferências válidas e replicáveis dos dados para o seu contexto.

Por sua vez através da inferência é possível “a passagem da descrição à interpretação, atribuindo sentido às características dos documentos e informações que foram recolhidas e organizadas (Vala, 1986, p.104, a propósito das considerações de Bardin, 1979).

Na utilização desta técnica é necessário ter em conta que “exige a maior explicação de todos os procedimentos utilizados” (Vala, 1986, p.100).

Assim, antes da descrição em pormenor de como se processou a análise de conteúdo das informações transcritas, importa explicitar que se procedeu ao tratamento e organização dos dados à medida que os mesmos iam sendo recolhidos, cujo resultado final foi uma descrição e uma análise rigorosa dos conteúdos relativos aos discursos dos entrevistados.

“Uma rigorosa análise de dados é fundamental em qualquer investigação e no caso de um estudo de caso qualitativo o investigador deverá proceder à análise dos dados à medida que procede à sua recolha” (Ferreira, 1998, p.218).

As entrevistas gravadas foram transcritas na íntegra, assinalando pausas, manifestações emotivas, hesitações e as dificuldades de comunicação. As entrevistas em que não foi possível utilizar o gravador, decorreram com a ocorrência mais pausas para escrever, necessárias ao registro integral das narrativas.

Organização da informação

Após a impressão das transcrições integrais e exaustivas das entrevistas procedemos à organização das informações recolhidas.

Entendendo os processos de identidade e de integração enquanto processos multidimensionais, julgaram-se nesta análise transversais a todo o processo de imigração, e portanto a análise das informações segundo as dimensões definidas, permitir-nos-ão compreender como os entrevistados se foram estabelecendo na sociedade de acolhimento naquela que é a sua experiência migratória, encarada

neste estudo como um projecto reflexivo inerente em si mesmo ao processo de (re) construção da identidade do sujeito.

A identidade e a integração aparecem enquanto sub-dimensões de análise em termos de auto-percepção do sujeito acerca destas matérias.

Os temas conceptuais que as dimensões e sub-dimensões constituem, foram definidos, essencialmente a partir dos tópicos do guião de entrevista que operacionalizam as questões/objectivos específicos da investigação, definidos aprioristicamente com base do esquema teórico e problemática, contudo, da leitura e análise das próprias narrações, resultaram novas pistas para a organização da informação (ver dimensões e sub-dimensões definidas no anexo 5 - Grelha de Análise):

Alguns temas propostos no guião de entrevista já haviam sido enquadrados em duas fases definidas à priori, inerentes ao processo migratório: a saída do país de origem e a chegada ao país de acolhimento, sendo que, através da informação obtida por meio das entrevistas foi possível afinar a fase do processo migratório à chegada, pois compreendemos que à chegada ao país de acolhimento o projecto está integrado em duas etapas/processos essenciais: O processo de instalação, associado ao acolhimento e à inserção laboral e o processo de pós – instalação que integra toda a trajectória a partir da entrada no mercado de trabalho até à situação actual de vida. Estas etapas passaram a fazer parte das dimensões de análise às quais foram associadas as sub-dimensões que pareceram corresponder a cada um desses processos e que foram consideradas pertinentes no âmbito deste estudo (ver grelha de análise – dimensões C e D). Para além da utilidade das etapas/processos referidos na organização da informação, também resultou da análise das entrevistas a inclusão de duas sub-dimensões não definidas à priori: o processo de reagrupamento familiar (ver grelha de análise – D.6) e a percepção acerca das necessidades dos imigrantes Ucranianos (ver grelha de análise – L.1).

As narrativas correspondentes a cada entrevista codificada (E1=entrevista nº 1....), foram decompostas em unidades de texto que foram sendo associadas a cada sub-dimensão de análise de acordo com as matérias ou assuntos para onde a narração ia remetendo.

Depois desta operação, procedeu-se a uma nova leitura e análise de todas as unidades de texto organizadas por dimensões sendo anotadas todas as questões suscitadas, procedendo-se à sua interpretação e à busca do seu sentido.

Este procedimento quanto ao tratamento das entrevistas pode ser designado de análise temática, que se baseia na descoberta dos "...núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja presença pode significar alguma coisa para o objectivo analítico escolhido" (Bardin, 1977, p.105).

A seguir explicita-se em pormenor como se processou a análise das informações recolhidas.

Descrição da análise

Depois das transcrições rigorosas das entrevistas, foi efectuada uma pré-análise das informações que consistiu na organização de unidades de texto seleccionadas a partir das narrações de cada agente entrevistado. Esta organização foi efectuada tendo em conta dimensões de análise pertinentes para os objectivos do estudo. A informação assim organizada passou a constituir o *corpus da investigação* que foi submetido numa segunda fase a uma rigorosa e intensa análise ancorada no referencial teórico, surgindo desta análise quadros de referências, buscando sínteses coincidentes e divergentes de ideias. Na terceira fase deste processo de análise, as ideias ou quadros de referências foram submetidos a uma profunda interpretação e reflexão, estabelecendo relações com a realidade e aprofundando as conexões das ideias.

Assim, a procura de significações relativa às narrações do agente entrevistado, foi efectuada a partir de um minucioso e profundo trabalho de decomposição e recomposição dos conteúdos das mesmas.

Strauss & Corbin (1990), defendem as habilidades do pesquisador como um diferencial necessário à aplicação da análise de significados ao definirem a Teoria Sensitiva como uma qualidade pessoal do pesquisador para captar as nuances de significado das informações. Tal abordagem exige do pesquisador uma leitura prévia da área, que pode ser desenvolvida e aprofundada durante o processo de pesquisa. A Teoria Sensitiva se refere aos atributos do pesquisador de possuir introspecção, habilidade para dar significado aos dados, entendê-los e capacidade para separar os que são pertinentes à pesquisa e os que não são.

III.2 – Apresentação dos Resultados

Chegados a este ponto do trabalho, apresentamos finalmente as pessoas que conhecemos nas entrevistas e os seus percursos migratórios, explanando as razões da sua partida, o processo à saída e as suas especificidades, o processo à chegada ao país de acolhimento onde se relacionaram com outras pessoas, instituições, com diferentes modos de ser e de fazer, enfim apresentamos os contornos de projectos migratórios de pessoas Ucrrianas com ligação ao Porto e a sua interacção com o contexto social, pessoas estas, encaradas neste estudo como agentes de mudança, reportando-nos à concepção de Giddens (1984), já explicitada (rodapé da pág. 81).

Assim, a análise dos dados das entrevistas dá a ver a forma como o sujeito se vai relacionando com o contexto à medida que se vai confrontando com desafios de vária ordem inerentes ao processo de imigração, ou seja, como neste processo o agente vai accionando a sua consciência reflexiva e prática definindo e redefinindo o seu projecto, enfim, orientando e reorientando a sua vida em função das suas necessidades objectivas e subjectivas.

A propósito da questão da integração e adaptação Trindade (1995) afirma que “Quaisquer que sejam os motivos que possam influenciar a deslocação dos indivíduos de um para outro lugar, a questão do ajustamento dos imigrantes a um novo meio ambiente constitui um dos aspectos fundamentais relativos ao processo migratório” (p.101).

A trajectória do indivíduo tal como nos é dada a perceber remeteu-nos para questões como qualidade de vida; integração/mobilidade social e aculturação, constituindo dimensões que embora conceptualmente diferenciadas estão comumente inerentes à própria vida social, estando associadas à necessidade de adaptação dos indivíduos à sociedade de acordo com os seus valores, interesses, aspirações e identificações.

Antes da explanação dos significados extraídos da informação que nos foi disponibilizada, importa em primeiro lugar proceder à identificação dos entrevistados em termos sociográficos.

BREVE APRESENTAÇÃO SOCIOGRÁFICA DOS AGENTES ENTREVISTADOS³²

Elementos de caracterização	Entrevistados							
	E.1	E.2	E.3	E.4	E.5	E.6	E.7	E.8
Idade	38	31	29	37	31	35	26	45
Sexo	F	F	F	F	F	F	F	M
Estado civil	Casada (com Ucrâniano)	Casada (com Ucrâniano)	Casada (com Ucrâniano)	Casada (com Português)	Casada (com Português)	Casada (com Ucrâniano)	Casada (com Ucrâniano)	Casado (com Ucrâniana)
Habilitações literárias	Licenciatura em Biologia e Química	Licenciatura em Enfermagem	12º ano e curso profissional de costureira	12º ano e Curso Profissional de cozinha e contabilidade de restaurante	12º ano e curso profissional de cabeleireira	12º ano	12º ano e Curso profissional de contabilidade, curso cabeleireira, curso manicure – pedicure e curso florista	Licenciatura em Eng.ª mecânica
Origem (meio urbano/rural)	Urbano (Nasceu e viveu sempre na mesma cidade)	Urbano (Nasceu e viveu sempre na mesma cidade)	Urbano (Nasceu e viveu sempre na mesma cidade)	Urbano (Nasceu e viveu sempre na mesma cidade)	Urbano (Nasceu e viveu sempre na mesma cidade)	Rural	Urbano	Urbano
Profissão antes da vinda	Professora	Enfermeira	Costureira	Chefe de Cozinha	Cabeleireira	Trabalhava na quinta dos pais	Cabeleireira	Engenheiro Mecânico
Profissão actual (no país de acolhimento)	Desempregada (a receber subsídio de desemprego)	Empregada de balcão	Operária em fábrica de Calçado	Empregada de balcão	Empregada de limpeza	Desempregada	Trabalha numa Carpintaria	Técnico/operador de máquinas em empresa de construção civil
Ano de chegada a Portugal	2001 (3 meses depois do marido)	2003 (2 anos depois do marido)	2001 (8 meses depois do marido)	2002	2003	2002 (1 ano depois do marido)	2000 (8 meses depois do marido)	1999 (a esposa e a filha vieram passados 2 anos)
Concelho de Residência em Portugal	Gondomar	Porto	Vila Nova de Gaia	Gondomar	Porto	Porto	Vila Nova de Gaia	Porto
Agregado familiar (com quem vive)	Marido e filho	Marido e filho	Marido e filha	Marido e filha	Marido e filha	Marido	Marido e filhas	Esposa e filha
Tipo de família	Nuclear com filhos solteiros	Nuclear com filhos solteiros	Nuclear com filhos solteiros	Nuclear com filhos solteiros	Nuclear com filhos solteiros	Nuclear com filhos (2 filhos que ainda estão na Ucrânia)	Nuclear com filhos	Nuclear com filhos

³² **Notas relativas aos entrevistados:**

E.4 – Quando imigrou estava divorciada e tinha uma filha que ficou com a mãe, que foi buscar logo que pode. Vei-o sozinha.

Casou pela 1ª vez com 26 anos e pela 2ª vez com 34 anos em Portugal com um Português que conheceu -o em Portugal no local de trabalho. Casou com ele há 3 anos.

E.5 - Casou pela 1ª vez com 22 anos e pela 2ª vez com 30 anos em Portugal com um Português. Era conhecido de um colega trabalho do irmão.

INFORMAÇÃO RELATIVA AOS FILHOS³³

Elementos de caracterização	Filhos dos Entrevistados									
	E.1	E.2	E.3	E.4	E.5	E.6		E.7		E.8
Idade	12	8	9	10	7	7	11	5	4	23
Sexo	M	M	F	F	F	M	F	F	F	F
Habilitações literárias	6º ano	3º ano	4º	4º	2º			---	---	12º ano e curso de esteticista
Ocupação	Estudante	Estudante	Estudante	Estudante	Estudante			---	---	Empregada
Desempenho escolar	Bom aluno	Bom aluno	Bom aluno	Bom aluno	Bom aluno			----	----	-----
Profissão	-----	-----	-----	-----	-----					Esteticista

INFORMAÇÃO RELATIVA AOS CÔNJUGES

Elementos de caracterização	Cônjuges dos Entrevistados							
	E.1	E.2	E.3	E.4	E.5	E.6	E.7	E.8
Idade	39	33	31	28	32	35	33	44
Sexo	M	M	M	M	M	M	M	F
Estado civil	Casado	Casado	Casado	Casado	Casado	Casado	Casado	Casada
Habilitações literárias	Licenciatura em Educação física	12º ano e curso profissional de pintura de construção civil.	12º ano e curso profissional de electricidade.	12º ano	12º ano	12º ano e curso profissional de mecânico de automóveis	12º ano e curso profissional de carpintaria	Licenciatura em Matemática
Profissão antes da vinda	Professor	Pintor da construção civil	Carpinteiro	-----	-----	Vendedor de feira	Operário em Fábrica de conservas	Professora
Profissão actual (no país de acolhimento)	Operador de máquinas da construção civil	Operário da construção civil	Motorista de pesados	Empregado de mesa	Motorista	Carpinteiro	Carpinteiro	Empregada de balcão numa loja
Ano de chegada a Portugal	2001	2001	2000	-----	-----	2001	1999	2001

³³ **Notas relativas aos filhos dos entrevistados:**

De uma forma geral não há relatos de problemas de integração escolar. Alguns alunos ficaram retidos 1 ano devido aos problemas com a língua Portuguesa, que facilmente foram ultrapassados.

E.1 – Filho veio com 10 anos. Tinha 7 anos quando a mãe veio ter com o pai. O filho ficou 3 anos na Ucrânia com a tia materna. Quando veio para Portugal não teve problemas na escola com aulas nem com colegas. Primeiro ano ficou retido no 4º ano em vez de ingressar no 5º, os pais preferiram assim para aprender a língua.

E.4 – É filha do primeiro casamento, ficou na Ucrânia com a avó materna. A mãe foi buscá-la passado 1 ano em 2003, ela tinha 7 anos... Não teve problemas de integração escolar, no primeiro foi mais difícil devido à língua, ficou retida no 1º ano, mas depressa recuperou, estuda muito, é muito boa aluna e tem muitos amigos colegas de escola.

E.5 – A filha veio com 4 anos com a mãe.

E.6 – Os filhos estão na Ucrânia na casa da avó materna

E.7 – Nasceram em Portugal. Frequentam infantário.

E.8 – Tirou o curso já em Portugal. Namora com um Português.

Imigração - A decisão de sair e a perspectiva de regressar

Em interacção com o contexto e de acordo com as experiências que vai vivendo, o indivíduo vai formando novas perspectivas em relação à realidade, a este propósito veremos já a seguir, a importância que teve o contacto com uma realidade diferente na formação de uma nova perspectiva em relação à realidade vivida antes da experiência migratória.

A imigração aparece ligada à questão da sobrevivência, percebida como uma necessidade derivada das condições que se verificam no país de origem em que são enunciados problemas de desemprego; de trabalho não remunerado ou de salários muito baixos o que significa que teve um carácter particularmente económico.

“Todo o fenómeno migratório se inscreve em desequilíbrios provocados pelas desigualdades. Estes fazem-se sentir particularmente num determinado quadro socioeconómico e exercem uma forte influência na decisão do migrante deixar a sua região ou o seu país para ir para outros” (Leandro, 1984, p. 4).

Os percursos são únicos do ponto de vista da experiência e vivência pessoal e são comuns pelos motivos e circunstâncias de vida ligados à decisão de imigrar.

E1- ... dava aulas de Biologia e Química na escola secundária e não havia dinheiro para pagar. Fomos à aldeia para casa de minha mãe, eles deram batatas, carne. Estivemos 3 anos a trabalhar sem receber dinheiro.

E.2 - Estava desempregada e marido também, antes trabalhei mas não recebi dinheiro.

E.3 - Porque meu homem ficou sem trabalho e estava a pensar em ir para outro país trabalhar.

E.4 - Ganhava pouco, e precisa encontrar outro modo de vida para viver melhor.

E.5 - Não havia dinheiro e precisa encontrar outra vida para melhor, pensar futuro minha filha.

E.7 - Tinha que ser, lá nos trabalhos pagam pouco não chega para nada, vida muito cara, eu vim porque queria ganhar dinheiro.

E.8 - Quando eu decidi imigrar,...imigrei porque estava desempregado e lá ou não há trabalho, ou se há pagam muito mal ou não pagam, não dá para viver.

A decisão de partir associada à situação de vida no país de origem aparece como uma necessidade inevitável que é não só reconhecida pelos próprios, mas aparece associada à opinião de familiares próximos.

E1 - *Foi fácil decidir, pois não havia mais alternativa, tinha mesmo que ser assim, não havia dinheiro para nada, então eu e marido sabíamos que solução era trabalhar noutra país, falamos com pais e eles também acharam isso.*

E.5 - *Tinha divorciado, meu marido estava no Rússia a trabalhar, já quase não o via e ele ficou por lá, arranjou outra mulher, outro filho. Minha vida ficou eu e minha filha, na Ucrânia não há futuro, tinha que vir com minha cunhada, procurar futuro pra minha filha.*

E.7 - *Tinha que ser. Lá nos trabalhos pagam pouco não chega para nada, vida muito cara.*

E.8 - *....Falei com família e decidimos todos que tinha que ser.*

E.4 - *Não, não, foi assim depressa, decidi depressa. A patroa não queria que viesse, mas teve que ser mesmo, o dinheiro era muito pouco. Não foi difícil, quando chegas a conclusão na tua vida que precisas mesmo fazer uma coisa, vais e fazes, não pensas se vai ser fácil ou difícil. Difícil era a situação lá.*

O país de origem é percebido como uma sociedade em ruptura em que não só não são asseguradas as necessidades de emprego (trabalho e salário), como se sente um mal-estar generalizado devido às condições de vida caracterizadas por uma grande dificuldade económica.

E.1 - *Não... não vale a pena. Muita pobreza, muita corrupção, já não oferece nada. Sabes de 1991 a 2001, na Ucrânia ficaram só crianças e velhos. Há problema com demografia. 52 milhões pessoas, 7 anos atrás e agora temos 48 milhões. Não há trabalho. Cada família tem pessoas a trabalhar fora do país. Andam na rua bonitas. Nas lojas tem tudo, mas não produz nada. Fábricas não há.. Os produtos das lojas são da Turquia, China, Bolonha, Rússia.*

E.2 - *...é muito mau (a situação do país) e meu filho percebe Português e aqui melhor para ele e para todos. Na Ucrânia é difícil, muito difícil para viver, tem muitos problemas. Difícil compreender. Tem muitos problemas. Não tem segura nenhuma. É difícil para viver, tem muitos pobres, pessoas que podem fazer algum mal.*

Às dificuldades materiais associa-se um sentimento de insegurança e medo, uma impressão de que a revolta por essa situação de vida se pode traduzir em situações de violência.

E.3 - *Voltar não, para hoje posso dizer que não quero lá voltar, só ir visitar. ... porque quero ficar cá não é só por ganhar dinheiro é por o ambiente em que se vive, as pessoas, mais as pessoas. ... Agora na minha cidade também já não é, há muita violência e muito medo.*

Essa impressão de ambiente de mal-estar insuportável acentua-se ou torna-se perceptível no confronto com a sociedade do país de acolhimento. O contacto com outra realidade parece fazer despertar uma diferente percepção relativa ao ambiente social do país de origem. Esta percepção aparece como algo relacionado com uma *diferença de viver* que se sente mas que não se sabe explicar, ou que se explica remetendo para uma revolta generalizada das pessoas que se traduz numa determinada atmosfera que contrasta com a que se vive em Portugal designada de “mais calma”.

E.3 - Quando gente está lá é uma coisa, vem cá trabalhar fica aqui, eu acho nem toda gente mas maioria, fica aqui algum tempo, 1 ano por exemplo.... Vai para lá outra vez e já olha para nossa vida, para pessoas, para tudo é diferente como era, porque aqui a vida, as pessoas são muito mais calmas do que lá. Lá a gente, imagina, maioria das pessoas fica sem trabalho, não é, a gente fica zangada, não tem dinheiro para comer a gente não fica como está....quando estás lá, não sais pra outro país, aquilo é normal, mas depois vais pra outro lado e quando vais lá já não achas aquilo normal, já queres vir embora, já não queres ficar lá, percebes?

... Sim, pessoas estão todas revoltadas, e lá é assim, quando vais apanhar camioneta e tudo, e entras lá sais doente, não falas com ninguém, mas vais a ouvir aquela conversa, que falam as pessoas sais mesmo doente e também ficas nervosa, ficas zangada. Aqui não, aqui passas na rua, vês gente a sorrir, assim, também gente tem problemas, mas não é tanto. E quando fui para lá estive lá 5 dias, quando fui buscar minha filha, e já tinha saudades daqui e da minha casa que está aqui. Já não queria estar lá.

E.4 - Foi Ucrânia há 2 anos e vi já muita diferença de viver de aqui. Vida daqui e vida lá muito diferente..... É diferente pronto, como explicar...aqui é mais calmo e pessoas é diferente, lá tudo deprimido, já não voltava lá – se eu tenho saudades, eu tenho férias pego avião e vou lá uma ou duas semanas e já chega.

Na sociedade de acolhimento o indivíduo apercebe-se de um contraste entre esta e a sociedade de origem, inerente a questões de conforto, segurança (relacionada com a integridade física e emocional), e ao ambiente social, questões estas associadas a necessidades não só objectivas como também subjectivas, passando o País de origem a ser visto como um país sem futuro e a ambiência que se vive é encarada como algo a evitar, depois da experiência migratória.

E.3 - Voltar não, para hoje posso dizer que não quero lá voltar, só ir visitar. ... porque quero ficar cá não é só por ganhar dinheiro é por o ambiente em que se vive, as pessoas, mais as pessoas.

E.3 - ...aqui passas na rua, vês gente a sorrir, assim, também gente tem problemas, mas não é tanto. E quando fui para lá estive lá 5 dias, quando fui buscar minha filha, e já tinha saudades daqui e da minha casa que está aqui. Já não queria estar lá.

E.1 - Não,... não vale a pena. Muita pobreza, muita corrupção, já não oferece nada.

E.3fui lá no primeiro tempo, passado meio ano de estar cá e já senti grande diferença. E há 2 anos atrás estive lá. Tenho férias só duas semanas, no Inverno e no verão, não tenho um mês seguido, e quando fui para lá passou uma semana e já disse a meu homem que queria vir para cá....E estava bem só dentro de casa. Minha casa está alugada, não estive na minha casa, estive na casa de minha cunhada, estava bem lá com os meus amigos, pessoas conhecidas, quando saio fora, até não quero, nem passar nem na rua nem nada..

Assim, a decisão de permanecer no país de acolhimento não aparece apenas associada a razões relacionadas com condições objectivas de vida, mas também a condições mais subjectivas, o que nos remete para a problemática da *qualidade de vida*.

Para Setién (1993), a *qualidade de vida* está relacionada com o grau em que uma sociedade possibilita a satisfação das necessidades (materiais e não materiais) dos membros que a compõem, capacidade essa que se manifesta através das condições objectivas em que se desenvolve a vida societal e no sentimento subjectivo da satisfação dos seus desejos.

“Há muitos elementos da qualidade de vida: Baseiam-se na fruição garantida e tranquila da saúde e da educação, da alimentação adequada e da habitação, de um ambiente estável e saudável, da equidade e da igualdade entre os sexos, da participação nas responsabilidades da vida de todos os dias, da dignidade e da segurança. Cada um destes elementos é importante em si, mas a falta de realização nem que seja de um só pode minar o sentido subjectivo da qualidade de vida.” (Setién, 1993, p. 75).

Segundo a Comissão Independente População e Qualidade de Vida (1998), a qualidade de vida abrange diversos domínios da vida, como saúde, educação, alimentação adequada, habitação, ambiente estável e saudável, equidade, igualdade, participação nas responsabilidades de vida de todos os dias e segurança. Integra também uma componente de subjectividade, assim como de diversidade cultural e subcultural.

Cada um destes domínios é importante em si, mas o *sentido subjectivo da qualidade de vida*, de acordo com Setién, depende da satisfação, na sua componente objectiva e subjectiva do indivíduo, em todos estes domínios.

Segundo Allardt (1976), a qualidade de vida é um conceito que integra dois elementos relacionado com condições de vida - condições de vida objectivas e subjectivas. São destacados quatro aspectos na sua análise da qualidade de vida:

- O nível de vida, associado a necessidades de natureza material nas quais se integram as necessidades humanas básicas.
- A qualidade de vida, associada a condições de vida de natureza imaterial, ligadas ao indivíduo em si mesmo, naquilo que são os seus esquemas e necessidades relacionais com a família, com a sociedade.
- O nível de satisfação, atinente à forma como subjectivamente são percebidas as condições de vida.
- Felicidade, que deriva da percepção subjectiva da qualidade de vida.

Gough (1982), na sua análise de qualidade de vida diferencia a questão das necessidades da questão dos desejos ou aspirações. As necessidades aparecem ligadas à esfera colectiva, universal, e as aspirações mais ligadas à esfera individual.

Em última análise a problemática da qualidade de vida encontra-se é inerente à questão da satisfação de necessidades humanas a vários níveis, integrando três elementos de carácter dual, o material/imaterial; o objectivo/subjectivo; o individual/colectivo.

Especificidades da decisão de imigrar

Para além dos problemas económicos apontados como o principal móbil da decisão de imigrar, a imigração parece revestir-se de maior complexidade, envolvendo outras ponderações.

A imigração parece também constituir uma estratégia para assegurar o futuro dos filhos.

Segundo Leandro (2004)³⁴ uma estratégia consiste numa conduta que visa realizar um conjunto de acções lógicas mobilizando meios para concretizar objectivos.

E.5 - *Não havia dinheiro e precisa encontrar outra vida para melhor, pensar futuro minha filha.*

E.6 - *...mas pra jovens está complicado, problema é futuro de filhos, se ficas lá com filhos não há futuro pra filhos.*

Se por um lado, os filhos aparecem como elemento ponderado que contribui para a tomada da decisão, por outro, constituem a maior dificuldade enfrentada nesse processo, associada à separação física de outros elementos da família, conforme claramente é manifestado.

“L’ immigration, telle qu’elle est vécue et gérée aujourd’hui avec ses multiples contraintes, organise la désagrégation de la famille...” (Leandro, s.d, p.30).

E.2 - *...Foi difícil, foi muito, muito difícil.... Porque tinha que deixar a família. E tinha meu filho.*

E.6 - *Ai....(suspiro) foi difícil, muito difícil. Foi difícil com visto, foi difícil também porque marido está cá e filhos está lá... (lágrimas e expressão de tristeza).*

E-8 - *Foi muito difícil, porque tive que vir sozinho, é muito complicado deixar a mulher e a filha,*

Quem não tinha filhos, no processo à saída, revelou ter consciência que este dado teve a sua influência neste processo tornando a saída menos difícil.

³⁴ Leandro, Maria Engrácia (2004) in seminário Migrantes e Migrações – U.A – Porto (31/03/04)

O percurso pode ser comum, contudo as situações “... nunca são vividas de modo idêntico, porque diferente é a experiência e as condições em que se produzem”(Leandro,2000,p.22).

E.7 - Decidimos assim os dois, queríamos casar e decidimos vir ganhar dinheiro. Não foi difícil, não tínhamos filhos...

A existência de família ou de alguém conhecido num determinado país, com quem se pensa estabelecer contacto e por quem se espera ser apoiado surge como um outro elemento ponderado, envolvido no processo de decisão, nomeadamente na selecção do país de acolhimento.

E.6 -Marido veio e eu fui atrás dele....Ele foi procurar onde está melhor, foi primeiro para Moscovo trabalhar em 1998.... dois anos ele esteve em Moscovo..... eu fiquei na aldeia com filhos.... depois ele esteve lá na aldeia e depois passou 1 ano e veio para Portugal..... porque veio pra Portugal..... Um primo de meu marido já estava cá e meu marido veio e ficou lá com ele, em casa dele.

E.3 - ele veio com irmão, porque... é assim... esteve aqui um amigo deles, não é amigo, também uma pessoa conhecida também do nossa cidade, eles perguntou se arranja trabalho pra eles e disse sim...

E.4 - Muitas pessoas conhecidas tinham imigrado e falavam e vim..... Olha, foi Portugal porque todos vieram para aqui, por isso eu foi. Quem tinha conhecidos na Espanha, está em Espanha, quem tinha conhecidos na Itália está em Itália, é assim....

Mas os processos de selecção do país de acolhimento parecem poder ter outras especificidades para além das expectativas de apoio por parte de pessoas próximas. Possibilidades de legalização; de acesso à saúde; ao mercado de trabalho, facilidades de deslocações internacionais (na saída e na entrada) e o ambiente, são apontadas como informações que vão sendo obtidas acerca das oportunidades/facilidades num determinado país a partir das quais se formam percepções que colaboram objectivamente na escolha e subjectivamente na partida.

E.1 - ...pensavam que chegaram e arranjaram logo trabalho e legalização e não foi assim.

E1 - Escolhemos logo Portugal, porque só Portugal nesse momento dava legalização para estrangeiros.

E.3 - ...só aqui era país aberto pra nós, pra fazer legalizações, os outros país não dava isto, as pessoas tem isto e tem direito a ir pra médico, tem tudo, não é... nos outros país nada, também posso sair, posso ir e sei que venho sem problemas, ... por exemplo, hoje precisa ir pra meu país eu vou, compro bilhete vou, não precisa mais nada, e sei que venho e se vais pra outro país já não faça isso, vais e já não vens mais, vens, mas tens que tratar isso tudo outra vez, gastas 5000€ ou não sei quanto..... Informações de pessoas, de televisão....

E.4 - Sabes, pessoas da Ucrânia, conhecidos, vieram e passaram informação que havia cá muito trabalho e que fazia calor, sabes, eles vieram e ligaram para todos conhecidos e estes para outros, sabes, é como Internet, informação chega a todos.

E.8 - Porque queria trabalhar no estrangeiro e era Portugal que estava a acolher imigrantes.

Para além de informações relativas ao país, também informações relativas a processos migratórios de sucesso de pessoas conhecidas parecem contribuir para a selecção.

E.7 - Marido esteve também primeiro na Polónia e depois foi outra vez pra Ucrânia e depois Portugal. Tinha cá um primo e sabia que estava bem, mas não contactou com ele...

As informações úteis na fase do processo migratório à saída parecem ser obtidas por meio da televisão e da comunicação interpessoal em cadeia, numa espécie de rede interactiva.

E.3 - ...só aqui era país aberto pra nós, pra fazer legalizações, os outros país não dava isto, as pessoas tem isto e tem direito a ir pra médico, tem tudo, não é... nos outros país nada, também posso sair, posso ir e sei que venho sem problemas, Informações de pessoas, de televisão....

E.4 - Sabes, pessoas da Ucrânia, conhecidos, vieram e passaram informação que havia cá muito trabalho e que fazia calor, sabes, eles vieram e ligaram para todos conhecidos e estes para outros, sabes, é como Internet, informação chega a todos.

Depois da decisão tomada, do país de acolhimento seleccionado, e das dificuldades e motivações que lhe estiveram inerentes, surgem dificuldades associadas à própria saída do país de origem. A obtenção de vistos para sair do país parece ter constituído outro obstáculo a enfrentar.

E.6 - Ai.....(suspiro) foi difícil, muito difícil.(para a própria) Foi difícil com visto...

E.6 - Para ele foi difícil, também para ele ... Não pensou (marido) porque não tinha tempo, porque foi muito complicado para abrir visto e quando tem visto veio rápido, teve que ser rápido, não deu tempo para pensar em nada.

E.8 - Eu ainda fui à Ucrânia e tive que preparar a entrada de mulher e filha em Portugal, o que foi difícil para conseguir vistos, muito difícil.

Mas as razões que parecem ter concorrido para a selecção do país de acolhimento associadas a percepções de facilidade de legalização e de inserção no mercado de trabalho parecem ter criado expectativas muitas vezes frustradas.

E.1 - ...pensavam que chegaram e arranjam logo trabalho e legalização e não foi assim.

E.2 - Eu nunca pensava em esperar alguns problemas aqui. Eu pensava que fica fácil, posso procurar consigo fazer tudo. Mas foi difícil, muito difícil.

E.6- ...Pensas: se calhar naquele lado melhor que aqui e pra melhorar de vida vais, só que chegas cá e não é muito melhor.

E.8 - Não, pensava que era fácil, vinha trabalhar, vinha ganhar dinheiro.

A decisão de imigrar é acompanhada de uma perspectiva de regresso, sendo que, o processo não é encarado à partida como um projecto a acalantar, mas sim, como uma estratégia para ultrapassar problemas económicos, problemas estes que constituem o seu principal móbil.

À decisão não se encontram inerentes planos de médio/longo prazo, verificando-se que a preocupação nesta fase do processo migratório é ir para outro país trabalhar e ganhar dinheiro e regressar ao país de origem.

E1 - *O plano era trabalhar noutro país. Trabalhar noutro país e um dia regressar.*

E.3 - *Mas eu não sabia que vou ficar aqui... Eu ia só para ganhar...*

E.7 - *Só vinha cá ganhar algum dinheiro para voltar, não pensei em problemas. Queria regressar.*

E.8 - *Não, pensava que era fácil, vinha trabalhar, vinha ganhar dinheiro*

A saída do primeiro elemento da família parece acontecer isoladamente ou em grupo (com outros conterrâneos ou parentes).

E.3 - *ele veio com irmão, porque... é assim...*

E.7 - *Quando veio, ficou sozinho sem ninguém...*

E.8 - *Vim com mais Ucrânicos trabalhar para construção civil.*

O processo à chegada - fase de instalação

O acolhimento

Os processos relativos à saída do primeiro elemento da família, surgem marcados à chegada ao país de acolhimento pela vivência de situações de grande precariedade, quer a saída tenha acontecido isoladamente ou em grupo, elementos que em si mesmos não parecem constituir uma facilidade à chegada.

A vinda em grupo pode derivar em situações de isolamento ligadas a contingências várias, tendo-nos sido apontadas o não pagamento de salários e a inexistência de retaguarda. A pessoa sai em grupo e perde-se dos seus companheiros de jornada, vivenciando situações de precariedade e solidão, agravadas pelas dificuldades de comunicação.

E.8 - ...Eu vim sem conhecer ninguém, nem conhecia as pessoas que também vieram trabalhar para aquela empresa. Mas correu mal, trabalhamos e patrão não pagou, nem fez contrato, nem nada, ficamos sem nada, nem dinheiro tinha pra voltar.

E.8 - A língua, queres falar para encontrar trabalho, queres explicar o que acontece, e não consegues dizer bem o que queres é muito difícil, não conheceres ninguém, não teres ninguém com quem falar és só tu e os teus pensamentos, e claro ficares sem o básico pra viver.

Mas as trajectórias dos agentes são de facto singulares e a separação do grupo, nem sempre é acompanhada de situações de isolamento e solidão dependendo de uma boa dose de casualidade.

E.7 - Marido foi fugir num quintal, num terreno assim sem nada, ele estava ilegal e apareceu policia..... Sim, é isso, nas águas furtadas, ficaram escondidos lá.....Meu marido ficou na casa deste casal.

As experiências dos homens à chegada, sem retaguarda, transformaram-se em acontecimentos valorizados e relatados resultando na percepção geral de que o processo migratório foi muito mais difícil para eles do que o das mulheres. Percepção esta não diferenciada em termos de género.

E.3 - Pra ele...pra mim era fácil, porque eu já veio... já estava aqui casa, ele já alugou casa.... quando veio ele, ele não tinha nada e posso dizer que a pessoa que estava cá quase não ajudou nada, pra ele custou muito, pra mim não.

E.7- Ah, sim, difícil, pra homens, todos homens situação mais difícil, mulheres que vieram ter com maridos foi mais fácil.

E-8 - Foi muito difícil, porque tive que vir sozinho, é muito complicado deixar a mulher e a filha, pra elas foi mais fácil, porque ficaram juntas e vieram ter comigo. Mas são muitos que vêm para cá ganhar.

O acolhimento à chegada, relativo a homens e mulheres contrastam entre o tudo e o nada. Parece que a vinda da mulher (no caso das famílias nucleares com ou sem filhos), exige uma preparação do terreno que contempla uma providência essencial: habitação para o casal.

E.1 - O marido chegou primeiro, sem nada, só com roupa vestida... Quando cheguei ele tinha tudo.

E.3 - Marido veio 6 anos atrás. Era 2000. Eu vim 2001, passado 8 meses.... e arranhou outra casa mesmo para nós, pra quando eu veio..... mas quando ele veio, ele até não tinha sitio pra dormir.

E.7 - Quando veio, ficou sozinho sem ninguém, dormiu na estação de comboios..... Quando chego marido já tem casa alugada.

A facilidade do processo migratório à chegada, em termos de acolhimento, pode não ser uma constante no caso das mulheres com uma outra situação familiar (monoparental com filhos), pois os relatos revelam-nos que tal depende da existência no país receptor de familiares que as possam acolher.

E.5 - Tinha medo não conseguir trabalho, mas sabia meu irmão tinha conhecidos cá que vão ajudar

E.4 - Muitas pessoas conhecidas tinham imigrado e falavam e vim sozinha, estava divorciada, filha ficou com a mãe..... Olha, decidi que tinha que vir e vinha sem nada, só tinha contactos de alguns conhecidos. Vim de camioneta, é mais barato, juntei dinheiro para viagem e foi...

Quando existe retaguarda familiar ou de amigos que no país de acolhimento já conseguiram residência fixa e trabalho estável, os imigrantes, nomeadamente os clandestinos, encontram condições de sobrevivência mais dignas, que constituem um suporte essencial à sua integração, acabando por funcionar como um pequeno cosmos identitário essencial para que o indivíduo não seja empurrado para a marginalidade. L'immigré, bien souvent condamné à L'isolement individuel et socioculturel dans la société de résidence, ressent un besoin plus grand de cette valeur refuge, de ce havre qu'est la famille"(Leandro,s.d,p..30).

A retaguarda familiar no país de acolhimento não parece ser uma variável constante na decisão de imigrar das mulheres, segundo aquilo que nos é dado a compreender, sendo um elemento que pode ou não condicionar a sua decisão,

revelando-nos que mulheres também imigram sozinhas, sujeitando-se aos riscos que essa decisão pode envolver, não sendo esta uma questão de género.

E.5 - Minha cunhada vinha ter com irmão e vim também com minha filha. Meu irmão trabalha e tem casa alugada pra nós vir viver com ele.... Porque meu irmão estava em Portugal e tinha apoio, não estava sozinha, se não fosse assim, como podia ir, pra onde, como?

E.4 - Não, não, não sabia, vim sem falar com ninguém, trazia só números de telemóvel de pessoas conhecidas, que cá estavam e 30€ no bolso e depois ligava e logo via como ia ser....Não, não amigos e família não tinha cá, eram só pessoas conhecidas.

A inserção laboral

Na sociedade de acolhimento o indivíduo procura resolver os problemas que o levaram a imigrar, confrontando-se mais uma vez com a questão da inserção laboral.

Relativamente ao processo de entrada no mercado de trabalho o mesmo parece ter ocorrido no caso das mulheres num curto espaço de tempo sendo encarado como uma etapa que não ofereceu dificuldades.

E.1 - *Fui logo trabalhar, passado 1 semana.*

E.3 - *Passados 3 dias de chegar fui trabalhar.....*

E.5 - *Não foi difícil, comecei trabalhar passado 2 meses.....*

E.7 - *.... Comecei trabalhar passados 2 meses.*

No entanto, são ressalvadas as situações de irregularidade em que se viram envolvidas, associadas à ausência de contratos de trabalho, a rendimentos inferiores ao salário mínimo nacional e ao não pagamento de subsídios de férias.

E.1 - *Nós arranjam trabalho numa fábrica e na fábrica não era preciso falar só trabalhar. E como nós não sabíamos das leis ele não fez contrato nem pagou subsídio de férias.*

E.3 - *... só faziam contrato depois 4 meses, eu pedi e porque eles pagavam pouco e pensavam que eu vou embora, depois fizeram.*

E.3 - Não pagavam salário mínimo...

De notar, por um lado, a consciência de que as irregularidades laborais/contratuais surgem como consequência do desconhecimento das leis que regulam as relações de trabalho, e por outro, de que constituem um obstáculo à regularização da sua situação enquanto imigrante.

E.1 - *Nós arranjamos trabalho numa fábrica e na fábrica não era preciso falar só trabalhar. E como nós não sabíamos das leis ele não fez contrato nem pagou subsídio de férias. Estava ilegal durante 1 ano e meio.*

De notar também, em situação de retaguarda familiar, a forma como é encarado o tempo de espera para entrar no mercado de trabalho, não sendo apontada como uma dificuldade uma espera de dois meses.

E.5 - *Não foi difícil, comecei trabalhar passado 2 meses.....*

Verifica-se que apesar das suas habilitações e formação profissional o seu acesso ao mercado de trabalho, pelo menos numa primeira fase, está limitado à esfera da mão-de-obra menos qualificada, na área dos serviços domésticos, restauração, comercio e área fabril.

De acordo com Baganha e Peixoto (in Machado, 1997, p.17) “os imigrantes parecem estar a inserir-se no mercado de trabalho como substitutos e não como complemento dos trabalhadores nacionais”.

E.1 - *Nós arranjamos trabalho numa fábrica.....Fazia bóias para pesca.*

E.2 - *.. eu começou a trabalhar, cozinheiro... e depois eu procurei outro trabalho*

E.3 - *Passados 3 dias de chegar fui trabalhar..... Até hoje trabalho na fábrica de calçado.*

E.4 - *Em Coimbra, marido de amiga tinha conhecidos e pediu e arranjou emprego em loja de costureira...*

E.5 - *Não foi difícil, comecei trabalhar passado 2 meses..... É mesmo trabalho até hoje em casa de Senhora a fazer trabalho doméstico.*

E.7 - *Meu primeiro trabalho: fábrica calçado, estive lá 2 anos com contrato.*

A realização de trabalho indiferenciado, menos qualificado, com baixos salários, não parece ter influenciado negativamente o empenhamento profissional por parte do agente, ao contrário, parecendo até mesmo haver um certo orgulho na forma como é referido o desempenho e capacidade de adaptação (o do próprio e o dos familiares).

E.1 - *Fui logo trabalhar, passado 1 semana..... recebia 375€ por mês. Fazia bóias para pesca. Em 4 meses fiz 6500, os trabalhadores faziam menos 2000.*

E.1 - Veio trabalhar (marido) para construção civil e estudou 3 máquinas, estavam sempre avariadas e consertou, ficava 15 dias sem máquinas funcionar até vir técnico ele estudou máquinas e consertava e ficou especializado e agora é ele que trabalha com essas máquinas.

E.3 - O marido ganhava bem, os outras pessoas ganhava menos do que ele, ele era carpinteiro. A profissão dele é electricista, tem curso, mas trabalhava carpinteiro, ele aprende bem tudo e sabe.

São apontadas as dificuldades de inserção laboral dos homens, fazendo-nos notar que não encontraram as mesmas facilidades no que respeita à entrada no mercado de trabalho. A este respeito aparecem não só os relatos do homem entrevistado mas também descrições das mulheres relativamente aos homens revelando algumas das suas experiências de precariedade laboral.

Notamos que os homens que imigraram primeiro sem rede de apoio encontraram dificuldades com alguma especificidade muito associadas à área laboral a que conseguiram aceder numa primeira fase – a área da construção civil – fortemente marcada por situações de exploração laboral onde à inexistência de contratos que impedem a regularização dos imigrantes associam-se situações de não pagamento de salários e de incerteza quanto à possibilidade de trabalho.

E.1- O marido estava a trabalhar construção civil por 500€ e o patrão não fez nada. Ele saiu para outro emprego e lá o patrão fez para ele contrato de trabalho com carimbo do IDICT (ministério do trabalho).

E.2 - Marido trabalhava no construção civil, fez curso de pintor, fez, ele tirou curso mas para obra, e era o que fazia na Ucrânia.

E.3 - E primeiro tempo (do marido) trabalho não era certo. Trabalhava nuns dias, outros não, foi trabalhar também alguns dias pra trolha e era muitas vezes que patrão não pagou.

E.7 - Quando veio, ficou sozinho sem ninguém, dormiu na estação de comboios, Olha, depois...Sabes, Ucrânianos há mais tempo cá, recebiam 300€ e eles arranjavam trabalho, mas meu marido conheceu outras pessoas que eram amigos desses e eles arranjaram primeiro trabalho e ele não precisou pagar nada. Conheceram-se na estação todos, no primeiro tempo.Ele trabalhava na construção civil, mas sem contrato, depois arranjou outro trabalho com contrato.

E.8 - Vim com mais Ucrânianos trabalhar para construção civil, vi anúncio desse trabalho no jornal e vim pra Portugal, estava com 38 anos. Já estou cá 7 anos, tenho agora 45, mas nesse tempo não fizeram contrato, vivia nuns contentores, estava ilegal. ... Não tinha nada disto, no princípio nem contrato de trabalho... trabalhamos e patrão não pagou, nem fez contrato, nem nada

Parece que os problemas laborais, quer por precariedade ou por dificuldades de acesso ao mercado de trabalho, enfrentados pelos homens da família que chegaram ao país de acolhimento sem nenhuma base de apoio, traduzem-se num conjunto de problemas materiais, designadamente, problemas de falta de alojamento ou falta de condições habitacionais, e de ilegalidade, a respeito dos

quais as mulheres fazem questão de se pronunciar, bem como o próprio entrevistado que as vivenciou.

E.3 - mas quando ele veio, ele até não tinha sitio pra dormir, ele estava num sitio, com uma tenda num quintal com um rapaz e tinha muito frio, tanta chuva, tanto frio e ficou lá 3 meses a passar muito mal, sem água, sem nada, o rapaz não se dava com pai e vivia na tenda no quintal e alojou meu marido e irmão.

E.5 - Eu não, mas meu irmão, foi nos serviços de assistência, no primeiros dias quando chegou, disse que ficava sem trabalho e sem casa.

E.7 - Quando veio, ficou sozinho sem ninguém, dormiu na estação de comboios,

E.8 - mas nesse tempo não fizeram contrato, vivia nuns contentores, estava ilegal.

As referências às situações de carência vividas pelos homens da família decorrentes das dificuldades de entrada no mercado de trabalho, podem ser entendidas como uma justificação para a sujeição a condições precárias de trabalho.

E.1 - O marido chegou primeiro, sem nada, só com roupa vestida e depois trabalhou construção civil e juntou dinheiro para arrendar casa

E.5 - Eu não, mas meu irmão, foi nos serviços de assistência, no primeiros dias quando chegou, disse que ficava sem trabalho e sem casa e, depois ele tinha conhecidos que sabia de trabalho pra construção civil e arranjou.

Na linha da compreensão dos problemas associados à inserção no mercado de trabalho não podemos deixar de notar o problema que a língua constituiu.

E.1 - nós estrangeiros do país de leste estamos um grupo especial – nós não sabemos ler, nem escrever, nem falar.

Este problema numa fase inicial do processo dos primeiros imigrantes Ucrânicos, designadamente na tarefa de encontrar o primeiro trabalho, num contexto onde não se conhece ninguém e onde é difícil o estabelecimento da comunicação, surge como um obstáculo de peso, sentido pelo imigrante que viveu a experiência como a maior dificuldade enfrentada.

E.8 - A língua, queres falar para encontrar trabalho, queres explicar o que acontece, e não consegues dizer bem o que queres é muito difícil...

Embora o problema da língua seja reconhecido por todos como uma dificuldade no processo de inserção laboral, parece ter assumido maior dimensão por parte de quem não teve possibilidades de mediação.

E.1 -não foi fácil, porque não percebíamos língua e os patrões não faziam contratos e não faziam descontos era preciso procurar trabalho com contrato direitinho e depois também havia muita coisa com papeladas que era preciso fazer e que não sabia, não compreendia.

E.3 - Foi meu homem que arranjou, foi ele, porque ele já sabia falar.

Outra nota é que o problema da língua também parece justificar de alguma forma o tipo de trabalho a que foi possível terem acesso numa primeira fase.

E.1 - Nós arranjam trabalho numa fábrica e na fábrica não era preciso falar só trabalhar....

A preocupação dos agentes relativamente à procura de um trabalho com contrato aparece associada à preocupação com a sua regularização no país. A regularização da situação laboral surge como um acontecimento na vida do imigrante marcado pelo desaparecimento de uma inquietação relacionada com a ilegalidade.

Os medos ultrapassados, conforme desabafam, traduzem-se numa melhoria da sua qualidade de vida naquilo que tem de imaterial e subjectivo.

E.3 ... só faziam contrato depois 4 meses, eu pedi e porque eles pagavam pouco e pensavam que eu vou embora, depois fizeram, depois fomos fazer papeis pra mim tratar isso. ...E depois já podia ter autorização permanência.

E.7 - Meu marido ficou na casa deste casal. Ele trabalhava na construção civil, mas sem contrato, depois arranjou outro trabalho com contrato..... E quando marido já tinha trabalho com contrato já estava sem medos, já melhor, estava legal.

A entrada das mulheres no mercado de trabalho surge facilitada por uma rede informal de apoio iniciada pelos homens pioneiros e complementada pelos contactos e relações que conseguiram estabelecer antes da vinda da família, com vizinhos, colegas de trabalho e conhecidos.

E.1 - Fui logo trabalhar, passado 1 semana. Foram vizinhos que arranjam trabalho.

E.3 - Passados 3 dias de chegar fui trabalhar..... Foi meu homem que arranjou.

E.4 - ... marido de amiga tinha conhecidos e pediu e arranjou emprego em loja de costureira....

E.5 - Não foi difícil, comecei trabalhar passado 2 meses..... É mesmo trabalho até hoje em casa de Senhora a fazer trabalho doméstico. Foi meu irmão que falou com muitos conhecidos.

E.7 - Foram amigos Portugueses, que arranjam meu primeiro trabalho.

Também entre imigrantes que se vão cruzando no país de acolhimento se vão estabelecendo ligações o que significa que a estrutura de apoio também se ergue e mantém com base nas relações estabelecidas intra-grupo por meio da obtenção e passagem de informações úteis

E.6 - ...passou dois meses e depois arranji trabalho..... Foi uma Senhora Portuguesa que arranjou. Eram uns conhecidos assim, e uns falam com outros e ela sempre andou a ajudar as pessoas que precisam e foi assim..... Aqui na Praça Republica muito Ucravianos e ela vinha ajudar pra eles todos e foi assim.

E.7 - Quando veio, ficou sozinho sem ninguém, dormiu na estação de comboios, Olha, depois...Sabes, Ucravianos há mais tempo cá, recebiam 300€ e eles arranjavam trabalho, mas meu marido conheceu outras pessoas que eram amigos desses e eles arranjaram primeiro trabalho e ele não precisou pagar nada. Conheceram-se na estação todos, no primeiro tempo.

Esta rede de contactos privilegiados que resulta da relação dos agentes quer com Portugueses que vão conhecendo no seu trajecto quer com outros imigrantes é dinâmica (os conhecimentos e os contactos vão-se multiplicando e transferindo), sendo utilizada pelos agentes ao longo do seu trajecto, cuja utilidade é realçada pelos próprios na concretização das suas vontades no que diz respeito não só à inserção mas também ao seu percurso laboral.

E.4 - Em Coimbra, marido de amiga tinha conhecidos e pediu e arranjou emprego em loja de costureira. Depois liquei para conhecida que disse que precisavam empregada em aldeia perto de Coimbra. Eles tinham restaurante e 2 residenciais, trabalhava muito lá, das 9:00 às 23:00, ganhava 350,00€, não pagava comida nem quarto. Depois liquei para outras pessoas conhecidas e alguns estavam no Porto e disseram que aqui se estava bem. Tinha aqui muitos conhecidos, já era mais fácil..... Vim para Porto, passado mais ou menos 1 ano e trabalhei em restaurante, trabalhei empregada doméstica em muitos sítios e empregada limpeza em escritórios e assim.

E.4 - Falava com pessoas conhecidas da Ucrânia que estavam cá há mais tempo, com pessoas que conhecia nos trabalhos, com todos que conhecia, e arranjava. Procurava, procurava, falava, falava, para mudar para trabalho para ganhar mais dinheiro, tu sempre procuras para ganhares mais e para fazeres coisas que gostas.

E.8 - Depois conheci outros Ucravianos e começamos falar e uns e outros iam conhecendo pessoas que davam trabalho e assim foi, vais conhecendo pessoas, vais falando, vais sabendo de coisas, de informações, tens esse objectivo e procuras. Depois procurei outros trabalhos até encontrar melhor, conheces colegas Portugueses, perguntas, as pessoas dão informações, é assim.

O processo à chegada - fase pós – instalação

Integração e mobilidade social

Inserção laboral – factor de integração

A inclusão no mundo do trabalho é o meio por excelência da abertura das portas da integração, porque conhecem pessoas, fazem amizades, que sedimentam a rede de sociabilidade, é um meio de obtenção de informações várias acerca do país de acolhimento, nomeadamente sobre outras possibilidades de emprego, é onde também aprendem a falar Português, enfim, é onde começam a adaptar-se ao *outro* no confronto com semelhanças e diferenças culturais e onde criam as representações do outro a partir dessa comparação.

A inserção laboral constitui em si mesma um factor de integração social e no caso dos imigrantes um importante factor de integração cultural.

Os agentes deram-nos conta de como inseridos no contexto laboral, no contacto com os colegas Portugueses, foram processando a aprendizagem da língua.

E.1 - ...para primeiro tempo era preciso estudar língua Portuguesa..... Foi a ler dicionário, a perguntar pessoas no trabalho que queria dizer palavras

E.5 - Foi meu irmão, ensinou pra mim e pra cunhada, falar Português. Depois fui trabalhar e senhora ensinava.

E.6 - Foi mesmo na cozinha, no trabalho, que aprendi língua.

E.7 - Tinha amigos que ajudavam no trabalho, puxavam, puxavam e com calma lá consegui aprender Português.

E.8 - Ouvir a falar, vinha com dicionário, procurava palavras que queriam dizer e decorava tudo, precisava aprender rápido, estava sempre a ouvir pessoas que diziam e escrevia e via no dicionário e perguntava aos colegas de trabalho...

Também através do contacto com os colegas de trabalho e depois de ultrapassada a barreira linguística vão conhecendo e adquirindo novos hábitos.

E.6 - Cozinha, acho que lá (na Ucrânia) também vou cozinhar algumas receitas Portuguesas que aprendi no trabalho.

E.2 - Já conheço pratos Portugueses, conheço fazer feijão, cozido à Portuguesa, sopas, são diferentes sopas das de Ucrânia. Aprendi no cozinha Português no trabalho.

E.7 - Natal diferente, festividade de anos é diferente. Hábitos daqui, já tenho com comida, gosto comida Portuguesa e faço em casa, aprendi a cozinhar com amigos Portugueses, pergunto a colegas, quero aprender pra cozinhar diferente.

E.8 . Os hábitos são os mesmos de lá, faço tudo igual que fazia lá, mas aqui já como comida Portuguesa, minha mulher aprendeu muitas coisas na casa de patroa, e faz.

O contexto laboral surge também como um importante espaço para o estabelecimento de amizades, o que se traduz na constituição de sociabilidades orientadas para o exterior, que como iremos ver, representam um importante elemento no processo de integração e adaptação cultural na sociedade de acolhimento.

E.7 - Tinha amigos que ajudavam no trabalho, puxavam, puxavam e com calma lá consegui aprender Português.

E.3 - Tenho duas colegas daqui, Portuguesas que são amigas, trabalhei com elas....

E.4 - Tenho amigos Ucrrianos e amigos Portugueses, que conheço do trabalho

E.5 - Tenho amigos Ucrrianos, mas agora convivo mais com Portugueses com colegas.

E.7 - Temos muitos amigos, de todas nacionalidades, que marido conheceu no primeiro tempo e conhecemos também no trabalho, temos sempre casa cheia de amigos, às vezes digo que não quero conhecer mais ninguém, mas é bom porque ajudamos uns aos outros.

E.8 -..... Portugueses, tenho colegas de trabalho, temos relação boa e fiz algumas amizades

Percurso Laboral e Habitacional

Foi-nos dado a conhecer os seus percursos laborais revelando como na fase pós-instalação o agente se relaciona com a estrutura social desejando aceder a melhores condições de vida no país de acolhimento e diligenciando nesse sentido.

As suas diligências traduzem-se não só na procura de melhores empregos mas também na procura de melhores posições no emprego.

E.1 - Veio trabalhar (marido) para construção civil e estudou 3 máquinas, estavam sempre avariadas e consertou , ficava 15 dias sem máquinas funcionar até vir técnico ele estudou máquinas e consertava e ficou especializado e agora é ele que trabalha com essas máquinas.

E.1 - Fui logo trabalhar, passado 1 semana. Foram vizinhos que arranjaram trabalho, recebia 375€ por mês. Fazia bóias para pesca..... trabalhava como secretária na Embaixada...

E.2 -.. eu começou a trabalhar, cozinheiro... e depois eu procurei outro trabalho

E.3 - E primeiro tempo (do marido) trabalho não era certo. Trabalhava nuns dias, outros não.....O marido ganhava bem, os outras pessoas ganhava menos do que ele, ele era carpinteiro...Ele mudou agora de trabalho, ..E ele foi.....Ele fez categoria num carro pesado, num caminhon, e começou trabalhar.

Notamos que ao percurso laboral não está apenas subjacente o alcance de melhores salários, mas também um desejo e uma procura de uma certa realização pessoal, o que nos remete uma vez mais para a consideração de que, para além da satisfação das necessidades materiais, o agente utiliza estratégias para alcançar outro tipo de necessidades de natureza imaterial e subjectiva, que no caso em apreço tem a ver com sentimentos subjectivos de satisfação profissional.

E.4 - Falava com pessoas conhecidas da Ucrânia que estavam cá há mais tempo, com pessoas que conhecia nos trabalhos, com todos que conhecia, e arranjava. Procurava, procurava, falava, falava, para mudar para trabalho para ganhar mais dinheiro, tu sempre procuras para ganhares mais e para fazeres coisas que gostas.

E.8 - ...depois procurei outros trabalhos até encontrar melhor, para mais dinheiro e melhor que gostasse mais.

O seu desejo de melhorar de vida leva o agente a procurar adaptar-se às necessidades do mercado de trabalho, na sociedade de acolhimento, tentando responder às mesmas por meio de novas especializações revelando uma atitude pró-activa.

E.3 - A profissão dele é electricista, tem curso.... Ele mudou agora trabalho...Ele fez categoria de pesado num caminhon e começou trabalhar.

O percurso laboral parece ser acompanhado por um percurso habitacional orientado por um desejo de melhoria das condições habitacionais, ao qual está também inerente uma preocupação pela adequação da tipologia de habitação à estrutura familiar.

E.1 - O marido veio 3 meses antes, em 2001, ele arranjou trabalho e arrendou casa em Rio Tinto....viver com marido e filho em apartamento T2 comprado, em boas condições.

E.2 -Quando cheguei marido já tinha casa, um bocadinho velhota, mas foi (ri).Não, não esta primeira casa em tempo passado, ... começámos a morar aqui no Porto, no Viso, no Viso, tem casas privadas, particulares e arrendei lá casa.... a casa é bem, temos tudo, temos tudo...

E.3 - Marido quando chegou morava com outras pessoas e arranjou outra casa mesmo para nós, pra quando eu veio.... Agora já compramos apartamento..... É T2+1.

Na procura de habitação há referência às amizades e aos conhecimentos estabelecidos que apoiaram nesse processo.

E.4 - *Cheguei no Porto e aluguei logo casa, amigos ajudou para alugar, trazia dinheiro que juntou dos trabalhos...*

E.7 - *Meu marido ficou na casa deste casal... Depois com ajuda de casal encontrou casa e alugou... estamos a pensar comprar apartamento.....*

Para além da melhoria das condições habitacionais, o percurso habitacional surge também relacionado com o desejo de acesso a casa própria.

E.1- *O marido veio 3 meses antes, em 2001, ele arranhou trabalho e arrendou casa em Rio Tinto....viver com marido e filho em apartamento T2 comprado, em boas condições.*

E.3 - *Marido quando chegou morava com outras pessoas e arranhou outra casa mesmo para nós, pra quando eu veio.... Agora já compramos apartamento.....É T2+1.*

E.4 - *Cheguei no Porto e aluguei logo casa, amigos ajudou para alugar, trazia dinheiro que juntou dos trabalhos... Comprámos apartamento T2 há 1 ano em Rio Tinto.*

E.7 - *Meu marido ficou na casa deste casal... Depois com ajuda de casal encontrou casa e alugou.... estamos a pensar comprar apartamento.....*

E.8 - *...vivia nuns contentores, estava ilegal....Sim, quando veio família tinha casa, arrendada... Pedimos em 2005 um empréstimo ao banco para comprar uma casa*

Também nos é dado a notar que o percurso habitacional e mais concretamente o desejo de ter casa própria está ligado à consciência adquirida de não querer regressar (só comprou casa quem tem a certeza de que não quer voltar para a Ucrânia).

E.3.....*Quando decidimos comprar apartamento é porque já sabia que não queria ir para a Ucrânia, aquilo agora está pior e quando compramos móveis aqui não queria baratos, queria o que eu gosto, porque já sabia que eu queria viver aqui, quero ficar, é a minha casa é aqui agora o meu lugar onde vamos viver.*

E.6 - *já pensámos arranjar aqui uma casa, mas depois pensamos: sim ou não? E ficamos sem saber. Para comprar casa tem que já saber se vou ficar pra sempre e ainda temos duvida.*

Avaliação acerca da situação presente

Não nos falam só do passado recente atinente à situação que os levou a imigrar nem nos dão apenas pistas acerca dos seus processos de mobilidade, também nos apresentam o seu presente referindo-se à satisfação actual com a vida.

A sua avaliação a este respeito, que resulta da comparação entre a situação de vida no país de origem num passado recente, e no presente, no país de acolhimento, parece resultar numa satisfação geral.

E.1 - Ah sim, estou bem....

E.2 - Aquí, aquí? Estou muito bem (Ri)....

E.4 - Não posso dizer que não, estou satisfeita, sim...

E.5 - Sim, não posso queixar, correu bem, tenho que preciso

E.8 - Sim, posso dizer que estou satisfeito com a vida

Contudo, nem todos os agentes se encontram totalmente satisfeitos actualmente com a vida, pois o resultado da sua avaliação, de acordo com as considerações de Allardt (1976) traduz a forma como subjectivamente o agente percepção as suas condições de vida.

É de notar que nos casos de insatisfação surgem elementos díspares, de resignação e de não resignação, estando este último elemento associado ao forte desejo de alcançar um novo modo de vida, garantidas que estão as necessidades básicas do próprio e da família na sociedade de acolhimento.

E.6 - Sim, pensava, que era melhor, comida, casas mais baratas, melhor com empregos... Hum...se estou satisfeita com vida... Ah, tem que ser.

E.7 - Espero muito mais de vida, arranjar emprego bom, assim emprego de falar com pessoas, ou num escritório ou numa loja, quero vestir roupa bonita, arranjar trabalho melhor remunerado, ganho só ordenado mínimo e meu marido ganha só mais 20,00€ que eu e é especialista de carpintaria.

A esta avaliação surgem associadas as razões que lhe deram consistência. A vida no presente é reflectida tendo em conta os resultados obtidos até ao momento, no processo de imigração, e também os resultados esperados, calculados com base na percepção das possibilidades que o país de acolhimento pode oferecer e que o agente pode procurar.

E.1 - *Ah sim, estou bem, tenho vida normal, posso fazer coisas, fazer projectos, ajudar pessoas através de Associação, meu marido trabalha, traz dinheiro, podemos comprar o que precisamos, filho está bem na escola, tem amigos...*

Esta avaliação também parece ter em conta uma satisfação subjectiva de cariz emocional ligada a um dos aspectos de análise da qualidade de vida, que Allardt (1976), designa de Felicidade, que deriva da percepção subjectiva da própria qualidade de vida.

E.3 - *Eu acho se pessoa... por exemplo pessoa como eu, tem uma família, não é... tenho o meu homem, tenho minha filha, se não falta atenção de meu homem e tudo... pessoa está feliz, não falta nada, se tem trabalho...até se não tem trabalho família ajuda e fala e arranja.. Acho que se pessoa à vezes tem tudo, tem dinheiro, tem tudo mas falta mesmo amor, atenção de homem dela, mesmo não é homem mesmo dela, mas é namorado ou quê, para ela aquele dinheiro e tudo não faz nada.*

A avaliação acerca da situação presente também aparece associada à forma como decorreu o próprio processo migratório, que apesar das dificuldades enfrentadas culminou em situações de sucesso pessoal, traduzidas para quem decidiu permanecer na sociedade de acolhimento, na vinda da família e na possibilidade de garantir o seu sustento.

Segundo Leandro (2004), de uma maneira geral, as pessoas emigram/imigram em busca de um melhor nível de vida que só é alcançado quando conseguem ter acesso a condições mínimas de sobrevivência, isto é, conseguem um emprego que possibilite a aquisição de bens e a compra ou aluguer de uma habitação.

E.4 - *Não posso dizer que não, estou satisfeita, sim – tudo bem com filha, com trabalho, posso viver com calma, não tenho muito dinheiro, mas tenho pra viver, pra casa, e pronto, tudo bem.*

E.5 - *Sim, não posso queixar, correu bem, tenho que preciso e minha filha está bem aqui, gosta de estar aqui.*

E.8 - *Sim, posso dizer que estou satisfeito com a vida. Consegui vencer todas as dificuldades, trazer a minha mulher e filha, estamos todos juntos, filha tem um futuro aqui, consigo sustentar a minha família, minha filha também já ajuda.*

A família surge então como elemento fulcral no processo de integração dos imigrantes. O reagrupamento familiar como nos dão a entender constitui um factor que permite notar com sucesso o processo migratório, sendo a união da família nuclear (cônjuges e filhos) um elemento ponderado na satisfação actual com a vida, conforme explicitado acima.

Em termos de estrutura e percurso familiar, verifica-se que no caso das famílias nucleares com filhos (à partida) em todos os casos o homem vem primeiro, podendo ser seguido pela mulher e filhos ou ser seguido por etapas – 1º pela mulher e depois pelos filhos, pois a vinda da família tem de ser preparada e apesar das dificuldades decorrentes da separação, a vinda dos cônjuges e filhos é equacionada pela família a partir de uma avaliação das condições reunidas na sociedade de acolhimento, ou seja, a união parece resultar da obtenção de condições ponderadas como necessárias: existência de trabalho, habitação, domínio da língua.

Relativamente ao conceito de reagrupamento familiar Trindade (1995) afirma que “...o percurso migratório realiza-se por fases sucessivas: num primeiro momento é um membro adulto da família que toma a iniciativa de emigrar e, depois de estabelecido no novo país de residência, tentará que os restantes membros (em particular os cônjuges e os descendentes) a ele venham juntar-se” (p.49)

Trata-se portanto de um “processo de reconstituição da família no estrangeiro, em fase subsequente à emigração do primeiro dos seus membros” (idem).

E.1- Conversámos todos e decidimos vir primeiro marido, depois quando arranjasse casa, vinha e meu filho ficava com meus pais e depois vinha também ...o filho tinha 7 anos, até 10 anos ele estava lá na casa de irmã que ficou. Mandava para lá dinheiro..... Só marido veio primeiro para arranjar casa. Depois eu vim sem filho

E.2 - Primeiro foi meu marido, e nós com filho ficamos, 1 ano e tal na Ucrânia, na casa de mãe, depois ele chamou-nos.Quando cheguei marido já tinha casa ... O filho tinha 3 anos, agora tem 8 e foi muito difícil, estar sem o pai e custava muito vê-lo a chorar pelo pai. O filho sempre chorou, quero o pai e foi muito complicado.

E.3 - Marido veio 6 anos atrás. Era 2000. Eu vim 2001, passado 8 meses.... Marido quando chegou morava com outras pessoas e arranjou outra casa mesmo para nós, pra quando eu veio..... Sim, quando fui buscar minha filha, já tínhamos casa pra nós e já comprávamos carro, era velho, mas já podíamos ir passear ao parque ou quê... à piscina e tudo. Sem carro não é... fica complicado.... Depois também passou mais ou menos meio ano e foi buscar minha filha. Tenho medo ir com ela porque não sabia para onde vou..... Foi muito difícil estar sem ela... ...Quando eu veio, e estava já com ele, ele já não pensava isso e ele disse porque é que não trouzes-te filha, depois fica muito mais difícil, pra tratar isso. E eu: como é que eu vou trazer se tu choras-te-me e que está mal, está mal, e vou trazer, não sei pra onde vou trazer a minha filha. Mas também achou melhor, porque estive aqui também estava a perceber língua e tudo

E.5 - Minha cunhada vinha ter com irmão e vim também com minha filha. Meu irmão trabalha e tem casa alugada pra nós vir viver com ele.

E.6 - *Um primo de meu marido já estava cá e meu marido veio e ficou lá com ele, em casa dele.....10 meses ele esteve cá e depois veio eu.*

E.8 - *Foi muito difícil, porque tive que vir sozinho, é muito complicado deixar a mulher e a filha, pra elas foi mais fácil, porque ficaram juntas e vieram ter comigo. Mas são muitos que vêm para cá ganhar...Estive cá sozinho de 1999 até 2001. Em Maio 2001 veio família.*

A trajetória da família nuclear sem filhos (à partida) também decorreu por etapas – Homem primeiro e mulher depois.

E.7 - *Marido veio para Portugal em 1999, eu vim passados 8 meses. As filhas já nasceram em Portugal. Quando chego marido já tem casa alugada em Vilar de Andorinho*

Não parece haver uma relação causa-efeito entre a decisão de não regressar ao país de origem e os planos de reunificação familiar, parecendo poder ocorrer planificação do processo de reagrupamento, à saída do país de origem, fase em que o projecto migratório é pautado pela ideia de regresso. Planificação essa que acaba por ser concretizada.

E1 - *O plano era trabalhar noutro país. Trabalhar noutro país e um dia regressar..... Conversámos todos e decidimos vir primeiro marido, depois quando arranjasse casa, vinha e meu filho ficava com meus pais e depois vinha também ...o filho tinha 7 anos, até 10 anos ele estava lá na casa de irmã que ficou. Mandava para lá dinheiro..... Só marido veio primeiro para arranjar casa. Depois eu vim sem filho*

Outro elemento digno de registo é o tempo que medeia a sucessão das etapas com uma tendência para o reagrupamento familiar de curto prazo, num intervalo de 3 a 24 meses.

E.1-...*O marido veio 3 meses antes...*

E.2 - *Primeiro foi meu marido, e nós com filho ficamos, 1 ano e tal na Ucrânia...*

E.3 - *Marido veio 6 anos atrás. Era 2000. Eu vim 2001, passado 8 meses...*

E.6 -*10 meses* ele esteve cá e depois veio eu.

E.7 - *Marido veio para Portugal em 1999, eu vim passados 8 meses*

E.8 - *Estive cá sozinho de 1999 até 2001. Em Maio 2001 veio família.*

Portanto, dos casos analisados actualmente todos vivem em situação conjugal e têm filhos, a maioria a viver já na sociedade de acolhimento, registando-se apenas 1 caso entre os entrevistados em que os filhos ainda se encontram na sociedade de origem (E.6).

Percepção acerca da integração

A reflexão do agente em relação ao presente engloba a percepção acerca da integração na sociedade de acolhimento dando-nos a conhecer os aspectos que consideram importantes a esse respeito. O tema da integração suscitou diversas considerações que integram, mais uma vez, questões de cariz objectivo e subjectivo.

A língua parece constituir um importante factor de integração, sendo a aprendizagem da língua do país de acolhimento considerada pelo agente como algo que lhe fornece segurança e que lhe possibilita identificar-se de alguma forma com a sociedade onde está inserido e como tal surge como elemento a aprimorar, no sentido de facilitar cada vez mais a sua integração.

E.1 - *Como geral sim, mas falta língua para melhor integração em Portugal.*

E.2 - *Não, nunca, acho igual a todos os Portugueses, nunca senti diferente, nunca, só não sabia falar....
- A língua é que é muito diferença e quando não perceber nada percebia que estava num outro terra, mas depois não.*

E.4 - *Sim estou integrada aqui, sou como Portuguesa, mas nasci noutra País, falo outra língua, conheço outras tradições, costumes e faço como fui ensinada, mas também já faço muitas coisas como Portugueses – olha, trabalho aqui, faço desconto para Estado, tenho direitos como pessoas que nascem aqui. Sim, sinto integrada mas ainda falta falar e perceber melhor língua.*

E.5 - *Sim, minha vida agora é aqui, sinto muito bem aqui, quero aprender bem língua, falar como Português, vou viver aqui, educar minha filha. Tenho amigos Portugueses....*

Este aspecto (a língua) que à partida poderíamos designar de objectivo, parece encerrar maior complexidade, por poder constituir um obstáculo à inserção no meio, de cariz mais subjectivo (enquanto obstáculo a transpor tendo em conta a dimensão que pode assumir para cada agente).

E.3 - *...não percebia nada, estava precisar ir trabalhar e até chorava à beira de porta, não queria sair, porque a gente fala e eu não sei que fala sobre mim ou não.*

E.3 - *....Sentia medo de não saber falar. Agora olham, não importa, antes era muito mal, não gostava que olhassem, não sentia bem, não gostava disso, agora pra mim é igual, não reparo, se olha, olha. E no início tinha medo ir pra trabalho porque não percebia pessoas.*

A importância dada à língua no tema sobre a percepção do agente acerca da sua integração é manifestamente compreensível se considerarmos a valorização que este aspecto assumiu no tema sobre as maiores dificuldades enfrentadas no processo.

E.1 - A língua, não conhecer muito bem Direitos e como tem que fazer as coisas de início para legalização mais depressa. ... - Quando não sabes nada e não compreendes nada é o mais difícil, não sabes que direitos tens e o que fazer para conseguir. É o mais difícil é perceber lei, a língua

E.2 - Os principais problemas da imigração não é?. Primeiro para aprender língua... Primeiro tempo, casa muito velha, desemprego, falta dinheiro para comer.

E.6 - Tudo, tudo, para arranjar trabalho, para aprender língua e tudo, para habituar com pessoas, foi tudo complicado..... A língua é difícil no primeiro tempo, depois aprendes e deixa de ser problema.

E.8 - A língua, queres falar para encontrar trabalho, queres explicar o que acontece, e não consegues dizer bem o que queres é muito difícil

Dada a relevância da língua enquanto factor de integração torna-se importante perceber como se processou a sua aprendizagem sendo que, o agente parece ter ultrapassado esse constrangimento num processo auto-didacta, que se traduzia em ouvir, ler, escrever, perguntar, ler o dicionário. Os cursos de Português promovidos por várias instituições surgem numa segunda fase de aprendizagem, para um aperfeiçoamento que consideram necessário e quem ainda não frequentou apresenta vontade de o fazer, uma vontade que tem vindo a ser contrariada pela falta de tempo.

E.1 - ...para primeiro tempo era preciso estudar língua Portuguesa..... Foi a ler dicionário, a perguntar pessoas no trabalho que queria dizer palavras e depois fui no curso Português de Fundação A.M.I.

E.2 - Fiquei sozinha em casa com livros... Aprendi Português sozinha com livros...só este mês, em Outubro, vou começar no Carolina Micaelis... vai dar um curso Português.

E.4 - Nunca fiz curso de português, mas quero fazer, mas não tem tempo. Fez curso de informática em Baguim do Monte – fomos todos da Associação Amizade. Mas... língua foi: Ouvia e escrevia e perguntava tudo e apontava em caderno e logo no primeiro trabalho aprendi muita coisa assim e depois foi, foi até perceber tudo.

E.5 - Foi meu irmão, ensinou pra mim e pra cunhada, falar Português. Depois fui trabalhar e senhora ensinava. Escrevia em caderninho palavras novas e palavras que ouvia e não conhecia e perguntava e lia dicionário e assim aprendi. E depois marido ensina também.....Não, não fui pra curso Português, não tenho tempo. Mas gostava.

E.6 - Foi mesmo na cozinha, no trabalho, que aprendi língua - Não, não tinha tempo pra curso. Trabalhava de segunda a sábado. Ouvia, ia ver dicionário, perguntava e assim aprendi..... E tem também outras pessoas Portuguesas que ajudou a aprender língua e outras coisas que é preciso.... Temos antena parabólica e vemos programas de Ucrânia. Nos primeiros 3 anos não tinha e só via programas Portugueses, foi bom pra aprender língua.

E.7 - *Tinha amigos que ajudavam no trabalho, puxavam, puxavam e com calma lá consegui aprender Português. Tinha livrinho, apontava tudo e via dicionário, perguntava tudo que não percebia. Também televisão ajudou. Depois fiz curso Português, na Junta Freguesia de Avintes, em Novembro acabo já. ...- Tem que ser tenho arranjar tempo pra curso Português, não é todos os dias e é à noite depois de trabalho, vou buscar meninas, faço jantar, marido fica em casa com elas e vou à noite quando é curso, é das 20:30 às 22:30.*

E.8 - *Ouvir a falar, vinha com dicionário, procurava palavras que queriam dizer e decorava tudo, precisava aprender rápido, estava sempre a ouvir pessoas que diziam e escrevia e via no dicionário e perguntava aos colegas de trabalho...*

A integração, na percepção do agente também aparece ligada à possibilidade de acesso a serviços, nomeadamente de saúde; ao exercício de direitos e ao cumprimento de deveres de se ser cidadão; à inserção laboral e à percepção que se tem acerca do desempenho profissional.

E.7 - *Sim, estou aqui pra ficar, minhas filhas nasceram cá, cumpro regras todas portuguesas, trabalho, faço descontos e tenho direitos, cumpro minha função aqui de cidadão, estou integrada aqui, sim!*

E.8 - *Sim, posso dizer sou igual a Português, sou Português de Ucrânia (Ri), trabalho aqui, faço descontos pra tudo aqui, vivo aqui, compro tudo aqui, tenho direitos como Português e obrigações como Português, tenho respeitar as regras do País, da cidade onde moro como Português tem, portanto, é igual.*

E.6 - *Sim, percebo língua, gostam do meu trabalho, tenho amigas Portuguesas, clientes que ficam amigas, se precisa tenho médico centro saúde...*

Um outro aspecto revelado associado ao tema da integração de cariz basicamente subjectivo é o sentimento de se ser estrangeiro que aparece associado à identificação com o próprio ambiente físico onde se está inserido, cuja semelhança ao ambiente de origem se traduz numa espécie de segurança ontológica para o agente, o que nos remete para as considerações de Giddens (1997) acerca do sentido da partilha da realidade, que neste caso é a realidade física (integrada na realidade das coisas), que é complementado claro está com a realidade social (realidade das pessoas).

E.2 - *Sim, sim... nunca eu sentia estrangeira. No primeiro dia quando eu entrava no Porto, no Viso, eu penso que isto é meu terra, porque lá tem muito árvores, no meu terra tem muito árvores, minha casa na Ucrânia foi perto escola e aqui também perto escola e nenhum dia, nenhuma hora eu pensava que estou no estrangeiro, estou no Portugal.*

Segundo Giddens (1997) o sentido de partilha da realidade, necessário à segurança ontológica e que guia a acção do agente na vida quotidiana está condicionado ao sentimento de confiança nessa realidade. “O sentido de uma realidade partilhada das pessoas e das coisas, é ao mesmo tempo resistente e

frágil. A sua robustez é transmitida pelo alto nível de fiabilidade dos contextos da interacção social...” (p. 34).

A avaliação dos agentes acerca do nível de integração em Portugal é na generalidade encarado como *Bom*, no entanto, em termos de avaliação prospectiva, parece que a melhoria de nível está associada à obtenção de vistos de residência, de equivalências académicas e posterior acesso à profissão seleccionada e mais uma vez ao melhor domínio da língua da sociedade de acolhimento.

E.1 – *Bom, mas muito bom quando tiver autorização residência.*

E.2 - *É bom, mas quando conhecer melhor língua e conseguir pra enfermeira vai ser muito bom.*

E.3 - *É bom.*

E.4 - *Ah! é bom! É bom!*

E.5 - *É bom, vai ser muito bom quando falar melhor língua.*

E.6 - *Bom.*

E.7 - *É Bom!*

E.8 - *É Bom.*

Mas a sua avaliação não é apenas acerca do presente, o futuro de uma forma geral também é colocado em perspectiva, tendo em conta toda a sua trajectória, que integra o passado e o presente.

“O planeamento de vida pressupõe um modo específico de organizar o tempo, pois a construção reflexiva da auto-identidade depende tanto da preparação do futuro como da interpretação do passado” (Giddens, 1997, p.79).

A Reflexão acerca do futuro

No processo de pós-instalação associado a um desejo de mobilidade social ascendente, por parte de quem deseja permanecer na sociedade de acolhimento, são elaborados planos de futuro. Falam-nos dos seus objectivos e expectativas ligados à obtenção de equivalências escolares, de vistos de residência, à melhor aprendizagem da língua Portuguesa, de garantir o futuro dos filhos, projectos de trabalho, à compra de casa e surge também como objectivo em si mesmo permanecer em Portugal.

E.1 - Pensava voltar a Ucrânia depois de 1 ano e meio, agora não quero voltar.....e vou fazer projecto de trabalho, apresentar ao centro de emprego.

E.2 - Sim, sim.... Enfermagem...que eu gosto meu profissão, eu trabalhei 11 anos e eu acho que governo pode abrir portas para nós, porque nós queremos... eu quero ajudar... eu quero ficar voluntário alguns tempo, eu gosto meu trabalho, eu quero....., eu quero....- Quero comprar minha casa, quero trabalhar enfermeira, e quero saber melhor língua Português e quero melhor pra minha família e viver aqui no Portugal. - quero viver melhor, quero melhorar no família, para tudo melhor, não quero pensar passado, vamos pensar futuro, só futuro. Na Ucrânia não há futuro.

E.3 - Agora ando na escola para aprender melhor Português, mas está lá gente... não é só para estrangeiro, está gente para aprender gramática, para aprender ler... eu sei ler, mas ando para aprender a escrever bem.....não sei depois eu posso dizer que vou ir estudar...acho que não. Mas vou tirar a carta, não tenho carta. Nosso projecto é viver, passear, juntar um bocadinho, criar a filha, não sei....eh... não tem nada especial....

E.4 - Ficar em Portugal, estou cá, tenho vistos autorização permanência depois quero visto residência e assim para ficar cá sempre a viver e quero curso de Português, mas não tenho tempo, vou ver se consigo.

Nos projectos entendidos como concretizáveis a curto prazo, a sua definição é acompanhada de uma cuidadosa reflexão acerca da forma como podem ser realizados, sendo que, os objectivos traçados são acompanhados das acções julgadas necessárias.

E.7 - Quero arranjar melhor trabalho. Já tirei carta, porque tenho informação que vai abrir inscrições nos correios é trabalho com regalias e é preciso ter carta, já tirei, tenho carta há 3 meses e vou inscrever para carteira e também estou a fazer curso Português para concorrer e conseguir entrar. Também gostava trabalhar Corte Inglês, vou lá inscrever também pra lojas.

Nos projectos entendidos como algo que pode vir ou não a ser concretizado, também está subjacente uma reflexão acerca do que seria necessário para tal, mas permanecem em perspectiva.

E.5 - Ah... gostava ter salão cabeleireira, mas primeiro tenho arranjar trabalho em cabeleireira, ver como trabalham cabeleireiras Portuguesas e depois..... Depois juntar dinheiro e abrir salão, não sei... é um sonho....

A definição de objectivos de vida e projectos futuros na sociedade de acolhimento também parece ser reflectida tendo em conta as possibilidades objectivamente calculadas, a partir de elementos relacionados com a pessoa e com o contexto em que está inserido.

E.1- Profissão, já não tem expectativas, muitos professores portugueses também estar sem trabalho e para receber equivalência é difícil e idade também não ajuda, já quase 40 anos....

E.8 - Sabe, com a minha idade já não posso pensar em equivalência, sei que em Portugal também há desempregados licenciados e jovens, não posso pensar nisso, acho que já consegui o que era possível e quero ficar em Portugal.

A educação e o projecto

Outro aspecto interessante que nos foi dado a perceber é a forma como em tão pouco tempo de permanência (média de permanência: 4,5 anos – ver tabela sociográfica), o futuro é concebido e os projectos são definidos tendo em vista como já vimos uma mobilidade social ascendente e de forma tão definitiva relativamente às possibilidades de regresso. Os entrevistados manifestam capacidade de projectar a sua vida a longo prazo.

Trindade (1995) refere que segundo o modelo de diferenciação estrutural o processo de adaptação está condicionado a um conjunto de variáveis, destacando-se neste processo o nível de instrução.

“Alguns estudos têm demonstrado que entre as variáveis consideradas, o nível de instrução parece ser aquele factor que mais influencia o estatuto ocupacional, a mobilidade social e o rendimento dos migrantes”p.102

Verifica-se que todos os entrevistados são academicamente habilitados acima do 12º ano e os que não são licenciados possuem cursos profissionais (ver tabela do perfil sociográfico).

Para além do dado objectivo relativo às habilitações académicas obtidas, as narrativas revelam a extrema importância dada à educação pelo agente, o que traduz o papel que a educação assume na formação do indivíduo na sociedade de origem. A educação não é apenas associada às habilitações mas também à

aquisição de conhecimento e à configuração da própria mentalidade, assumindo uma importância em si mesma independentemente da profissão que o agente exerça.

E.1 - *Não tem grandes diferenças a não ser dificuldade da língua. Mas sabes, os Portugueses anda no autocarro sem educação, tosse e não coloca mão na boca, acho que aqui as pessoas têm menos educação. Sabes, nós quase todos temos cursos é outra mentalidade, mais educação, aqui há muitas pessoas sem estudos, sem formação, sem educação, não sabe estar.*

E.3 - *..... É isto que faz a diferença, porque na minha terra, as pessoas... por exemplo, minha avó, ela já está velha, mas sabe ler, sabe escrever. Era obrigado. Aqui era 4 anos, na nossa terra era obrigado 8 anos a ir na escola, e as pessoas todas tem mais educação, sabem mais coisas, não importa a profissão....*

Também nos é dado conta como é percebido o impacto que a educação tem no sujeito, nas revelações de que a educação predispõe o indivíduo a aprender coisas novas dotando-o de uma perspectiva ampla acerca da vida, elementos que no nosso entender são facilitadores da adaptação do agente ao meio envolvente.

E.3 - *. Sim, menos educação aqui, menos vontade em aprender coisas novas e que até não são difícil. Sabes, lá até pode trabalhar no trolha ou quê mas ele tem muitos anos de escola, e não encontrou mais trabalho, foi pra lá, mas se falas com esta pessoa, até doutros país, ele sabe, e tudo, sabe tudo, e percebe, pode aprender...*

Até a conduzir, eu não sei conduzir mas vou com meu marido no carro à frente, e como gente conduz aqui... (Ri) pra mim é uma trauma, eu sempre vou nervosa, vira à direita, e só quando vira liga o pisca, tem que ligar antes, é uma coisa mínima mas é importante.

E.3 - *... É educação, é educação.... Lá é assim... a pessoa não pensa só em si, pensa por tudo, por todos lados, quer saber isto, quer saber outra coisa, não é?... Aqui gente não quer saber nada, trabalha, casa, trabalha, casa.....*

Assim, no caso dos imigrantes Ucrânicos analisados, o projecto migratório constituiu uma via (segundo nos é dado a entender foi considerada a única via) para dar continuidade a projectos de vida prejudicados por razões económicas, e consequentemente adiados.

E.7 - *Tinha que ser, lá nos trabalhos pagam pouco não chega para nada, vida muito cara.*

E.8 - *Quando eu decidi imigrar,...imigrei porque estava desempregado e lá ou não há trabalho, ou se há pagam muito mal ou não pagam, não dá para viver. Falei com família e decidimos todos que tinha que ser.*

No país de acolhimento, ultrapassadas os constrangimentos inerentes à fase de instalação, rapidamente retomam aspirações e vontades.

E.2 - Quiero comprar minha casa, quiero trabalhar enfermeira, e quiero saber melhor língua Português e quiero melhor pra minha família e viver aqui no Portugal.

E.2 - quiero viver melhor, quiero melhorar no família, para tudo melhor, não quiero pensar passado, vamos pensar futuro, só futuro. Na Ucrânia não há futuro.

Estes indivíduos e suas famílias no seu país de origem (os casos com origem no meio urbano) haviam planeado o seu futuro, definido e concretizado, as suas estratégias de mobilidade (ver tabela sociográfica – habilitações e profissões no país de origem).

Os recursos (internos) de que dispõem inerentes ao papel que a educação exerceu na sua formação constituem um elemento importante na gestão das vicissitudes do seu processo migratório, assumindo em última análise um meio facilitador de integração e mobilidade.

E.1 - Veio trabalhar (marido) para construção civil e estudou 3 máquinas, estavam sempre avariadas e consertou, ficava 15 dias sem máquinas funcionar até vir técnico ele estudou máquinas e consertava e ficou especializado e agora é ele que trabalha com essas máquinas

E.3 - O marido ganhava bem, os outras pessoas ganhava menos do que ele, ele era carpinteiro. A profissão dele é electricista, tem curso, mas trabalhava carpinteiro, ele aprende bem tudo e sabe.

Os seus modos de vida no país de acolhimento são encaminhados pelas suas capacidades, aspirações e desejos particulares, construídos ou reconstruídos a partir da decisão de permanecer.

E.4 - Quería vir a Portugal ganhar dinheiro por um ano e ir para Ucrânia, mas agora não quero mais ir. Aqui há contrato de trabalho, ganhas mais. Na Ucrânia não tem futuro. Aqui tem tudo mais ou menos direitinho, lá não sabes como vai ser amanhã.... Ficar em Portugal, estou cá, tenho vistos autorização permanência depois quero visto residência e assim para ficar cá sempre a viver e quero curso de Português, mas não tenho tempo, vou ver se consigo.
... estou satisfeita, sim – tudo bem com filha, com trabalho, posso viver com calma, não tenho muito dinheiro, mas tenho pra viver, pra casa, e pronto, tudo bem.

E.7- Só vinha cá ganhar algum dinheiro para voltar.... Não, agora não quero mais voltar pra Ucrânia,... Espero muito mais de vida, arranjar emprego bom, assim emprego de falar com pessoas, ou num escritório ou numa loja, quero vestir roupa bonita, arranjar trabalho melhor remunerado.

O seu nível educacional e formativo está patente na forma como se vêem enquanto indivíduos inseridos numa outra sociedade: sujeitos de direitos e deveres, ou seja, na forma como encaram a sua cidadania num país estrangeiro.

E.1 - ... e se nós não compreendemos por exemplo, no lei, se não compreendemos uma letra da palavra já não percebemos a lei. Porque a lei não está traduzida na língua Russa?.....Olha, eu penso assim, que eu nasci na Ucrânia, mas podia ter nascido em Portugal e tu podias ter nascido na Ucrânia, não importa onde nasce, só importa o que tu és, o que tu queres ser na tua vida,... É isto que penso, nós não somos diferentes de Portugueses, estamos como Portugueses, trabalhamos neste país, fazemos descontos para Estado.

E.8 - Sim, posso dizer sou igual a Português, sou Português de Ucrânia (Ri), trabalho aqui, faço descontos pra tudo aqui, vivo aqui, compro tudo aqui, tenho direitos como Português e obrigações como Português, tenho respeitar as regras do País, da cidade onde moro como Português tem, portanto, é igual. (D.4)

Esta referência aos Direitos, à importância da conhecer bem a lei, às obrigações, elementos inerentes ao conceito de cidadania impele-nos a abordar ainda que de forma breve o mesmo.

Segundo Barbalet (1989) a cidadania é constituída por direitos políticos: de participação no exercício do poder político – ligado às instituições parlamentares; direitos civis: garantidos pela lei e pelo sistema judicial, que integram os de propriedade e de contrato, de liberdade de pensamento e expressão, de prática religiosa e de associação; direitos sociais: constituem o direito ao nível da vida predominantemente na sociedade e ao respectivo património cultural, sendo proporcionados pelos serviços sociais e pelo sistema educativo.

O autor explana que os direitos conferem aos indivíduos capacidades ou oportunidades para realizarem determinadas acções em consequência do seu status, mas eles só existem pelo seu exercício e é “o exercício dos direitos que gera as capacidades que lhes estão associadas” (Barbalet, 1989, p.32)

Janoski (1998) considera a cidadania como um conjunto de práticas políticas, económicas, jurídicas e culturais que definem uma pessoa como membro competente da sociedade. No entanto, a inclusão do elemento “competência” no conceito é passível de críticas, uma vez que se podem encontrar no seio de uma sociedade cidadãos que não se acham em condições de exercer direitos políticos,

e nem por isso perdem direitos civis ou sociais, como é o caso dos portadores de deficiências mentais.

Especificidades na condução do projecto migratório

Mas nem sempre o imigrante numa fase de pós-instalação na sociedade de acolhimento parece alinhar numa determinada lógica de mobilidade. Há quem se encontre numa fase de impasse na condução do seu projecto migratório.

E.6 - Ah, não sei, acho que não pensei ainda bem que fazer com vida..... para já quero ir lá em Janeiro e não vou pensar mais nada. Depois temos tratar papéis de residência e depois se calhar vamos trazer filhos, se calhar.

A ausência de projecto parece afectar o desempenho do agente na procura de melhor trabalho e habitação.

E.6 - Ele já alugou quarto mesmo na Rotunda da Boavista e já fui com ele pra lá..... Tipo pensão, assim... Estamos a viver na mesma casa.... Aquilo é tipo pensão..... já pensámos arranjar aqui uma casa, mas depois pensamos: sim ou não? E ficamos sem saber. Para comprar casa tem que já saber se vou ficar pra sempre e ainda temos duvida

E.6 - Foi mesmo este na cozinha, só tive este trabalho até agora.... Depois saí e estou agora sem trabalhar.

Na tentativa de compreender esta atitude, relativamente às atitudes restantes procurámos as possíveis razões associadas às opções divergentes.

Relativamente à atitude díspar, é interessante notar que o que parece impedir a entrevistada de regressar ao seu país a curto prazo, não é a percepção de que o seu país não oferece oportunidades ou é um país sem futuro como referem os restantes entrevistados. A sua hesitação entre permanecer ou regressar prende-se com o tempo perdido em Portugal surgindo como causa para a perda de oportunidades na Ucrânia.

*E.6 - Hum.... Quando deixei Ucrânia acho perdi tempo. Aqui foi tudo à frente, lá já não consigo agora quando volto eu já não consigo fazer outra coisa, porque mudaram coisas e eu já não estou habituada com aqueles todos. Já estou aqui há 4 anos e por exemplo para abrir loja lá, tenho sempre procurar, falar, a quem possa explicar se posso fazer qualquer coisa – como tudo isso se faz? Porque eu já estou longe daquilo tudo. **Agora** já é difícil pra mim lá.*

Esta percepção de que na Ucrânia poderia ter sido possível construir um modo de vida, parece estar associada ao meio de origem do imigrante, sendo que, no meio rural parece não haver real noção dos problemas existentes no país, uma vez que, à partida, estão garantidas as necessidades básicas.

E.6 - Se casa da mãe fosse na cidade, na aldeia há casa e coisas para comer mas não há trabalho e para educação de filhos fica complicado. Na casa da mãe não pago casa, não pago água – é de poço, só luz, gás e assim, não está grande coisa. Na cidade problemas é pior. Na aldeia tens legumes, frutas, vacas, frangos, mãe tem quinta, na aldeia todos tem isso... Sim, quem vive na aldeia tem menos problemas, só precisa dinheiro pra pagar luz e roupa.

E.6 - Vivia na aldeia com o marido e com filhos. Minha mãe tem quinta com tudo, hortas, animais, galinhas, porcos, coelhos, cavalos, vacas... eu ficava a cuidar de filhos, não trabalhava, ajudava na quinta. Marido era vendedor na feira e tinha cavalos e ia trabalhar para outras quintas..... A vida lá era mais ou menos.

O que parece ter motivado a decisão de imigrar não foram problemas de subsistência mas a preocupação com o futuro dos filhos, o que parece colocar o agente numa situação de ambivalência entre o partir e o ficar, e entre o permanecer e o regressar.

E.6 - Sim, não ficamos aldeia, porque na aldeia está bom assim mais pra velhos com reforma, mas pra jovens está complicado, problema é futuro de filhos, se ficas lá com filhos não há futuro pra filhos, se saís, não ficas ao pé de filhos. Sempre filhos. Ficas dividido, é confusão na cabeça, já não sabes que fazer, é complicado.

Parece que os imigrantes com origem no meio urbano, pelas próprias situações de carência e de insegurança que vivenciam e que observam, adquirem uma outra perspectiva que afecta o seu posicionamento face à experiência migratória condicionando as suas opções e atitudes, enfim, o seu projecto, pois como já compreendemos e explicitámos a aposta no projecto migratório em termos de aquisição de modos de vida consentâneos com desejos e aspirações na sociedade de acolhimento acontece quando é tomada a decisão definitiva de permanecer, ou seja, quando é entendido pelo próprio que o futuro está no país de acolhimento sendo nesse contexto que ele terá que ser construído.

E1- Estava desempregada...e não havia dinheiro para pagar. Fomos à aldeia para casa de minha mãe, eles deram batatas, carne. Não,... não vale a pena. Muita pobreza, muita corrupção, já não oferece nada.

E.2 - Estava desempregada e marido também, antes trabalhei mas não recebi dinheiro... ninguém pagava por nosso trabalho, não há dinheiro, não..... Na Ucrânia é difícil, muito difícil para viver, tem muitos problemas. Difícil compreender. Tem muitos problemas. Não tem segura nenhuma. É difícil para viver, tem muitos pobres.

E.3 - mesmo que encontrava trabalho, não interessa, porque não paga ou paga muito mal, não chega para comer.....- Voltar não, para hoje posso dizer que não quero lá voltar, só ir visitar.... Agora na minha cidade também já não é, há muita violência e muito medo.

E.5 - Não havia dinheiro e precisa encontrar outra vida para melhor, pensar futuro minha filha.... Sim, estava a trabalhar em cabeleireira, mas não ganhava, outras vezes ganhava pouco... - Não, não, nem pensar. Regressar não. Aquilo lá muito mal.

E.7 - Tinha que ser, lá nos trabalhos pagam pouco não chega para nada, vida muito cara, Se não estivesse tão mau voltava..... não quero mais voltar pra Ucrânia, aquilo tudo lá muito mau

E.8 - Quando eu decidi imigrar,...imigrei porque estava desempregado e lá ou não há trabalho, ou se há pagam muito mal ou não pagam, não dá para viver.- Não, só ir de férias. Também filha quer ficar namora com Português.

É de notar como em todos os casos de imigrantes do meio Urbano, embora diversos – homem que passou por todas as dificuldades associadas aos pioneiros, nestes processos de imigração; as mulheres que vieram ter com seus maridos; as mulheres divorciadas – têm a mesma perspectiva em relação ao regresso, apresentando também razões semelhantes para o não regresso e enveredaram por melhorar as suas condições de vida em Portugal assumindo e gerindo com êxito processos de integração social.

Esta diferença de acção entre os agentes remete para a consideração de que, “O Habitus não é um mecanismo auto-suficiente para a geração da acção: opera como uma mola que necessita de um gatilho externo e não pode portanto ser considerado isoladamente dos mundos sociais particulares ou «campos» no interior dos quais evolui” (Wacquant, 2004,p.39).

As percepções e o projecto migratório

Compreendemos que a percepção da entrevistada com origem no meio rural (E.6), relativa à situação socioeconómica do país de acolhimento é diferenciada em relação à percepção dos restantes entrevistados.

Partindo da ideia de que a percepção relativamente a algo, para além de subjectiva, tem sempre na sua base um fundamento objectivo leva-nos a concluir que a experiência de vida no país de origem desta entrevistada, a protegeu de

alguma forma de algumas vicissitudes inerentes aos problemas socioeconómicos que o país atravessa.

Comparada com as percepções dos restantes entrevistados a percepção desta entrevistada relativa à situação do seu país e às condições que oferece pode parecer pouco real, no entanto ela é o resultado da sua experiência de vida.

O que é interessante notar é que a concepção e concretização do seu projecto migratório no país de acolhimento também é ímpar em relação aos restantes casos, dando a ideia que actualmente se encontra numa fase de ausência de projecto (não sabe se quer regressar ou permanecer, não sabe se vai ou não trazer os filhos, não sabe se deseja melhorar as condições habitacionais ou não).

E.6 - Ah, não sei, acho que não pensei ainda bem que fazer com vida..... para já quero ir lá em Janeiro e não vou pensar mais nada. Depois temos tratar papeis de residência e depois se calhar vamos trazer filhos, se calhar.

E.6 - AH... (suspiro), para já não, para já vamos ficar aqui, não vamos trazer filhos, porque filhos já está meio escola e para trazer para cá ela vai perder ano ou dois. Tem primeiro acabar escola lá. Depois não sei, vamos ver com tempo.....Marido quer voltar pra Ucrânia, não sei quando.

E.6 - Ele já alugou quarto mesmo na Rotunda da Boavista e já fui com ele pra lá..... Tipo pensão, assim... Estamos a viver na mesma casa.... Aquilo é tipo pensãojá pensámos arranjar aqui uma casa, mas depois pensamos: sim ou não? E ficamos sem saber. Para comprar casa tem que já saber se vou ficar pra sempre e ainda temos duvida.

As indefinições quanto ao projecto migratório, patentes nas hesitações, incertezas e dúvidas várias, conduziram a uma inércia do agente, reduzindo as possibilidades de melhorar as condições de vida.

Até mesmo a dimensão económica que deu origem e continuidade ao projecto começa a ser posta em causa, colocando o mesmo em risco. O elemento económico no caso em apreço foi relativizado em função de outras necessidades subjectivas de natureza emocional.

E.6 - ... pensei ficar até ano novo sem trabalhar porque quero ir ver filhos outra vez, combinei assim com eles que ano novo ia lá (chora). E como não posso ir, não tinha mais férias, para ficar lá a trabalhar por um mês e depois sair então melhor não ir trabalhar até ir ano novo à Ucrânia. Queremos ir com marido passar lá ano novo e natal lá com filhos.

Esta atitude encontra-se muito associada à ideia de retorno, ainda patente, ligada por sua vez à percepção de que na sociedade de acolhimento poderia haver perspectivas de futuro.

A singularidade deste caso remete-nos ainda para a consideração de que na definição e concretização do projecto migratório está uma dialéctica entre as condições reais de existência na sociedade de acolhimento à partida e as expectativas relativas às condições esperadas à chegada e as aspirações do agente.

As aspirações “sendo orientadas pelo desejo, pelas representações, pelos símbolos e pelos sistemas de valores, forjam-se em condições sociais e históricas muito concretas” (P. H – Chombart de Lauwe, 1971, in Leandro, 2004 p. 113).

E.6 - Vivia na aldeia com o marido e com filhos. Minha mãe tem quinta com tudo, hortas, animais, galinhas, porcos, coelhos, cavalos, vacas... eu ficava a cuidar de filhos, não trabalhava, ajudava na quinta..... A vida lá era mais ou menos.

E.6- ...Pensas: se calhar naquele lado melhor que aqui e pra melhorar de vida vais, só que chegas cá e não é muito melhor.

Constrangimentos do processo migratório – outras especificidades

Nos resultados da análise até ao momento, estão patentes explicita ou implicitamente constrangimentos e oportunidades com que o agente se foi confrontando ao longo do seu processo, no entanto, para além da língua, dos problemas com a inserção laboral, com a regularização, para relembrar apenas alguns de carácter mais objectivo, outros aspectos surgem como constrangimentos na forma de problemas, dificuldades ou preocupações.

A relação com os serviços em geral e com os serviços de saúde em particular parece constituir uma dificuldade do agente, atribuída não ao contacto interpessoal com os agentes das instituições, mas às instituições em si mesmas, ou seja, ao seu sistema/regras de funcionamento, burocracia.

E.1 - Mais fácil é relação com pessoas, mas não com serviços..... Muitas coisas estar mal, O SEF por exemplo: o visto termina 16 de Setembro, só a partir daqui que pode fazer marcação para pedir novo visto e a marcação é dali a 2 ou 4 meses e a pessoa continua a trabalhar e a descontar para estado português e neste tempo está como ilegal..... Fácil é relação com vizinhos, com colegas. Com os Portugueses em geral é fácil relação mas com instituições é muito difícil. É preciso tantos papéis para tudo, tantos gabinetes, tantos papéis.

E.4 - Pessoas aqui mesmo boas, as pessoas do Centro de saúde também, mas organização não presta.

E.5 - Não posso dizer que tem problemas. Arranjei trabalho, estou com minha filha, encontrei homem que gosta de mim e é amigo minha filha e vivemos todos juntos. Temos trabalho e dinheiro pra pagar coisas que é preciso. Não tem problemas aqui. ...Problema só no primeiro tempo, não sabia falar, não percebia nada..... Não, não gostei nada do serviço dos médicos aqui. Aqui penso não funciona bem serviços saúde. Muito tempo, muito tempo, muito confuso, pouca organização, não percebo isto.

E.6 - Não, eu já percebia Português quando tive doença, não percebes porque é diferente como está organizada a saúde aqui em Portugal e como tem que fazer, não entendes nada, ficas confuso com explicações, lá é melhor, médico mais preocupado, menos confusão com tudo.

E.7 - Hospitais, foi problema porque não entendo organização, comida e atendimento mais ou menos, boa limpeza, mas organização não gosto, conheço programa e organização de médicos Ucranianos e é diferente da de Portugal.

.... Por exemplo, pessoa grávida, dão antibióticos fortes, pra grávida lá isso nunca!. Nervos: tomam calmantes, porque Psicólogos muito boas – comprimidos destes, não pode, lá não dão calmantes. Nós lemos muito sobre muitas coisas, sobre Psicologia e tem muitos amigos que ajuda psicologicamente, também faz Yoga. Não gosto médicos aqui. Lá médico chega na nossa casa, com crianças doentes, adultos doentes. Tem que ser crianças um lado, adultos outro lado, doenças graves outro lado, vocês todos juntos centro de saúde.

A avaliação negativa que é feita ao funcionamento dos serviços também aparece ligada à forma de trabalho em Portugal encarada como algo displicente e ligada a questões amotivacionais.

E.1 - Estes serviços não trabalham mal por falta de técnicos, mas porque não sabem trabalhar e não querem trabalhar.

O desconhecimento da lei, surge como um problema em si mesmo que dificulta o processo de integração ao nível das regularizações a obter, processo algo moroso e dependente da reunião de um conjunto de condições. O entendimento claro da lei é uma preocupação e um problema facilmente ultrapassável com a tradução da mesma na língua Ucrainiana.

E.1 - Para receber primeiro visto era preciso haver contrato de trabalho, para segundo visto é preciso estar 6 meses com contrato de descontos segurança social. Temos que estar 5 anos a fazer descontos, últimos 2 anos destes descontar IRS para ter 5 autorizações de permanência. Imigrantes não sabiam nada disto, perguntaram vizinhos e vizinhos explicaram como se apresentava declaração de IRS, explicaram tudo como se fazia.

E.1 - nós estrangeiros do país de leste estamos um grupo especial – nós não sabemos ler, nem escrever, nem falar e se nós não compreendemos por exemplo, no lei, se não compreendemos uma letra da palavra já não percebemos a lei. Porque a lei não está traduzida na língua Russa?

O meio de acolhimento também pode constituir para o imigrante uma oportunidade ou um obstáculo. A inserção num meio rural, não parece ser favorável ao processo de integração do agente, que vê melhorada substancialmente a sua vida quando decide procurar as suas oportunidades no meio urbano.

E.2 - E foi difícil porque nós moramos na aldeia e 2 anos ficava no casa e não conseguiu aprender nem Português, nem nada. Por todo gente trabalha na França, só ficou alguns pessoas velhas e eu sempre fiquei em casa, não tem para falar com ninguém.....- Não, não esta primeira casa em tempo passado, morámos perto de Peso da Régua e 1 ano e tal nós começámos a morar aqui no Porto, no Viso. eu começou a trabalhar, cozinheiro... e depois eu procurei outro trabalho... mais fácil... porque eu tenho problemas também na coluna.... E arranjamós.

Outra preocupação que surge é o acesso ao meio laboral ligado à área profissional do agente, dificuldade que aparece associada a uma grande angústia pessoal.

“A situação do trabalhador migrante caracteriza-se...por uma condição de viver a meio termo entre dois universos socioculturais determinados essencialmente pela economia, com as tensões que resultam entre os seus projectos e aspirações e a realidade...” (Leandro, 1984,p.10).

E.2 - Difícil... língua... e difícil que eu não consigo (a voz falhou com comoção e os olhos encheram-se de lágrimas...) fazer o meu trabalho de profissão....

A falta da família é algo que não desaparece com o passar do tempo, e mesmo na actualidade (fase pós-instalação), surge como uma dificuldade que o agente terá que enfrentar sem perspectivas de resolução (pois a sua decisão é permanecer no país de acolhimento com a sua família nuclear). Esta dificuldade é encarada como uma desvantagem da imigração.

E.2 - *...muita falta da família, mãe e irmão que está a trabalhar na Rússia. E mãe ficou sozinho, pai morreu... e nós ficávamos juntos todo o domingo (lágrimas...)*

E.7 - *Muitas coisas difíceis. Muitos problemas, nasceu aqui filhos, gravidezes uma a seguir à outra, foi grande problema, hospitais, doenças, saudades de família, língua que não percebia, amizade falsa. Sabes isso foi que custou mais.*

E.1 - *Arranjar trabalho e receber dinheiro e já podemos viver com dinheiro, e também estudamos mais uma língua, a desvantagem é saudades de família, mas falamos por telefone.*

E.5 - *A imigração trouxe tudo bom pra minha vida e vida minha filha, ela está bem no escola, está feliz. Tem aqui futuro. O mau é minha mãe longe.*

E.6 - *Não sei... Às vezes sim, arrependi ter imigrado porque estou sem filhos.... O prejuízo é não estar perto de filhos.*

A dificuldade sentida relativamente à separação de elementos próximos da família alargada (mãe, irmãos, cunhados...) vai sendo serenada por meio de contactos semanais estabelecidos, utilizando como meio principal o telefone. Esta estratégia especialmente empregada aos fins-de-semana reveste-se de enorme importância na vida do agente.

E.1 - *Falo telefone com família. Por email não dá porque não aceita língua Russa. Muito importante falar com família, para matar saudades, como se diz aqui.*

E.2 - *contacto família por telefone, falamos muito, choramos muito (lágrimas...)... telefone todo domingo para a mãe.*

E.3 - *Falo por telefone uma vez por semana, tem um cartão e sai mais barato e mensagens de telemóvel mais vezes.*

E.4 - *No início por carta, depois por telefone, falo uma vez por semana com eles.*

E.5 - *Falo sempre que posso com minha mãe. Muito importante ouvir minha mãe, saber como está tudo por lá, fico mais descansada sempre que posso falar com ela.*

E.6 - *Uma vez por semana falamos com filhos e mãe.*

E.7 - *Uma vez por semana falamos com família em Ucrânia.*

E.8 - *Falo domingos com meu irmão, que está na Rússia e com meus pais que ficaram na Ucrânia.*

A dificuldade da separação dos elementos da família nuclear (cônjuge/companheiro e filhos) foi algo sentido com uma maior dimensão na primeira fase do processo, colocando o mesmo em risco.

Segundo Leandro (2004) um aspecto importante no processo de integração dos imigrantes é a sua família. O imigrante sem a sua família corre muitos mais riscos de desvios e tem muitas mais dificuldades de integração.

E.3 - *Foi muito difícil estar sem ela (filha), mas também foi difícil não saber nada, não percebia nada, estava precisar ir trabalhar e até chorava à beira de porta, não queria sair, porque a gente fala e eu não sei que fala sobre mim ou não.....- porque meu homem quando estava sozinho, ele até chorava aqui, porque pessoa assim, ele sem a família dele não é... e ele tinha muito saudades e ele escrevia porque eu não trazia minha filha e ele até chorava e dizia: olha vou pra lá não consigo estar aqui..... Quando eu veio, e estava já com ele, ele já não pensava isso e ele disse porque é que não trouzes-te filha, depois fica muito mais difícil, pra tratar isso. E eu: como é que eu vou trazer se tu choras-te-me e que está mal, está mal, e vou trazer, não sei pra onde vou trazer a minha filha. Mas também achou melhor, porque estive aqui também estava a perceber língua e tudo.*

E.6 - *Difícil, muito difícil estar cá sem filhos (lágrimas...)* E.6 - *Ai.....(suspiro) foi difícil, muito difícil. Foi difícil com visto, foi difícil também porque marido está cá e filhos está lá...(lágrimas e expressão de tristeza)*

E.8 - *Foi muito difícil, porque tive que vir sozinho, é muito complicado deixar a mulher e a filha, pra elas foi mais fácil, porque ficaram juntas e vieram ter comigo. Mas são muitos que vêm para cá ganhar.*

As situações de doença no país de acolhimento são um problema significativo no percurso do imigrante numa fase em que a relação com os serviços é problemática, em que não se domina bem a língua, em que não se conhece os meandros do funcionamento dos serviços de saúde que causam alguma estranheza e dificuldade, sendo encarado como algo que constituiu um atraso na vida do imigrante.

E.6 - *Não, eu já percebia Português quando tive doença, não percebes porque é diferente como está organizada a saúde aqui em Portugal e como tem que fazer, não entendes nada,.....*

E.6 - *Ele não. Quando esteve doente, de baixa, não trabalhava e não tinha quando desempregado, assim... A doença foi atraso na nossa vida.*

E.7 - *Muitas coisas difíceis. Muitos problemas, nasceu aqui filhos, gravidezes uma a seguir à outra, foi grande problema, hospitais, doenças, saudades de família, língua que não percebia, amizade falsa. Sabes isso foi que custou mais.*

Outro interessante e inusitado aspecto apontado como a maior dificuldade enfrentada no processo migratório prende-se com aquilo que Giddens (1997) designa como “a experiência dos outros” (Giddens, 1997, p.47).

A desilusão com o “outro” surge enquanto elemento eleito por um dos agentes como o maior problema enfrentado no processo migratório entre todos os outros e o mais difícil de superar, podendo contribuir para abalar a sua segurança ontológica, tanto mais que este “outro” constituía um elemento significativo para o “si próprio”.

E.7 - Olha, a senhora que tinha Florista onde eu trabalhava, ajudou-me, com filhas, ia no hospital explicou tudo, depois ajudou para eu tirar curso de florista e eu tirei. Na escola Carlos Ferreira em V. Nova de Gaia, e aprendi a fazer ramos, arranjos muito muito bonitos, iam lá depois muitas pessoas comprar. E eu gostava dela mesmo dentro do coração (lágrimas) e pessoas diziam: “....abre o olho” e eu não acreditava que diziam, mas depois tempo foi passando e mais clientes, mas nada de contrato e percebi que estava a explorar meu trabalho... foi coisa mais difícil de tudo pra mim, foi desilusão.... Muito muito

E.7 - O mais difícil de tudo foi mesmo desilusão de amiga, porque tudo o resto já passou, isto não.

A confiança no outro é vital para a estabilidade do sujeito. “A confiança nos outros, ...está na origem da experiência de um mundo externo estável e de um sentimento coerente de auto-identidade”(Giddens,1997, p.48).

O autor explicita quatro questões existenciais fundamentais, cujas respostas constituem para o indivíduo, a sua segurança ontológica:

1- A própria existência - ter a consciência de ser, ou seja, a consciência da auto-identidade – (p.45).

2- Relações entre o mundo moderno e a vida humana, ou seja, a consciência do não-ser – temos a noção de que a vida no mundo é finita – (p.45).

3- A existência do outro – de outras pessoas (a experiência dos outros) – o conhecimento interpessoal – o modo como os indivíduos interpretam as características e acções de outros indivíduos – (p.47).

Ultrapassados os constrangimentos esperados ou inusitados, descobrem-se as vantagens de ter imigrado que decorrem sobretudo do facto de na sociedade de acolhimento terem superado os problemas que os levaram a imigrar, o que também os impele a permanecer, ligados à questão das necessidades humanas básicas.

E.1 - Arranjar trabalho e receber dinheiro e já podemos viver com dinheiro, e também estudamos mais uma língua, a desvantagem é saudades de família, mas falamos por telefone.

E.2 - Foi bom, foi benefício poder ter dinheiro para o que precisa, poder pensar em ter um futuro, na Ucrânia, não podia sobre viver, não tem nada de mal, gosto de Portugal e das pessoas.

E.3 - ...Se eu não imigrava, não é.. estava lá até hoje, acho já se calhar matava minha filha, porque estava lá tão nervosa,...Aqui estou muito mais calma. Lá não havia dinheiro para nada.

E.4 - Não tem desvantagens, é bom pra viver sem medo de não ter dinheiro pra comer, pra tudo que precisas na tua vida, pra mim foi...

E.5 - A imigração trouxe tudo bom pra minha vida e vida minha filha, ela está bem no escola, está feliz. Tem aqui futuro. O mau é minha mãe longe.

Por um lado, a experiência migratória colocada em perspectiva é hoje encarada como um risco, enquanto algo que não foi calculado ligado à ideia de projecto que não foi bem definido na fase da partida, especialmente pelo desconhecimento da realidade da sociedade de acolhimento e pelas incertezas acerca do seu resultado, no entanto, um *risco que tinha que ser corrido*.

E.1 - Foi um risco, não sabíamos o que espera por nós aqui. Foi um risco que tinha que ser corrido, não tinha nada a perder, por isso também foi oportunidade

E por outro lado, é vista como uma oportunidade apesar dos constrangimentos, sendo que, de uma forma geral o balanço do processo é encarado como positivo, colocando as dificuldades passadas no passado.

E.2 - Eu acho que uma oportunidade, nós conseguimos aqui resolver nossos problemas, eu posso comprar algumas coisas pra meu filho, não preciso ajuda de minha mãe, eu posso arranjar tudo sozinha

E.3 - Uma oportunidade..... já não lembro isso, dificuldades, problemas de primeiro tempo, é como quando nasce criança, eu vou pensar: ai, que nunca eu vou fazer outra. Mas depois já nasceu, passou um dia e vou dizer: ai, já está tudo bem... E isto é igual.

E.4 - Uma oportunidade, uma oportunidade!.....Tinha problema de arranjar trabalho – já arranjei; depois língua – já estudei, já falo e percebo Português; minha filha lá – já está comigo – já não tenho problemas, já passou tudo, é passado.

E.5 - Não posso dizer que tem problemas. Arranjei trabalho, estou com minha filha, encontrei homem que gosta de mim e é amigo minha filha e vivemos todos juntos. Temos trabalho e dinheiro pra pagar coisas que é preciso. Não tem problemas aqui. ...Problema só no primeiro tempo, não sabia falar, não percebia nada

A forma como o agente olha para a sua experiência migratória tendo em conta o passado, o presente e o futuro, avaliando satisfações e vantagens, aspirações e expectativas, não aparece desligada das oportunidades e apoios de que nos fala.

Percepções acerca das facilidades encontradas

Como vimos nos pontos anteriores, a motivação pessoal associada aos apoios de vizinhos Portugueses, de colegas de jornada Ucranianos e de outras nacionalidades, de colegas de trabalho, constituem elementos importantes do processo de integração e mobilidade social do imigrante.

O próprio imigrante reflectindo acerca das facilidades encontradas no seu processo parece considerar que estas estão inerentes aos apoios que obteve nas fases mais difíceis do mesmo. É - nos revelada a compreensão/percepção do agente acerca do importante papel que o “outro” desempenhou enquanto elemento facilitador do seu processo migratório na sociedade de acolhimento.

E.1 - O mais positivo foi os apoios de vizinhos e colegas de trabalho Portugueses, e de imigrantes que já cá estavam.

E.2 – Mais fácil porque muitas pessoas Portuguesas abre as mãos para ajudar, dão apoio muito, muito importante..... – Sim, essas pessoas foram os vizinhos, dão para nós roupa, comida, tudo, tudo. E muito, muito, eu não posso esquecer isto e quando receber dinheiro vou escrever no jornal noticias porquê eu quero agradecer todos quem ajudou.

E.3 - A ajuda das pessoas. Até disse minha mãe: “olha, imagina, aí gente ajuda, não conhece pessoa e ajuda”. Às vezes vinham e trazia um saco de comida e eu “ai, não quero, não quero” e ela “não, fica, fica”.

E.4 – Apoio de amigos e conhecidos de Ucrânia. Associação Amizade (Associação de Imigrantes de Leste), também fez muitos apoios – arranjou trabalho na Academia do Espectáculo em limpezas, tem escola de Ucraniano e Russo para crianças, muito bom pra filha, tem viagens pra conhecer país, também muito bom e comida também recebeu no primeiro tempo no Porto, quando não tinha trabalho certo e precisou.

E.6 - E tem também outras pessoas Portuguesas que ajudou a aprender língua e outras coisas que é preciso...

*E.7– Arranjei logo amigos, amizade de pessoas foi o melhor,Temos muita informação, uns sabem umas coisas, outros outras coisas e ajudamos uns aos outros, procuramos casa uns pra outros, como é pra comprar, procuramos trabalho...
Foi primeiro o casal Português, depois outros e outros que ajudaram a nós também ajudamos outros que precisam.*

Nas percepções acerca das facilidades do contexto, também nos é revelado o papel que Associações de Imigrantes podem ter no processo de integração dos mesmos na sociedade de acolhimento.

E.4 – Apoio de amigos e conhecidos de Ucrânia. Associação Amizade (Associação de Imigrantes de Leste), também fez muitos apoios – arranjou trabalho na Academia do Espectáculo em limpezas, tem escola de Ucraniano e Russo para crianças, muito bom pra filha, tem viagens pra conhecer país, também

muito bom e comida também recebeu no primeiro tempo no Porto, quando não tinha trabalho certo e precisou.

Nas experiências de confronto com situações de extrema adversidade os serviços de assistência surgem valorizados pelo agente, enquanto factor determinante no travamento de processos de exclusão. O contacto nestas situações com pessoas que viveram a mesma experiência surge como um factor de auto-ajuda impulsionador da acção no sentido de reverter as contrariedades.

E.8 - Instituições de Portugal que ajudam pessoas que não tem nada, se não fosse isso, não conseguia. Se não comes, se não tomas banho, se não mudas roupa como vais pensar outras coisas? Isso é primeiro de tudo. Depois encontrar outros Ucranianos e outros estrangeiros na mesma situação, que vieram nestes primeiros tempos muitos enganados, outros à aventura procurar a sorte, sem conhecer ninguém, fomos primeiros. Falávamos de nossas dificuldades, estávamos todos no mesmo, não sentíamos sozinhos, isso foi importante para dar força pra continuar lutar.

Contornos da descontinuidade de processos de exclusão

Já compreendemos de tudo o que foi analisado e apresentado, que o processo(s) migratório(s) dos agentes integra diferentes percursos de instalação no país de acolhimento (para uns o processo de imigração à chegada decorreu com muitas dificuldades, passando por experiências de clandestinidade, vivenciando processos de exclusão e para outros, esse processo decorreu sem grandes dificuldades).

Vimos também que nos casos de experiências problemáticas na fase de instalação, os vizinhos Portugueses, os colegas de trabalho e os serviços de assistência social são os elementos mencionados em termos dos apoios obtidos, levando-nos a considerar que a Rede informal de apoio foi nestes casos complementada pela Rede formal (serviços de assistência), funcionando espontaneamente em articulação para travar processos de exclusão social.

E.1 - O marido chegou primeiro, sem nada, só com roupa vestida e depois trabalhou construção civil e juntou dinheiro para arrendar casa. Tinha muita sorte com vizinhos. Ele diz que ia dormir no chão com casaco. Vizinha deu colchão. Na cozinha também não tinha nada, ela perguntava: onde tu vais comer? – Deu-lhe mesa de cozinha. Quando cheguei ele tinha tudo. Ela pediu ajuda a outros vizinhos - casa tudo mobilado, ele já tinha 16 edredões (Ri). Eles pensavam que estávamos magrinhos porque tínhamos fome. Cada sábado e domingo nós fomos para casa de alguém comer.

E.2 - Sim, essas pessoas foram os vizinhos, dão para nós roupa, comida, tudo, tudo. E muito, muito, eu não posso esquecer isto e quando receber dinheiro vou escrever no jornal notícias porque eu quero agradecer todos quem ajudou.

E.2 - Facilidades, porque eu estava com dificuldades de dinheiro, não tem comida, não tem roupa e foi no Cruz Vermelha... ele ajudou-me com roupa... para criança... roupa para marido... roupa para mim. E no C.N.A.I também ajudou... falava com advogado, e ajudava. E no A.M.I também muito... procurava medicamentos para meu marido... e comida e recebi para nós.

E.3 - mas quando ele veio, ele até não tinha sitio pra dormir, ele estava num sitio, com uma tenda num quintal com um rapaz e tinha muito frio, tanta chuva, tanto frio e ficou lá 3 meses a passar muito mal, sem água, sem nada, o rapaz não se dava com pai e vivia na tenda no quintal e alojou meu marido e irmão. (colega de trabalho)

E.3...Eu não tinha nem prato, nem nada, e ela (Vizinha) deu prato, deu a roupa pra cama, e outras coisas e perguntou a outras pessoas quem tem, e vieram dar pra nós. Não tinha gás nem fogão, e fiquei com tudo. Se alguém é daqui e vai na nossa terra trabalhar ou quê, não sei se arranja pessoas que vai ajudar como pessoas ajudou pra nós.

E.5 - Eu não, mas meu irmão, foi nos serviços de assistência, no primeiros dias quando chegou, disse que ficava sem trabalho e sem casa e foi no Fundação A.M.I e eles ajudaram, depois ele tinha conhecidos que sabia de trabalho pra construção civil e arranjou.

E.8 - Instituições de Portugal que ajudam pessoas que não tem nada, se não fosse isso, não conseguia. Se não comes, se não tomas banho, se não mudas roupa como vais pensar outras coisas? Isso é primeiro de tudo.

Relativamente à recorrência do agente aos serviços de assistência é de notar que a mesma é encarada como algo a utilizar apenas em situação de extrema dificuldade e a sua utilização nem sempre acontece quer por motivos de desinformação, quer por motivos associados a questões de “preconceito” geradores de mal-estar pessoal, que não apareceram relativamente aos apoios por parte de particulares. Mesmo o apoio ao nível das necessidades básicas por parte da estrutura formal intra-grupo (Associações de Imigrantes) embora entendido como menos desqualificante, também não parece ser encarado de forma simples.

E.3 - Eu sei que há no Porto, sitio que vai buscar uma vez por semana ou uma vez por mês comida e eu e minha colega fomos lá e meu homem fica no carro e disse “ai que vergonha, que vergonha”, depois não fomos mais lá, meu homem não gosta disso. Se a gente fica mesmo sem nada, não digo nada, não quer dizer que não vamos pra lá, mas como nós trabalhamos... não tenho dinheiro peço emprestado e amanhã vou devolver...

E.4... Não, não... serviços assistência nunca fui, não gosto de pedir... gosto de trabalhar, sempre procurei e encontrei trabalho, se calhar tive sorte, nunca precisar disso, quando precisei fui na Associação Amizade (Associação de Imigrantes de Leste) e ajudou, mas foi só uma vez!

E.7 - Não, não tinha informação, nunca fui a esses serviços de assistência.

Nesta relação do sujeito imigrante em situação de exclusão com a estrutura social, as motivações pessoais também são dignas de registo neste processo, no enfrentamento das situações adversas, em que a luta pela sobrevivência assume um novo significado. Exemplo disso é o seguinte relato:

E.8 - Olha, era como quando tens um pesadelo e sabes que vais acordar e aquilo vai tudo acabar, nada daquilo parecia real. Tinha momentos de grande desespero e raiva, mas não podia deixar ficar assim, tinha que levantar cabeça e lutar, e fiz assim, pensava vai passar, vai passar, tenho que encontrar trabalho, trabalho, era só o que pensava em encontrar trabalho, só falava sempre nisso com todos que conhecia e assim foi.

E.8 - Sobrevivência, já não é só trabalhar para teres vida melhor, que era o que pensava quando vim para Portugal, nesses primeiros tempos de dificuldades de estares sem nada, sem amigos, casa, nada, pensas em sobreviver e lutas pra isso.

Pensar a questão da exclusão social impõe pensar a questão da integração, pois “o conceito de exclusão social é definido, de facto como antónimo de integração” (Machado, 2002, p. 65)

Parece que a abordagem da integração deve ser delimitada em termos do objecto a que se refere, o que impõe uma distinção analítica do termo integração entre integração social e integração sistémica, referindo-se a primeira à integração dos indivíduos na sociedade e a última à integração da própria sociedade. Machado (2002) refere a contribuição de Durkheim (1989) e Lockwood (1964) para esta delimitação.

“...trata-se, portanto, de distinguir analiticamente integração da sociedade enquanto tal, sendo aqui integração uma propriedade do sistema, de integração dos actores na sociedade, em que integração respeita à relação desses actores com o sistema” (Machado, 2002, pp.64-65)

Nesta óptica, a situação de integração está contraposta à situação de exclusão, conceptualizando a primeira como uma “não exclusão” (Almeida, 1993, p. 829 in Machado, 2002, p. 65), o que nos permite considerar também que a exclusão é o resultado de uma não integração dos indivíduos na sociedade.

Relativamente ao conceito de exclusão social, Machado (2002), refere que “sem deixar de incluir a componente económica e material, o conceito designa mais amplamente a situação de marginalização social, cultural e política dos excluídos” (p. 65).

O imigrante que circunstancialmente entra num processo de exclusão, de marginalização social, vendo-se obrigado a fugir à polícia como se de um criminoso se tratasse, saindo da clandestinidade, entra num processo oposto, entra no processo de integração social, ou seja, num processo de “não exclusão”.

E.7 - Foram amigos Portugueses, que arranjaram meu primeiro trabalho, espectaculares, ajudou muito na primeira altura. Marido foi fugir num quintal, num terreno assim sem nada, ele estava ilegal e apareceu policia....

E.8 -correu mal, trabalhamos e patrão não pagou, nem fez contrato, nem nada, ficamos sem nada, nem dinheiro tinha pra voltar.....Passei mesmo muito mal. E depois fugia e escondia para não ser preso, quando estás ilegal no país..

Associando a dimensão integração social e integração sistémica ressalta que a não integração dos indivíduos na sociedade resulta na não integração da própria sociedade.

“...se esses elementos ou categorias sociais se encontram em situação de exclusão, a sociedade no seu todo não está integrada. Do mesmo modo, uma sociedade integrada será aquela onde não existem categorias sociais excluídas” (Machado, 2002, p.66).

O mesmo autor defende que “...uma das considerações de integração das e nas sociedades da modernidade avançada é justamente a grande diversidade cultural, institucionalizada no sistema de valores e nos estilos de vida” (p. 68).

O confronto com a diversidade cultural

As questões da alteridade - O “eu” e o “outro”

Quando reflexivamente o agente fala acerca do “outro” colocando em análise as semelhanças e diferenças existentes a vários níveis, surgem uma variedade de significados. As opiniões acerca dos portugueses, surgem baseadas nas experiências vividas na sociedade de acolhimento no contacto com o “outro”, ou seja, através da interacção o agente vai formando representações sociais acerca dos Portugueses.

Segundo Moscovici (1961), “uma representação social compreende um sistema de valores, de noções e de práticas relativas a objectos sociais, permitindo a estabilização do quadro de vida dos indivíduos e dos grupos, constituindo um instrumento de orientação da percepção e de elaboração das respostas e, contribuindo para a comunicação dos membros de um grupo ou de uma comunidade” (in Vala, 1986, p.5).

Para Negreiros (1995) “a representação social é um conceito onde se entrecruzam noções de origem sociológica – ideologia, cultura, norma, valores e psicológica – imagem, opinião, atitude” (p. 20).

Vala (1986), afirma que para além de realizarem uma função de organização significativa do real, as representações realizam também, funções de explicação dos comportamentos, de diferenciação intergrupala e de criação da identidade social.

Nas suas representações sobre os Portugueses surgem referências ao que podemos designar de atributos ou características psicossociais, sendo considerados como pessoas muito simpáticas e generosas. Estes atributos parecem estar associados aos apoios obtidos por parte do agente imigrante na sociedade de acolhimento em fases difíceis.

IMIGRAÇÃO E IDENTIDADE - PROCESSOS QUE SE CRUZAM

E.1 - São pessoas mais generosas, preocupam-se com todos, mesmo com desconhecidos, muito bons, ajudam. Tivemos ajuda muito de Portugueses.

E.2 - Portugueses são muito simpáticos e... como se diz... muito generosos.

E.4 - Pessoas, pessoas são simpáticos, olham pra ti com cara boa, na Ucrânia ninguém olha pra ti, está tudo zangado, mal disposto, preocupado com vida. Pessoas aqui mesmo boas.

E.5 -gostam dar quando vêem que pessoa precisa alguma coisa, na Ucrânia não.

E.7 - Pessoas são diferentes, aqui, mais simpáticas.

E.8 -mas acho em geral Portugueses mais simpáticos que Ucrânicos,.....

Essas representações em termos de atributos psicossociais têm também associadas as experiências e observações relativamente aos seus conterrâneos.

E.1 - São pessoas mais generosas,.....

E.3 - ... Se alguém é daqui e vai na nossa terra trabalhar ou quê, não sei se arranja pessoas que vai ajudar como pessoas ajudou pra nós. Mesmo que tenham não ligam tanto pra ti, prós teus problemas

E.4 - Pessoas, pessoas são simpáticos, olham pra ti com cara boa, na Ucrânia ninguém olha pra ti, está tudo zangado, mal disposto, preocupado com vida. Pessoas aqui mesmo boas - Portugueses são mais alegres e preocupados com outros, que os Ucrânicos, chegam perto falam, ajudam.

E.5 - Olha, diferenças, acho assim, pessoas Portuguesas mais simpáticos..... gostam dar quando vêem que pessoa precisa alguma coisa, na Ucrânia não.

O espírito negativo e pessimista surge como uma terceira característica diferenciada, que é entendida como algo incompreensível. A negatividade parece ser algo não compreendido pelo agente quando se encontram satisfeitas necessidades básicas como saúde, habitação e alimentação. A explicação para tal negatividade surge associada a necessidades emocionais que possam não estar satisfeitas.

Tal consideração remete-nos mais uma vez para a questão da qualidade de vida, mais propriamente para o *sentido subjectivo da qualidade de vida* (Setién, 1993).

E.3 - vai passear e tudo e diz sempre "ai que difícil, ai que mal".... Não percebo será que é porque homem dela não gosta dela, ou quê, não sei..... Sabes, quando gente fala aqui, ai que mal, ai que difícil, ai que vida, eu digo: "olha não sabes que é isso".... se queixam mas não tem nada, não está doente, tem casa, tem comida, por exemplo ontem comprou carro e começa "ai, ai, ai, ai".....

Para além de uma representação generalizada dos Portugueses no que diz respeito aos seus atributos psicossociais, na comparação entre o “eu” e o “outro” aparecem um conjunto de outros elementos ligados a valores, atitudes, comportamentos. A este respeito o “outro” é encarado como diferente em relação a hábitos alimentares; à relação com o corpo inerente ao binómio saúde/doença, ao cuidado com o corpo em termos de controlo de peso, nomeadamente na infância, à forma como se encara a educação, na sua vertente escolar.

E.3 - sabes, as pessoas que eu trabalho, traz um saco grande cheio de comer e come, come, come, nem sei pra onde entra tanta comida, ... E também muita gente toma... eu não vi na minha terra gente não toma tantos comprimidos como aqui. Aqui é (faz gesto e som para representar a toma de um comprimido) dói um bocadinho a cabeça; (faz gesto e som para representar a toma de um comprimido); dói aqui (faz gesto e som para representar a toma de um comprimido); ai estou nervosa aqui (faz gesto e som para representar a toma de um comprimido). Isto não é normal

E.3 - ... E também de gordura das pessoas, aqui muitas pessoas gordas..... Lá crianças e jovens não tem gordos, só muito poucos por cento. Aqui crianças como minha filha, tem muitos gordos, lá pessoas 50, 55 anos não ganha aquela barriga como eles tem. Eu não digo nada que isto é feio aqui é que criança fica doente, não faz bem a ela.

E. 3 - Eu pouco tempo falei com uma mãe, filha dela ficou outra vez no quarto ano, não está preocupada!! “Ah, não estou preocupada...” Eu disse à minha “Olha se não vais passar vais viver na rua”, para ela ficar medo pra estudar e disse: “não olha pra ela, ela pode ficar se quiser 5 anos, 10 quantos ela quiser na mesma classe, tu não”. E ela “Ah, não estou preocupada, não faz mal, ela é assim, ela tem dificuldade, tem coisa na cabeça...” Que coisa na cabeça ela tem? Ela está na rua até 11 horas da noite, não estuda nada, é coisa que ela tem.

E.7 - Aqui acho comem muito tudo misturado. Por exemplo se faço sopa, já não faço outra coisa, come-se sopa e fruta, aqui comem tudo ao mesmo tempo e muito.....

Surge a percepção de que em Portugal é dada, menos importância à educação do que se devia, sendo que, esta deveria ser uma preocupação e um valor a defender e preservar tal como é na sociedade de acolhimento.

E.3 -filha dela ficou outra vez no quarto ano, não está preocupada!! “Ah, não estou preocupada...” Eu disse à minha “Olha se não vais passar vais viver na rua”, para ela ficar medo pra estudar e disse: “não olha pra ela, ela pode ficar se quiser 5 anos, 10 quantos ela quiser na mesma classe, tu não”..... Não digo nada que todos Portugueses pensam assim, mas há mais do que devia. Na Ucrânia não se pensa assim, todos sabem que educação muito importante.

Ainda no domínio de valores e comportamentos, destacam o contraste existente relativo mais uma vez à educação, mas desta feita, na sua vertente cultural, cívica. As diferenças distinguidas dizem respeito a modos de comer, de conduzir na estrada, de comunicar, dos homens se dirigirem às mulheres e aspectos relacionados com questões de higiene, enfim modos de estar em sociedade.

E.3 – Ah! muita gente também não sabe comer à mesa, come com boca aberta, tosse pra cima de pessoas...e aqui crianças quando faz isso e não vejo pais dizer, por exemplo, come de boca fechada, diz: “Ah, é criança”, mas é criança mas ela cresce e fica assim. “Ah, ela não sabe, não faz mal, não sabe mas vai saber amanhã..... - Até a conduzir, eu não sei conduzir mas vou com meu marido no carro à frente, e como gente conduz aqui... (Ri) pra mim é uma trauma, eu sempre vou nervosa, vira à direita, e só quando vira liça o pisca, tem que liçar antes, é uma coisa mínima mas é importante.

E.5 - Olha, diferenças, acho assim, pessoas Portuguesas mais simpáticos, mas não tem muita educação, são mais como dizer... não sabem regras educação, mas são muito...gostam dar quando vêem que pessoa precisa alguma coisa, na Ucrânia não.

E.7 - Depois também muitos mal educados porque tosse e não põe mão na boca, cospe pra chão, desculpa que vou dizer mas acho um bocado porcos, e lá não é tanto assim. Outra coisa é palavrões..... também diferente educação, aqui quando passam mulheres mais arranjinhas já ficam a olhar, assobiam, lá não.

E.8 - Em Portugal há muita falta de educação, em todos lados, no restaurante, no autocarro, a conduzir carro, só vê asneiras que fazem a conduzir, há pouco civismo. Depois o que é igual, é que há pessoas boas e pessoas que não interessa conheceres porque são falsas, mas isso é em todo lado, mas acho em geral Portugueses mais simpáticos que Ucrânicos, mas menos educação, menos estudos na escola, ficam como dizem aqui.... Ignorância.

A falta de boa educação ou de regras de educação aparece como algo que não está associado à pobreza, mas à falta de educação escolar: iliteracia e sub-certificação dos Portugueses e à falta de dedicação dos pais, em casa, com a educação dos filhos, sendo entendido que tal deve ser feito paulatinamente através da leitura, do jogo, da brincadeira, enfim, utilizando meios lúdicos e pedagógicos. A educação é vista como um todo e para além da falta de educação escolar, também aparecem a falta de hábitos de leitura, de informação de uma forma geral, como causa da falta de regras de educação. Nas considerações do agente está presente não só a educação na infância e juventude, mas também a noção da importância da educação/formação ao longo da vida. A educação surge também como factor para o desenvolvimento de um pensamento mais global e integrado, menos linear e um elemento facilitador de outras aprendizagens.

E.3 - É isto que faz a diferença, porque na minha terra, as pessoas... por exemplo, minha avó, ela já está velha, mas sabe ler, sabe escrever. Era obrigado. Aqui era 4 anos, na nossa terra era obrigado 8 anos a ir na escola, e pessoas todas tem mais educação, sabem mais coisas, não importa a profissão..... Sim, menos educação aqui, menos vontade em aprender coisas novas e que até não são difícil. Sabes, lá até pode trabalhar no trolha ou quê mas ele tem muitos anos de escola, e não encontrou mais trabalho, foi pra lá, mas se falas com esta pessoa, até doutros país, ele sabe, e tudo, sabe tudo, e percebe, pode aprender...

E.3 ... É educação, é educação.... Lá é assim... a pessoa não pensa só em si, pensa por tudo, por todos lados, quer saber isto, quer saber outra coisa, não é?... Aqui gente não quer saber nada, trabalha, casa, trabalha, casa.....

E.5.... Olha, na Ucrânia, todos estudamos na escola, muitos anos, todos lemos muito, temos informação de muitas coisas, aqui só futebol, futebol. Há até pessoas que não sabem ler!! Depois não aprendem regras educação. No autocarro pessoas muito sem educação, empurram para chegar primeiro no lugar, tosem pra cima de pessoas, dizem palavras muito feias, como geral é assim, mas também há pessoas com educação, não são todos.

E.7 - Lá é pobre mas com boa educação, porque cá não tem muitas pessoas com estudos, pais não dá tanto atenção pra filhos, a dizer como tem que fazer, com calma. Muito tarde nasce filhos depois não tem tanta energia pra estar com filhos, Crianças aqui é sempre na televisão, não aprende nada. Pais tem que brincar com filhos e a brincar ensina regras de educação, a ler livros pra crianças, com jogos, e assim. Crianças aqui acho são mais agressivas, mais carentes. Lá aposta mais na família, filhos logo cedo, mas também agora por causa de imigração, há muitos divórcios.

Nessa comparação entre semelhanças e diferenças surgem ainda referências aos modos de vestir, particularmente das mulheres, associados também à sua relação com o corpo, com a imagem, sendo que, aparecem a este respeito considerações acerca do pouco empenho das mulheres Portuguesas no cuidado estético com o corpo. Este elemento surge associado a uma noção particular de estética, que se traduz na consideração do que é bonito e feio numa mulher e que surge como algo relevante no processo de procura de uma companheira.

E.3 - mas diferenças, ainda, eu vejo que você está arranjadinha, maioria das mulheres aqui levanta até não olha pró espelho sai na rua. E nossos homens, por exemplo homens boas trabalha e assim, está aqui sozinhos quer arranjar, mas não pode arranjar uma Portuguesa, são poucas pessoas. Ele não gosta, vai pra lá (Ucrânia) "ai que bom tantas...."

E.3 - Porque as mulheres lá cuidam-se mais do que aqui e são muito bonitas. Lá não tem dinheiro mas tem saber, sabe apresentar-se bem, sabe como ficar bonitas. E aqui maioria de mulheres tem pouco cuidado. Olha, e lá onde moro é cidade mais pequena que Porto, e os Homens passa uma melhor e fica logo de boca aberta e a falar, até meu homem acha isso estranho. E ela não vai com saia curta ou quê, ela só arranjadinha e fica tudo: AH! AH! AH!... Que se passou? Agora já estamos habituados, mas primeiro tempo muito estranho isso

E.7 - também diferente educação, aqui quando passam mulheres mais arranjadinhas já ficam a olhar, assobiam, lá não. Lá meninas muito bonitas, bem vestidas sempre, arranjadas perfeitamente e homens estão habituados.

Percepção quanto a diferenças culturais mais específicas

Naquilo que entendem ser as diferenças culturais mais específicas entre sociedade de origem e sociedade de acolhimento, surgem elementos associados à vida quotidiana – a língua; as práticas alimentares e o vestuário, bem como os rituais ou tradições – sendo essa diferença em relação ao “outro” encarada como algo relativo.

Segundo Machado (2002), os traços culturais englobam “a língua, a religião, formas musicas, práticas alimentares, vestuário, lazer, rituais associados ao nascimento, casamento ou morte ou mesmo certos modos de vida particulares”. p.218.

E.1 - É isto que penso, nós não somos diferentes de Portugueses, estamos como Portugueses, trabalhamos neste país, fazemos descontos para Estado. A cultura diferente, é algumas festas e comida diferente alguma..... há pratos e produtos muito diferentes..... as sopas também muito diferentes

E.2 - Não vejo muitas diferenças nas pessoas, são pessoas, é tudo o mesmo, só diferenças nas tradições, como no casamento, natal... isso, essas coisas de festas, mas no resto é tudo igual, por exemplo, cozinha, nós também fazemos algumas coisas diferentes, alguns os mesmos. A língua é que é muito diferença e quando não perceber nada percebia que estava num outro terra, mas depois não. Quando não sabia nada só olhava, era muito mal não perceber nada e não poder falar dizer coisas e ouvir coisas.

E. 4 -Para além de língua não achei muitas diferenças, comida também diferente, mas não muito, já aprendi a cozinha Portuguesa e gosto. Não foi nada difícil isso.

E.6 - Sim, é diferente, sim, mas difícil não foi, diferenças tem mas não sei explicar. Passar natal um bocadinho diferente assim, como cozinham, diferente....

E.7 - Natal diferente, festividade de anos é diferente. Aqui acho comem tudo misturado. Por exemplo se faço sopa, já não faço outra coisa, come-se sopa e fruta, aqui comem tudo ao mesmo tempo e muito.....

Nos seus discursos, a diversidade cultural aparece como algo considerado pouco relevante, na definição do ser pessoa, que surge desligada de questões de nacionalidade e de cultura, como que havendo uma separação entre o que se é e as práticas culturais que se assimilam ou adoptam.

“É justamente nos momentos de sociabilidade intragrupo mais intensa, nomeadamente em ocasiões festivas, que todo um conjunto de práticas particulares...atinge maior significado” (Machado, 2002,p.218)

E.1 - Olha, eu penso assim, que eu nasci na Ucrânia, mas podia ter nascido em Portugal e tu podias ter nascido na Ucrânia, não importa onde nasce, só importa o que tu és, o que tu queres ser na tua vida, percebes? Em cada nacionalidade tem pessoas boas, interessantes e pessoas que não são. Podemos ter opiniões diferentes sobre coisas, gostos diferentes, mas com Ucrânios é igual, há pessoas que pensam coisas diferentes e iguais mas não porque são Portugueses ou Ucrânios, eu penso isso assim, percebes?

E.2 - Não vejo muitas diferenças nas pessoas, são pessoas, é tudo o mesmo, só diferenças nas tradições, como no casamento, natal... isso, essas coisas de festas, mas no resto é tudo igual, por exemplo, cozinha, nós também fazemos algumas coisas diferentes, alguns os mesmos. A língua é que é muito diferença e quando não perceber nada percebia que estava num outro terra, mas depois não. Quando não sabia nada só olhava, era muito mal não perceber nada e não poder falar dizer coisas e ouvir coisas.

E.6 - Não cheguei a pensar assim nada, pra mim são pessoas com defeitos e com qualidades, não tem diferença de pessoas de Ucrânia.

O confronto com as diferenças não é entendido pelo agente como difícil, decorrente da própria facilidade de relacionamento evidenciada e da própria forma como as diferenças são relativizadas, facilitando a interação. A diversidade está presente nos valores, nas atitudes, nas práticas, mas não interferem negativamente na relação intercultural. A língua aparece como o único elemento que numa primeira fase constituiu um constrangimento na relação com o “outro”.

E.3 - É fácil relacionar com Portugueses, também não fez mal a ninguém... também pedem-me alguma coisa eu faço. Só difícil quando não sabia falar e não percebem que diziam, depois não.

E.4 -Para além de língua não achei muitas diferenças, comida também diferente, mas não muito, já aprendi a cozinha Portuguesa e gosto. Não foi nada difícil isso.

E.6 - Sim, é diferente, sim, mas difícil não foi, diferenças tem mas não sei explicar... Não, relacionamento com Portugueses é igual com Ucrrianos, porque também tem umas mais abertos e outras mais fechadas, como lá também.

E.8 - Portugueses, tenho colegas de trabalho, temos relação boa, e fiz algumas amizades.

Na relação com o “outro” a alteridade é inevitável e as diferenças emergem no confronto com valores, normas, formas de ser e de estar, que definem as identidades, contudo, estas são dinâmicas e “a diferença cultural é fruto de uma intervenção permanente em que as identidades se transformam e se recompõem e onde não existe nenhum princípio de estabilidade definitiva” (M. Wieviorka, 1998,p.242 in Leandro, 2004, p.100). Nesta relação dinâmica de interação, seleccionam-se e incorporam-se novos elementos culturais, inventam-se novas identidades.

As questões da aculturação

Aquisição/adopção de novos hábitos

Compreendemos no sub-ponto anterior as representações do agente em relação ao “outro” e as suas próprias valorizações em termos do que entende ser diferente, em termos dos traços culturais. As reflexões do agente nestas matérias surgem por força do confronto cultural, ou seja, do contacto entre o “eu” e o “outro” orientado por um estabelecimento de diferenças e semelhanças inerente ao fenómeno da alteridade e ao próprio processo identitário.

Segundo Bastide (1971), são os indivíduos que estão em contacto e não as culturas, ao que se acrescenta: são os indivíduos imbuídos da(s) sua(s) identidade(s) (tese - p.61)

No fenómeno identitário existe uma tensão e um equilíbrio entre “semelhança e alteridade; unidade e diversidade; continuidade e diferenciação” (Ladmiral e Lipiansky, 1989, p.129) - (tese - p.67)

“Não há identidade em si, nem sequer unicamente para si. A identidade é sempre uma relação com o outro. Por outras palavras, identidade e alteridade articulam-se uma na outra e mantêm uma relação dialéctica” (Cuche, 1999, p.128) - (tese - p.65)

No projecto reflexivo da sua experiência migratória, o agente também nos elucida quanto aos resultados do confronto cultural na sua vida, em termos de adopção ou não de novas práticas, processo este inerente à questão da aculturação. Para além da aprendizagem de uma nova língua, as práticas alimentares surgem como aquelas que vão sendo incorporadas no quotidiano do agente em conjunto com as práticas gastronómicas do país de origem. A habituação a novos sabores parece não ter sido instantânea, contudo, o que era estranho, diferente, tornou-se familiar, mas não numa lógica de substituição de hábitos ou práticas de origem, mas de complementaridade, sendo que, neste aspecto particular não existe uma assimilação de hábitos mas sim uma integração.

São destacados o cozido à Portuguesa; as sopas; feijoada, o bacalhau cozido, o pão, os bolos. São outros sabores que entram do quotidiano do agente que derivam de outros saberes, palavras que, curiosamente se encontram etimologicamente ligadas.

E.1 - ... O cozido à Portuguesa, lá não há disso,..... Mas já sei alguns pratos Portugueses, os vizinhos ensinaram,

E.2 - Já conheço pratos Portugueses, conheço fazer feijão, cozido à Portuguesa, sopas, são diferentes sopas das de Ucrânia. Aprendi no cozinha Português no trabalho.....- Só às vezes faço cozinha ao modo Português. AH! E quando eu entrava no Portugal eu não conseguia comer pão, muito diferente da Ucrânia . Mas depois já não, agora já gosto de pão Português (risos)

E.3 - Também conheço comida Portuguesa. No primeiro tempo não gostava e agora gosto. Porque aqui tem muita comida cozida, eu antes não percebia que agente pode cozer legumes e ou bacalhau ou...peixe, não é... e depois já está feito, e sabe bem, e faz bem, também faço isto. Os bolos gosto.

.....Por exemplo quando aqui natal, na minha terra neste dia não tem natal, mas faço também bacalhau cozido, porque gosto.

E.4 -comida é uma mistura, faço Portuguesa e Ucraniana

E.5 - Em casa, minha sogra cozinha muitas vezes.Mas às vezes também cozinho comida Ucraniana, comida que eles gostam. É assim, uma mistura..... Não sei muito bem, sabes... acho que vamos vivendo aqui e vamos aprendendo outras coisas, outras formas de fazer as coisas e vamos acostumando sem dar conta, por exemplo, natal.... Aqui é diferente e como sou casada com Português vou festejar como aqui...

E.6 - Em casa cozinho comida Ucraniana e Portuguesa..... acho que lá (na Ucrânia) também vou cozinhar algumas receitas Portuguesas que aprendi no trabalho.

E.7 - Natal diferente, festividade de anos é diferente. Hábitos daqui, já tenho com comida, gosto comida Portuguesa e faço em casa.....

E.8 - Os hábitos são os mesmos de lá, faço tudo igual que fazia lá, mas aqui já como comida Portuguesa, minha mulher aprendeu muitas coisas na casa de patroa, e faz e gosto. Gosto muito bacalhau.

Um outro aspecto que surge, em termos do que é revelado acerca de como a aculturação se está a processar, é que as tradições e costumes relacionados com comemorações festivas ao contrário das práticas alimentares, tentam ser preservados tal como foram assimilados no país de origem, sendo que, mesmo nos casos das uniões mistas, o agente utiliza estratégias para não perder essas tradições, procurando o seu estabelecimento intragrupo, na casa de familiares. A conservação das tradições de origem em contexto intracultural não parece, no entanto, ser incompatível com a adopção paralelamente de algumas práticas alimentares na data da comemoração natalícia da sociedade de acolhimento, denotando alguma flexibilidade por parte do agente.

E.3 -Por exemplo quando aqui natal, na minha terra neste dia não tem natal, mas faço também bacalhau cozido, porque gosto.

E.5 - Não sei muito bem, sabes... acho que vamos vivendo aqui e vamos aprendendo outras coisas, outras formas de fazer as coisas, por exemplo, natal.... Aqui é diferente e como sou casada com Português vou festejar como aqui... e também vou a natal como na minha terra à casa do meu irmão.

Mas a flexibilidade em relação à adopção de novas práticas no que diz respeito às tradições, especificadas como festas de natal, carnaval, páscoa e festas de anos, é relativa, sendo traçados limites entre o que deve e não deve ser adoptado.

E.7 - Minhas filhas andam no infantário e já trazem novidades de natal, carnaval, páscoa, de festas de anos, como fazem aqui e vamos entrando nessas formas diferentes de festejar, elas fazem lá na escola e levam o que professora pede e assim. Mas em casa fazemos como modo de Ucrânia.

E.8 (H) - Os hábitos são os mesmos de lá, faço tudo igual que fazia lá, mas aqui já como comida Portuguesa, minha mulher aprendeu muitas coisas na casa de patroa, e faz e gosto. Gosto muito

bacalhau.....- Mas tradições é coisa diferente, são nossas, é dentro da nossa casa, foi coisa que aprendemos de nossa família, desde pequeninos.

As Associações de Imigrantes surgem como elemento importante na preservação das tradições culturais, surgindo como um suporte de referências identitárias.

E.2 - Muito importante associações de imigrantes porque eu consigo perceber melhor a língua Português e ela sempre me ajuda, ajuda para falar e para onde eu posso procurar documentos que precisa, ele sempre ajuda quando precisa e fazemos nossas festas, tradicias todos juntos.

E.5 - la fazer como na minha terra e também vou a natal como na minha terra à casa do meu irmão, e também vou a festas nossas na nossa associação, é muito bom.

“Os edifícios religiosos e as sedes de associações, na sua arquitectura, ou somente com a sua decoração interior são as principais marcas territoriais de identidade. São os lugares onde melhor se exprime a memória colectiva da diáspora, pelas imagens expostas ou pelas cerimónias ou festas que se desenrolam nas datas comemorativas” (Bruneau,1994, p.10).

As Associações de imigrantes enquanto referência territorial, são uma forma de reconstituição dos símbolos culturais e históricos que possibilitam manter viva a memória do território de origem. “A consciência identitária precisa de um suporte concreto que constitua a referência a um território real, considerado como o território original” (Bruneau,1994, p.10).

Segundo Mesquita (1993), as Associações permitem e promovem a continuação das diferenças inter-comunitárias. A contribuição das associações ao nível da reprodução da diversidade cultural e das identidades não se resume ao facto de proporcionarem o encontro entre sujeitos que se identificam com um mesmo grupo de pertença. Tal aspecto deve ser conciliado com as acções formalmente desenvolvidas pelas próprias associações, visando atingir determinados objectivos.

Os diferentes posicionamentos de cada uma das associações no que respeita à integração, interferem e reflectem a forma como os indivíduos de cada comunidade se preocupam ou não, em conservar e reproduzir os traços culturais e religiosos pertencentes a cada um deles.

Percebemos como no processo de adaptação cultural o agente adota elementos culturais da sociedade de acolhimento sem contudo deixar de estar ligado à cultura e ao país de origem procurando preservar os traços que entende mais significativos, designadamente, as tradições, surgindo também a língua como um importante factor cultural a conservar inter-gerações, como veremos de seguida.

A Diferenciação linguística

Quanto a práticas linguísticas elas situam-se entre o Ucrâniano e o Português, notando-se uma tendência para uma reprodução da prática linguística do país de origem no país de acolhimento na esfera intra-familiar e uma preocupação pelo seu não esquecimento por parte dos filhos.

E.1 - A língua que utiliza em casa é Ucrâniana e a comida em geral também.

E.4 - Falo Português com marido e Ucrâniano com filha, pra ela não esquecer Aprendi cozinha Portuguesa nos restaurantes do trabalho.

E.5 - Vivemos em casa minha sogra (Portuguesa) e falamos Português, mas quando falo minha filha, falo Ucrâniano, quero que ela não esqueça língua, mas só quando estamos sozinhas, se não, não gostam, porque não percebem o que dizemos.

E.7 - Tem mudado, minhas filhas falam Português, nós falamos Ucrâniano, mas às vezes elas falam Português e nós já respondemos em Português.....

E.5 - Em casa, minha sogra cozinha muitas vezes. Vivemos em casa minha sogra e falamos Português, mas quando falo minha filha, falo Ucrâniano, quero que ela não esqueça língua, mas só quando estamos sozinhas, se não, não gostam, porque não percebem o que dizemos. Mas às vezes também cozinho comida Ucrâniana, comida que eles gostam. É assim, uma mistura.

E.8 - Ucrâniano, falamos Ucrâniano em casa, mas a filha fala muitas vezes em Português, mas respondemos em Ucrâniano (Ri).

Esta tendência para a utilização da língua Ucrâniana além de espontânea é estimulada por parte dos adultos relativamente às suas crianças, o que nos impele a considerar que se trata de uma estratégia de preservação cultural. A par do desempenho dos pais na estimulação dos seus filhos para a utilização da língua de origem as crianças frequentam aulas da língua a conservar, iniciativa organizada pelo grupo intracultural mais alargado formalmente constituído em Associação dos Imigrantes de Leste.

E.4 - Estuda língua Ucraniana na escola Paula Frassinetti, foi Associação Amizade que arranhou isso.(refere-se à filha)..... Falo Português com marido e Ucraniano com filha, pra ela não esquecer; comida é uma mistura, faço Portuguesa e Ucraniana.

E.7 - Tem mudado, minhas filhas falam Português, nós falamos Ucraniano em casa, mas às vezes elas falam Português e nós já respondemos em Português. Mas elas estão a aprender Ucraniano em escola na Associação.

A promoção da leitura de livros Ucranianos e o visionamento de programas na língua Ucraniana também surgem como outros meios para a conservação deste elemento cultural por parte dos adultos que tentam estimular no mesmo sentido gerações mais novas.

E.3 - Na televisão, eu vejo só nossos canais, pela parabólica, não vejo televisão Portuguesa. No primeiro tempo vi, porque não tinha antena parabólica, agora não. A minha filha liga para canal Portugueses e eu às vezes não deixo, porque ela já é.... Porque esquece a nossa língua, pra ela é mais fácil falar na língua Portuguesa, em casa fala na nossa língua Ucraniana, mas às vezes mete palavras Portuguesas. Eu mando ela "vai ler" chega de ver televisão, vai ler", ela vai e se eu não digo qual é livro que tem que escolher, ela escolhe livro Português, não pega em livro Ucraniano e começa a ler na nossa língua e começa "mãe que é isto, que quer falar esta palavra?"

Mas para além do contexto familiar, a comunicação, nas relações intraculturais em geral, tende a veicular-se na língua de origem, sendo de assinalar que de todas as vezes que contactamos e estivemos presentes em contextos que envolviam contactos intraculturais (Escola Paula Frassinetti; Loja de produtos alimentares da Europa de Leste), o Ucraniano era a única língua utilizada, mesmo quando se dirigiam aos filhos, nascidos em Portugal, que umas vezes respondiam em Português e outras vezes em Ucraniano.

Se por um lado a língua é referida, por parte dos agentes, como obstáculo à integração, enunciada com forte expressão como problema a enfrentar, por outro lado, é também enquanto prática cultural a que assume uma maior importância sendo unanimemente encarada, no contacto com o "outro" *diferente de mim* como o elemento mais diferenciado no que toca ao estabelecimento das diferenças e semelhanças encontradas.

"...a língua é o traço cultural que diferencia muitas minorias migrantes da população das respectivas sociedades de acolhimento" (Machado, 2002, p.262).

A língua "Não é apenas mais um traço no conjunto dos que compõem a distintividade cultural... mais do que outros a língua tem uma importância

central... pode constituir por si só obstáculo à inserção global nesse meio” (Machado,2002, p.263).

Assim, a língua assume-se como um elemento transversal à dimensão social e à dimensão cultural da trajectória dos agentes imigrantes.

Esta ligação à cultura e país de origem também é evidente pela importância que assume o visionamento de programas televisivos da Ucrânia, e pela preocupação revelada com a obtenção de notícias actualizadas, quer através da televisão, de Jornais ou da Internet.

E.1 - Com antena parabólica, 7 canais de Rússia e Ucrânia e jornais com notícias de Ucrânia..... vejo muito mais televisão de Ucrânia do que de Portugal.

E.2 - Eu ando no Palácio de Cristal, tem biblioteca e tem internet e tenho jornais, muitos Ucrânicos e eu posso ver e vou lá.

E.3 - Na televisão, eu vejo só nossos canais, pela parabólica, não vejo televisão Portuguesa.

E.4 - Com parabólica. Temos duas televisões – uma dá coisas Ucrânicos e uma programas portugueses. Gosto de novelas Portuguesas – aprendo língua, é bom, mas não tenho tempo é pena.

E.5 - Olha, quando estava em casa meu irmão ele tem parabólica e via programas e notícias de Ucrânia, agora só tenho televisão Portuguesa, mas tenho notícias por meu irmão, vamos falando...

E.6 - Temos antena parabólica e vemos programas de Ucrânia.

E.7- Temos antena parabólica e vemos programas de Ucrânia.

E.8 - Tenho parabólica e vejo notícias e leio jornais Ucrânicos

Através da análise das narrações compreendemos que em termos do fenómeno de aculturação ou de integração das culturas, conforme designação de Hannon (2004), os agentes procuram estabelecer relações com a comunidade dominante, não se verificando, no entanto, um papel passivo duma cultura face a outra. De forma mais complexa, ao mesmo tempo que existe uma preocupação pela preservação da sua identidade cultural, também existe uma “disponibilidade” para a cultura do “outro” num entrelaçar de práticas.

São adoptadas novas práticas, não numa lógica de substituição mas de complementaridade, levando-nos a afirmar que no tocante a modos de aculturação, verifica-se uma tendência para a integração, uma integração de carácter intercultural, fruto de uma dialéctica entre as duas culturas.

A integração é um termo que está associado às ideias de interdependência entre duas culturas e de recriação. “A coexistência de grupos culturais minoritários no seio de um grupo cultural dominante não se pode conceber sem um modelo sociocultural que combine de maneira paradoxal a assimilação, a diferenciação e a síntese, modelo designado de integração pluralista ou modelo intercultural”(Clanet,1990,p.63) - *(tese - pp.57-58)*.

“A integração implica a manutenção parcial da identidade cultural do grupo étnico juntamente com uma participação cada vez mais acentuada no seio da nova sociedade” (Neto,2002,p.262). *(tese - p.58)*.

Mas a atitude interculturalista do agente não significa que o mesmo não corre riscos de assimilação, ou de separação, significa que existe uma tendência para uma correlação inter-cultural, que poderá resultar ou não na criação de uma nova cultura, ou se quisermos de uma cultura renovada, tudo depende do empenhamento do agente neste processo de confronto com o “outro”.

“ A atitude interculturalista sublinha a responsabilidade do homem no processo social. Esta responsabilidade situa-se a dois níveis, por um lado, prende-se com a consciência da necessidade da sua intervenção, e por outro, com o seu significado” (Hannon, 2004, p. 34).

Mas as duvidas continuam, pois o resultado do confronto cultural não depende apenas da atitude do agente mas também do contexto em que se insere.

A este respeito Hannon (2004) refere situações de países que condicionam estes processos de responsabilidade e liberdade individual, com a instauração através da força de regimes que excluem toda a referência aos Direitos do Homem (caso das revoluções sociais de inspiração fascista).

Os meandros e a complexidade da adaptação cultural do agente remetem para a compreensão das suas sociabilidades. E a este respeito Machado (2002) refere que “Quanto mais as sociabilidades forem orientadas para dentro, maiores tenderão a ser os contrastes culturais, ao passo que a existência de redes de sociabilidade intra-grupo fortes gera continuidades culturais, promovendo por essa

via, a integração na sociedade envolvente” (p.219), que são aquelas que segundo o autor mais influência exercem no processo de adaptação/integração cultural.

As Redes de Sociabilidade intensas

Quando falamos em redes de sociabilidade, partimos do conceito expresso em Machado (2002) “redes de relacionamento social quotidiano com diversos tipos de actores e conteúdos variados” (p.219), no entanto, a nossa compreensão restringiu-se, à análise das redes de tipo mais intenso, referindo-nos a redes com contactos significativos que derivam da referência dos agentes a relações de proximidade com outros, para além da família.

A este nível de compreensão, as sociabilidades parecem caracterizar-se por fortes interacções com a sociedade de acolhimento, o que constitui um elemento facilitador de integração. “Quanto mais a sociabilidade dessa minoria for autocentrada...menor tende a ser a integração dos seus membros” (Machado, 2002,p. 69).

Assim, para além dos elementos da família, a rede de sociabilidade parece integrar tanto, agentes de nacionalidade Portuguesa como de nacionalidade Ucraniana.

As redes constituídas na esfera profissional e de vizinhança são Portuguesas e na constituição das redes de amizade há uma forte referência a Portugueses, sendo constituídas em simultâneo com pessoas de outras nacionalidades, sobretudo Ucranianos (redes de amizade cruzadas).

E.1 - Conviver com todos, Portugueses, Ucranianos. Não tem diferença com Nacionalidade

E.2 - Com muitos amigos. Tenho muitos amigos Portugueses e tenho muitos amigos Ucranianos.

E.3 - Marido falou com senhoria de nossa casa,.... às vezes vamos na casa dela, às vezes ela vem com marido dela e ajuda, também se eu preciso emprestar dinheiro ou quê, ou tenho alguma problema não vou dizer às pessoas a meus colegas, vou a casa dela.....- Tenho duas colegas daqui, Portuguesas que são amigas, trabalhei com elas.... posso convidar pra minha casa e vamos passear, os outros, nossos colegas, os Ucranianos e os Russos.

E.4 - Tenho amigos Ucranianos e amigos Portugueses, que conheço do trabalho, amigos de marido e assim.

E.5 - Tenho amigos Ucranianos, mas agora convivo mais com Portugueses com colegas. E tenho meu irmão e cunhada, vamos a casa deles...

E.7 - Temos muitos amigos, de todas nacionalidades, que marido conheceu no primeiro tempo e conhecemos também no trabalho, temos sempre casa cheia de amigos, às vezes digo que não quero conhecer mais ninguém, mas é bom porque ajudamos uns aos outros. E também amigos de Associação Amizade e fazemos passeios e festas e falamos, sabemos informações...

E.8 - Sim, sim, muitos amigos, vivemos os mesmos problemas isso criou amizade.....amigos Ucrânicos e outros estrangeiros que conheci..... Portugueses, tenho colegas de trabalho, temos relação boa, e fiz algumas amizades

Percebemos então o estabelecimento por parte do agente de diferentes tipos de sociabilidades intensas que ocorreu em diferentes fases do seu percurso migratório: Sociabilidades informais de tipo interpessoal de nível intercultural (amizades com Portugueses). Sociabilidades formais, de tipo associativo de nível intracultural (ligação à Associação de Imigrantes da Europa de Leste), e sociabilidades informais intraculturais e interpessoais (amizades com Ucrânicos).³⁵

Neste ponto do confronto com a diversidade cultural, compreendemos que na sociedade de acolhimento o agente, confrontado com um conjunto de novos hábitos, adopta aqueles com os quais se vai identificando, da forma que entende, aparecendo não como alguém que se submete à vontade de uma maioria, mas como alguém que tem o poder de decidir como quer viver, o que quer ou não experimentar e utilizar, pois a era da modernidade coloca o indivíduo perante um conjunto complexo de escolhas, onde o universalismo e o relativismo cultural entram em ruptura.

A alteração de hábitos de consumo é um aspecto que surge e que parece ter resultado do contacto com outras formas de fazer, de estar, ligadas a determinados estilos de vida com os quais o agente se identifica.

E.2 - Na Ucrânia fazemos tudo em casa, não compramos nada fora, os bolos, tudo, tudo. Aqui mais compramos que fazemos em casa, e eu também já compro coisas fora.

Este processo de adopção de hábitos associados a estilos de vida, que está patente na era da modernidade não é fruto de uma assimilação passiva de

³⁵ A tipologia das Redes de sociabilidade foi identificada com base nas qualificações de Bidart, 1998; Grafmeyer, 1995 in Machado, 2002, p. 219.

elementos culturais, mas sim da liberdade de escolha do agente, que nos casos em apreço e em contexto intercultural, encara a sociedade de acolhimento para além de um conjunto de traços culturais, (o “outro” com quem lida ou que observa integra um conjunto de traços culturais específicos e é uma pessoa num mundo globalizado), alcançando todo um conjunto de outros elementos e possibilidades.

E.1 - *Olha, eu penso assim, que eu nasci na Ucrânia, mas podia ter nascido em Portugal e tu podias ter nascido na Ucrânia, não importa onde nasce, só importa o que tu és, o que tu queres ser na tua vida, percebes?*

E.2 - *Não vejo muitas diferenças nas pessoas, são pessoas, é tudo o mesmo, só diferenças nas tradições, como no casamento, natal... isso, essas coisas de festas, mas no resto é tudo igual.*

E.7 - *Espero muito mais de vida, arranjar emprego bom, assim emprego de falar com pessoas, ou num escritório ou numa loja, quero vestir roupa bonita.*

“Estilo de vida não é um termo que se aplique muito a culturas tradicionais, porque implica a escolha dentro de uma pluralidade de opções possíveis e porque é adoptado e não transmitido” – (Giddens, 1997, p.76).

Mas apesar da escolha do estilo de vida não estar subjacente a um determinismo cultural, ela não se dá desprovida de uma delimitação cultural, pois “a cultura consiste na própria sociedade, enquanto esta oferece às pessoas e aos grupos padrões de conduta. Ela concerne toda a vida social, na medida em que abarca os seus sistemas de ideação, de representação e de expressão, os seus sistemas éticos e os seus referenciais para a acção” (Fernandes, 1999, p.14).

Na era da modernidade é o indivíduo que opta pelo seu estilo de vida - o que é algo inevitável – somos obrigados a escolher a optarmos.

Giddens (1997) define estilo de vida como o “ conjunto mais ou menos integrado de práticas que um individuo adopta não só porque essas práticas satisfazem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular de auto-identidade” (p.75).

Segundo o autor, o estilo de vida integra um conjunto de actos quotidianos (o que comer, o que vestir, como comportar-se, nomeadamente no emprego e nos mais variados contextos), que implicam decisões. Estas decisões não só definem o que fazemos e como fazemos como também definem quem queremos ser.

Assim, no cenário do mundo da modernidade tardia o papel do agente na definição do seu estilo de vida (como definidor/decisor) da sua acção ganha relevo e importância.

Mas, especialmente em situação de imigração não parece ser algo simples para o indivíduo e respectiva família tentar conciliar, no processo de adaptação, tradição e modernidade.

“La famille immigrée – plus que toute autre – doit faire des efforts de résistance et adaptation pour intégrer tradition et modernité dans le cadre d’une double mutation : celle, commune à tous, des sociétés occidentales et celle découlant du phénomène migratoire”(Leandro, 1995, p. 15).

E entre todas as considerações dos agentes que nos conduziram numa viagem através das suas trajetórias onde nos falaram dos seus encontros e desencontros com aspirações e vontades e da forma como continuamente se foram organizando e reorganizando enquanto sujeitos autónomos no confronto com a (s) realidade (s) com se iam deparando na sociedade de acolhimento, ou seja, da forma como reflexivamente conduziram o seu projecto, vejamos nos dois pontos seguintes quais as suas percepções e ponderações acerca do impacto da experiência migratória na noção de si e dos outros e de que outras reflexões nos quiseram dar conta associadas à necessidades dos imigrantes de uma forma geral.

Percepção acerca dos resultados da experiência migratória na auto-identidade

Para quem percebe mudanças na auto-identidade como resultado da experiência migratória, elas surgem em termos de postura em relação à vida, parecendo que, por um lado, as adversidades e por outro lado, as possibilidades que permitiram superar os problemas e satisfazer necessidades, concorreram para pensar a vida com mais confiança, sendo que, a imigração parece ter oferecido ao agente novas oportunidades para o seu auto-desenvolvimento e felicidade contribuindo para o despertar de “um novo sentido de identidade” (Giddens,1997, p.11), que se traduz num “encontrar-se a si mesmo” – (idem) e num olhar o outro também de uma forma diferente.

E.2 - Eu sou diferente agora, sim, eu fiquei mais forte, eu fiquei mais responsável na família, eu penso no futuro e não quero pensar no que passou e fiquei outra pessoa, fiquei com mais força para lutar, para trabalhar, para ganhar mais dinheiro porque pago a renda casa muito e posso comprar e apartamentos pode ficar pra mim e para futuro meu filho. Olho mais pra frente e já estou preparada pra tudo e se há algumas dificuldades já posso resolver com calma.

E.3 - Mudou tudo na maneira de pensar e sentir, mas também porque passaram 5 anos e estou mais velha, penso mais prático. Posso dizer que não quero ir pra lá viver e já há muitos anos que sei isso, isso aconteceu porque saí de lá, antes não pensava assim, isso quer dizer que mudou maneira de pensar e sentir.

E.4 - Olha, sempre muda alguma coisa, agora olho para os outros e vejo outras pessoas, não olho só pra meus problemas, minhas faltas; estou mais calma, melhor com vida, melhor com tudo. Estava separada, aqui casei, tenho família, penso mais família. Olha, sabes, acho gosto mais de mim e dos outros..... Mudei como penso, porque aqui tenho que preciso, posso pensar futuro, futuro minha filha, sinto bom, sinto bem.....Mas sabes, há pessoas que vieram e ficaram só 2/3 meses, tinham trabalho, mas não ficaram, não se adaptaram, muitos são fortes, dentro de pessoa, percebes, tem que ter força dentro de pessoa, outro não tem força, não consegue ficar, tem lá família quer voltar.

E.5 - É difícil explicar... Olha, eu sei que mudei, mas não sei em quê e porquê. Por exemplo, antes, vivia muito fechada, a pensar nos problemas, muito nervosa, tinha muito tempo para tudo, porque não trabalhava, mas não tinha tempo pra nada, pra minha filha, porque a cabeça estava sempre ocupada, percebes? Agora, tenho menos tempo, poque trabalho muito, mas tenho mais tempo pra ouvir os outros, pra minha filha, pra marido, pra amigos....

E.7 - Acho fiquei mais madura, antes acreditava sempre logo nas pessoas, agora, primeiro quero ver bem como são e depois é que me abro mais. Acho que os problemas fazem pensar na vida de outra forma, ficas mais atenta a tudo e mais forte também e depois também os filhos, quando nascem filhos, abre-se um mundo diferente, ficas mais desperta para muita coisa, queres aprender sempre mais, ler mais pra lidares melhor com filhos traz muita preocupação mas depois habituas e ficas mais feliz.

E.8 - Ah! claro que sim, com as dificuldades, as carências do principio, pensei em coisas que nunca pensei, como podem acontecer estas coisas de ficares sem nada, sofri muito e aprendi muito sobre a vida e mesmo sobre mim. Claro!! Olho pra tudo com mais...como se diz...humildade e compreensão também, mas também sei que sou muito forte, fiquei a conhecer melhor minhas capacidades e fiquei com orgulho de outras pessoas que conheci, muito lutadoras. Mas também sei que nem todos são iguais e sei de pessoas que se entregaram à bebida e outras coisas, e sabe, compreendo... se não tivesse passado pelo mesmo não compreendia, mas sei que não é fácil, há momentos de muito sofrimento e solidão.

Mas as pessoas são únicas tal como as suas experiências e a forma como são sentidas, surgindo também sentimentos de não mudança na noção de si e na disposição em relação à vida, como resultado da experiência migratória, associados a uma inabalável confiança básica³⁶.

E.1 - Não. Quando não estamos deprimidos não muda nada. Estamos aqui com a dificuldade da língua, mas outras coisas não. Nunca tive depressão, sempre optimista, sempre lutava pelo que quero, Ucrânia também, mas lá não há nada porque lutar, só pobreza, mais nada. Eu estou sempre a mesma.

Mas as mudanças nos sentimentos de si nem sempre são positivas, pois quando a família está separada a imigração surge na percepção do agente como algo que constitui um constrangimento à felicidade.

E.6 - Sim, fiquei pessoa sem felicidade, de estar sem filhos, mas também acho que falo mais aqui, tenho mais, como dizer...não estou tão fechada, lá era mais, assim...

³⁶ “a confiança nas ancoras existenciais da realidade, num sentido emocional e, em certa medida, num sentido cognitivo, assenta no reconhecimento da fiabilidade das pessoas, adquirido nas primeiras experiências da criança. Aquilo que Erik Erikson chama confiança básica”. (Giddens, 1997, p. 36). A partir desta “emerge uma orientação emotivo-cognitiva no sentido dos outros, do mundo-objecto e da auto-identidade” – (idem).

Outras percepções derivadas da experiência

Fruto dos problemas enfrentados pelo próprio e do conhecimento dos problemas enfrentados por outros imigrantes de países da Europa de Leste, surgem percepções acerca das necessidades dos mesmos, cuja explicitação considerámos importante neste trabalho acerca da reflexividade do agente em processo migratório.

Assim, são consideradas necessidades de todos os imigrantes Ucrânios/países de Leste, o entendimento claro da lei sendo que, para tal, é útil a tradução da mesma na língua Russa, uma vez que mesmo conhecendo a língua Portuguesa basta não entender uma palavra para perder o sentido do articulado legislativo, o que constitui um obstáculo ao usufruto de Direitos e ao alcance de desejos e vontades. Nesta linha, a aprendizagem e aprimoramento da língua Portuguesa também surge, pois não basta conhecer os Direitos, também é necessária comunicação para atingir o que se pretende.

Uma terceira necessidade identificada como comum é a disponibilização de apoio psicológico face aos problemas que muitos enfrentam no processo.

E.1 - nós estrangeiros do país de leste estamos um grupo especial – nós não sabemos ler, nem escrever, nem falar e se nós não compreendemos por exemplo, no lei, se não compreendemos uma letra da palavra já não percebemos a lei. Porque a lei não está traduzida na língua Russa? ... temos que saber nossos direitos e falar, e conseguir o que queremos

E.2 - eu acho que todos os imigrantes precisa alguns apoio psicológico, porque nós passamos por alguns problemas e não podemos encontrar pessoas pra falar. Para falar... é muito importante nós não podemos fechar sozinhos, senão não conseguimos nada

É importante também notar que a representação da sua imagem enquanto imigrantes resulta da especificidade das necessidades encaradas como comuns entre imigrantes da Europa de Leste, aparecendo na forma como se representam enquanto imigrantes, uma auto-denominação enquanto estrangeiros de país de leste, como se de uma comunidade apenas se tratasse, elemento que é reforçado pela constituição de uma Associação de Imigrantes da Europa de Leste e não apenas de Ucrânios.

E.1 - *nós estrangeiros do país de leste estamos um grupo especial – nós não sabemos ler, nem escrever, nem falar e se nós não compreendemos por exemplo, no lei, se não compreendemos uma letra da palavra já não percebemos a lei. Porque a lei não está traduzida na língua Russa? ... temos que saber nossos direitos e falar, e conseguir o que queremos*

Compreendemos ao longo deste trabalho que para o agente nem sempre foi fácil o processo migratório encerrando constrangimentos difíceis de contornar, contudo, a sua capacidade e vontade conduziu-o reflexivamente na sua trajectória enfrentando e superando muitos desses obstáculos, protagonizando uma acção promotora de mudança e de combate à adversidade, observando-se empiricamente por um lado, as considerações de E. Durkheim de que “ a vida humana e social é condicionada por constrangimentos sociais” (Leandro, 2004, p. 101) e por outro lado, o pensamento de A. Touraine inspirado nas concepções de Weber que enfatiza “a capacidade de intervenção dos actores” (in Leandro p.101).

“A ideia da orientação que os indivíduos ou grupos dão às suas trajectórias individuais ou sociais, é de uma extrema complexidade, na medida em que integra várias dimensões em torno do subjectivo e do objectivo, do individual e do grupal, mas também das condições sociais, que nem sempre são igualmente fáceis de contornar pelos vários actores sociais” (Leandro, 2004, p.105).

Conclusões

A elaboração deste estudo resultou de uma motivação pessoal pelo tema da imigração por força do exercício laboral que em 2002-2003 integrou a promoção e condução de uma pesquisa acerca da problemática da imigração no Concelho do Porto, no sentido de tentar dimensionar problemas e necessidades dessa população. Essa pesquisa, apesar da sua conclusão não ter sido possível devido a mudanças políticas, resultou no despertar de uma sensibilidade para as questões associadas aos processos migratórios, pela complexidade que os envolve, pois são feitos de pessoas e não de números. Pessoas, que abandonam os seus contextos de origem em busca de melhores condições de vida, protagonizando e animando projectos nem sempre bem sucedidos.

Nesse levantamento realizado entre Fevereiro e Março de 2003, sobre problemas e necessidades da população imigrante, a imigração com origem no Leste Europeu, e mais concretamente na Ucrânia, apareceu como a população com maior expressão na recorrência a serviços que fornecem resposta a necessidades básicas e na incursão pelas estatísticas verificou-se que a emergência de novos fluxos de imigração da Europa de Leste, contribuiu para uma mudança da configuração da imigração em Portugal, em finais do Sec.XX, inícios do Sec. XXI.

O tema deste estudo surgiu assim, já com a ideia de o delimitar à imigração Ucrâniana com ligações ao Concelho do Porto iniciando então um processo de pesquisa pautado por propostas teóricas e epistemológicas que nos pareceram pertinentes ao objectivo do estudo, quando este foi finalmente encontrado.

As leituras sucederam-se em volta das teorias das migrações, dos processos de adaptação dos migrantes e das questões que a envolvem (integração social, modos de aculturação, alteridade, interculturalidade, cultura, identidade).

As perspectivas de abordagem ao tema também se foram sucedendo e a pergunta de partida ia sendo definida e redefinida na procura de um objectivo suficientemente curioso. No âmbito da teoria social e na incursão pelas teorias de

síntese acerca da relação entre os fenómenos culturais e a estrutura social e nas leituras acerca da questão da identidade como um processo reflexivo e prático, emerge a ideia que dá origem ao objectivo deste estudo: a identidade com uma natureza transversal animada pelo agente com um saber prático consciente das suas acções, condutas, posturas e linguagens quotidianas.

A pergunta de partida surgiu assim balizando todo o processo de pesquisa: *Como se vai configurando a identidade de indivíduos Ucrrianos em processo de imigração e com alguma ligação ao Concelho do Porto, no confronto com que desafios subjacentes à sua adaptação na sociedade de acolhimento?*

Nasceu assim a aspiração de compreender a complexidade que envolve a acção do indivíduo em processo de imigração na orientação da sua trajectória, ocupando a identidade na nossa abordagem uma posição transversal a todo o processo de imigração, rotineiramente criada e sustentada através das actividades reflexivas do agente.

Neste estudo de natureza qualitativa, quisemos conhecer valores, comportamentos, atitudes e percepções, com base na obtenção de dados descritivos utilizando a indução na sua análise, sendo que, na nossa abordagem foi dado ênfase à compreensão e não à medida.

Assim, construindo à priori um quadro teórico-conceptual que englobasse o processo de produção e reprodução das culturas e os aspectos que entram em jogo na interacção dinâmica indivíduo-contexto; problematizando acerca da reflexividade do sujeito num mundo moderno inerente a uma natureza partilhada da identidade enquanto processo reflexivo e prático e explorando empiricamente este processo no âmbito do processo migratório de indivíduos Ucrrianos, damos por concluído este trabalho que constituiu um exercício exploratório de pesquisa enquadrado nos pressupostos da metodologia qualitativa.

Este estudo assumiu-se como um estudo eminentemente exploratório dada a abrangência e novidade do tema: compreender como os processos da imigração e da identidade se cruzam; dada a delimitação do campo: imigração da Europa de Leste, mais especificamente Ucraniana, que constitui um fluxo relativamente recente em Portugal e talvez por isso ainda pouco estudado, e pela novidade do exercício empírico de colocar a identidade do agente no centro da sua trajectória enquanto imigrante num mundo contemporâneo.

Neste exercício, foi nossa pretensão ganhar familiaridade com o fenómeno da reflexividade do agente Ucraniano em situação de imigração no sentido de, por um lado, fazer surgir pistas para futuros estudos em matéria de imigração e projectos reflexivos e por outro, possibilitar a delimitação de elementos importantes a ter em conta no planeamento de futuros estudos sobre imigração Ucraniana que se pretendam representativos.

Partindo das considerações de alguns autores em relação às características da metodologia qualitativa e tendo em conta os objectivos da pesquisa, a entrevista semi-directiva assumiu-se como a técnica de obtenção de dados pertinente para este estudo e a análise de conteúdo, a técnica a utilizar no tratamento e análise dos mesmos.

As questões de pesquisa ou objectivos específicos que haviam sido definidas a partir do objectivo, foram operacionalizados por meio das questões/tópicos do guião de entrevista elaborado, procurando na sua aplicação por meio da técnica da entrevista captar as percepções dos agentes relativamente a um conjunto de aspectos relacionados com o seu percurso migratório à saída e à chegada.

Os resultados surgiram depois de um minucioso exercício de organização, descrição e interpretação da informação tendo sempre a preocupação de revelar a perspectiva do agente surgindo a este propósito a consideração de Santos (1995) de que perspectiva é o que constitui a essência da escrita.

De todo este trabalho acerca da reflexividade do agente e a partir da reflexão do investigador, os resultados surgiram e as conclusões dos mesmos são as que se apresentam:

A reflexividade possui um carácter em grande medida colectivo sem prejuízo dos seus aspectos individuais, até porque o individualismo e os processos de individualização só se fazem inteligíveis ao levar-se em conta processos sociais mais profundos que a ele se vinculam.

A crescente complexidade da vida social multiplica possibilidades de projectos e identidades. A modernidade arranca o indivíduo de contextos tradicionais, deixando de estar subordinado a uma determinada forma de pensar e agir passando a estar confrontado com um inúmero conjunto de escolhas.

Mas nem todos os indivíduos têm as mesmas possibilidades de acesso a determinados estilos de vida, pois a relação do sujeito com a sociedade não é unilateral e o seu poder não é ilimitado.

Os projectos, as aspirações poderão ser concretizáveis e para isso é necessário que o agente se mobilize nesse sentido, contudo, por vezes atrás das possibilidades surgem os constrangimentos, O projecto reflexivo do self imbuído de uma determinada forma de pensar, das suas disposições ou idiossincrasias (habitus), acumuladas no processo de socialização num determinado contexto está quotidianamente perante este dilema: o que pretendo e como vou fazer para o alcançar.

Aquilo que se pretende nem sempre tem uma natureza material, objectiva, pois o sujeito é complexo tal como as suas necessidades e na busca da sua qualidade de vida imbuído da sua reflexividade vai-se orientando no sentido da satisfação de necessidades imateriais, subjectivas, em busca da *felicidade*.

Nos projectos migratórios analisados, a reflexividade do sujeito, acompanhada na maioria dos casos de uma reflexividade colectiva (da família), surgiu confrontada com a necessidade de dar resposta a um problema material, concreto, de sobrevivência, cuja resolução no contexto de origem não se afigurava possível. O agente organizou-se então, para sair do seu país, da sua cidade, do contexto sociocultural onde viveu e foi socializado, onde se sentia identificado, para entrar num novo contexto onde teve que se adaptar. Nesta trajectória, que integrou várias fases, o agente num exercício reflexivo e prático procurou adequar os seus projectos às condições do meio.

A razão que esteve na base da decisão de imigrar surgiu com várias faces, podendo falar-se não de motivação mas de motivações: económicas, sociais, familiares, pessoais.

O processo migratório resultou de uma decisão não apenas individual, mas também familiar pautado não apenas por princípios económicos, tendo a imigração aparecido como algo inevitável face aos problemas económicos, constituindo este o principal móbil da decisão associado à preocupação com o futuro dos filhos e surgiu como uma decisão pessoal acompanhada da opinião de familiares próximos.

À saída, não se verificaram planos de médio/longo prazo, sendo que, a preocupação nesta fase do processo migratório era ir para outro país ganhar dinheiro e regressar ao país de origem.

No entanto, o contacto com a sociedade de acolhimento revelou contastes inerentes a questões mais subjectivas de vida e o regresso ao país de origem passou a ser encarado de outra forma. As razões apresentadas para o não regresso apareceram relacionadas não só com a situação económica que o país atravessa mas também com razões de ordem social e psicológica inerentes a sentimentos de insegurança e de mal-estar motivados pela violência e pelo ambiente socialmente depressivo de que se aperceberam depois da experiência migratória, passando o País de origem a ser visto como um país sem futuro e a ambiência que se vive passou a ser encarada como algo a evitar.

Num primeiro momento, à saída, o cálculo dos prós e dos contras não foi exacto, pois as informações quanto à sociedade de acolhimento também não o eram. Mas a satisfação de necessidades básicas são algo de imperioso e a consciência prática do agente estimulou-o a partir mesmo que fosse em direcção a um desconhecido, mas a um desconhecido de que pelo menos já tinha ouvido falar e que lhe despertou interesse. A selecção do país de acolhimento foi feita em função de questões práticas, pois prático também foi o móbil principal que conduziu à decisão de partir.

A decisão resultou, de considerações objectivas, racionais, e envolveu igualmente um carácter subjectivo face à insuficiência de informação em relação às possibilidades do país de acolhimento.

Portugal surgiu como possibilidade, qual país acolhedor de que se ouviu falar e onde parecia haver possibilidades de legalização e inserção laboral, no entanto, as facilidades nem sempre se comprovaram, sendo que, as expectativas por vezes saíram frustradas.

A frustração de expectativas na fase de pré-instalação no país de acolhimento surgiu associada a uma falta de planeamento à saída acompanhado de uma falta de informações concretas acerca do país de acolhimento, planeamento que foi secundarizado face à inevitabilidade e urgência da saída devido às condições de vida. Para muitos, especialmente para os pioneiros, a trajectória na sua fase inicial atravessou caminhos sinuosos, constituindo uma verdadeira aventura recheada de obstáculos – a inserção laboral foi difícil e a ausência de contratos de trabalho conduziram ou perpetuaram situações de clandestinidade e exclusão. O problema da língua também constituiu um constrangimento à regularização, pois não percebiam a lei, desconhecendo os seus direitos e os requisitos necessários à regularização.

O agente revelou-nos como reflexivamente foi operando a sua integração no País de acolhimento. A integração social, enquanto processo através do qual os actores são incorporados num espaço social comum e a integração cultural, que pode acontecer por meio de diferentes modos de aculturação.

No seu processo de integração social, percebemos como na relação com a estrutura social, o agente foi desejando e diligenciando no sentido de aceder a uma melhor situação de vida procurando melhores empregos e melhores condições habitacionais.

A inserção laboral apareceu como um problema a enfrentar na fase de instalação, quer pelas dificuldades de entrada no mercado de trabalho, que são diferentes conforme se trate de casos pioneiros e/ou sem retaguarda e casos de mulheres que vieram ao encontro dos seus maridos, quer pelas situações de precariedade laboral / irregularidade contratual que dificultaram processos de regularização tanto de homens como de mulheres.

A procura de um trabalho com contrato surgiu relacionada com a preocupação com a regularização da sua situação no país de acolhimento, o que quando ocorreu, resultou no início de uma nova fase do projecto associada a um sentimento de segurança.

Na procura de melhores empregos foi realçada a utilidade de uma rede informal de apoio, composta por vizinhos e colegas Portugueses e por outros imigrantes, tendo deste modo, a interacção com outras pessoas vindo a contribuir, para a concretização das vontades do agente no que diz respeito à sua inserção e percurso laboral.

A inclusão no mundo do trabalho constituiu não só um importante factor de integração social como também contribuiu para a sua integração cultural.

O desejo de melhorar de vida foi orientando o agente no seu processo de integração e mobilidade, conduzindo-o no seu percurso laboral e habitacional. Percurso laboral que apareceu associado ao desejo de alcançar melhores salários e uma certa realização pessoal. Percurso habitacional que surgiu associado ao desejo de melhorar as condições habitacionais, adequar a tipologia de habitação à estrutura familiar e ter casa própria.

Com base nas narrações dos agentes foi possível perceber as etapas perseguidas para atingir esta ou aquela finalidade ao longo do seu processo imigratório à chegada ao país de acolhimento:

Etapa A - trabalho/regularização (inserção laboral instável na procura de melhores condições laborais em termos remuneratórios e de satisfação pessoal; a regularização apareceu muito associada à questão laboral, no início do processo migratório, pois a obtenção da primeira autorização de permanência depende de contrato de trabalho, sendo esta uma preocupação evidenciada. As autorizações de permanência culminam decorridos 5 anos na almejada autorização de residência).

Etapa B - residência (do alojamento provisório sem condições de habitabilidade ao aluguer da casa para trazer a família, até à compra da casa, quando é decidida a permanência).

Etapa C - reagrupamento familiar (aconteceu depois da saída do país de origem e de uma primeira trajectória de um elemento da família na sociedade de acolhimento. O pioneiro nas famílias nucleares foi o homem, e nas famílias monoparentais, a mulher. Este elemento designado de pioneiro, no país de acolhimento deu os primeiros passos no processo de imigração familiar, criando condições consideradas necessárias para a vinda dos restantes elementos da família, que no caso das famílias nucleares com filhos poderá haver uma reunião numa só fase ou não).

Na percepção do agente acerca da forma como se tem vindo a processar a sua integração, a língua apareceu como um factor primordial, constituindo um elemento a aprimorar cada vez mais, no sentido de elevar o nível de integração que foi avaliado como *BOM*.

Revelaram-nos que a aprendizagem da língua se deu numa primeira fase por mote próprio, num processo auto-didacta, no qual a interacção com os *outros*, especialmente em contexto laboral foi essencial, e numa segunda fase surgiram os cursos de Português apontados como indispensáveis no processo de aprimoramento.

As equivalências escolares, os vistos de residência, a melhor aprendizagem da língua, o garantir o futuro dos filhos, os projectos de trabalho e a compra da casa são elementos que surgiram quando nos falaram de projectos futuros, elaborados no processo de pós-instalação associados ao seu desejo de mobilidade.

O processo de mobilidade social inicia na fase da pós-instalação e ultrapassadas as contingências do *primeiro tempo*, conforme eles próprios designaram, relacionadas com todos os problemas vividos à chegada inerentes à regularização, à inserção laboral, às dificuldades com a língua.

A perspectiva quanto ao regresso parece também condicionar de alguma forma a atitude do indivíduo no seu processo de mobilidade. Esta associação surge da verificação de que todos os entrevistados que manifestaram interesse em permanecer na sociedade de acolhimento procuraram melhorar a sua situação habitacional e procuram definir objectivos e projectos em concretização ou a concretizar.

No que concerne às capacidades dos agentes, os seus níveis de instrução e a forma como encaram e assumem o papel da educação nas suas vidas, pareceu ter tido uma influência positiva na orientação dos seus projectos, pois foi-nos revelada a sua capacidade para perspectivar a longo prazo o seu projecto de vida associado ao seu projecto migratório, num curto espaço de tempo, sendo a sua média de permanência na sociedade de acolhimento apenas de 4,5 anos. Neste processo de planificação do futuro na sociedade de acolhimento também pareceu ter influência, o meio de origem do agente: urbano ou rural.

A educação que apareceu nas suas percepções como algo valorizado e a valorizar, constituiu assim um elemento do capital humano, determinante no planeamento e condução do projecto migratório.

Em relação aos constrangimentos encarados no processo migratório, para além das dificuldades com a língua e dos problemas de inserção laboral, foram também destacados a dificuldade de relação com os serviços em geral e com os serviços de saúde em particular, devido a modos de funcionamento que contrastam com os do país de origem e que se revelaram difíceis de entender; das dificuldades com o entendimento claro da lei; dos problemas associados ao meio de acolhimento, revelando-nos que a inserção na sociedade de acolhimento, no meio rural pode constituir um factor desfavorável ao projecto migratório; das dificuldades de acesso à área profissional de origem; da falta sentida da família, de situações de doença encaradas como um atraso no processo de integração e por fim, da desilusão com o *outro* associado ao fenómeno da *experiência dos outros* (Giddens, 1997).

Mas apesar dos constrangimentos, a experiência migratória foi avaliada pelo agente como uma oportunidade, cujas vantagens reveladas estão associadas ao facto de na sociedade de acolhimento terem conseguido superar os problemas que os levaram a imigrar, ou seja, a imigração foi encarada pelo agente como um ganho pois conseguiu encontrar no país de acolhimento condições não encontradas no país de origem, permitindo-lhes a satisfação de necessidades objectivas e subjectivas inerentes à questão da qualidade de vida.

Para além dos problemas e dificuldades enfrentados, também confessaram o que no seu entender constituíram as facilidades e apoios encontrados, destacando os que foram obtidos nas fases mais difíceis do processo, revelando o *outro* como elemento facilitador do mesmo. Este *outro* anunciado é constituído por vizinhos e colegas de trabalho Portugueses; amigos e conhecidos Ucrrianos. A Associação de Imigrantes de Leste e os serviços de assistência também apareceram na opinião do agente como elementos facilitadores de integração.

Estes dois tipos de elementos: Rede informal de apoio e Rede formal, constituíram assim uma estrutura importante na descontinuidade de processos de exclusão e na continuidade de processos de integração.

As oportunidades encontradas na sociedade de acolhimento pareceram ser fruto de uma procura do agente associada aos seus desejos e aspirações e do tipo de relações que foram desenvolvendo com outras pessoas, ou seja, das sociabilidades estabelecidas, sendo que, as suas redes de sociabilidade intensas integraram tanto pessoas de nacionalidade Ucraniana como pessoas de nacionalidade Portuguesa, o que constituiu um elemento importante no processo de integração social.

O agente imigrante, na sua trajectória, revelou-se nesta pesquisa como um empreendedor conectado à estrutura social tendo o seu processo de integração sido orientado pelas oportunidades (relações sociais, possibilidades do mercado de trabalho, possibilidades de legalização, ambiente social) e pela forma como foram procuradas, apropriadas, optimizadas e percebidas reflexivamente pelo próprio.

A família nuclear surgiu também como um elemento fulcral na determinação da trajectória do agente, sendo que, o reagrupamento familiar constituiu um processo ponderado e sentido pelo próprio como essencial para a continuidade do projecto migratório, constituindo-se como um projecto familiar e funcionando como elemento importante nos mecanismos de segurança ontológica.

As redes de sociabilidade intensas com Portugueses, para além do importante papel que assumiram no processo de integração social do agente, constituíram também, um importante elemento no seu processo de integração cultural.

A cultura é, eminentemente relacional e intersubjectiva, constantemente actualizada nas actuações quotidianas entendida como uma cultura-acção.

Os agentes encararam a especificidade dos traços culturais como algo relativo, mostrando não os encarar como um elemento imbuído de uma superioridade ontológica mas destacaram a este respeito como diverso, a língua, as práticas

alimentares, o vestuário e os rituais/tradições e revelaram-nos a sua preocupação em cuidar dos seus traços culturais, pois são elementos com os quais se sentem identificados, mantendo as ligações ao país de origem com o qual tentam encurtar distâncias através da televisão, dos jornais, do telefone e preservando intragrupo, a língua e os rituais festivos.

E para além dos traços culturais mais específicos, revelaram posicionar-se face à vida de acordo com determinados valores e atitudes que são percebidos como diferentes face ao *outro*, dito de outra forma, os agentes, imbuídos da sua forma de encarar o mundo e a vida, dos seus valores, crenças, normas de conduta, enfim, da sua cultura, revelaram o que da relação identidade-alteridade resultou em termos de representações e percepções acerca do outro. A simpatia, a generosidade e o espírito negativo e pessimista são 3 características pessoais dissemelhantes que conferiram aos Portugueses, e no que respeita a valores, atitudes e comportamentos foram destacados os hábitos alimentares, a relação com o corpo inerente ao binómio saúde/doença, o cuidado com o corpo em termos de controle de peso, o sentido estético no que se refere aos modos de vestir e de se apresentar das mulheres Portuguesas e a forma despreocupada como se encara a Educação, na sua vertente escolar, cultural e cívica.

Estes são os elementos que apareceram como diferentes no confronto com o *outro* e que traduzem o que foi percepcionado como culturalmente diverso, confronto que não foi encarado como algo difícil de enfrentar nem interferiu negativamente no desenvolvimento de relações interculturais, traduzidas em sociabilidades intensas, que facilitaram o processo de adaptação cultural.

Vivendo em contexto de modernidade, os agentes não se encontram submetidos a determinadas formas de ser e de estar, a cultura faz parte do indivíduo é isso que o caracteriza enquanto tal, mas vai sendo actualizada nas relações que o mesmo vai estabelecendo com a sociedade onde se insere. Na sua acção quotidiana reflexivamente ele para além de identificar os elementos culturais do *outro* também foi reflexivamente seleccionando e incorporando elementos com os quais se identificou ou passou a identificar, processo de aculturação que resultou da sua interacção com o *outro*.

Nos casos em análise, em termos de aculturação pareceu haver uma tendência para a integração de elementos culturais da sociedade de acolhimento que passam a coexistir de formas diferentes com elementos de origem: a língua, as práticas alimentares e as festividades.

Quanto à língua, apesar da integração do agente depender da aprendizagem e utilização quotidiana da língua do país de acolhimento, a língua de origem constitui o traço cultural mais distintivo e parece ser aquele que mais procuram preservar intra-grupo, existindo a preocupação de não ser esquecido pelas futuras gerações, preocupação esta acompanhada de estratégias intrafamiliares e intragrupo no sentido da sua continuidade.

A prática alimentar é o elemento que aparece como mais susceptível de ser integrado nos hábitos quotidianos do agente, o que aparece associado ao facto das esferas de mercado de trabalho, onde as mulheres se inserem serem tendencialmente a restauração e os serviços domésticos, locais de contacto com as novas práticas alimentares.

Relativamente às festividades, estas são conservadas, sendo mantidas intragrupo as datas e os modos/rituais de festejo, no entanto, parece existir alguma flexibilidade ainda que relativa para adoptar certas práticas inerentes a costumes Portugueses, não numa lógica de substituição mas de duplicação.

Os hábitos de consumo também surgiram como algo diferente e susceptível de mudança.

A integração de novos elementos culturais é facilitada pela existência de uma sociabilidade intercultural intensa constituída por vizinhos e colegas Portugueses.

A identidade surgiu evidenciada como um processo não apenas individual mas também social e cultural, tendo os agentes procurado manter os seus elementos culturais e a ligação ao país de origem, através do desenvolvimento de práticas culturais em família (quando o reagrupamento familiar já se deu) e em grupo, entre imigrantes da mesma origem, quer no encontro entre amigos, quer no encontro promovido pela Associação de Imigrantes. A preocupação pelo visionamento de programas Ucranianos através de TV - Cabo e a comunicação

intragrupo efectuar-se apenas na língua de origem também surgiram como formas de ligação ao país e de conservação dos símbolos da cultura de origem.

As percepções dos agentes acerca dos resultados da experiência migratória na auto-identidade, revelaram a singularidade das pessoas e dos seus trajectos, surgindo percepções de não mudança na noção de si e dos outros, motivadas por uma inabalável confiança em si e na vida, mantendo-se noções e perspectivas; surgindo percepções relacionadas com mudanças negativas nos sentimentos de si que se traduzem em tristeza e depressão motivados pela falta dos filhos e percepções quanto a mudanças positivas concernentes ao surgimento de novas oportunidades para o auto-desenvolvimento e felicidade do agente contribuindo para o despertar de “um novo sentido de identidade” que se traduz num “encontrar-se a si mesmo” (Giddens,1997, p.11).

Em contexto migratório, enquanto ser social e cultural o agente confrontou-se na sua trajectória com desafios que o levaram a redefinir formas de ser e de estar em sociedade com consequências na identidade, criada e recriada por meio do seu pensamento e da sua acção.

O imigrante surgiu assim neste estudo não apenas numa dimensão económica, mas com uma identidade pessoal, social e com as suas referências culturais encontrando-se envolto numa dimensão sócio-cultural.

Longe da sua Terra e a viver numa realidade sócio-cultural diferente da sua, os limites entre as práticas que necessita de manter e as que necessita de apreender são por si traçadas reflexivamente em interacção com o contexto e tendo em conta o tempo da sua acção: o tempo da modernidade tardia.

E porque a população imigrante faz parte de um todo que é a cidade que habita, a cidade onde trabalha, a cidade onde os seus filhos estão a ser educados, não podemos deixar, em jeito de pista para próximas pesquisas, de fazer a apologia da integração desta população no tecido social.

Segundo CHEBBAH-MALICET (s.d)³⁷, promover a integração dos imigrantes é à priori uma garantia de resolução dos problemas urbanos. Uma política municipal interessada numa intervenção territorial e transversal constitui um factor impulsionador de um projecto de integração.

Mas também é preciso não esquecer o impacto do contacto dos imigrantes Ucranianos na sociedade de acolhimento, pois as suas sociabilidades intensas com os Portugueses suscitam trocas culturais nos dois sentidos.

³⁷ CHEBBAH-MALICET, Laure-Leyla « Des liaisons dangereuses ? – Intégrer les immigrés et gérer la crise urbaine » in [http : //ecid.online.fr/french/numero/article/art-9091.html](http://ecid.online.fr/french/numero/article/art-9091.html)

Bibliografia

📖 ALBARELLO, Luc. et al. (1997), *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva.

📖 ABDALLAH-PRETCEILLE, M. (1996), *Vers une Pédagogie Interculturelle*, Paris: Anthropos.

📖 ABOU, S. (1981), *L'identité culturelle. Relations interethniques et problèmes d'acculturation*, Paris, Anthropos.

📖 ALBUQUERQUE, Rosana (1996), *A identidade Pessoal de Jovens Luso-Africanos: contributo para o seu estudo*, (Tese de Mestrado), U.A.

📖 ALLARDT, E. (1981), *Experiences from the Comparative Scandinavian Study, with a Bibliography of the Project*, *European Journal of Political Research*, n.º 9, pp.101-111.

📖 ALLARDT, E. (1976), *Dimensions of Welfare in a Comparative Scandinavian Study*, *Acta Sociológica*, vol. XIX, n.º 3.

📖 ALVES, Alda Judith (1991), *O Planeamento de Pesquisas Qualitativas em Educação* in cad. pesq, São Paulo.

📖 BAGANHA, Maria Ioannis; PEIXOTO, João (s.d.), *O Estudo das Migrações Nacionais: Ponto de Intersecção Disciplinar*, in *Entre a Economia e a Sociologia*, Celta.

📖 BAGANHA, Maria Ioannis (2001), *A cada Sul o seu Norte: dinâmicas migratórias em Portugal* in Boaventura Sousa Santos (org.), *Globalização: Fatalidade ou Utopia?*, Porto Afrontamento.

📖 BALANDIER, G. (1986) *Sens et Puissance*, Paris, PUF.

📖 BARBALET, J.M. (1989), *A Cidadania*, *Ciências Sociais*, nº 11, Lisboa, Ed. Presença.

- 📖 BARDIN, Laurence (1977), *Análise de Conteúdo*, Persona, Lisboa, Edições 70.
- 📖 BASTIDE, Roger (1971), *Anthropologie Appliquées*, Paris, Payot.
- 📖 BASTIDE, Roger (1989), *As Religiões Africanas no Brasil*, Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 3ª ed.
- 📖 BAUMAN, Zygmunt (2005), *Identidade*, tradução Carlos Alberto Medeiros, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.
- 📖 BERGER, Peter L. et LUCKMANN, Thomas (1999), *A Construção Social da Realidade*, Dinalivro.
- 📖 BOGDAN, R. e BIKLEN, S. (1994), *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*, Portugal, Porto Editora.
- 📖 BORDALAN, Ruano ; CLAUDE, Jean (1998), *L'Identité, l'individu, le Groupe, la Société*, Paris, Éditions Sciences Humaines.
- 📖 BORJAS, George J. (1990), *Friends or Strangers: The Impact of Immigrants on the U.S. Economy*, New York, Basic Books.
- 📖 BOURDIEU, Pierre (1979), *La Distinction, Critique Sociale du Jugement*, Ed. Minuit.
- 📖 BOURDIEU, Pierre (1980), *Structures, Habitus, Pratiques*, Le Sens Pratiques, Ed. Minut.
- 📖 BOURDIEU, Pierre (1990), *The Logic of Practice*, Cambridge, Polity Press.
- 📖 BOURDIEU, Pierre (1992), *Pierre Bourdieu avec Löïc Wacquant; réponses*, Paris, Seuil.
- 📖 BOURDIEU, Pierre (1994), *Stratégies de Reproduction e Modes de Domination – in actes de la Recherche in Sciences Sociales*, Ed. Minuit.
- 📖 BOURDIEU, Pierre (1997), *Pascalian Meditations*. Cambridge, Polity Press. (Tr. Port. Meditações pascalianas, Oeiras, Celta, tr. Miguel Serras Pereira, 1998).

📖 BOURDIEU, Pierre (2001), *As Estruturas Sociais da Economia*, Lisboa, Instituto Piaget.

📖 BOUTANG, Yann Moulier e PAPADEMETRIOU, Demetrious (1994), *Les systèmes migratoires: analyse comparative et études de cas*, in OCDE, Migration et développement, Paris, pp. 21-41.

📖 BRUNEAU, Michel (1994), *Espaces et Territoires de Diasporas*, L'espace géographique, nº1, pp.5 -18.

📖 BURAWOY, Michael (1998), *Critical Sociology: a dialogue between two sciences*, Contemporary, Sociology, 227(1).

📖 Comissão Independente População e Qualidade de Vida (1998), *Cuidar o futuro um programa radical para viver melhor - Definir o objectivo - melhoria sustentada da qualidade de vida*, Cap.5, Trinova Editora, Lda.

📖 CATROGA, Fernando (2001), *Memória História e Historiografia*, Coimbra, Quarteto.

📖 CAROL, R. Ember Y MELVIN Ember (1997), *Antropologia Cultural*, Prentice Hall International.

📖 CARVALHO, Adalberto Dias de (1988), *Epistemologia das Ciências da Educação*, Porto, Edições Afrontamento.

📖 CHARLESWOTH, Simon. J. (2000), *Understanding the Barriers to Articulation in A Phenomenology of Working Class Experience*. Cambridge University Press, pp. 131-149.

📖 CLANET, Claude (1990), *L'intercultural - Introduction aux Approches Interculturelles en Education et Sciences Humaines*, Toulouse, Presses Universitaires du Mirail, pp.11-34 e 59-75.

📖 COSTA, A. Firmino da (s.d.), *Alfama: Entrepasto de Mobilidade Social*, in revista cadernos de ciências sociais, nº 2, Edições Afrontamento, pp. 21-41.

📖 COUTINHO, Clara Pereira; CHAVES, José Henriques (2002), *O estudo de caso na investigação em Tecnologia Educativa em Portugal*, in Revista Critica, 15 (1), Universidade do Minho, pp. 221-243.

📖 CUCHE, Denys (1999), *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*, Lisboa, Fim de Século Edições.

📖 DUMONT, Gérard-François (1995), *Les Migrations Internationales*, Paris, SEDES.

📖 EATON, Martin (1996), *Résidents Étrangers et Immigrés en situation irrégulière au Portugal*, *Revue Européenne des Migrations Internationales*, Vol. 12, nº 1, pp. 203-212.

📖 FERNANDES, António Teixeira (1999), *Para uma Sociologia da Cultura*, Porto, Campo das Letras.

📖 FERNANDES, Domingos (s.d), *Notas Sobre os Paradigmas da Investigação em Educação*, Noesis.

📖 FERREIRA, Manuela Malheiro; CARMO, Hermano (1998), *Metodologia de investigação – Guia para auto aprendizagem*, Lisboa, U.A.

📖 GARSON, J.P. e THOREAU, Cécile (1999), *Typologie des Migrations et Analyse de L'intégration*, in *Immigration et Intégration L'état des Savoirs*, Paris, Éditions La Découverte, pp. 15-31.

📖 GEERTZ, Clifford (1989), *A interpretação das Culturas*, Rio de Janeiro, LTC Editora.

📖 GHIGLIONE, R.; MATALON, B. (1993), *O Inquérito: Teoria e prática*, Oeiras, Celta Editora.

📖 GIDDENS, Anthony (1979), *Central Problems in Social Theory: Action Structure and Contradiction*, Cambridge, Polity Press.

📖 GIDDENS, Anthony (1984), *The Constitution of Society: Outline of the Theory of Structuration*, Cambridge, Polity Press.

📖 GIDDENS, Anthony (1995), *As Consequências da Modernidade*, Oeiras, Celta Editora.

📖 GIDDENS, Anthony (1996), *Novas Regras do Método Sociológico*, Lisboa, Gradiva.

📖 GIDDENS, Anthony (1997), *Modernidade e Identidade pessoal*, Oeiras, Celta Editora.

📖 GODOY, A. S. (1995), *Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais*, in *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29.

📖 GORDON, David, M. (1982), *Segmented Work, Divided Workers: The Historical Transformation of Labor in the United States*, Cambridge, Mass., Cambridge University Press.

📖 GOUGH, J. (1982), *Human Needs and Social Welfare*, in *The Quality of Life and Communication in Metropolitan Services*, International Meeting, Veneza.

📖 GUERRA, Isabel (1993), *Modos de Vida: novos percursos e novos conceitos* in *Revista critica das ciências sociais*, N.º 13 (Março).

📖 HALL, Stuart. (2002), *A identidade em questão*, trad. Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro, 7ª ed. Rio de Janeiro, DP&A.

📖 HANNON, Hubert (2004), *L'integration des Cultures*, Paris, L'Harmattan.

📖 HARRIS, J. R. & TODARO, M.P (1970), *Migration, Unemployment and Development: a two sector analysis*, in *American Migration Review*, vol. 60, nº 1, pg. 126 – 142.

📖 HINDESS, Barry (1988), *Choice, Rationality, and Social Theory*, Londres, Unwin Hyman.

📖 JACQUES, M. J. C. (1998), *Identidade*, in M. N. STREY et al. *Psicologia Social Contemporânea*, Petrópoles, Vozes, pp.159-167.

📖 JACKSON, John A. (1991), *A Migração como Processo Social*, in *Migrações*, Lisboa, ed. Escher, pp. 1-22.

📖 JANOSKI, T. (1998), *Citizenship and Civil Society: a Framework of Rights and Obligations in Liberal, Traditional, and Social Democratic Regimes*, Cambridge, U.K: Cambridge University Press.

📖 JODELET, Denise (1989), *Représentations Sociales: Un Domaine en Expansion*, in *Les Représentations Sociales, Sociologie D’Aujourd’hui*, Presses Universitaires de France.

📖 JORDÁN, J. (1996), *Propostas de Educacion Intercultural para Profesores*, Barcelona, Grupo Editorial CEAC.

📖 KAUFMANN, Jean-Claude (1996), *L’Entretien compréhensif*, Paris, Éditions Nathan.

📖 KLEINMAN, Sheryll et al (1994), *Privileging Fieldwork over Interviews: Consequences for Identity and Practice*, *Symbolic Interaction*, 17 (1).

📖 KYMLICKA, W. (1995) *Multicultural Citizenship*, Oxford, Oxford University Press.

📖 LADMIRAL, Jean-René, et LIPIANSKY, Edmond Marc (1989), *La Communication Interculturelle*, Paris, Armand Colin.

📖 LALANDA, Piedade (1998), *Sobre a Metodologia Qualitativa na Pesquisa Sociológica*, in *Análise Social*, vol. XXXIII (148), Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, pp.871-883.

📖 LARAIA, Roque de Barros (1986), *Cultura um conceito Antropológico*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

📖 LEANDRO, Engrácia (s.d.), *Au-delà des Frontières-Famille et Immigration-Contradictions et Enjeux*, in *Accueillir n°199*, *Revue du Service Social d’Aide aux Emigrants*, pp.24-32.

📖 LEANDRO, Engrácia (1984), *L’intégration des Migrants Portugais dans la Region Parisienne*, Paris, Université René Descartes.

📖 LEANDRO, Engrácia (1995), *Familles Portugaises Projects et Destins*, Paris, L’Harmattan.

📖 LEANDRO, Engrácia (2000), *A Construção Social da Diferença através da Acção Denominativa. O caso dos Jovens Portugueses Perante as Migrações Internacionais*, in *Sociedade e Cultura*, volume 13 - n°1, *Cadernos do Nordeste*, Série Sociologia, pp.5-30.

LEANDRO, Engrácia (2004), *Dinâmica Social e Familiar dos projectos migratórios – uma perspectiva analítica* in análise social – Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, nº 170, Vol. XXXIX, p. 95 – 118.

LEVI-STRAUSS, Claude (1996), *Raça e História*, Lisboa, Presença.

LIPOVETSKY, Gilles. CHARLES, Sébastien (2004), *Les Temps Hypomodernes*, Paris, Bernard Grasset.

LOPES, João Teixeira (s.d), *Itinerário teórico em torno da produção dos fenómenos simbólicos. F.Letras, U.P.*

MANCELOS, João Braamcamp de (2003), *Temas e Dilemas do Multiculturalismo nos Estados Unidos da América*, Máthesis, nº 12, p. 73-85.

MACHADO, Fernando Luís (1997), *Contornos e Especificidades da Imigração em Portugal*, in Sociologia Problemas e Práticas, Nº 24, pp.9-44.

MACHADO, Fernando Luís (2002), *Contrastes e Continuidades – Migração, Etnicidade e Integração dos Guineenses em Portugal*, Oeiras, Celta.

MAALOUF, Amin (1989), *Identidades Asesinas*, Madrid, Alianza Editorial,S.A.

MASSEY, Douglas et al (1990), *The Social Organization of Migration*, in Return to Aztlan – The Social Process of International Migration From Western Mexico, Berkeley, University of California Press, p. 139-171.

MASSEY, Douglas S. et al (1993), *Theories of International Migration; a Review and Appraisal*, Population And Development Review, nº 19, pp. 431-466.

MESQUITA, Luís e REIS Francisco (1993), *Animação Comunitária e Associativismo*, in Animação Comunitária, n.º 18, Lisboa, Edições Asa.

MORIN, Edgar (1987), *L'identité Humaine*, Paris, Éditions du Seuil.

NEGREIROS, Augusta (1995), *As Representações Sociais da Profissão de Serviço Social: Uma Análise Empírica em Contexto Autárquico*, Lisboa, I.S.S.S.L.

NETO, Félix (1993), *Psicologia da Migração Portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta.

📖 NETO, Félix (2002), *Psicologia Intercultural*, Lisboa, Universidade Aberta.

📖 OUELLET, Fernand (1991), *L'Éducation Interculturelle*, Paris, Editions L'Harmattan, pp.17-65.

📖 PEROTTI, António (1997), *Apologia do Intercultural*, Lisboa, Secretariado Coordenador dos Programas de Educação Multicultural, Ministério da Educação.

📖 PETRAS, Elizabeth M. (1981), *The Global Market in the Modern World-Economy*, in Mary M. Kritz, C.B. Keely e S.M.Tomasi (orgs.), *Global Trends in Migration: Theory and Research on International Population Movements*, New York, The Center for Migration Studies, p. 44-63.

📖 PIORE, Michael J.; DOERINGER, Peter (1971), *Internal Labor Markets and manpower Analysis*, Lexington, Mass., Heath.

📖 PIRES, Rui Pena (2002), *Mudanças na Imigração: uma análise das estatísticas sobre a população estrangeira em Portugal, 1998-2001* in Revista crítica das ciências sociais N.º 39 (Agosto).

📖 PIRES, Rui Pena (2003), *Migrações e Integração – Teoria e aplicações à realidade Portuguesa*, Celta Editora, Oeiras.

📖 POIRIER, JEAN, et al (1999), *Histórias de Vida: Teoria e prática*, Oeiras, Celta Editora.

📖 PORTES, Alejandro; WALTON, John (1981), *Labor, Class, and the International System*, New York, Academic Press.

📖 PORTES, Alejandro (1999), *Migrações Internacionais: Origens, Tipos e Modos de Incorporação*, Oeiras, Celta.

📖 PRESTON, T.W. (1997), *Political/Cultural Identity. Citizens and Nations in Global Era*, London: Sage Publications (cap. IV).

📖 QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L.V. (1992), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Porto, Edições Afrontamento.

📖 RAMOS, M. Conceição P.(1995a), *Ensaio de Homenagem a Francisco Pereira de Moura*, in *Ciência económica e trabalho: repensar a teoria e os métodos*, Lisboa, ISEG, pp. 760 – 788.

📖 RAMOS, M. Conceição P.(1995b), *Desafios da Mobilidade Internacional do Trabalho em Portugal*, in *Por Onde Vai a Economia Portuguesa?*, Lisboa, CISEP/CIRIUS, Instituto Superior de Economia e Gestão, pp 129 – 176.

📖 RAMOS, M. Conceição (2003), *Acção Social na Área do Emprego e da Formação profissional*, Universidade Aberta, pp.262-280.

📖 RAMOS, Natália (2001), *Comunicação, Cultura e Interculturalidade: para uma comunicação intercultural*, Revista Portuguesa de Pedagogia, pp.155-178.

📖 SAINT-MAURICE, Ana (1997), *Identidades Reconstruídas. Cabo-Verdianos em Portugal*, Oeiras, Celta Editora

📖 SALT, John (1987), *Comparative Trends in International Migration Study*, International Migration, 25, p. 241-250.

📖 SANTOS, Boaventura Sousa (1995), *Towards a New Common Sense - Law, Science and Politics in the paradigmatic transition*, London, Routledge.

📖 SÉTIEN, Maria Luisa (1993), *Indicadores Sociales de Calidad de Vida*, Centro de Investigaciones Sociológicas e Siglo XXI de Espana Editores, S.A

📖 SILVA, Luisa Ferreira da (1984), *Les Femmes Battués – un aspect de la violence familiale une étude emprés de femmes Portugaises*, Université Paris XIII ; U.A. Porto p. 62-75.

📖 STARK, Oded; BLOOM, David E. (1985), *The New Economics of Labour Migration*, in *American Economic Review*, vol. 75, p. 173-178.

📖 STRAUSS, A.; CORBIN, J. (1990), *Basic of qualitative research : grounded theory and techniques*, London, Sage.

📖 TODOROV, Tzvetan (1993), *A conquista da América. A questão do outro*, 3ª ed., S. Paulo.

📖 TOSHIKI, Kozacai (2000), *L'étranger, L'identité. Essai sur L'intégration Culturelle*, Paris: Payot et Rivages (cap.II).

📖 TOURAINE. Alin (1978), *La Voix et le Regard*, Paris, SEUIL.

📖 TOURAINE, Alin (1997), *Faux et vrais problèmes*, in WIEVIORKA, Michel (Dir. de), *Une société fragmentée? - Le multiculturalisme en débat*. Paris, La Découverte/Roche, pp. 291-319.

📖 TRINDADE, Maria Beatriz Rocha (1995), *Sociologia das Migrações*, U.A.

📖 TRINDADE, Maria Beatriz Rocha (1998), *Espaços de herança cultural portuguesa – gentes, factos, políticas*, in *Análise Social*, vol. XXIV, pp.313 -35.

📖 TRINDADE, Maria Beatriz Rocha (2004), *A Integração dos Imigrantes em Portugal; O mundo em Português*, nº 56 (artigo).

📖 TUCKMAN, W.B.(2002), *Manual de Investigação em Educação*.2ª ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

📖 VALA, Jorge (1986), *Representações Sociais: Valores, Identidades e Imagens da Sociedade Portuguesa*, Lisboa, I.E.D.

📖 VALA, Jorge (1986) *A Análise de Conteúdo* in *Metodologia das Ciências Sociais*, Biblioteca das Ciências do Homem, Ed. Afrontamento (orgs. Augusto Santos Silva; José Madureira Pinto).

📖 VARELA, Helena; LUCAS, António (1982), *Antropologia - Paisagens, Sábios e Selvagens*, Porto: Porto Editora.

📖 WACQUANT, Loic (2004), *Esclarecer o Habitus*, in *Revista Sociologia*, nº 14, F. Letras, U.P. (pp.35-41).

📖 WALLERSTEIN, Immanuel (1974), *El Moderno Sistema Mundial*, México, Siglo XXI.

📖 WATERS, Mary C. (1990), *Ethnic Options: Choosing Identities in America*, Berkeley, University of California Press.

📖 YOUNG, Iris Marion (1989) *Polity and Group difference: A Critique of the Ideal of Universal Citizenship*, *Ethics*, nº. 99, p.250-274.

Anexo 1

Plano de Estudo: Problemática da Imigração no Concelho do Porto

Anexo 2

Guião de Entrevista

Anexo 3

Ficha Sociográfica

Anexo 4

Observações Pós-Entrevista

Anexo 5

Grelha de Análise Temática

A Problemática da Imigração no Concelho do Porto

Plano de Estudo

I. Objectivos

Pretende-se realizar um **Estudo Exploratório** que tem como objectivos analisar alguns dos contornos da problemática da imigração no Concelho do Porto e reflectir sobre a mesma fazendo emergir pistas que permitam adequar a intervenção às necessidades da população em causa.

Assim, pretende-se efectuar o levantamento de respostas existentes na cidade, analisar a recorrência aos serviços e a percepção dos técnicos em relação às características da população alvo.

II. Algumas considerações de carácter metodológico

O método de recolha de dados será o inquérito por questionário com perguntas abertas e fechadas, a aplicar por meio da técnica da entrevista aos técnicos das instituições que atendem população imigrante, que tipificamos da seguinte forma:

- **instituições “não especializadas”** na problemática da imigração: as respostas que fornecem não se dirigem especificamente a esta população, contudo, por lidarem com a mesma possuem informações necessárias ao conhecimento da problemática;
- **instituições “especializadas”**: desenvolvem actividades específicas na área da imigração (ex. Alto Comissariado; Secretariado Diocesano das Migrações; Associações de imigrantes...).

No sentido de adequar as questões a colocar ao tipo de instituições a inquirir foram elaborados dois instrumentos de recolha de dados, que se apresentam:

- **Ficha1- que será aplicada nas instituições não especializadas**

Esta ficha destina-se à recolha de dados que permitam tipificar as respostas existentes na cidade que colmatam necessidades (essencialmente necessidades básicas) da população imigrante em processo ou em situação de exclusão; identificar o tipo de pedidos e definir o perfil dessa população com base nas percepções dos técnicos entrevistados.

▪ **Ficha 2- que será aplicada nas instituições especializadas**

Esta ficha destina-se a uma recolha de dados que permita por um lado, conhecer os serviços /respostas da cidade, dirigidas especificamente à população imigrante, e por outro lado, definir os perfis, as necessidades e as potencialidades das diferentes comunidades de imigrantes que constituem a população alvo desses serviços, com base nas percepções das pessoas a entrevistar.

Assim, serão entrevistadas as pessoas que desenvolvem actividades em entidades/instituições que dirigem acções específicas na área da imigração.

Considera-se que essas pessoas constituem um grupo de interlocutores privilegiados, por lidarem directa e especificamente com a problemática.

Algumas destas instituições trabalham para uma determinada “comunidade” e outras abrangem mais de que uma comunidade.

Esclarece-se que quando se fala de “comunidade” fala-se de um conjunto de indivíduos imigrantes oriundos de uma zona geográfica específica.

GUIÃO DE ENTREVISTA

Entrevista nº _____

Pretende-se com os temas apresentados neste guião compreender como o indivíduo em processo de imigração entende reflexivamente a sua experiência e como através da sua acção vai definindo a sua trajectória enfrentando perigos e aproveitando oportunidades; escolhendo e (re)definindo formas de estar, modos e objectivos de vida, modelando e remodelando, neste processo, a sua identidade.

1. CAUSAS DA IMIGRAÇÃO (DIFICULDADES, EXPECTATIVAS, INFORMAÇÃO SOBRE O PAÍS DE ACOLHIMENTO).

1.1 - Quando decidiu imigrar e porquê (situação de vida no país de origem; estava a trabalhar...).

1.2 – Falar acerca da decisão (foi fácil, difícil, a decisão foi pessoal ou familiar, qual o móbil principal dentre todas as causas...)

1.3 - Plano ou projecto definido antes de imigrar (estava incluído nesse plano o regresso; antecipou alguns problemas que poderiam ocorrer no processo de imigração, tinha alguma informação sobre o país de acolhimento)

2. OPORTUNIDADES E CONSTRANGIMENTOS COM QUE SE DEPARARAM NA SAÍDA DO PAÍS DE ORIGEM E NA CHEGADA À SOCIEDADE DE ACOLHIMENTO E COMO LIDARAM COM ELES.

2.1 – Quando decidiu imigrar, veio logo para Portugal, ou passou por outros países.

2.2 - Como e com quem veio para Portugal (contactos antes da vinda) E porque escolheu este país.

2.3 - Quando pensou imigrar já tinha trabalho e alojamento em vista e como conseguiu.

2.4 - Quando chegou a Portugal o que é que aconteceu – onde ficou, com quem ficou.

2.5 - Foi logo trabalhar, teve que procurar emprego, onde e como procurou, quem lhe deu emprego.

2.6- Há quanto tempo está em Portugal?

2.7- Que trabalhos tem desenvolvido (com contrato, sem contrato)

2.8 - O que é que tem sido mais fácil e mais difícil na sua vida como imigrante e do que é que sente mais falta.

2.9- Problemas mais difíceis de enfrentar.

2.10- O que lhe deu força para enfrentar os problemas.

2.11- Que facilidades/apoios encontrou ao longo do processo migratório e quais as experiências porque passou que encara como as mais positivas.

2.12 - Recorreu a que serviços de assistência social, quando e como teve conhecimento.

2.13 – Como se processou a aprendizagem da língua.

2.14- Quais as principais vantagens e desvantagens de ter imigrado.

2.18- A imigração representa um risco ou uma oportunidade.

3. SITUAÇÃO DE VIDA ACTUAL/EXPECTATIVAS E PROJECTO DE VIDA E ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PARA O CONCRETIZAR.

3.1 - Qual a sua situação actual de vida (situação ocupacional, onde trabalha, o que faz, condições habitacionais, com quem vive...).

3.2 – Se se sente integrado na sociedade Portuguesa - especificar

3.3 – Satisfação com a sua vida actualmente – Justificar

3.4 – Quais as suas redes de sociabilidade (Com quem costuma conviver para além da família; quem são os seus amigos; Pertence a alguma Associação de Imigrantes...).

3.5 - Que problemas vinha preparado para encontrar e que problemas não esperava encontrar.

3.6 – Qual é actualmente o seu projecto de vida (o que é que se propõe alcançar e como pensa que o vai conseguir...)

4. ADAPTAÇÃO À SOCIEDADE DE ACOLHIMENTO – COMO TEM DECORRIDO. (Como entendem que se tem desenrolado o contacto intercultural)

4.1 - Falar em termos de diferenças e semelhanças com o seu país e o com a sua cidade de origem e se tem sido fácil ou difícil o confronto com essas diferenças.

4.2- Falar do contacto directo com as pessoas (vizinhos; pessoas com quem trabalha...) – como classificaria o seu relacionamento com as pessoas que o rodeiam e com quem estabelece contactos directos e como sente que elas se relacionam consigo).

4.3 - De uma forma geral o que pensa dos Portugueses, comparativamente aos seus conterrâneos.

4.4- Que diferenças e semelhanças mais marcantes percebe e sente na relação com as pessoas autóctones com quem convive, na forma de pensar e agir, em relação a si? (por ex., no contacto com colegas Portugueses percebe algumas diferenças entre a sua maneira de pensar enquanto pessoa oriunda da Europa de leste e a dos seus colegas Portugueses...)

4.5 - Falar da vida em Portugal em termos de costumes (que tradições e hábitos mantém e por outro lado, que hábitos Portugueses adquiriu e adoptou)

4.6 - Em casa, a decoração, a forma como cozinha, a língua que utiliza para comunicar, os seus hábitos de uma forma geral, são os mesmos comparada à forma como procedia no seu país de origem, ou têm vindo a alterar-se? – Especificar

5. QUAL A PERCEÇÃO DO INDIVÍDUO ACERCA DA FORMA COMO A SUA IDENTIDADE FOI, OU NÃO, AFECTADA PELA SUA EXPERIÊNCIA MIGRATÓRIA.

5.1- Se sente que a sua forma de pensar e de se comportar (a sua percepção da realidade) alterou com a experiência migratória - especificar.

5.2- Que situações vividas à chegada mais o afectaram como pessoa e que mudanças provocaram na sua forma de pensar.

6. LIGAÇÃO AO PAÍS DE ORIGEM

6.1 - Como habitualmente tem notícias do seu país

6.2 - Qual a regularidade dos contactos com o país de origem (com quem fala habitualmente e a importância que isso tem para si)

6.3 – Se pensa regressar ao seu país de origem - especificar

6.4 - No caso de pensar regressar que hábito adquiriu em Portugal e que gostaria de manter.

7. PERCEPÇÃO QUANTO AO NÍVEL DE INTEGRAÇÃO

7.1 – Como avalia o seu nível de integração em Portugal:

- Muito bom.....
- Bom.....
- Nem bom, nem mau.....
- Mau.....
- Muito mau.....

Data ____/____/ 2006

OBSERVAÇÕES:

Comportamento verbal do entrevistado: _____

Comportamento não verbal do entrevistado: _____

Local e ambiente em que decorreu a entrevista: _____

Duração da entrevista e relação entrevistador - entrevistado: _____

Como foi cooptado o entrevistado: _____

ELEMENTOS DE IDENTIFICAÇÃO

Ficha nº _____

Esta ficha destina-se à recolha de elementos de informação sociográfica dos entrevistados, sendo que, o número da ficha é correspondente ao nº da entrevista.

1. Idade: _____

2. Sexo: -----F..... ----- M.....

3. Estado civil:

Solteira/o (passar para o ponto 5)

Divorciada/o..... (passar para o ponto 5)

Viúva/o..... (passar para o ponto 5)

Casada/o..... desde que idade: _____ (passar para o ponto 4)

União de facto..... desde que idade: _____ (passar para o ponto 4)

4. Informações acerca do/a companheiro/a:

idade: _____

nacionalidade: _____

habilitações literárias: _____

profissão antes da vinda: _____

profissão actual: _____

5. Habilitações Literárias: _____

6. Nacionalidade: _____

7. Local de origem (urbano/rural): _____

8. Profissão antes da vinda: _____

9. Profissão actual (país de acolhimento): _____

10. Ano de chegada a Portugal: _____

11. Residência em Portugal: _____

12. Agregado familiar (com quem vive): _____

13. Existência de filhos e situação escolar/ocupacional (quantos; idades; estão cá ou na Ucrânia e com quem; integração na escola – dificuldades/relação com colegas): _____

OBSERVAÇÕES

Identificação dos Entrevistados	Itens de avaliação			
	Comportamento verbal do entrevistado	Comportamento não verbal do entrevistado	Ambiente em que decorreu a entrevista	Duração da entrevista e relação entrevistador - entrevistado
E.1	O entrevistado falava de uma forma aberta, sem desconfianças, não houve muitos silêncios.	Manteve ao longo de toda a entrevista uma postura cómoda, e muito directa, sem inibições.	Entrevista realizada na mesa de um café, em local com alguma privacidade e sem interrupções. A entrevista não foi gravada, porque o aparelho avariou, mas o entrevistado anuiu na gravação sem qualquer problema.	A entrevista durou cerca de 2 horas. Não foi necessário clarificar muitas questões, o entendimento foi fácil e estabeleceu-se uma relação de empatia que facilitou a colocação das questões mais sensíveis.
E.2	O entrevistado falava de uma forma aberta, sem desconfianças, e algo tímida no início.	Manteve ao longo de toda a entrevista uma postura cómoda, e directa e com uma entoação muito expressiva.	Entrevista realizada numa sala da escola Paula Frassinetti, com privacidade, num clima silencioso sem distrações. A entrevista foi gravada com a anuência do entrevistado, que não se mostrou inibido ante o gravador.	A entrevista durou cerca de 2 horas. Foi necessário clarificar algumas questões, mas o entendimento foi fácil e estabeleceu-se uma relação de empatia que facilitou a colocação das questões mais sensíveis.
E.3	O entrevistado revelou ter um discurso fácil, e entendeu sem muitos problemas as questões que iam sendo colocadas, à excepção de uma ou duas vezes em que desconhecia as palavras contidas na questão, situação facilmente ultrapassável aquando da explicação. Respondia na generalidade prontamente às questões e falava de forma convincente e aberta, sem desconfianças.	Manteve ao longo de toda a entrevista uma postura direita, cómoda, com fortes expressões faciais sempre que dizia algo a que queria dar ênfase.	Entrevista realizada numa sala da escola Paula Frassinetti, com privacidade, num clima silencioso sem distrações. A entrevista foi gravada com a anuência do entrevistado, que não se mostrou inibido ante o gravador.	A entrevista durou cerca de 1h30m. O entendimento entre entrevistador e entrevistado foi inequívoco, não houve grandes dificuldades devido à língua. Estabeleceu-se uma relação de empatia que facilitou a colocação das questões mais sensíveis.
E.4	O entrevistado revelou ter um discurso fácil, mas algo telegráfico não explorando muito as suas opiniões. Entendeu sem muitos problemas as questões que iam sendo colocadas. Respondia na generalidade prontamente às questões e falava de forma convincente, mas com algumas reservas.	Manteve ao longo de toda a entrevista um comportamento agradável, enfatizando o que considerava mais importante.	Entrevista realizada na loja de produtos alimentares onde trabalha em que a privacidade, foi conseguida à custa de muitas pausas sempre que entrava algum cliente. A entrevista não foi gravada pois o entrevistado não autorizou.	A entrevista durou cerca de 2:00. O entendimento entre entrevistador e entrevistado foi inequívoco, não houve grandes dificuldades devido à língua. Estabeleceu-se uma relação de empatia que facilitou a colocação das questões mais sensíveis.
E.5	O entrevistado respondia sem hesitações mas não explorava muito os temas, especialmente no início. Entendeu sem muitos problemas as questões que iam sendo colocadas. Falava de forma convincente.	Postura defensiva especialmente no início tornando-se mais aberta a meio da entrevista	Entrevista realizada no café, tendo o entrevistado sido cooptado na loja de produtos alimentares da Europa de Leste. A entrevista foi gravada com a autorização do entrevistado.	A entrevista durou cerca de 2:00. O entendimento entre entrevistador e entrevistado foi claro, não houve grandes dificuldades devido à língua. Estabeleceu-se uma relação de empatia que facilitou a colocação das questões mais sensíveis.
E.6	Discurso algo telegráfico e pouco estruturado.	Atitude algo apática e defensiva especialmente no início.	Entrevista realizada no café, tendo o entrevistado sido indicado pela Ucrariana empregada da loja de produtos alimentares da Europa de Leste. A entrevista foi gravada.	A entrevista durou cerca de 2:00. O entrevistado evidenciou encontrar-se algo deprimido o que dificultou a realização da entrevista, só a meio da entrevista, se conseguiu estabelecer confiança.

Identificação dos Entrevistados	Itens de avaliação			
	Comportamento verbal do entrevistado	Comportamento não verbal do entrevistado	Ambiente em que decorreu a entrevista	Duração da entrevista e relação entrevistador - entrevistado
E.7	Discurso rico em explicações e muito estruturado.	Entrevistada muito expressiva e enfática no seu discurso.	Entrevista realizada no café em Avintes à noite, tendo o entrevistado sido cooptado na escola Paula Frassinetti, num sábado da semana anterior.	A entrevista durou cerca de 2:00. No início a entrevistada mostrou-se algo impaciente e apreensiva, mas depois, ficou à vontade evidenciando grande capacidade de comunicação. O entendimento entre entrevistador e entrevistada aconteceu e não houve grandes dificuldades devido à língua. Estabeleceu-se uma relação de empatia que facilitou a colocação das questões mais sensíveis.
E.8	Respondia prontamente às questões e falava de forma convincente.	Um pouco impaciente	Entrevista realizada no café, tendo o entrevistado sido cooptado na loja de produtos alimentares da Europa de Leste. A entrevista foi gravada.	A entrevista durou cerca de 1:30. Devido à pressa do entrevistado, a entrevistadora tentou ser o mais objectiva possível tendo sempre presente a preocupação de colocar apenas as questões mais pertinentes e imprescindíveis ao estudo.

GRELHA DE ANÁLISE

Dimensões	Sub-dimensões	Unidades de texto	Notas
A – O Processo à saída – RAZÕES	1. Situação de vida no país de origem;		
	2. Especificidades da decisão de imigrar;		
	3. Expectativas.		
B- O Processo à saída – PLANEAMENTO	1. Antecipação de problemas/receios;		
	2. Percurso e projecto à saída;		
	3. Informação sobre o país de acolhimento.		
C- O Processo à chegada – ESPECIFICIDADES DO PROCESSO DE INSTALAÇÃO	1. Acolhimento;		
	2. Inserção laboral.		
D- O Processo na fase pós-instalação - TRAJECTÓRIA E SITUAÇÃO ACTUAL DE VIDA	1. Percurso ocupacional/profissional;		
	2. Percurso habitacional;		
	3. Redes de sociabilidade para além da família;		
	4. Percepção do sujeito acerca da sua integração na sociedade de acolhimento;		
	4.1 - Avaliação do nível de integração em Portugal (Muito bom; Bom; nem bom, nem mau, Mau, Muito mau).		
	5. Satisfação com a vida.		
E – Oportunidades e Constrangimentos do processo migratório	6. O processo de reagrupamento familiar		
	1.Problemas/Dificuldades/preocupações;		
	1.2 – Motivação para o enfrentamento dos problemas		
	2. Facilidades/apoios/		
	2.1 – Percepção acerca das maiores facilidades ou apoios/experiências mais positivas		
F – O Confronto com a diversidade cultural	3. Estratégias/modos/processos de enfrentar problemas/dificuldades.		
	1. O relacionamento com o outro;		
	2. As representações acerca do outro (semelhanças/diferenças)		
	2.1 – Dificuldade em lidar com as diferenças		
G – Planos para o futuro	3. Aquisição/adopção de novos hábitos		
	1.Objectivos/projectos/expectativas/desejos		
	1.1 – Regresso ao país de origem/Permanência em Portugal		
H – Efeitos da experiência migratória	2. Estratégias para alcançar os objectivos		
	1. Percepção acerca dos resultados da experiência migratória na forma de pensar, de sentir, de agir.		
I – Ligação ao país/cultura de origem	1. Notícias do país		
	2. Regularidade de contactos		
	3. Estratégias de preservação da cultura de origem/hábitos que mantêm		
J– Percepção/avaliação geral acerca da experiência migratória	1. Vantagens/desvantagens		
	2.Representa uma oportunidade ou um risco		
L. Outras percepções derivadas da experiência	1. Percepção acerca das necessidades dos imigrantes		